

Defesa Nacional

**SETEMBRO
1946**

**NÚMERO
388**

**CEL. RENATO BATISTA NUNES
TEN. CEL. ARMANDO VILLANOVA PEREIRA DE
VASCONCELLOS
TEN. CEL. EVERALDINO ACESTES DA FONSECA**

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXIII

Brasil — Rio de Janeiro, Setembro de 1946

N. 308

SUMÁRIO :

	Pags.
Editorial	471
O Regimento de Infantaria no Combate — Ten.-Cel. J. B. de Mattos	475
Seleção e Classificação de Candidatos a Oficial — Trad. do Ten.-Cel. Adalardo Fialho	515
A Ligação das Forças Terrestres e Aéreas — Maj. Geraldo de Menezes Cortes	526
Reflexões sobre o trabalho de um Estado-Maior — Major José H. Garcia	542
A Ação do III/IIº R. I. em Montese — Cap. Hugo de Andrade Abreu	544
Alguns pontos interessantes no serviço de recrutamento — Ten.-Cel. Olimpio Mourão Filho	556
Observações sobre o emprégo da topografia na campanha da F. E. B. na Itália — Ten.-Cel. Olivio G. de Uséda	560
Soluções acertadas — Maj. Francisco R. F. Barreto	563
As guerrilhas conduzem à vitória — Maj. Jayme R. da Graça	567
Questionário do Telefonista — 1.º Ten. Jackson Pitombo Cavalcante	569
Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações — Cap. Médico Dr. Sául Teodoro Pereira de Melo	580
Construção de Linhas de Cabo Leve — Cap. Luiz Gonzaga de Melo	613
Que se passará na Rússia atual? — Cel. J. B. Magalhães	637
Excertos — Trad. do Cel. R. B. Nunes	661
Noções necessárias — Cap. Alberto Cardoso	666
Exodo Rural — Cap. José Lourenço de Miranda	670
O desastre de Formigas — Gen. Silveira de Melo	673
A Intervenção Brasileira na Banda Oriental — Maj. Riogrân-dino da Costa e Silva	705
Marechal José Bernardino Bormann e General Augusto Tasso Fragoso — Pelo Gen. Tristão de Alencar Araripe	711
Boletim	727
Extracto do discurso proferido pelo General de Exército Dwight D. Eisenhower na Escola de Estado-Maior do Brasil, em 6 de agosto de 1946	729
Dicionário Militar Brasileiro — Cap. Otávio Alves Velho	732
Noticiário & Legislação	751

EDITORIAL

O 7 de Setembro dêste ano assumiu um relevo especial pela vibração patriótica que a marcialidade das paradas militares desperta e, principalmente, pelo sentido de unidade nacional que as comemorações encerram.

Seu significado é tanto mais eloquente e animador quanto se considera o transe dramático que vive o mundo de nossos dias. É falsa a pecha de cético com que pretendem os interesseiros macular nosso povo. Esse povo generoso e hospitaleiro, caldeamento de várias etnias, que soube realizar com sabedoria invulgar os mais belos ideais da fraternidade humana, revelar o seu temperamento indômito nas lutas pela sua liberdade e independência, executar as conquistas mais audazes da inteligência, não poderia faltar com o seu trabalho e patriotismo na obra da reconstrução.

E' e será sempre o mesmo, digno e varonil.

A despeito da confusão dos tormentosos tempos que passam, dos desenganos, insinceridades e receios do futuro ameaçador, a alma nacional desperta coesa e altiva para a luta ingente da restauração moral e material da Pátria comprometida. E não podia deixar de ser assim.

Não esmorece na arena; ao revés, agiganta-se em energia e nobreza quanto mais temerário é o quadro da luta, porque tem consciência de suas possibilidades, e ama sua Terra sobre todas as coisas.

* * *

Que importa a incompreensão dos homens na fascinação do instinto e do interesse material, se

éles, na coletividade, são um nada e podem chegar à razão, pela resistência coesa dos patriotas esclarecidos que são a maioria consciente da Nação?

A "história se repete" e cada vez mais implacável na sanção dos erros cometidos.

O lamentável, porém, é que os homens, disposto de cérebro, inteligência, alma e coração, transformados em um complexo de emoções e sensibilidades sutis, não raro, na contemplação dos fenômenos correntes da vida, esquecem o essencial, desprezando a experiência, alheia e as circunstâncias particulares em que os factos se reproduzem. As comemorações cívicas têm este mérito — exaltar, nos acontecimentos históricos, "o vigor dos actos e a témpera rígida de seus bravos", para em meio às palpitacões do presente, apontar às gerações futuras o norte das virtudes no seu caminhar constante.

País novo ainda, mas dotado de um manancial precioso de riquezas naturais em estado de potencial, tem como fundamento de sua civilização um povo magnífico, com as características mais favoráveis a uma regeneração integral, no sentido de elevá-lo ao mais alto estágio da civilização.

Parece um paradoxo vivermos pobres em meio da opulência, improdutivos e quase famintos por falta de educação e de organização, absorvidos com os "casos", esquecendo os problemas fundamentais da economia, por falta de uma planificação adequada. Entretanto, somos o país do futuro como salientou o eminente sociólogo Lynn Smith, sincero amigo do Brasil que assevera em suas apreciações realísticas sobre o nosso país que "o que mais precisam os brasileiros é de instrução e que se apure ainda mais a técnica médica e sanitária, para que possam fazer ampla utilização da tecnologia moderna, evitando o empirismo e a inconsciência com que destróem os recursos naturais, e apelando para um sistema mais equitativo de distribuição do processo produtivo entre o capital, o comércio e o trabalho.

O braço do homem, na luta contra a natureza, precisa ser reforçado com equipamentos de força e de proteção ao trabalho, notadamente nas regiões menos populosas, sem o que a população do Brasil atingirá, algum dia, o montante da Índia, sem a esperança de melhores resultados.

Se a destruição das florestas for acompanhada, paralelamente, pela de outros recursos naturais, a maior parte da potencialidade do Brasil pode ser dissipada, antes que haja possibilidade de utilizá-la em benefício da humanidade.

Aos milhões de brasileiros que constróem, pela força do trabalho, a grandeza da nação, deve ser repartida maior porção, da produção nacional, preferentemente sob a forma de educação, sanidade, assistência médica e outros serviços que valorizem o homem, para que o Brasil não continue sendo o país de futuro".

*

* * *

Outro amigo leal e prestigioso, honrou-nos recentemente com sua visita e recebeu a consagração da simpatia e estima de nosso povo pelo que de mais espontâneo e sincero ela encerra.

É que o gênio de Eisenhower, o general da Vitoria, o general das Democracias, foi o chefe supremo dos Exércitos vitoriosos na Europa, sob cuja direção lutou a nossa gloriosa F. E. B.

Homem simples, sincero e positivo, credenciado pela experiência profissional e a glória de ter sabido vencer com maestria a maior campanha militar da História, sabe sobrepor-se aos devaneios do elogio banal para enfrentar, com a mesma firmeza e clarividência, os percalços da hora presente, focalizando o futuro.

Por isso, não regateou sua palavra fecunda trazendo-nos a advertência esclarecida contra os perigos de um otimismo exagerado na solução militar dos problemas deste após guerra.

"A Defesa Nacional" ao homenageá-lo, decidiu transcrever na íntegra a reprodução de sua palestra

magistral proferida na nossa E. E. M., sem comentários que poderiam desfigurar a essência de seus sábios conceitos. E, mais do que isto, pede aos nossos chefes e camaradas que meditem demoradamente na sabedoria dos princípios básicos da organização que tão francamente nos soube transmitir para um aperfeiçoamento real de nosso sistema de segurança.

Não obstante ser grande o acervo de trabalhos de cooperação de nossos amigos americanos, em prol do nosso preparo e aperfeiçoamento, destacamos, especialmente, o desses dois mestres, pela insuspeição de seus conceitos porque são os lídimos embaixadores da "boa vizinhança" idealizada pelo inovável gênio de Roosevelt.

* * *

Temos consciência do que somos e podemos ser. Amantes da liberdade e conscientes das responsabilidades da hora presente, procuramos conhecer nossas deficiências e defeitos com o mesmo espírito de independência de nossos maiores, para que possamos corrigi-los tanto mais aceleradamente quanto mais pronto nos disponhamos a enfrentá-los.

Não basta a decisão de agir: é preciso disciplina e cooperação, cada qual definindo explicitamente sua tarefa no conjunto.

Se assim fôr, não teremos receio do êxito porque ele beneficiará o Brasil que precisa de todos nós.

No dia em que se glorificou o martírio de Tiradentes, o proto-mártir da Independência — no calendário o dia da Pátria — façamos um exame de consciência e encaremos com fé o nosso amor pelo Brasil que, ontem, como hoje e amanhã, terá sempre que se orgulhar de seus filhos na salvaguarda de seu prestígio, soberania e felicidade eterna.

Só assim seremos o que devemos ser.

Alcemos, pois, bem alto a bandeira da independência, sem preocupações de indivíduos, mas só vendo o Brasil.

"Que nos sigam os que forem brasileiros"!

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"No futuro, o potencial bélico de um Estado, no que se refere a pessoal, repousará em grande parte no grau de cultura geral, técnica e industrial que possuirem suas reservas humanas, masculinas e femininas, motivo pelo qual se deverá intensificar a instrução."

(La Nación — Buenos Aires, 25 de Outubro de 1945).

"Rumo aos campos de instrução, sem a preocupação de executar coisas perfeitas e sem o receio de errar, porque de cada erro nasce sempre uma lição fecunda. Os erros, nos exercícios de paz, corrigem-se com trabalho e perseverança; mas os do campo de batalha, pagam-se, quando menos, a preço de sangue".

Cel. Renato B. Nunes

O Regimento de Infantaria no Combate

IV

(Continuação)

Ten. Cel. J. B. DE MATTOS

Os deslocamentos para o campo de batalha

Nos seus deslocamentos para o campo de batalha, o R. I., utilizará sucessiva ou isoladamente um dos dois meios:

- os transportes;
- as marchas a pé.

Na situação atual o R. I. pode ser transportado por estradas de ferro — em *trens* —; por vias navegáveis — *navios*;

por via-aérea — *aviões* — e por estradas de rodagem — *movimentos motorizados*.

Regras de ordem geral:

São regras de ordem geral:

Qualquer que seja o meio de transporte empregado as tropas devem sempre observar as regras gerais seguintes :

a) Reconhecimento prévio, por um oficial, dos pontos de embarque fixados (estações, locais de embarques, portos, aerodrómos, etc.) e locais situados nas proximidades onde possam ser feitos os preparativos para o embarque (Fracionamento, escola de faxinas, etc.).

Esse oficial põe-se em contacto com o órgão técnico (comissão de rede, comissão de porto etc.) encarregado de fornecer os meios para o transporte e toma conhecimento das ordens de serviço e das horas em que o embarque deverá ser iniciado e estar terminado.

b) Fracionamento dos elementos a embarcar nos locais escolhidos, onde eles se sucedem nas condições fixadas pelo comando.

Esse problema deve permitir o embarque simultâneo e independente do pessoal, dos animais e do material.

c) Execução do embarque com ordem e rapidez.

d) Execução das medidas de disciplina e segurança, consoante o meio de transporte empregado (oficial de dia, guardas, enquadramento de cada fração transportada).

e) Distribuição de víveres para o trajéto e dos víveres de desembarque, de que as tropas devem ser providas antes da partida.

f) Execução do desembarque com ordem e rapidez. O fim a atingir é por o mais rapidamente possível em ordem de marcha, tornar disponível no menor prazo o material utilizado para o transporte e desembaraçar os pontos de desembarque.

g) Conservação do mais absoluto segredo, quer sobre o itinerário, quer sobre o ponto de destino.

h) Precauções e disposições a tomar quando a situação o exija, contra as investigações ou ataques aéreos do inimigo (R S C n.º 412).

Transporte por estrada de ferro

Essa espécie de transporte só se justifica quando o percurso é no mínimo duma centena de km, não pela dificuldade para o pessoal que é nula, mas devido ao cuidadoso preparo que requer, quer por parte da estrada, quer para o embarque e desembarque do material e animais.

Tarefa da estrada

A tarefa da estrada compreende a composição do trem e preparo do local de embarque.

Os diferentes elementos que entram na composição dum trem para o transporte dum R I, são classificados em:

— carros de passageiros denominados	{ Série B-os de 1. ^a classe
	{ Série D-os de 2. ^a classe
	{ Série BD-os mistos

- carros de animais denominados série H
- carros de mercadorias denominados série V
- carros plataforma denominados série T

Compreendendo o efetivo do R I de estudo:

Oficiais — 202 + 1/4 = 252

Praças — 3005 + 1/4 = 3750

Viaturas — 200 (mais ou menos)

ANIMAIS — MATERIAL (TONELAGEM)

São necessários os meios seguintes:

Séries	Bitola de 0,75		Bitola de 1,00		Bitola de 1,60		Observações
	Lotação	N.º de carros	Lotação	N.º de carros	Lotação	N.º de carros	
B	16 oficiais	16	38	7	40	7	
D	20 praças	188	44	86	74	51	
B.D	7 oficiais 8 praças	36 469	18 22	14 171	16 24	16 157	
H	10	—	15	—	16	—	
V	15 praças ou 5 toneadas	250	36	105	50	75	
T	5 eixos	—	5	—	5	—	

Tarefa do Cmt do R I

A tarefa do Cmt do R I desdobra-se em:

- medidas de preparação do embarque;
- medidas da execução do embarque;
- medidas para durante o trajeto;
- medidas para e após o desembarque.

Todas essas medidas são baseadas na necessidade de dar cumprimento às prescrições do R S C já transcritas.

Assim:

Medidas de preparação do embarque. No transporte há duas autoridades com funções e responsabilidades diferentes: as da via-ferrea e o Cmt do R I.

A este cabe a responsabilidade da disciplina e medidas de defesa imediata e eventuais e àquelas todas as medidas referentes ao material ferroviário e ao movimento dos trens.

São titulares dessas últimas funções os comissários militares (de estação) e na sua falta o agente da estação.

Para o Cmt do R I a preparação inicia-se após o recebimento da *Ordem de embarque* que, em resumo, deve conter:

- extrato do Quadro de Embarque na parte referente ao R I;

- indicação, se necessário, dos itinerários a seguir para atingir a Est. de Embarque;
- o local de espera para o embarque;
- as condições de alimentação;
- as condições de movimento dos elementos autos, que se deslocarão por estrada de rodagem, se for o caso.

Conhecida a *ordem* o Cmt do R I entra em *contato com o Comissário militar* ou agente da estação, com antecedência mínima de 24 horas e termina com o *reconhecimento dos trens*, pelo menos 2 horas antes da partida. Esse trabalho deve ser executado por um oficial (geralmente o S4 com seus auxiliares).

Contato R I — Comissário Militar

- 1.º) — Entrega do efetivo exato da tropa a embarcar (homens, animais, viaturas e material);
- 2.º) — Obtenção de informações sobre:
 - a) plataforma em que devem ser feitos os embarques;
 - b) hora para ser feito o reconhecimento dos trens (uma vez que o R I necessita de vários trens);
 - c) hora do inicio do embarque;
 - d) material existente na estação para o embarque das viaturas e animais (pranchas, rampas móveis, toldanas para o embarque e desembarque de animais e do material, cunhas, torquezas, martelos, pregos e travessas de madeira para fixar o carregamento depois do embarque);
 - e) material complementar que deve ser fornecido pelo corpo (para-choques de carregamento para amortecer o cho-

que das rodas das viaturas pesadas sobre o soalho dos carros quando embarcam e no terreno quando desembarcam). Esses para-choques em número igual ao das viaturas, aumentadas de um terço, devem ser feitos pelos corpos. São coxins de palha cilíndricos, com 0,80m de comprimento ligados por três atilhos. Um para-choque leva 7,5 kg de palha e deve ter 1,25 m de contorno, escapulhas para prender os fuzis (1 para 4 armas), cordas, cunhas de madeira com cabo para manter as viaturas nos planos inclinados e facilita a subida para os carros (2 por viaturas), pontas de taboas, cunhas, alçapremas, trados, verrumas).

Reconhecimento do trem

E' sempre conveniente que o oficial encarregado do reconhecimento seja o mesmo do contato anterior por já ter estabelecido conversa com o pessoal da estação e com ele acertado alguns pormenores.

A sua chegada à estação apresenta-se ao comissário militar ou, na sua falta, entender-se-á com o agente da estação informando-se sobre a repartição das plataformas, rampas e esplanadas preparadas ao longo da via-ferrea para o embarque e de tudo o mais que possa interessar a esta operação.

Em seguida com seus auxiliares:

- numera os carros a partir da testa da composição;
- anota a capacidade de cada carro e dos carros plataforma;
- organiza um quadro indicando na ordem dos números a capacidade dos carros e dos carros-plataforma e o envia imediatamente ao Cmt da fração a embarcar na composição.

Cabe-lhe também providenciar para que:

- a) em caso da tropa ter de viajar em carros de mercadorias cobertas, sejam os mesmos convenientemente adaptados;

- b) nos carros adatados, os bancos estejam colocados segundo a capacidade do carro, reservando-se também acomodações para as armas e equipamentos;
- c) sejam os carros munidos de lanternas colocadas do lado oposto ao do embarque;
- d) os acessórios a fornecer pelas estradas de ferro sejam em número suficiente e em bom estado.
- e) o número de homens a serem transportados em cada carro seja registrado por uma indicação especial feita a giz e exteriormente nas paredes longitudinais do mesmo;
- f) quando a indicação contiver dois números, o menor se aplicará aos homens equipados e o maior aos não equipados;
- g) após o embarque os auxiliares de embarque escrevem a giz nos carros ao lado do número de ordem, a indicação da Cia. Todas as indicações são feitas em ambos os lados dos carros, para que os homens encontrem com facilidade os seus lugares.

Medidas de execução

As medidas de execução constituem a *Ordem do Cmt do R 1* que se fundamentará nas informações do contato R 1 — Comissário militar.

Será uma *ordem de deslocamento* e compreenderá o seguinte :

- a) prescrições sobre a subsistência dos homens e forrageamento dos animais, tanto no dia da partida como durante a viagem, levando em conta os altos determinados no itinerário, se for o caso.

Quanto aos animais lembrar-se que eles devem ser forrageados pelo menos duas horas antes do embarque e que durante a viagem a ração a forragear é a regulamentar tanto em espécie como em quantidade e que as rações para a viagem são embarcadas nos mesmos carros com os animais, e somente quando isso não for possível o excedente irá nos car-

ros de viaturas entre as rodas destas ou em carros de mercadorias adicionados ao trem;

- b) composição de uma guarda especial de polícia sob o comando de um oficial ou sargento segundo as circunstâncias;
 - c) organização de faxinas para o embarque dos animais e viaturas;
 - d) constituição e transporte do material de embarque necessário na estação;
 - e) transporte para a estação do material da unidade, bagagem dos oficiais, viveres, forragens e acessórios de embarque;
 - f) hora de embarque e tempo de sua duração, não devendo esse exceder de 1 h 1/2.
- E' em função da hora de embarque que o Cmt fixa a hora de chegada para o mesmo;
- g) prescrições eventuais de segurança e proteção anti-aérea.

Medidas para durante o trajeto

Cada trem terá um Cmt, bem como cada carro.

Cada Cmt de carro terá em vista que é proibido:

- 1.º) passar a cabeça e os braços para fóra das portas e janelas, quando os trens em movimento;
- 2.º) viajar nas plataformas;
- 3.º) passar de um carro para outro;
- 4.º) descer nas estações sem ordem para isso;
- 5.º) fumar nos carros de animais.

O Cmt do trem informar-se-á com antecedência das paradas (altos) e das estações de alimentação para:

- indicar aos oficiais;
- em caso de alto permitir a descida de alguns homens se fôr inferior a 10 minutos e de todos se fôr superior. Descida e subida mediante sinais convencionados;
- visitar os carros de animais, mandar dar-lhes agua, substituir os homens de guarda (após 3 horas de serviço) e vistoriar o material;

— tomar nas estações de alimentação (se for o caso), providências para que a alimentação seja distribuída do melhor modo às guardas dos animais, bem como a água e a forragem para os animais.

Medidas para e após o desembarque

Na estação de desembarque o Cmt da tropa que segue em cada trem, recebe uma ficha contendo o n.º do elemento de transporte, o ponto de destino e hora provável de sua chegada ao mesmo.

Na estação reguladora do desembarque o Cmt do trem recebe uma ficha contendo:

- a estação e o lugar do desembarque;
- inicio e fim do desembarque;
- local de reunião da unidade — a que ele pertença.

A cada Cmt de R I será entregue, "com as cartas respectivas, uma ordem de movimentação, contendo:

- o estacionamento definitivo da unidade e, se fôr o caso, os estacionamentos intermediários;
- o itinerário a seguir;
- as condições do movimento (de dia, de noite, inicio, etc.)
- o local do E M e das autoridades de que dependa diretamente;
- as condições de reaprovisionamentos e evacuações.

De posse da ficha de desembarque o Cmt do trem toma providências para que os oficiais e praças corrijam seus uniformes a tempo e os encarregados dos animais os enfrentem com a devida antecedência.

Ao chegar à estação de desembarque (uma vez que pela ficha de desembarque recebida na Reguladora de desembarque já conhece: o tempo e as condições em que deve efetuar o desembarque com relação aos recursos locais, lugar de espera fora da estação etc.) determinará:

- prescrições sobre o reconhecimento do itinerário para o local de espera e sobre o policiamento;
- verificação das disposições tomadas na estação para o desembarque dos animais e do material;
- mandar, terminado o desembarque, percorrer todos os carros para fazer recolher objetos deixados pela tropa.

E' oportuno lembrar os seguintes pormenores :

- *Embarque e desembarque dos homens, animais e viaturas.*

— Chegados ao local escolhido os cavalos e viaturas são encaminhados pelas fachinas, ordenanças e condutores, sob a direção do veterinário e intendente para os pontos onde devem embarcar. Sempre que possível, os animais e viaturas são dirigidos para a estação antes da tropa.

— As bagagens devem ser entregues e retiradas pelas janelas.

— Os animais são desencilhados o mais perto possível do trem.

— Para cada carro de animais são escalados 2 homens de guarda aos mesmos, durante a viagem. As armas e os equipamentos destes homens são entregues aos cmts de seus grupos que as fazem conduzir juntamente com as das outras praças do grupo.

— As viaturas serão parcial ou totalmente descarregadas por ocasião dos embarques e desembarques.

Mementos

Para ordem do R I

I — *Elementos a embarcar e locais*
(Todo o R I ou apenas parte)

II — *Uniforme e Bagagem*

III — *Prescrições especiais para o embarque*

1.º) A tropa de cada composição será fracionada de acordo com a respectiva *ficha de embarque*.

2.º) Os primeiros 25 minutos do embarque serão destinados ao reconhecimento dos carros de cada composição (todos já marcados pelo reconhecimento do S4) pelos elementos das frações a embarcar.

3.º) Trinta minutos antes da partida e a um sinal do Cmt do Trem a coluna põe-se em marcha para a plataforma, deslocando-se ao longo da mesma, até que cada fração de embarque fique à altura do carro que lhe foi designado, fazendo então alto.

4.º) Mediante ordem (sinal convencionado) do *Cmt do Trem* as frações embarcarão simultaneamente, nos respectivos carros. Junto de cada uma das portas dos carros ficará um oficial, sub-tenente ou sargento. Estes não permitirão a saída dos homens durante a viagem. O mais graduado será o *Cmt do carro*.

5.º) etc., et.

IV — Número e composição dos trens

O R. I deslocar-se-á em . . . trens

Cada trem terá a seguinte composição:

N.º 1

N.º 2

N.º 3

V — Capacidade dos Carros e modo de ocupação

Carros B	1/4 dos lugares para as malas ou sacos e 2
	lugares dos carros D junto as portas para
Carros D	dois oficiais ou graduados

VI — Prescrições especiais para o desembarque

1.º) Os homens só sairão dos carros nos locais de destino ou em . . . e . . ., mediante ordem do Cmt do Trem.

2.º) O Cmt do Trem só dará ordem para desembarque quando receber indicação do Cmt da Reguladora de desembarque; este indicará ao primeiro o lado pelo qual se fará o desembarque.

3.º) Os Cmts de carros deverão, desde a chegada à gare de desembarque, ficar em alerta, para receber o sinal de desembarcar.

Atribuições do Cmt do Trem

I — Medidas Preparatórias

- 1 — Desde o recebimento da *sicha de embarque*, fractionar os elementos da tropa pelos carros da composição
- 2 — Reunir os diversos Cmts de Tropa que compõem o trem e precisar-lhes:

- a) carros que lhes corresponderem na composição;
- b) comandante de cada carro;

Nota : Quando for o caso, fixar o número de homens de um elemento de tropa necessários para completar a lotação do carro atribuído a outro.

- c) Local, hora e formação de reunião (coluna por três) da tropa para embarque.

II — Medidas de execução.

- 1 — Verificar o fractionamento da tropa que deverá estar concluída 15 minutos antes da hora fixada para o início do reconhecimento do trem, no local de apresentação.

- 2 — Efetuar o reconhecimento do trem à hora indicada fazendo-se acompanhar apenas de um auxiliar e um estafeta.

- 3 — Conduzir a tropa à plataforma de embarque, ainda na formação por três.

- 4 — Desempenhar a função de Cmt do Trem até o momento de desembarque.

Transporte por vias navegáveis-Navios

Nessa espécie de transporte têm aplicação as regras gerais e muitas das previstas para o transporte por estradas de ferro sob os títulos *medidas para preparação e execução do embarque* bem como *para e após o desembarque*.

Assentadas as providências Cmt R 1 – Comissário regulador do embarque, a execução inicia-se por um *Destacamento Precursor* composto de :

- *S 4 e auxiliares*
- *Serviço de Policia e guarda*

— Reserva — Serviço de Rancho — Chefe — Auxiliares — Pessoal de execução compreendendo — copeiros para oficiais, ajudantes de cozinheiros, ajudantes de copeiros, de padeiros, copeiros para praças.

- *Serviço de Limpeza.*
- *Chefe — Auxiliares — Pessoal de execução — Reserva*
- *Serviço dos compartimentos*

Chefe — Assistente — Encarregados e Auxiliares.

A tarefa particular do Comissário regulador do embarque consiste em verificar pela coleta de cartões individuais preenchidas previamente em duplicata pela tropa a embarcar. Esta verificação é feita por uma mesa de controle junto a cada prancha ou escada de embarque.

Para isso a fração de tropa forma em coluna por um; os oficiais e Sub-tenentes ficam do lado da coluna fiscalizando os elementos sob seu comando até que esses tenham embarcado. Depois os oficiais e sub-tenentes se dirigem para a prancha do centro por onde então embarcam.

Ao subirem na prancha de embarque os homens são orientados por um guia (auxiliares dos encarregados de compartimento) que os conduz ao compartimento designado. Chegando ao compartimento os homens deve ocupar primeiramente os beliches situados mais ao fundo. Devem colocar o saco ou mala no beliche e deitar imediatamente de modo a não atrayancar o movimento dos que ainda estão entrando no compartimento.

Ficarão deitados até que lhes seja dada permissão para ficar de pé.

Como complemento a essa espécie de transporte vamos adaptar as regras seguidas num dos transportes de tropas da FEB.

1 — ATRIBUIÇÕES PARA OS OFICIAIS ENCARREGADOS DO EMBARQUE

Cada oficial encarregado do Embarque verificará a capacidade do seu compartimento, contando o número de beliches. Qualquer diferença encontrada será imediatamente comunicada ao oficial mais antigo do compartimento.

Os oficiais Encarregados do Embarque devem verificar se seus compartimentos estão vazios de pessoal (com exceção do destacamento precursor) antes do embarque do Corpo principal e se *todos os beliches estão arriados*. O "destacamento precursor" inclue pessoal para os ranchos, guarda, limpeza. Durante todo o embarque êsses homens devem permanecer nas incumbências que lhes forem designadas ou em seus respectivos compartimentos, deixando desimpedidas as passagens para as tropas que estão embarcando.

O pessoal do "destacamento precursor" deve ser alojado conjuntamente numa parte do compartimento que lhe for designado.

Serão utilizadas duas pranchas para o embarque das praças, uma à vante e outra à ré. Os oficiais embarcarão pela prancha de meia nau.

A guarnição do navio guiará o pessoal para os compartimentos. Os oficiais Encarregados do Embarque devem estar em seus compartimentos antes das tropas começarem a embarcar e neles permanecerão até que sejam rendidos pelo "Oficial Encarregado do Transporte".

Por ocasião do embarque serão fornecidos às tropas cartões com informações sobre os compartimentos que lhes forem designados. Elas devem seguir diretamente para o compartimento designado e *cada homem deve colocar no respectivo beliche o seu equipamento e armamento e nele permanecer até que o compartimento esteja completamente ocupado*. A praça que ocupa um beliche não pode depositar o seu equipamento em outro beliche.

Os compartimentos serão ocupados a partir do beliche mais afastado para a entrada do compartimento. *Cada compartimento será ocupado na sua máxima capacidade. Todos os beliches serão ocupados.* Os compartimentos devem ser ocupados o mais rapidamente possível, de modo a liberar as passagens para o embarque de outras tropas.

Se parecer haver praças demais designadas para um compartimento, o oficial Encarregado do Embarque fará uma completa verificação dos beliches para se assegurar de que todos estão ocupados. Se ainda parecer haver beliches a menos, ele fará com que cada praça examine o seu cartão de alojamento, de modo a verificarem se estão no seu próprio compartimento. Se após essa dupla verificação houver, ainda, praças em número superior ao dos beliches do compartimento, ele manterá as praças excedentes aguardando no compartimento e comunicará a anormalidade ao oficial mais antigo do compartimento.

Depois que o compartimento estiver completamente ocupado, será permitido a praça deixar o seu beliche, porém não o compartimento. Alguns homens poderão ir de cada vez à privada, devendo, porém, regressar imediatamente ao seu compartimento. *Não haverá passeios pelo navio durante o embarque.*

Os oficiais Encarregados do Embarque deverão conhecer o caminho para o refeitório, a localização das privadas e dos bebedouros. Na maioria dos casos cada compartimento tem seu bebedouro próprio.

Os oficiais Encarregados do Embarque permanecerão de serviço nos seus compartimentos depois de completado o embarque, até receberem novas ordens do Oficial Encarregado do Transporte ou de seus representantes.

Será proibido fumar durante o embarque em *todo o navio*. Depois de completado o embarque, o pessoal será notificado sobre quando e aonde poderá fumar. Todo o pessoal será advertido sobre as precauções contra os perigos de incêndio.

**2 — AVISO A SER FEITO PELO ALTO-FALANTE
LOGO APÓS O EMBARQUE**

(Impresso num cartão para distribuição individual)

1. É proibido possuir ou tomar qualquer bebida alcoólica a bordo.
2. Jogos a dinheiro são proibidos.
3. É proibido fumar nos compartimentos.
4. É proibido ir ao convez depois de ter o navio sido escurcido (black-out).
5. Usar sempre o salva-vidas, exceto quando dormindo nos compartimentos.
6. Não sentar ou deitar sobre os salva-vidas.
7. Manter o equipamento de forma a não interferir com os serviços de bordo.
8. Não lançar cigarros ou lixo ao mar.
9. É proibido manter a cabeça coberta durante o rancho.
10. É obrigatório o uso de túnica ou camisa.
11. É proibido sentar na balaustrada do navio.
12. É proibido trazer ao convez maletas ou cobertores.
13. É proibido o uso de "chiclets".
14. No caso de enjôo, empregar a latrina, ou, em último caso, o capacete.

**3 — ATRIBUIÇÕES PARA OS ENCARREGADOS DE
COMPARTIMENTOS E SEUS AUXILIARES**

Será designado, entre os oficiais da tropa, um oficial para ser o chefe de todos os compartimentos e oficiais auxiliares, para serem os encarregados dos compartimentos onde se alojem as tropas. Por sua vez, cada um desses oficiais encarregados, terá X auxiliares a fim de que um desses esteja sempre de serviço nos compartimentos; serão pois, distribuídos em X divisões fazendo, portanto, 4 horas de serviço por dia.

Os oficiais encarregados dos compartimentos e seus auxiliares, têm a seu cargo o bem estar das praças neles alojadas e são responsáveis pelo bom comportamento das mesmas durante toda a viagem, sendo-lhes permitido designar tantos sargentos auxiliares quantos julgarem necessários.

Os encarregados de compartimentos são responsáveis pela arrumação e limpeza de seus compartimentos, inclusive as escadas que dão acesso ao convez superior, devem proibir que seja jogado lixo ao convez e devem manter livres as passagens até os depósitos de lixo. Compete-lhes ainda a direção do escoamento do pessoal do compartimento em caso de emergência, a elaboração da escala de serviço de seu pessoal, a devida comunicação dessa escala ao gabinete do Comando encarregado do transporte.

É proibido fumar nos compartimentos. Todo aquele que transgredir essa ordem será preso pelo oficial de serviço no compartimento e enviado sob escolta ao Chefe de Polícia a quem será relatado o fato.

Se o preso fizer parte da escala de serviço, deverá o fato ser comunicado sem demora ao oficial encarregado para a devida substituição do contraventor.

São também proibidos jogos de azar. O dinheiro em uso nesses jogos será imediatamente apreendido, devendo os jogadores ser avisados de que deverão reclamá-lo, mesmo nesse dia, antes das 21,00 hs ao Chefe de Polícia, do contrário será o mesmo entregue à Cruz Vermelha ou ao Fundo de Beneficência dos Homens do Mar.

O Chefe de Polícia entregará o dinheiro reclamado e tomará as providências para a punição dos contraventores.

Os encarregados de compartimentos ordenarão que seus homens se deitem e durmam pé com cabeça e que tirem seus sapatos sempre que estiverem ditados ou dormindo, a fim de evitar doença nos pés.

Sempre que os homens estiverem dormindo, os sapatos, salva-vidas, capacetes e os cantis com água, devem ser colocados

dos bem à mão para caso de emergência. Nessas ocasiões, as perneiras não devem ser calçadas.

Os encarregados de compartimentos devem verificar:

- a) — que não falte nenhuma das luzes de emergência e que as mesmas não sejam tocadas senão em caso de emergência;
- b) — que nenhuma roupa ou qualquer objeto possa obstruir a luz das lâmpadas de emergência;
- c) — que nenhuma roupa ou objeto esconda os extintores de incêndio ou saídas de ar existentes em muitos compartimentos, nos bordos do navio, mais ou menos a um pé acima do convés;
- d) — que não falte nenhuma lâmpada ao compartimento.

4 — INSTRUÇÕES PARA O RANCHO

O horário do rancho para a tropa será comunicado diariamente no Boletim Diário de Informações. Geralmente a 1.^a refeição terá início às 6 horas e a 2.^a às , havendo às X, a refeição para os oficiais encarregados dos diversos serviços a bordo.

Esses oficiais e os sentinelas terão, portanto, direito a três refeições: os demais a duas, apenas.

A fim de se tornar equitativo, haverá um rodízio na ordem em que os compartimentos irão para o rancho, de acordo com os planos.

O plano a ser seguido durante o dia será anunciado de véspera no Boletim Diário de Informações.

É impossível dizer-se a hora exata em que os diversos compartimentos serão chamados para o rancho, exceto, naturalmente, o designado para ir em primeiro lugar.

Depois de algum tempo de viagem, à proporção que se forem familiarizando com a rotina, é de esperar que o serviço de rancho corra com mais rapidez.

O último homem deverá entrar no refeitório, aproximadamente X horas depois do primeiro.

A 1.^a refeição, certamente, levará menos tempo que a 2.^a.

Conhecendo qual o plano que está sendo seguido, podem, os encarregados de compartimentos, mediante cálculo aproximado, reunir seus homens nos vários compartimentos com a antecedência necessária, que deve ser tal de modo a evitar que alguns deixem de comparecer por não estarem presentes na fila, na hora em que seu compartimento for chamado.

CONTROLE DAS FILAS DE RANCHO

A fila de rancho será formada por compartimentos. A ninguém é permitido tomar lugar na fila sem que seu compartimento tenha sido chamado.

No caso de contravenção, o oficial encarregado do serviço de rancho deverá punir disciplinarmente o contraveniente, fazendo-o regressar ao seu compartimento depois de haver picotado o respectivo bilhete, o que o impedirá de tomar sua refeição.

Os ocupantes de cada compartimento devem ser prevenidos, portanto, que deverão entrar no refeitório em fila, imediatamente após a chamada do seu compartimento, *mas nunca antes*.

O encarregado do compartimento é responsável por isto, convindo notar que é necessário um controle absoluto para que o serviço de rancho corra com rapidez e sem anormalidade.

Isto poderá ser feito mais ou menos como se segue:

a) — Antes da hora aproximada em que o compartimento deve ser chamado, os encarregados dos compartimentos ou um dos seus auxiliares, deverá colocar-se no local designado para os encarregados de compartimentos à espe-

ra dos oficiais inspetores. Esses locais são designados como por exemplo:

Para os Compartimentos na 2.^a coberta na prôa
— A boreste, na entrada que dá para ré.

Para os compartimentos na 2.^a coberta na popa.
— A bombordo na entrada que dá para vante.

- b) — Quando chegar a ocasião em que os ocupantes de um compartimento devam entrar no refeitório, o encarregado desse compartimento receberá das mãos do oficial encarregado dos ranchos, um cartão no qual estará escrito o número do seu compartimento e a côr dos bilhetes de rancho de seus homens. O encarregado do compartimento receberá, então, instrução verbal sobre qual a fila a que deverá levar os seus homens a boreste ou a bombordo.
- c) — O encarregado do compartimento guiará então seu pessoal para a fila que lhe foi determinada. Quando esse oficial, na testa da sua fila, chegar em frente ao picotador, entregará a este o cartão que recebeu das mãos do oficial encarregado dos ranchos e sairá da fila. Dai em diante, fica o picotador autorizado, a picotar os cartões individuais que trouxeram a côr e o número do compartimento indicado no cartão entregue pelo oficial encarregado do compartimento.

PESSOAL DA COPA E COZINHA

O oficial encarregado do rancho deverá verificar que o pessoal designado para os serviços de copa e cozinha esteja em seus postos.

Compete aos oficiais encarregados de compartimentos as providências para que o pessoal solicitado pelo oficial encarregado dos ranchos, para os serviços de copa e cozinha, apresente-se imediatamente no refeitório ou cozinha e ocupe seus postos.

INSPEÇÕES NOS COMPARTIMENTOS

Os encarregados de compartimentos devem estar presentes quando chegarem os oficiais inspetores e acompanhá-los em suas inspeções nos respectivo compartimentos.

Os beliches de baixo devem ser suspensos a um ângulo de 60 graus mais ou menos para que o compartimento possa ser varrido e assim permanecerem até o final da inspeção.

Podem, entretanto, deixar de ser suspensos os beliches de baixo, onde estejam dormindo praças que fizeram o serviço durante a noite, desde que a inspeção não constate a presença de lixo sob êsses beliches.

FAÍNA DE ABANDONO DO NAVIO

Os encarregados de compartimento, depois de tomarem conhecimento das normas a ser seguidas no caso de abandono do navio, dividirão seus homens em vários grupos sob a direção de um sub-tenente ou sargento, de acordo com o número de escaleres ou grupo de jangadas designados para êsse compartimento.

Esses chefes de grupos deverão ser treinados intensamente de modo a guiar seus homens às respectivas estações de salvamento em quaisquer condições de tempo, às escuras ou não.

Nos exercícios de abandono, o oficial de serviço no compartimento, logo depois do sinal de postos de abandono, dirigirá seus homens de modo a que o escoamento se processe em ordem, em direção às respectivas estações de salvamento. O oficial de serviço no compartimento será o último a deixar o compartimento.

Essas instruções devem ser lidas pelos encarregados de compartimentos, para seus homens, nos próprios compartimentos, dentro das 24 horas após o embarque.

OUTRAS NOTAS

- Em caso de enjoo, devem os encarregados de compartimentos instruir seus homens a vomitar dentro dos capacetes de aço, desde que não possam alcançar as privadas.
- Os encarregados de compartimentos usarão distintivos no braço.
- Os encarregados de compartimentos providenciarão para que todos os seus homens conheçam, em detalhe, os regulamentos de viagem, e as informações gerais, ficando por isso responsáveis.
- Os encarregados de compartimentos devem manter em dia a relação nominal dos homens de seus compartimentos e o detalhe de serviço.
- Nos exercícios de abandono, os encarregados de compartimentos abandonarão o navio com os homens moradores nos compartimentos de que são encarregados.
- Os encarregados de compartimentos, de acordo com as instruções baixadas pelo Oficial Encarregado do Transporte, regularão as compras na cantina de bordo.
- Normalmente, não haverá escala para permanência no convés, mas os encarregados de compartimentos devem se esforçar para manter, cobertas acima, o maior número de homens possível, sobretudo durante as inspeções.

INSTRUÇÕES PARA O RANCHO

- O oficial rancheiro será responsável pelo correto serviço das refeições a todos os passageiros, pela limpeza do refeitório, do material de rancho, copas e todos os compartimentos utilizados pelo rancho. Ele deverá estar em estreita cooperação e sob a orientação geral do oficial da

guarnição de bordo encarregado do rancho e do Mestre Darmas chefe.

2. Deverá haver um oficial rancheiro geral, um oficial auxiliar diréto do rancheiro e oficiais auxiliares do rancho que, juntamente com rancheiros, cozinheiros, açougueiros e padeiros, auxiliarão a guarnição do navio no serviço do rancho.

3. Escalação dos oficiais auxiliares do rancho, por exemplo:

CAFETEIRA (refeitório)

Na prôa a boreste — 2 nos dias ímpares e 2 nos dias pares.

Na prôa a boreste — 2 nos dias ympares e 2 nos dias

Direção geral — 1 nos dias ímpares e 1 nos dias pares.

Cozinha — 1 todos os dias.

Praça d'armas (refeitório dos oficiais) — 2 todos os dias.

4. Escalação e divisão dos rancheiros :

Na prôa a bombordo — 1 sargento e praças nos dias ímpares e igual número nos dias pares.

Na popa a boreste — 1 sargento e praças nos dias ímpares e igual número nos dias pares.

Copa a bombordo — 1 sargento e praças nos dias ímpares e igual número nos dias pares.

COZINHA (durante o dia)

Distribuição de ração fresca — 1 sargento e praças nos dias ímpares e igual número nos dias pares.

Distribuição de ração seca — 1 sargento e praças nos dias ímpares e igual número nos dias pares.

Preparo das verduras — Idem, Idem, Idem.

Turma de limpeza — Idem, Idem, Idem.

Lixos e restos — Idem, Idem, Idem.

Panelas e demais utensílios — Idem, Idem, Idem.

Triturador de lixo — Idem, Idem, Idem.
 Pão — Idem, Idem, Idem.
 Distribuição — Idem, Idem, Idem.
 Leite e sorvete — Idem, Idem, Idem.

COZINHA (durante a noite)

Pão — Idem, Idem, Idem.
 Distribuição — Idem, Idem, Idem.
 Preparo das verduras — Idem, Idem, Idem.
 Lixo e restos — Idem, Idem, Idem.
 Panelas e demais utensílios — Idem, Idem, Idem.
 Turma de limpeza — Idem, Idem, Idem.

Os rancheiros que estiverem escalados para o refeitório, trabalharão de dois em dois dias, de 6,00 horas até terminar a refeição noturna. Os escalados para a cozinha (serviço diurno), trabalharão de 6,00 às 18,00 horas também de dois em dois dias. Os escalados para o serviço noturno da cozinha trabalharão de 18,00 às 6 horas, de duas em duas noites. Excetuam-se os cozinheiros, os açougueiros e os padeiros, que serão escalados e trabalharão em três turnos de oito horas cada um.

5. Ao chegar a bordo o oficial rancheiro e seus auxiliares terão uma reunião com o Mestre Darmas Chefe na qual serão fornecidas instruções complementares. Nesta reunião serão também fornecidas folhas para a escalação dos serviços dos rancheiros durante a viagem.

Os oficiais rancheiros devem estar atentos para substituir prontamente os rancheiros que enjoam; o enjoô faz-se notar mais nos primeiros dias da viagem. É extremamente importante manter o rancho num nível de eficiência muito alto, pois a falta de alimento muito contribui para o enjoô da tropa. É necessário ressaltar que o rancho deve funcionar sempre rigorosamente dentro do horário.

6. A hora do início do serviço de refeições para a tropa será publicada no "HORÁRIO DO RANCHO". Geral-

mente as refeições serão iniciadas às 6,00 e 16,00 horas, havendo, no intervalo, uma refeição para o pessoal cujo serviço se inicia às 11,00. O pessoal que faz serviço tem papeletas especiais que lhes dá direito a três refeições diárias, sendo aos demais fornecidas duas refeições apenas.

7. A fim de haver equidade a ordem de chamada da tropa para o rancho deve ser invertida a meio da viagem. O plano de chamada que será seguido deverá ser publicado no "HORARIO DO RANCHO".

8. O oficial rancheiro entrará em entendimento com o encarregado do Policiamento a fim de que seja fornecida uma guarda suficiente para manter a ordem no refeitório e nas filas para o rancho. As filas para o rancho serão formadas por compartimentos. É proibido a quem quer que seja, entrar na fila sem que o compartimento respectivo tenha sido chamado. A transgressão desta ordem deve ser punida picotando-se a papeleta de rancho do transgressor e fazendo-se, em seguida, regressar o faltoso a seu compartimento — desta forma perde ele uma refeição.

9. A fim de evitar confusão à entrada do refeitório, as praças devem ter suas papeletas prontas para serem picotadas por um dos auxiliares do rancho.

10. Os encarregados de compartimentos devem estar prontos para levar seu pessoal para as filas de rancho quando notificados pelo encarregado do controle das filas.

11. A guarnição do navio fará suas refeições nos refeitórios de vante.

12. Aos portadores de papeletas que dão direito a três refeições diárias, é sempre permitida a entrada nas filas de rancho.

13. O pessoal da secretaria e da enfermaria será sempre o primeiro a ser chamado para as refeições.

14. O refeitório deve diariamente, às 22,00 estar completamente desimpedido de tropa.

RANCHO DE OFICIAIS

1. Haverá dois oficiais encarregados de auxiliar o Encarregado de bordo para o rancho de oficiais.
2. Serão fornecidos a todos duas refeições diárias, uma de manhã e outra à tarde. Ao pessoal com serviços especiais será fornecida outra refeição, cerca de meio dia.
3. O número de mesas e a hora em que estas se iniciam, depende do número de passageiros de 1.^a classe existente a bordo e será publicado no Boletim Diário de Informações. Os oficiais irão às mesas de acordo com a escalação nas suas papeletas e rancho e nestas mesas devem ocupar sempre o mesmo lugar.
4. Ninguem poderá entrar na Praça d'armas (refeitório) trinta (30) minutos depois de iniciada uma refeição e quarenta e cinco (45) minutos depois de iniciada esta os lugares devem estar vagos. Exetuam-se destas ordens os que estejam escalados para serviço.
5. Os escalados para serviço terão mesas especiais e podem ser identificados por suas papeletas de rancho.
6. Aos oficiais que não estejam com o uniforme apropriado será solicitado se retirem da Praça d'armas. Uma vez satisfeitas as exigências que motivaram sua saída, poderão regressar, desde que estejam dentro do horário estabelecido.
7. Será proibido dar gorjetas.

*8 — INSTRUÇÕES PARA A FISCALIZAÇÃO
E LIMPEZA*

1. Logo que fôr designado, o oficial mais antigo encarregado da Fiscalização e Limpeza obterá do Oficial Encarregado do Transporte um plano do navio, apresentar-se-á ao Imediato do navio e pedirá um oficial do navio para com él percorrer o navio.
2. Haverá um oficial encarregado da Fiscalização e Limpeza e assistentes.

3. O oficial encarregado da Fiscalização e Limpeza designará um de seus assistentes para superintender o policiamento das privadas e levatórios de vante e outro para superintender o policiamento das de ré.

4. O oficial encarregado da Fiscalização e Limpeza trabalhará em conjunto e sob a orientação do "Imediato" do navio.

5. As áreas a serem policiadas pelo Destacamento de Fiscalização e Limpeza são as seguintes:

a) *Latrínas, lavatórios e chuveiros:*

Alojamento de oficiais — Convés principal avante — 2.

Alojamento de oficiais — 2.^a coberta a meia nau — 2.

Alojamento de praças — Prôa — Segunda e terceira cobertas.

Alojamento de praças — Pôpa — Segunda e terceira cobertas.

b) *Corredores da primeira e segunda cobertas:*

c) *Escadas entre as 1.^a e 2.^a cobertas, excetuando no compartimento ocupado por tropas.*

d) *Salão de Estar dos oficiais, na coberta principal.*

e) *Conveses — Algumas partes dos conveses superior e principal.*

f) Outras partes que venham a ser designadas pelo Comandante da Tropa ou o Imediato.

6. Ficará este pessoal encarregado de esvaziar os receptáculos e remover o lixo, inclusive no compartimento das tropas.

7. O policiamento do refeitório e dos compartimentos de tropas não é confiado a este destacamento, exceto no que se refere a esvaziar os receptáculos de lixo no compartimento das tropas.

8. O oficial mais antigo encarregado da Fiscalização e Limpeza, juntamente com o oficial encarregado de compartimentos mais antigo, providenciará de modo a que os oficiais encarregados de compartimentos e seus assistentes designem um número suficiente de homens em seus compar-

timentos para servirem como turma de limpeza. Todos os compartimentos serão baldeados e escovados todas as manhãs antes da inspeção. Todos os beliches de baixo serão içados tanto quanto o permitirem as suas correntes, de modo a facilitar a limpeza do convés e para a conveniência da inspeção.

O seguinte será necessário em cada compartimento:

- a) Todo o equipamento pesado deverá ser pendurado em pequenas barras instaladas para esse fim em cada lado do compartimento.
- b) Equipamento de nenhuma espécie deverá ser pendurado em fios de eletricidade ou no equipamento de incêndio.
- c) Deve-se deixar safo o convés em torno dos bocais de ventilação e do equipamento de incêndio.
- d) Todas as latas de lixo de qualquer espécie ou tamanho devem ser levadas para ré, para os incineradores, de modo a que seu conteúdo seja queimado.
- e) As latas G.I. devem ser substituídas pelas limpas, depositadas junto aos incineradores.
- f) Conserve nunca menos de 4 latas G.I. em cada compartimento.

PRECAUÇÕES IMPORTANTES

- a) Para conforto das tropas não se deve mexer no sistema de ventilação.
- b) Comunique ao escritório do "Imediato" (telefone) qualquer vasamento nos compartimentos, chuveiros, lavatórios ou privadas. Qualquer anormalidade nesses locais deve ser comunicada pelo telefone ou pessoalmente.
- c) Lâmpadas queimadas ou outros assuntos referentes a eletricidade deverá ser comunicado ao escritório do Chefe de Máquinas (telefone). Comunique pelo telefone ou pessoalmente.

d) Vazamentos ou outras deficiências nos bebedouros dos compartimentos devem ser comunicados ao escritório do Chefe das Máquinas.

DIVERSOS

9. Dez minutos depois de ter soado o alarme geral da faxina matutina, todo o pessoal escalado para trabalho nos convezes descobertos se apresentará nos convezes e dará inicio à baldeação. Todo o resto do pessoal, inclusive oficiais, permanecerá fora dos convezes descobertos até que o seja permitido, por ordem dada através o fonoclama.

10. Às 13 horas (13,00) se e quando a guarnição do navio formar para parada ou exercícios, toda a tropa permanecerá coberta abaixo. Quando a ordem "Pronto para todos os exercícios" for dada pelo fonoclama, será imediatamente seguida pela ordem "Pessoal em faxinas iniciar a faina de varrer a vante e a ré". Toda a tropa permanecerá em seus alojamentos. Vinte minutos mais tarde, através ordem transmitida pelo fonoclama, será permitido às tropas subir ao convés.

11. Diariamente, por ocasião do pôr do sol, será ordenado às tropas seguirem cobertas abaixo. O pessoal detalhado para faxinas varrerá a vante e a ré. Eles continuam essa limpeza até que o trabalho esteja terminado, ou até que esteja escuro demais para trabalhar. Isso continuará mesmo depois da ordem "Escurecer o navio", quando necessário. Todas as tardes ordens apropriadas serão dadas através do fonoclama.

9.— INSTRUÇÕES PARA O CHEFE DE POLÍCIA

1. *Serviço da Guarda* — O serviço da guarda a bordo seguirá as normas estabelecidas no regulamento.

2. Da segurança interna do navio e da disciplina dos passageiros a bordo, ficará encarregado um oficial es-

pecialmente designado para isso, o qual agirá em colaboração com o oficial encarregado da segurança do navio.

O oficial encarregado da disciplina entregará, diariamente, ao Comandante da Tropa do Navio, antes das X uma lista por escrito de todas as pessoas detidas no bailéu, da qual constará o nome e o número do homem detido, o delito e o castigo imposto. Antes de prescrever castigo para um delito, dá-se ao indivíduo oportunidade de escolher entre ser julgado por um conselho de guerra e aceitar a disciplina imposta por sua companhia. Se por acaso optar por conselho de guerra, ficará detido à espera de julgamento, mas, durante esse tempo nem se lhe imporá trabalho adicional nem castigo. Se optar por disciplina imposta por sua companhia, o comandante do navio lhe administrará a pena devida. É proibido fumar no bailéu.

3. — DESTACAMENTO PARA O SERVIÇO DE GUARDA

- oficiais
- sargentos auxiliares
- sargentos
- cabos
- praças

O oficial encarregado da disciplina dividirá os oficiais e a companhia da guarda em quatro (4) grupos sob a direção do oficial encarregado da segurança do navio.

4. *Deveres*. — A guarda compete manter a ordem e a disciplina, impedir jogos de azar e o uso de bebidas alcoólicas; proibir o acesso a certas partes do navio; impedir vendas ilícitas ou outro qualquer uso de provisões do navio e, em geral, pôr em vigor os regulamentos e a rotina estabelecida para o serviço.

5. *Propriedade* — De início, o encarregado da disciplina obterá fórmulas de relatórios, faixas de braço e outros objetos de propriedade do serviço da guarda, junto ao

encarregado da segurança do navio, ao qual passará recibo. Antes do desembarque, o encarregado da disciplina entregará toda a propriedade do serviço da guarda ao oficial encarregado da segurança do navio.

6. *Deveres*

a) *Oficiais da guarda* — Além dos deveres que lhe são peculiares :

- 1) Farão cumprir rigorosamente todos os regulamentos referentes aos "blacautes".
- 2) Mandarão instruções às sentinelas, dispondo-as segundo as ordens recebidas ou conforme as circunstâncias, por exemplo, serão colocadas nos convezes, a vigiar a bagagem, quando necessário, nas escotilhas, quando abertas e nos portalós e escadas tanto a bordo como em terra, quando no porto.
- 3) Em seu quarto de serviço, farão pelo menos uma ronda completa.
- 4) Proibirão que se retirem travesseiros ou cobertores dos camarotes e que se leve para os convezes qualquer coisa que pertença à sala dos oficiais (cadeiras, etc.).
- 5) Verificarão que todas as luzes sejam apagadas à hora certa; que só acendam aquelas para as quais tenha autorização e que esse todo o ruido após o toque de silêncio.
- 6) Ispencionarão ou mandarão inspecionar o alojamento das tropas, entre as horas da meia-noite e da alvorada, para se certificarem de que tudo vai bem.
- 7) Impedirão a entrada nos compartimentos das fôrças aos membros da tripulação, salvo quando estiverem de serviço.
- 8) Impedirão a entrada de passageiros no alojamento do pessoal da tripulação e em outras partes do navio não franqueadas a todos.

9) Trarão sempre no braço as faixas do oficial da guarda durante o seu quarto de serviço.

b) *Deveres gerais das sentinelas*

- 1) Estar alerta ao que se passa nas vizinhanças.
- 2) Impedir que as pessoas obstruam as passagens e escadas.
- 3) Impedir que as pessoas se debrucem sobre as bordas e balaustradas, que se encostem nas embarcações, nos salva-vidas, nas máquinas e aparelhos de bordo.
- 4) Impedir que pessoas atrapalhem os serviços dos oficiais, guarnição e estivadores.
- 5) Impedir o acesso de pessoas aos lugares interditos.
- 6) Impedir que as pessoas fumem nos compartimentos, onde se acham alojadas as tropas, nos lugares onde pelo fonoclama são dados como não sendo permitido fumar, nos convezes e lugares expostos durante o escurecimento e bem assim durante as fainas de emergência.
- 7) Impedir narcóticos e bebidas alcoólicas à bordo.
Prender os infratores e levá-los ao oficial de Serviço de Polícia.
- 8) Impedir que seja jogado lixo ou cigarros pela borda ou nos convezes. Sómente as pessoas autorizadas poderão lançar lixo ao mar e mesmo assim em horas determinadas.
- 9) Obrigar os infratores a apanhar o lixo do convez e lançá-lo nos receptáculos apropriados. Não encontrando o infrator, ele mesmo apanhará e colocará o lixo no receptáculo.
- 10) Não permitir banhos de sol nos convezes da superestrutura.
- 11) Safar o convés do rancho da tropa às 22,00 horas.
- 12) Impedir jogos de dados ou de cartas durante a missa.
- 13) Impedir o uso de binóculos ou de máquinas fotográficas.

- 14) Não fechar com todos os atracadores as portas que dão para o convés. Elas são saídas para o abandono do navio e deverão ser fechadas com um único atractor.
- 15) Permitir a permanência no convés, exceto durante o escurecimento do navio.
- 16) Verificar se todos estão convenientemente equipados com o fôrro do capacete e cantís.
- 17) Durante os postos de combate os homens da guarnição do navio deverão ter caminho livre para guarnecerem os postos com a máxima rapidez.
- 18) Fazer com que a tropa ande sempre com o uniforme em dia.
- 19) Fazer com que todos andem de salva-vidas e tratem os mesmos com os cuidados devidos, não se deitando sobre os mesmos, para que fiquem sempre fôfos e em boas condições de flutuabilidade.
- 20) Fazer com que as ordens sobre escurecimento sejam cumpridas rigorosamente.
- 21) Quando de serviço, conhecer o seu posto e os locais onde se acham os salva-vidas. Ter atenção para ver ou ouvir o barulho se alguém cai ao mar, bradando "HOMEM AO MAR" e dando imediato conhecimento ao oficial de serviço no passadiço; deverão jogar uma boia ou salva-vidas para o naufrago.
- 22) Em caso de incêndio, avisar imediatamente ao Oficial de Serviço verbalmente ou pelo telefone. Deverá dar combate ao fogo até que chegue o pessoal escalado para tal.
- 23) Além destas instruções, cumprir cuidadosamente quaisquer outras ordens recebidas de quem de direito.
- 24) Usar de iniciativa em casos aqui não considerados e sempre dando conhecimento ao oficial do Serviço de Polícia.

OBSERVAÇÃO

Os membros da guarda interferirão com os homens da guarnição do navio quando :

- 1) Algum esteja jogando com os passageiros.
- 2) Algum esteja fumando nas partes expostas durante o escurecimento.
- 3) Algum esteja fazendo sorteios nos compartimentos das tropas ou nas latrinas das tropas.

Nos casos acima, os culpados serão levados ao Oficial de Polícia que os entregará ao "Oficial Encarregado da Segurança de Bordo". Uma parte será dada ao "Oficial Encarregado do Transporte" pelo Chefe de Polícia.

Os guardas não deverão fumar quando de serviço.

Os oficiais que fazem serviço de polícia devem dar uma parte de todas as ocorrências ao Chefe de Polícia.

Qualquer ocorrência grave deverá ser levada imediatamente ao Chefe de Polícia.

10 - ATRIBUIÇÕES PARA OS OFICIAIS ENCARREGADOS DAS INSPEÇÕES

1. Haverá diariamente, às 10,30, uma inspeção conjunta feita pelo Exército e o Guarda-Costas, exceto aos domingos. A comissão de inspeção reunir-se-á no salão de estar de oficiais. A comissão é composta de três oficiais do Guarda-Costas e três oficiais do Exército, acompanhados por um marinheiro para tomar notas. O navio será dividido em três seções para fins de inspeção — proa, popa e meia-nau. O oficial do Exército da seção de meia-nau será um oficial médico.

2. Depois da chegada a um compartimento, os oficiais de inspeção chamarão os encarregados de compartimentos e solicitarão que eles acompanhem a comissão de inspeção, mostrando as falhas para correção. Os nomes dos encarregados de compartimentos ausentes devem ser lançados nos mapas de inspeção.

3. Os oficiais de inspeção deverão comunicar, todas as violações do regulamento do navio e podem solicitar o comparecimento dos infratores ao escritório de transporte do Exército às 20,00 do mesmo dia. Os oficiais de inspeção terão especial cuidado em tomar o nome do infrator e a falta cometida.

4. Os oficiais de inspeção verificarão particularmente que os aparelhos de incêndio não estão obstruídos por bagagens, etc., bem como todos os aparelhos de manobra (esses aparelhos estão marcados com letras pretas). As descargas de ar e saídas deverão estar livre de qualquer obstrução. O asseio é de importância capital.

5. Embora os oficiais de inspeção comuniquem as faltas de funcionamento, tais como bebedouros vazando (estes devem ser anotados somente pelo número), lâmpadas queimadas, etc., a comissão de inspeção é mais uma inspeção disciplinar do Exército do que uma inspeção funcional do Guarda-Costas. Ela corresponde à inspeção regular de alojamento do Exército.

6. Todas as luzes estarão acesas durante a inspeção. Os encarregados de compartimentos verificarão que não há lâmpadas desatarrachadas.

7. Os oficiais de inspeção insistirão com os encarregados de compartimentos para ter o máximo de ocupantes dos compartimentos fóra dos mesmos durante a inspeção.

8. Quando os camarotes não estiverem ocupados por doentes, deverão estar vazios das 8 às 12 horas. Os nomes dos infratores devem ser anotados e eles serão chamados a comparecer ao escritório de transporte do Exército às 20,00 horas do mesmo dia.

9. Ao terminar a inspeção diária, os oficiais de inspeção deverão assinar um mapa de inspeção em branco, o qual será preenchido no escritório de transporte do Exército e enviado ao oficial de transporte do Exército, às 16,00 horas do mesmo dia.

II — DEVERES DO OFICIAL ENCARREGADO DO ABANDONO DO NAVIO

1. Trabalhará juntamente com o Imediato do navio em todos os problemas relativos aos exercícios de abandono do navio.
2. Trabalhará juntamente com o Chefe de Polícia no controle do tráfego.
3. Trabalhará em conjunção com os oficiais mais antigos dos compartimentos através o mais antigo deles. Os oficiais mais antigos dos compartimentos são responsáveis por fazerem os homens seguirem do compartimento para o convés.
4. Fará com que o Chefe de Polícia instrua seus homens de modo a verificarem que todo o pessoal tenham seus salva-vidas propriamente colocados, esteja equipado e usando o capacete.
5. Superintenderá e fará correções necessárias a evitar o congestionamento dos convezes durante o deslocamento das tropas para suas estações.
6. Usará uma faixa no braço mostrando o seu título e verificará se todos os oficiais mais antigos dos compartimentos estão usando suas faixas.
7. Verificará se toda a tropa marcou a lápis nos capacetes o número da embarcação ou da balsa para a qual está escalada.
8. Terá um plano "B" para abandonar o navio, preparado para o caso de estarem camarotes ocupados com doentes, caso em que designará seis assistentes adicionais para trabalharem com os oficiais médicos nos detalhes de abandono de navio.
9. Terá um plano "C" de abandonar o navio, preparado para o caso de estar todo um bordo do navio completamente inutilizável.
10. Fará com que o oficial mais antigo encarregado da Fiscalização e Limpeza instrua o pessoal das cozinhas,

cafetaria e ranchos, no sentido de se conservarem no trabalho durante os exercícios, a não ser com ordem em contrário dada através do fonoclama.

11. Dispensará dos exercícios, através os oficiais encarregados, os homens que estiverem dormindo por terem feito serviço na noite anterior, porém será responsável por esses homens receberem apropriadas instruções para abandonarem o navio.

12. Estabelecerá os caminhos pelos quais as tropas devem se dirigir para as embarcações e balsas e fará com que os oficiais mais antigos dos compartimentos verifiquem seu pessoal subalterno encarregado do grupo estar perfeitamente familiarizado com esse caminho, mesmo no caso de completa escuridão.

13. Instruirá os oficiais mais antigos dos compartimentos no sentido de acompanharem as tropas de que são encarregadas e de não seguirem para as embarcações correspondentes à própria zona de alojamento.

14. Fará com que o Chefe de Polícia instrua os policiais em abandonar o navio em último lugar.

12 — NORMAS GERAIS PARA OS SERVIÇOS ESPECIAIS

1 — Conhecimento do Navio

O primeiro dever do "Oficial de Serviço Especial" é fazer um reconhecimento do navio e familiarizar-se com os compartimentos onde tiver de trabalhar. Todas as suas atividades devem ser perfeitamente coordenadas com o programa, sendo que este deve ser fornecido com a devida antecedência para formulação dos planos básicos.

2 — Procurar o entendimento com o "Oficial do Serviço Especial do Porto"

Para entendimento quanto ao recebimento e localização dos materiais de suprimento. Neste recebimento deve

figurar um completo serviço de fonoclamas, que é de grande importância a bordo.

3 — *Pessoal*

Assim que a guarnição se apresentar a bordo, selecionar seis ou oito homens para seus auxiliares nesse serviço, figurando entre estes, um ou dois eletricistas. Para obter bom rendimento no serviço, providenciar para que eles tenham uma terceira refeição. Um oficial deve ser encarregado dessa turma.

4 — *Arrumação dos suprimentos*

A arrumação e distribuição pelos paíóis e compartimentos devem ser cuidadosamente feitas, considerando a natureza e o tempo da missão do navio. O seu gasto deve ser cuidadosamente feito e considerando os dias de viagem, para que não venha a se esgotar antes da missão terminada. Para isto fazer uma cuidadosa anotação do existente em cada compartimento e bem controlar sua vaída. Os cigarros devem estar sempre em local facilmente acessível e economizados para serem distribuídos aos que regressarem doentes. No último dia de viagem devem ser recolhidos todos os livros e revistas em boas condições.

5 — *(Cinema si houver)*

As sessões devem ser diárias e feitas, se possível, em local que possa comportar a lotação de um compartimento. Os cartões dos compartimentos servirão como "tickets" para melhor controle. As sessões serão tantas quantas necessárias para os compartimentos e mais o pessoal de serviço.

6 — *Diversões*

Além das bandas de bordo e da tropa, devem ser arranjados tantos grupos de musicistas e cantores, "chôros", quanto possível. Estabelecer programas diários com mís-

ca, canto e esportes, tudo de molde a fazer com que a viagem seja mais distraída possível. Procurar estabelecer espírito de competição e estabelecer prêmios encorajadores.

7 — Shows

Estes devem ser o mais alegres e variados possível. Para isto deve-se fazer uma pesquisa entre os passageiros, porque sempre existe entre os mesmos verdadeiras revelações artísticas, esperando por um incentivo.

O espírito de franca camaradagem deve predominar a bordo dos transportes.

13 — NOTAS SOBRE O DESEMBARQUE

1. Será distribuída a todos os passageiros uma ração de campanha, 24 horas antes do desembarque.

2. Serão expedidas instruções sobre quais as pranchas a serem usadas, de acordo com o plano de desembarque.

3. O pessoal do serviço especial permanecerá em seus postos até que seja dada ordem em contrário pelo fonoclama.

4. A bagagem dos porões será desembarcada logo depois da tropa e de acordo com as instruções do pôrto de desembarque.

5. Os relatórios dos serviços e demais papéis referentes à viagem e à tropa serão desembarcados, em mão, com os comandantes de unidades.

6. O desembarque se fará pela ordem da lista de passageiros, à proporção que as unidades forem sendo chamadas pelo fonoclama.

7. O uniforme de desembarque não será o mesmo do embarque, sendo atendidas as condições do clima e tempo.

8. A tropa deverá levar os cantis cheios de água fresca.

9. O pessoal escalado para o serviço de policiamento e limpeza permanecerá a bordo, terminado o desembarque,

até que seja dada a ordem em contrário pelo oficial encarregado do transporte, depois de haver sido verificado que nenhum equipamento ou material foi esquecido a bordo.

10. E' proibida a utilização de máquinas fotográficas no cais de desembarque, devendo as mesmas ficar nas malas até que seja dada ordem em contrário pelos comandantes de unidades.

11. A tropa não poderá enviar mensagens de chegada senão depois que para isso seja dada a respectiva permissão pelos comandantes de unidades. A tropa fica avisada de que serão severamente punidos os transgressores desta ordem.

12. Se o médico prescrever o uso de pastilhas de atebrina, serão essas entregues ao comandante de unidade em quantidade suficiente, de acordo com o número de homens.

13. E' proibido o comércio ou troca de objetos com o pessoal da terra, no cais de desembarque.

Restaurante Reis

(M A T R I Z)

O MAIS POPULAR DO RIO

Av. Almirante Barroso, 18 a 22

TELEFONE 22-0993 — Aberto até $\frac{1}{2}$ noite

Especiais vinhos Verde e Maduro

RESTAURANTE ROSAS (Filial)

Rua Alvaro Alvim, 27

Telefone 42-0430

Seleção e Classificação de Candidatos a Oficial

Tradução do Ten. Cel. ADALARDO FIALHO

Tivemos à mão, por nômia gentileza do Excelentíssimo Senhor General TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, o excelente livro "The Mailing List", publicado pela Escola de Infantaria de Fort Benning e contendo diversos assuntos de interesse escolar militar interessantíssimos.

Entre êstes destacamos o que contém as Instruções baixadas pelo Cmt. daquela Escola para os seus Oficiais Instrutores, principalmente para os Cmto. de Pelotão, de Instrução, organização célula da instrução, sobre a maneira de analisar e classificar os candidatos a oficial, durante o período de sua formação.

Principalmente para os Cmto. de Pelotões porque êstes, em contato direto e constante com os candidatos, são os mais qualificados para opinarem sobre as aptidões deles.

Enfrentando o problema de um desdobramento espantoso, o Exército dos Estados Unidos teve que apelar para um sistema de formação de oficiais em curto prazo.

Porém, oficiais são, antes de tudo, *Chefes* que conduzem soldados no combate.

Maus oficiais significam soldados mortos.

Eis porque, defrontando o problema de uma formação apressada, os americanos tiveram de apelar, em alto grau, para os métodos de psicologia experimental, tendo em vista analisar, auscultar e selecionar, entre milhares de candidatos, aqueles que verdadeiramente possuam qualidades de *chefe*, a fim de poder comissioná-los e entregar-lhes as vidas de 50 soldados na tremenda guerra que sustentavam além mares.

Dando o devido desconto ao fato de se tratar de um documento destinado a Instrutores de uma Escola de formação abreviada, julgamo-lo, mesmo assim, interessantíssimo e, em muita coisa, aproveitável para qualquer de nossas Escolas de formação, seja de sargentos, seja de oficiais.

Creemos mesmo ser útil às nossas escolas militares de objetivos mais elevados.

Essa a razão pela qual nos lançamos à sua tradução, pedindo para ela a benevolência dos presados leitores.

ESCOLA DE INFANTARIA

GABINETE DO COMANDANTE

Fort Benning, Georgia — Novembro 9, 1942.

GUIA PARA OFICIAIS INSTRUTORES DO DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO

I. — *Generalidades.*

a. — A necessidade de oficiais, particularmente para o escalão Companhia, em consequência da tremenda expansão de nossas forças armadas, tornou-se aguda. Nenhuma forma de esforço civil apresenta um reservatório de material imediatamente disponível.

Oficiais de Infantaria capazes podem provir de todas as carreiras civis, porém competência nesta nova profissão só pode ser assegurada pela instrução eficiente de um homem já possuidor de certas qualidades fundamentais.

No curto tempo disponível não podemos esperar produzir um produto acabado, porém esse é o fim para o qual devemos nos esforçar. A solução desse problema — Sistema de Instrução do Candidato a Oficial — depende, para seu sucesso, da habilidade com que se o procura resolver, isto é, da habilidade dos oficiais instrutores em *conhecer, julgar e ensinar homens.*

b. — Presumindo acordo sobre o tipo desejado de candidato, parece evidente que a nossa tarefa mais difícil é determinar, no curto tempo destinado à observação, se cada candidato enquadra-se ou não nos padrões fixados.

Todos os homens são inclinados a julgar os outros pelos valores que atribuem a eles próprios.

Isto torna vital que os oficiais chamados a julgar sejam, êles próprios, do mais alto quilate, bem como maduros no julgamento. Não se pode dizer que se exagera este ponto. Enquanto que a perda de um provável bom oficial é séria, a escolha de um incompetente pode, em última análise, resultar na perda de vidas e no fracasso de planos táticos que, de outra sorte, poderiam ser bons.

Desde que o Cmt. de Pelotão é juiz básico na escola, é imperativo que seja escolhido com cuidado, bem como constantemente supervisionado e instruído.

2. — *O Cmt. do Pelotão.* — Os deveres de um Cmt. de Pelotão são duplos. De um lado, é juiz; de outro, retem as funções igualmente importantes de instrutor. *Si conhece as deficiências de um homem e não se esforça honestamente para corrigi-las, desempenha somente metade de seus deveres.*

Ele não pode encontrar maior recompensa do que a compreensão de que a sua instrução resultou na transformação de um incompetente potencial num oficial de Infantaria eficiente.

3. — *As qualidades de chefe.*

A análise indica que as qualidades relacionadas abaixo são essenciais para um oficial de Infantaria competente:

a. — *Qualidades mentais abstratas.*

(1) — *Vivacidade perceptiva.* — Habilidade em ver e aprender rapidamente cada novo problema que surge, bem como reconhecer a sua importância; em outras palavras, "to think on his feet".

(2) — *Iniciativa.* — Habilidade para, uma vez o problema reconhecido, formular de boa vontade uma decisão e executá-la sob sua exclusiva responsabilidade.

(3) — *"Resourcefulness".* — Habilidade para fazer o mais completo uso de todos os recursos à mão e, por improvisação, extêndê-los ou aumentá-los.

(4) — *Julgamento maduro.* — O julgamento é o "metro mental" pelo qual o oficial determina o verdadeiro valor de suas decisões. Pode ser chamado maduro quando iguala ou sobrepassa o do homem de média educação e comum experiência do mundo.

(5) — *Justiça.* — O poder atribuído a um oficial, pelo sistema militar, para influir nas carreiras e mesmo nas vidas de outros, exige que este poder seja justamente exercido.

(6) — *Confiança própria e coragem.* — Uma convicção sincera da correção de suas próprias decisões é essencial à execução enérgica dessas decisões. Estas qualidades devem ser cultivadas, porém não devem ser exageradas ao ponto de se tornarem conceito e obstinação.

(7) — *Respeito e cooperação.* — Qualidade de reconhecer e respeitar as opiniões e direitos dos outros, tanto dos superiores, como

dos subordinados. Sómente sobre esta base pode ser atingida a verdadeira cooperação.

(8) — *Ambição e amor ao trabalho.* — Todos os oficiais devem ter um vivo desejo de melhorar, eles próprios e suas Unidades, porém, além disso, devem também possuir a determinação e energia para cumprir tal desejo.

(9) — *Estabilidade emocional e Senso do humor.* — O oficial que "explode" sob pressão pode ser fatal à sua Unidade. O senso de humor é a nossa "roda de péndulo" mental e não é só uma qualidade desejável em qualquer oficial, porém mesmo essencial.

b. — *Aptidão física.* — Um oficial deve ter aptidão física para estar presente onde necessário, principalmente em combate, em condições de executar seus deveres. Desfigurações, marcas de doença, etc., podem dar a um oficial uma aparência desagradável, porém se o seu aspecto geral é suficientemente forte, podem ser atenuadas.

c. — *Qualidades de fundo educacional*

(1) — *Disciplina mental.* — Habilidade para analisar cada problema e tirar uma conclusão lógica, bem como para reter os frutos do estudo e da instrução.

(2) — "Literacy". — Um oficial deve ser capaz de ler e escrever, falar e entender a língua inglesa. É de vital importância a sua habilidade de exprimir-se comprehensivamente, oralmente e por escrito. Não aceitar o resultado do Exame de Classificação Geral do Exército (A.G.C.T.) como última palavra disto, mas verificar por si próprio, em cada caso.

(3) — *Conhecimentos profissionais.* — Um oficial deve ter bons conhecimentos práticos das armas à sua disposição, dos processos táticos que poderá empregar e das regras de administração do Exército. Estas coisas podem ser aprendidas e a evidência das possibilidades e desejo de aprender rapidamente podem abonar em favor do candidato.

d. — *Qualidades de comando.*

(1) — *Atitude militar.* — A atitude militar é a aparência de um oficial aos olhos de outros e é satisfeita pelos seguintes atributos:

- (a) Equilíbrio
- (b) Aspecto geral
- (c) Asseio e apuro do corpo e do uniforme
- (d) Conformação do corpo

(2) — *Fôrça*. — Esta qualidade baseia-se, principalmente, na confiança em si próprio, porém inclui a habilidade em influir o espirito dos outros tanto pela substância do que diz, como pela maneira de dizer-lo.

(3) — *Voz*. — Deve ser clara, modulada e ligada ao uso de uma enunciação distinta das palavras. A fraqueza da voz pode ser curada ou melhorada.

(4) — *Importância*. — Cada um dos itens acima discutidos é essencial até certo limite. A deficiência de um candidato pode ser compensada pela proficiência em outro do mesmo grupo geral, porém mesmo uma proficiência excepcional num grupo não justificará nunca comissionar um candidato que, em qualquer dos outros, apresente indices abaixo dos regulamentares.

Há muitas outras qualidades que são desejáveis num oficial, porém não estão incluídas aqui, porque não são julgadas essenciais.

(5) — *Método de estudo de homens*. — O Cmt. do Pelotão pode chegar a conhecer intimamente os seus homens pelo uso judicioso dos seguintes meios:

a. — *Impressão inicial*. — Logo que possível, depois do primeiro contâto pessoal com o candidato, o Cmt. do Pelotão deve traduzir, por escrito, as impressões recebidas.

b. — *Entrevista*. — Logo que possível, após a chegada do candidato, o Cmt. do Pelotão deve também entrevistá-lo pessoalmente. Por essa ocasião, deverá ter diante de si a Ficha de Informações do homem e usando-a como referência, puxará pelo homem a respeito de todos os fatos de sua vida que possam ter uma influência sobre o seu trabalho na escola, e que possam afetar as suas qualidades de chefe.

Esforçar-se-á por perceber atrás dos bastidores. O método atual de entrevistar depende das personalidades interessadas, porém o ponto principal a reter no espirito é que o candidato deve ser posto à vontade e assim continuar. Vêde o Apêndice A.

c. — *Registro do passado e ascendência*. — Si acreditarmos que o nosso estudo de três meses de um homem capacitar-nos-á a aventurar uma razoável opinião precisa quanto à sua qualificação, devemos certamente dar importância ao que ele fez nos últimos vinte ou trinta anos. Qual é a sua ascendência racial? Que fizeram seus pais para ganharem a vida? À luz de que padrões sociais foi ele criado? Que vantagens tirou de suas oportunidades e que desvantagens venceu? Toda a sua vida passada será, provavelmente, o espelho de seu futuro e o conhecimento dela é vital para um julgamento correto dele.

d. — *Autobiografias*. — Durante a primeira semana do curso fazer cada candidato escrever uma autobiografia não menor de 500 palavras. Isto constitui uma preciosa verificação sobre os fatos obtidos, por entrevista, a respeito de cultura e ascendência.

a. — *Contatos pessoais freqüentes*. — Comer com os homens, confundir-se com eles no campo, falar-lhes francamente e encorajá-los a pedir auxílio, tanto em assuntos pessoais, como em militares.

f. — *Observação constante*. — Observar os homens no trabalho, no descanso e no recreio. Nunca deixar passar um dia sem registrar, por escrito, as impressões assim colhidas. Tentar evitar colorir o quadro de um dia com as impressões formadas nos dias antecedentes.

g. — *Opiniões dos outros*. — Cnts. de Pelotão e de Companhia devem estar alertas para cooperar uns com os outros na classificação dos estudantes da Companhia. Sempre que um Cmt. de Pelotão classificar um homem de outro Pelotão, que não o seu, deve dar ao Cmt. do Pelotão dêsse homem um eficiente relatório, sucinto, porém compreensivo, abrangendo as suas observações. Relatórios análogos devem ser obtidos de outros instrutores, quando possível.

h. — *Advertência*. — Há uma tendência natural, da parte da média dos Cnts. de Pelotões, em formular, no inicio de cada classe, certas conclusões positivas sobre os homens anotados e, daí até o dia da graduação, procurar inconscientemente todos os meios de agarrar-se a essa opinião. Ter extremo cuidado, em qualquer tempo, em assegurar, primeiro, um registro imparcial do homem e segundo, uma conclusão honesta baseada no registro; nunca um registro baseado sobre uma conclusão prematura.

(6) — *Formulários e seu uso*. — Um Cmt. de Pelotão deve ter bem presente, no espírito, os formulários com os quais trabalhará. Estes são uma parte das ferramentas do seu comércio e o seu uso conveniente exige compreensão.

a. — *Relatórios de eficiência*. — Utilizai estes à luz das qualidades de chefe relacionadas acima. Nunca um grau baixo sem justificá-lo, resumidamente, no lado reverso do relatório. Graus podem ser dados sobre qualquer um ou mais itens, e si nenhum é aplicável, copiai as vossas notas nos espaços apropriados.

Em qualquer caso, assegurai-vos anotar na tira de papel o que o homem estava fazendo, quando se lhe deu grau.

Lembrai-vos que "voz e comando" podem ser confundidos com "voz e Chefia", duas coisas completamente diferentes, cada uma recebendo o seu grau. Cada relatório, si possível, e certamente cada grupo de relatórios deve dizer qualquer coisa sobre o homem ao

qual vos referis. Estes relatórios serão uma base sólida para as classificações do Pelotão e da Companhia lá para o fim do curso.

b. — *Notas registradas.* — Um sistema de folhas soltas deve ser imaginado, por cada Cmt. de Pelotão, para ter um registro corrente de cada estudante no Pelotão.

Isto deve incluir, primeiramente, um *fundo* completo ou antecedentes, seguido imediatamente pela impressão inicial do Cmt. do Pelotão sobre o homem.

De quando em vez, como novas impressões surgem ou as velhas são alteradas, notas breves, porém comprehensivas, devem ser feitas. Sempre que escreverdes tais notas ou relatórios, lembrai-vos que, durante o curso, um novo Cmt. de Pelotão poderá encarregar-se de vosso Pelotão e ele poderá ser auxiliado ou prejudicado imensamente pela clareza ou obscuridade de vossos registros.

c. — *Registro de serviços e registros de transgressões.* — O mecanismos destes registros é simples, porém é importante que sejam conservados em dia e precisos. Formam outra parte do quadro final do candidato.

d. — *Fichas de Informação.* — Estas fichas serão estabelecidas pelo oficial encarregado do preenchimento de formalidades, porém devem ser completadas e verificadas, para cada homem, pelo seu Cmt. de Pelotão. As pertencentes a cada Pelotão devem ser grupadas e na ordem na qual os homens são classificados, de vez em quando.

e. — *Classificação dos camaradas.* — Duas vezes durante o curso, no fim das 5.^a e 9.^a semanas, exige-se de cada candidato preencher e apresentar, sobre uma fórmula dada, uma classificação raciocinada dos homens de sua secção do quartelamento. Essas classificações estarão à disposição do Cmt. do Pelotão. Também o Cmt. de Companhia pode pedir ao Cmt. de Pelotão para observar certos homens mais intimamente, como resultado delas.

As seguintes sugestões são apresentadas para auxiliar a fazer-se o mais completo e correto uso das classificações:

(1) — A despeito de quanto os homens são advertidos disso, tais classificações redundam, provavelmente, em grande parte, em contestações de popularidade.

Insignificantes "gosto" ou "não gosto" muitas vezes surgem sob a aparência de crítica injusta. Não é incomum um homem ser classificado muito baixo por causa de uma simples falta.

(2) — Convivência com um homem aumenta a familiaridade com ele e falhas de caráter, de outra sorte não aparentes, podem patentear-se nas folhas de classificação de sua secção. Quando isso acontece, di-

versos dos mais competentes candidatos podem ser entrevistados individualmente, em confiança, quanto à base de tal classificação.

(3) — Procurai assinalar as razões que sustentam largas diferenças entre as classificações dos camaradas e as vossas próprias, porém nunca mudeis as vossas simplesmente para aproximiá-las.

f. — *Preparação e Objetivo da "Ficha C".* — Este assunto é discutido em detalhe no Apêndice B.

(7) — *Modelos e métodos de classificação.*

a. — No fim da primeira semana, cada Cmt. de Pelotão é chamado a escolher os homens que, então, sente serem os melhores cinco e os piores cinco de seu Pelotão.

No fim da segunda semana, escolhe os melhores dez e os piores dez; na terceira semana, os melhores quinze e os piores quinze; na quarta, os melhores vinte e os piores vinte.

No fim da quinta semana todo o Pelotão é classificado em ordem numérica de mérito, avaliado de 1 a 50. Essas classificações devem ser todas feitas, estritamente, sobre a base de qualidades de chefe demonstradas.

Estas classificações podem ser feitas dividindo, primeiro, os homens do Pelotão em três classes numéricamente iguais (superior, média e inferior), seguidas por comparação individual. Faz-se verificações freqüentes; por exemplo, compare o número cinco com o número um, e o número vinte e sete com o número trinta e cinco e assim por diante. Um homem que é classificado número um, na primeira semana, pode ser classificado, na segunda, muito mais baixo e vice-versa. De semana em semana, cada homem deve ser classificado, por comparação, com os seus colegas e nunca por comparação com as suas classificações anteriores.

Deve-se ter sempre em mente que os candidatos não estão competindo uns contra os outros. Todos podem ser comissionados ou todos podem fracassar.

Cada candidato está se esforçando sómente para alcançar os padrões atinentes à chefia do combate.

b. — Estas perguntas são exemplos do que deve ser considerado, ao se fazer classificações. Durante o tempo em que o candidato está na escola demonstrou definidas qualidades de chefe? Se é acidental o fato do candidato ser fraco em dar comandos, pois isso é sómente uma fase do curso, a pergunta importante a fazer é: quais são as suas potencialidades como chefe? Isto é especialmente verda-

deiro em relação à candidatos com pouco serviço militar. A aparência e modos potenciais do oficial são de molde a favorecê-lo na conquista do respeito e da confiança de seus homens? Possui senso de responsabilidade? Coragem física e moral? É justo, direito e humano? Tem senso do humor? Possui tato e franqueza? Tem aparência suja ou grosseira? Ideia quanto aos modos e linguagem? É controlado, natural e sincero? É leal, tanto para os superiores, como para os subordinados? É leal, tanto para os superiores como para os subordinados? É rápido em reconhecer mérito em outros e em dar crédito onde crédito é devido? Possui um senso dominante do dever?

c. — É evidentemente impossível reduzir os elementos da natureza e caráter humanos a certezas matemáticas. Por isso nenhuma medida pode ser estabelecida pela qual o candidato a oficial possa ser medido quanto às qualidades.

O objetivo da escola é fornecer condutores de combate. Algum sistema deve ser concebido no espírito de cada Cmt. de Pelotão, pelo qual possa fixar um padrão geral *base para passar*.

"Confiarieis ao candidato conduzir vosso irmão ou vosso filho ao combate e si vos fosse, como oficial, dada uma missão para executar em combate, gostarieis de confiar todos os homens de um dos vossos Pelotões a él?" Acredita-se que tôdas essas perguntas, respondidas honestamente, levarão mais perto ao estabelecimento de um verdadeiro padrão do que o poderia, jamais, qualquer tentativa de cálculo matemático.

Assegurai-vos o considerar a habilidade potencial de cada homem, conjugada com a sua capacidade demonstrada para melhorar.

d. — A experiência demonstrou que o primeiro homem de cada Companhia se sobresairá cedo. Os piores aparecerão com igual rapidez. Estes são os casos evidentes.

Porém, o primeiro problema surgirá com os que estão nas orlas desses extremos; aqueles cujas fraquezas em instrução, fundo, qualidades essenciais particulares, caráter, etc., são visíveis somente entre relâmpagos.

Estes são os homens cujo rastro deve ser achado tão cedo quanto possível e submetidos a intenso exame.

Dai-lhes tôdas as oportunidades para se desenvolverem e quando a conclusão do curso se aproximar, ponde os seus registros contra a lista de qualidades essenciais e considerai os resultados com cuidado.

O Exército necessita de oficiais para o combate. Como a opõe-se a isto, as vidas de cincoenta homens podem estar em risco. Resolvi as dúvidas finais, sempre, em favor desses cincoenta homens em combate.

(8) — *Instrução.*

a. — Os deveres de instrução dos Cmts. de Pelotão podem ser classificados como diretores e indiretos.

Os diretos incluem exercícios de ordem unida, instrução física, instrução de voz, etc. Desde que estas disciplinas recaem diretamente sobre os ombros do Cmt. de Pelotão, tem ele uma tendência natural em classificar os candidatos, pondo-lhes grande importância na execução destas matérias. Cuidado constante deve ser exercido para evitar que a classificação final seja só baseada sobre êstes assuntos. Eles são somente uma pequena parte de um extenso curso e *esta não é uma escola para instruir sargentos monitores.*

b. — *Exemplo.* — A fase indireta de ensinar é de importância vital. Cada Cmt. de Pelotão deve ser exemplo constante para os seus homens do que ele almeja encontrar neles.

c. — *Emulação.* — Em tôdas as classes aparecerão candidatos que, devido à sua falta de instrução básica, fundo educacional, etc., são sujeitos a azares mentais terríveis. Um Cmt. de Pelotão deve ser capaz de tirar a melhor de seus homens. Uma palavra de encorajamento dita judiciosamente a êstes homens, cedo, no curso, pode ajudá-los imensamente.

d. *Resumo.* — Uma palavra final para o Cmt. de Pelotão: estudei os vossos homens, conheci e compreendei cada um tão inteiramente quanto possível.

Instrui-os e auxiliai-os até ao máximo de vossa competência, em qualquer tempo. Julgai-os com completa correção em relação a êles mesmos e aos que possam comandar em combate. Si já conhecis e compreendeis a natureza humana, usai êsses conhecimentos.

Se não, trabalhai continuamente para melhor qualificar-vos a executar os deveres vitalmente importantes para os quais fostes especialmente escolhido.

O vosso trabalho é um dos maiores na Escola de Infantaria.

(9) — *Comandantes de Companhia e de escalões superiores.*

a. — Como foi observado, o homem chave da Escola de Infantaria, para candidatos oficiais, é o Cmt. de Pelotão. A existência de comando superior é somente justificada, até aqui, como para auxiliar e coordenar o trabalho destes homens chave. Pondo de lado a administração, a cadeia de supervisionamento pode ser considerada como indo do Cmt. de Pelotão chave, através do Cmt. de Cia. e de Btl. até o Diretor dos Candidatos a Oficiais. A seguinte observação aplica-se a cada élo naquela cadeia.

b. — Devido à constante expansão e freqüentes mudanças de pessoal, é imperativo que padrões ou modelos governando a seleção sejam mantidos num nível uniforme por toda a escola. Esta é a função vital do comando mais alto.

c. — Há duas exigências básicas que todos os oficiais, na cadeia do comando, acima do Cmt. de Pelotão, devem cumprir. Primeiro, devem ter uma compreensão completa e clara dos problemas e deveres de um Cmt. de Pelotão. Um Cmt. de Pelotão pode não ter a presente habilidade para exercer comando mais alto, porém nenhum Cmt. mais alto pode ser classificado como tal, a menos que tenha competência para comandar um Pelotão.

Segundo, tanto quanto são capazes, devem "conhecer" pessoalmente os indivíduos candidatos, em número suficiente para capacitarlos inteligentemente a verificar o julgamento, por seus oficiais subordinados, de seus homens.

d. — De vez em quando pode acontecer que a "média" dos candidatos seja de qualidade mais pobre do que a de seus predecessores. Lembrai-vos que o padrão para passar, como chefe, deve ser conservado constante.

Na eventualidade de ser necessário abaixá-lo, tal abaixamento deve ser feito por uma autoridade não menos importante do que a congregação da Escola.

Quando em dúvida, convém levantá-lo, em vez de abaixá-lo.

(10) — *Sumário.* — A parte vital que a Escola de Infantaria está desempenhando, na instrução da Infantaria, é evidente. O desfecho da guerra depende, em alto grau, do que está sendo feito na Escola de Infantaria. As responsabilidades e deveres dos Oficiais Instrutores não podem ser sub-estimados.

O vosso trabalho com candidatos a oficiais é provavelmente a mais importante designação que vos pudesse ser dada.

Cada um de vós foi especialmente escolhido para este dever. Todos os oficiais que tem ligação com os candidatos devem discernir inteiramente a grave responsabilidade que está em causa e a importância de um cumprimento exato de seus deveres para o esforço de guerra da Nação.

Por ordem do Cmt.:

THORNTON CHASE,

Coronel, A. G. D.,

A Ligação das Forças Terrestres e Aéreas

COMO PODE SER OBTIDA A MAIS ESTREITA COOPERAÇÃO ENTRE ESSAS FORÇAS

Maj. GERALDO DE MENEZES CORTES

SISTEMA DE CONTROLE DAS FORÇAS AÉREAS

I — GENERALIDADES

Para que se possa compreender a importância desse sistema basta verificar-se:

- Que ele permite tirar o máximo partido da *flexibilidade da organização* das forças aéreas na obtenção do *efeito de massa*;
- Que, sem ele, não é possível o *exercício contínuo do comando* das forças aéreas, no tempo e no espaço, podendo aplicá-las nos pontos e momentos desejados, no mais curto espaço de tempo.

Trata-se dum sistema orgânico das forças aéreas, que possibilita o desencadear de missões ofensivas com a maior presteza e cuja origem se encontra no desenvolvimento dum sistema de alerta da aviação, que correspondeu e corresponde à necessidade defensiva anti-aérea. A exceléncia da organização de tais sistemas — de tanto valor para os britânicos na célebre batalha da Inglaterra — baseia-se no aproveitamento inteligente da onda de rádio de muito alta frequência, que atravessa as diferentes e mais altas camadas atmosféricas sem refração nem reflexão e que, ao encontrar um corpo sólido, volta na mesma direção da emissão, em sentido inverso, isto é, no aperfeiçoamento dos aparelhos chamados pelos ingleses e norte-americanos de "RADAR". (1)

Só se pode convencer da possibilidade real do sistema no acionamento das ações ofensivas, em proveito de uma melhor cooperação das forças aéreas com as forças terrestres, conhecendo-se, embora superficialmente, o seu funcionamento.

(1) — Palavra formada como se segue:

RA — primeira sílaba da palavra "rádio";
D — inicial da palavra "detecting";
A — inicial de "and";
R — inicial de "ranging".

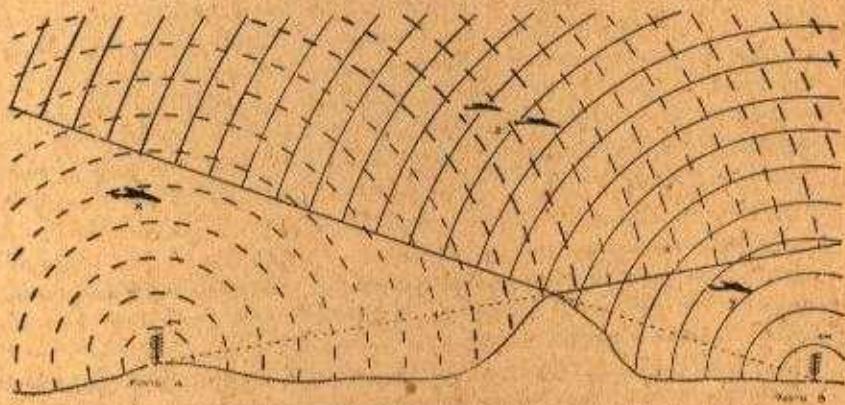
II — REGIMENTO DE CONTROLE TÁTICO

A unidade das forças aéreas que assegura o funcionamento do sistema de controle das forças aéreas (SCFA) é o Regimento de Controle Tático.

Esse tem uma organização variável, de acordo com as necessidades da zona que deve cobrir. Normalmente, dispõe de uma sub-unidade extra-numerária ou de comando do Regimento e um esquadrão de controle encarregado da montagem e do funcionamento do Centro Tático. Mas, a extensão da zona a cobrir, o alcance do material "radar" do básico esquadrão de controle, aliado à forma do terreno, podem exigir um ou mais esquadrões de controle auxiliares com uma organização especial, conforme o fim a que se destinem.

Com efeito: — O "radar", em franco e contínuo desenvolvimento, ainda não atingiu o ponto de saturação que assegura estabelecer-se tipos padrões com alcance e precisão de informações para tais aparelhos; evidentemente, é um dos fatores que mais concorre para a variedade de organização. (2)

— A Figura N.º 1 dá-nos uma idéia de como a configuração do terreno exige, pelos ângulos mortos que acarreta, a instalação de outros aparelhos radar, de tipo leve ou pesado, conforme a necessidade.



(2). — Apesar disso, os aparelhos existentes podem ser enfeixados nos seguintes tipos, chaves:

EW — "Early warning"

São aparelhos de longo alcance, por isso mesmo usados na defesa de aviões em voo, ainda longe do território amigo. Seu equipamento é pesado, necessita de apreciable tempo de instalação.

A Figura N.º 2 indica uma possível organização esquemática dum tal Regimento.



III — SERVIÇO DE ALERTA DA AVIAÇÃO

O Serviço de alerta da aviação corresponde à necessidade das operações de defesa anti-aérea. Antigamente, esse serviço baseava-se numa rede de observadores terrestres, hoje ainda aplicáveis quer na fase inicial das cabeças de praia, quer suplementando a rede de aparelhos "radar". Mas, o que não resta dúvida é que o desenvolvimento do equipamento eletrônico, ao mesmo tempo que economizou, por desnecessários, inúmeros postos de observação terrestre, também aumentou extraordinariamente as possibilidades de captar e localizar a presença de aviões muito longe das nossas posições. O alcance e a precisão das informações serão sempre função de aperfeiçoamento do equipamento "radar", os quais tendem a aumentar, mas, para que tenhamos uma idéia das possibilidades atuais, basta dizer-se que, usando os atuais aparelhos americanos, um Regimento de Controle Tático é capaz de assegurar um serviço de alerta de aviação numa zona da ordem de 160 km. de largura por outro tanto de profundidade.

lação e a necessidade de proteção normalmente conduz à colocação mais longe da linha de frente do que os tipos leves.

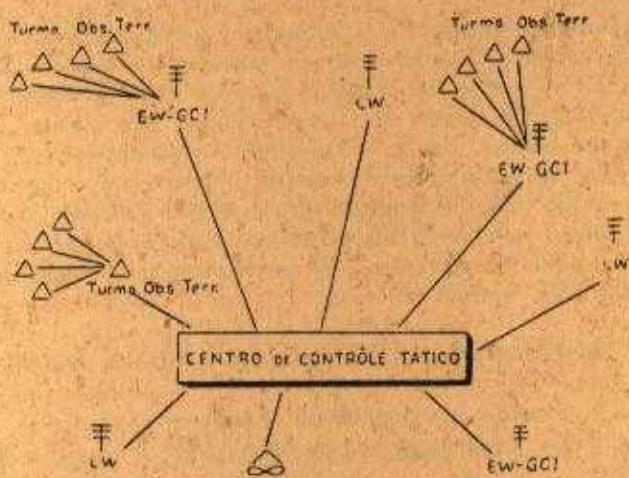
LW — "Light warning"

São aparelhos mais móveis, rapidamente instalados e tendo menor alcance que anteriores. São justamente usados para suplementar os EW, quer cobrindo os ângulos mortos da respectiva rede, quer substituindo-os durante o respectivo período de manutenção. Requerendo seu equipamento, menos proteção que os EW, geralmente é encontrado em posições mais próximas da frente ou nos flancos, além dos localizados no interior do território amigo, para fins de controle de tráfego aéreo.

MEW — "Micro-wave early warning"

São aparelhos pesados de muito longo alcance.

A Figura N.º 3 apresenta um serviço de alerta de aviação com seus elementos essenciais. Todas as estações de "radar", constantes da figura, estão informando diretamente para o Centro de Controle Tático. Os postos de observação terrestre tanto podem informar diretamente para o Centro de Controle como para um posto de "radar", ao qual compete retransmitir àquele centro os dados captados.



Uma íntima ligação e coordenação e a troca de informações de alerta entre os serviços de alerta da aviação do Comando aéreo tático e de informações da Artilharia Anti-aérea do Exército são essenciais para a execução eficaz da defesa anti-aérea da zona de combate.

Trata-se no Centro de Controle de alertar os meios ativos da defesa anti-aérea, entre os quais encontramos, com especial destaque, o que nos interessa no estudo que estamos fazendo — a aviação de caça — e acioná-los em tempo. Para isto: é necessário descobrir os vôos adversos, asinalá-los e acompanhá-los, no tempo e no espaço, para tomar as decisões adequadas. Uma vez decidida uma missão de interceptação o oficial controlador aciona imediatamente a aviação de caça das unidades para tal fim colocadas à disposição do centro de controle tático.

A experiência da guerra e o aperfeiçoamento dos meios materiais do "radar" evidenciaram, progressivamente, aos aliados, as possibilidades e vantagens de ampliar-se esse sistema de objetivo defensivo, de modo que um mesmo sistema pudesse vir a controlar a aviação não só nas missões defensivas mas também nas ofensivas.

IV — MODIFICAÇÕES IMPOSTAS NO SISTEMA PARA O CONTROLE DE MISSÕES OFENSIVAS

A necessidade de cobrirem-se ângulos mortos e toda a zona de combate com uma rede de alerta, por vezes, conduz-nos à instalação avançada de determinados postos de "radar". Mas, como a Figura N.º 3 esclarece, todos os postos "radar" informam para o mesmo Centro de Controle.

O simples fato de passar-se a controlar a aviação, não só nas missões defensivas como nas ofensivas, vem aumentar de muito o trabalho do Centro de Controle, e, em situações ativas, o grande número de saídas impossibilitará o Centro de Controle Tático de controlar sózinho um tráfego tão intenso. D onde ser necessário descentralizar tal controle, abrindo-se Postos Diretores Avançados, estabelecidos com vantagem mais próximos da linha de frente (altura de Q.G. de Corpo de Exército como veremos adiante). Tais postos serão verdadeiros centros de controle secundário, que controlam as missões que lhe tenham sido afetas pelo centro de controle tático.

V — SISTEMA DE CONTROLE DAS FORÇAS AÉREAS

A/ — A estrutura esquemática do sistema:—

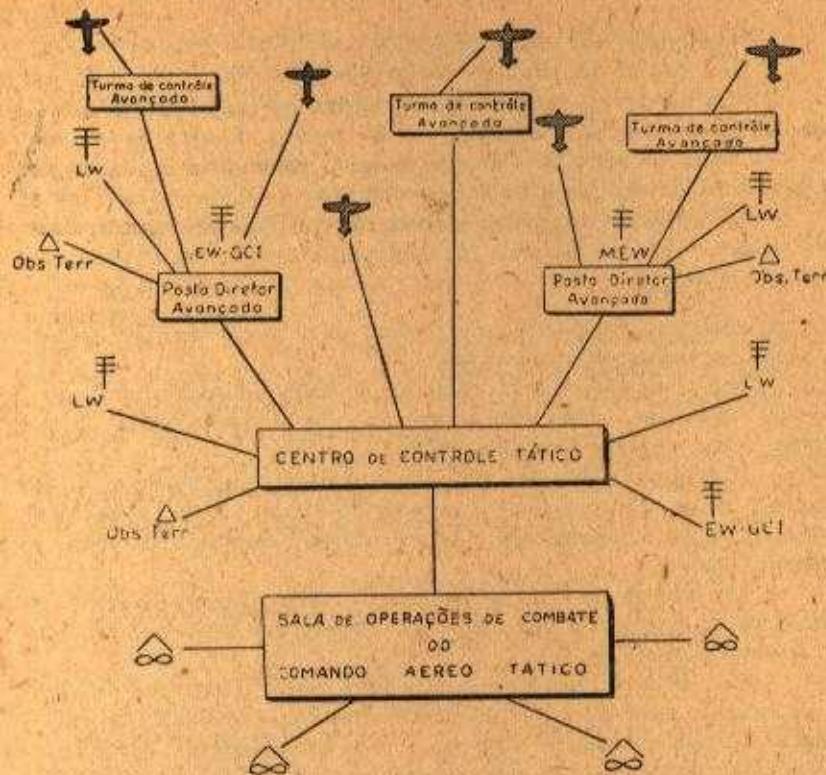
A Figura N.º 4 apresenta, esquematicamente, o *Sistema de Controle das Forças Aéreas*, no qual sobressaem os seguintes órgãos: o Centro de Controle Tático, o Posto Diretor Avançado e a Turma de Controle Avançado.

B/ — O Centro de Controle Tático —

1) — Definição —

O Centro de Controle Tático é o centro nevrálgico, o ponto vital do controle contínuo da aviação, no tempo e no espaço, e das atividades de alerta dum Comando Aéreo Tático. Sendo a cabeça do sistema que possibilita a efetiva ação de comando das forças aéreas, podemos afirmar que sem élé não é possível tirar-se partido da flexibilidade de organização das forças aéreas para empregá-las em massa, em pontos e ocasiões desejadas, com a necessária oportunidade.

O Centro colhe as informações sobre todas as operações aéreas na zona de ação do Comando Aéreo Tático, encaminha tais informações à sala de operações de combate para as decisões de comando, mantém-se em ligação com os campos de aviação do Comando Aéreo Tático, comunica-se com os aviões amigos em voo e dirige o funcionamento de todo o sistema acionando os Postos diretores avançados, as turmas de controle avançado, as estações de radar, as turmas de observação terrestres e outros elementos do Regimento de Controle Tático.



2) — Localização —

Concluem-se da própria definição supra a necessidade e as vantagens de justapôr-se o Centro de Controle Tático à Sala de Operações de Combate do Comando Aéreo Tático, ou pelo menos, de bem ligá-los por meio de seguras linhas telefônicas.

3) — Composição —

a/ — Material —

O material do centro de controle tático pode ser assim sintetizado:

— Pranchetas filtrante e de operações isoladas ou conjugadas numa única. Aquelas são necessárias quando haja mais de 10 "radar" ou turmas de observadores, informando diretamente para o centro. Entretanto, quando Postos Diretores Avançados são empregados, diminui a necessidade de uma prancheta filtrante isolada, devido à redução das linhas de informações.

- Um quadro do estado atmosférico.
- Um quadro da situação dos aviões.
- Um quadro do tempo sobre os objetivos, mostrando as missões preplanejadas, com seus números.
- Carta da situação terrestre amiga e inimiga, mantida em dia com a linha de segurança de bombardeio. (3)
- Os meios de transmissões necessárias às ligações, compreendendo telefone e diversos tipos de rádio-telegrafia e rádio-fonia.

b/ — Pessoal —

- É variável a composição do pessoal dum centro de controle tático, mas, normalmente, compreende:

— Um controlador-chefe, com um ou mais assistentes, variando o número destes de acordo com a extensão da atividade aérea. Aquelle dirige o centro e estes últimos controlam a aviação.

— Um oficial filtrante, que é responsável pela coordenação das unidades radar. Ele distribui os setores de busca, escala as horas de saída do ar para manutenção e supervisiona a operação de todas as estações "radar".

— Um oficial de ligação anti-aérea, que representa a artilharia anti-aérea do Exército e que efetua as ligações que interessam a todos os assuntos anti-aéreos.

— Um oficial da ligação terrestre-aérea que é encarregado da carta da situação terrestre e que mantém contacto com o Centro de Informações Terrestre Aérea do Exército e com os oficiais da ligação terrestre aérea destacados nos diferentes campos de aviação do Comando Aéreo Tático.

— Pessoal auxiliar, constituindo turmas de controle, filtrante, de registro e do serviço de transmissões necessário ao funcionamento do centro de controle.

— Pessoal do destacamento de escuta rádio.

— Se o centro de controle não for localizado justaposto à sala de operações de combate Aéreo Tático, um assistente A-3 (adjunto de 3a. Secção) e um assistente A-2 (adjunto de 2a. Secção) do Q.G. deste devem ser para ele destacados e com suficiente autoridade para agir em nome de seu^o Chefes de Secção.

4) — Funções —

São as seguintes as funções dum centro de controle tático:

— Acionar a defesa de caça na zona de ação do Comando aéreo tático. Para isto, unidades de caça são atribuídas ao centro de controle.

(3) — Linha a partir da qual a aviação tem liberdade de bombardear, cujo estabelecimento impede que a aviação atire sobre tropas amigas terrestres.

— Controlar a aviação nas missões ofensivas como fôr decidido pelo Q.G. do Comando Aéreo Tático. Nessa função pode:

- Alertar aviões amigos de vôos inimigos em sua vizinhança.
- Dirigir aviões amigos sobre a região do objetivo a bater.
- Dirigir aviões amigos sobre alvos secundários.
- Dirigir aviões amigos para os postos diretores avançados ou para as turmas de controle avançado, os quais passarão a controlá-los na execução das diferentes missões.

— Mudar a rota de aviões amigos para evitar intercepção ou região de fogo anti-aéreo.

— Ordenar o regresso à base, cancelando missões depois de decolagem, quando assim fôr decidido pela sala de operações de combate.

— Auxiliar avião perdido ou avariado, dirigindo-o quer para sua base, quer para o mais próximo campo de aviação amigo.

— Coordenar o controle da aviação entre o centro de controle tático, os postos diretores avançados e as turmas de controle avançado.

— Assegurar a alerta de todos os interessados a respeito de iminente ataque aéreo.

— Coordenar com as unidades de artilharia anti-aérea a defesa aérea ativa da zona de ação.

— Coordenar o sistema com órgãos de busca aéreos e navais e com centros de controle tático vizinhos.

5) — **Emprego** —
a) — **Generalidades** —

O centro de controle tático é responsável pela direção da defesa de caça ativa da zona de ação do Comando aéreo tático e, normalmente, controla tôda as missões de intercepção. Também auxilia no "rendez-vous" aéreo de caça e bombardeiros, fornece serviço de radiogoniometria para aviões perdidos ou avariados, e proporciona informação a tôda aviação amiga dentro de sua zona de ação. **TENDO EM VISTA O CONTROLE DAS MISSÕES OFENSIVAS, O EMPRÉGO DOS POSTOS DIRETORES AVANÇADOS E DAS TURMAS DE CONTROLE AVANÇADO TEM DIMINUIDO, CONSIDERAVELMENTE, o tráfego sobrecurreado do centro de controle.**

O controle da aviação em missões ofensivas, requerendo sómente **DIREÇÃO GERAL** é, normalmente, retido pelo centro de controle, enquanto que as missões que requerem controle mais preciso de posições mais próximas da frente são delegadas aos postos diretores avançados ou às turmas de controle avançado. Em tais casos, o centro do controle pode dirigir aviões pelo próprio azimuth para aqueles órgãos, que passam a exercer o controle dos aviões para a missão determinada.

Pelos meios de transmissões disponíveis, sejam telefônicos, telegráficos ou sem fio, o centro de controle tático mantém os postos dire-

tores avançados informados de todas as operações aéreas na zona de ação e orienta-os a respeito das respectivas missões. Íntima coordenação é mantida entre o centro de controle e os postos diretores avançados, durante todo tempo.

b/ Missões de interceptação.

A informação de atividade aérea recebida de postos informantes é registada sobre a prancheta de operações do centro de controle e forma a base da ação defensiva, se qualquer voo for identificado como hostil. Quando for aconselhável realizar uma interceptação, o controlador-chefe aciona, rapidamente, os caças das unidades postas à disposição do centro de controle para as operações aéreas defensivas. O controle da formação aérea encarregada da missão é, então, exercido pelo centro de controle, até que a interceptação esteja completada.

c/ — Missões preplanejadas —

O controlador-chefe deve comparecer às conferências de planejamento realizadas conjuntamente pelos Estados Maiores do Exército e do Comando Aéreo Tático. Com a informação obtida dessa forma e com a ordem de operações recebidas, diariamente, da sala de operações de combate, pode formular seus planos para controlar as missões nas horas previstas. Utilizando os dados constantes das ordens diárias de operações, todas as missões preplanejadas são carregadas sobre o quadro do tempo sobre os objetivos. O centro de controle é mantido informado pela sala de operações de combate quanto à situação de todas as missões, no que diz respeito à hora de decolagem, aos objetivos, às rotas, etc. Este fluxo contínuo de informações é essencial para a identificação dos voos e para auxiliar as formações aéreas a alcançar seus objetivos.

Quando um voo é alcado o avião chama pelo rádio o centro de controle tático, dando-lhe o número da missão. Com tal referência, identificam missão e objetivo, mediante consulta ao quadro de tempo sobre objetivos ou à ordem de operações. O Centro de controle pode reter o controle de uma particular missão ou pode delegá-lo a um diretor avançado ou a uma turma de controle avançado, dependendo do tipo da missão e da localização do objetivo. Mesmo quando o controle é delegado a um órgão avançado, o centro de controle mantém contacto com esse órgão e pode retomar o controle a qualquer momento.

d/ — Missões a pedido —

O centro de controle tático recebe informações de combate dos órgãos avançados e dos aviões sobre missões de ataques ou de reconhecimento. Estas informações são enviadas imediatamente para a sala de operações de combate, onde as decisões do comando são tomadas em face de situações que indiquem pronta intervenção aérea e expedem-se ordens para que as unidades de aviação executem as missões. Os pedidos de

missões aéreas pelas forças terrestres também são decididas, em última análise, na sala de operações de combate de onde emanam as ordens correspondentes. As missões a pedido, originem-se daquela ou dessa forma, são informadas ao centro de controle pelo Comando Aéreo Tático, fornecendo-se-lhe o tipo e número da missão, o objetivo, a rota, a hora de decolagem e qualquer outro dado interessante. Depois da decolagem, o controle dos aviões da missão é, normalmente, passado ao posto diretor avançado ou à turma de controle avançado mais próxima do objetivo.

e/ — Missões de reconhecimento —

Informação importante requerendo imediata atenção é prestada pelos pilotos de reconhecimentos ao centro de controle tático através do rádio. Este canal é dirigido pelo representante do A-2 do Comando Aéreo Tático. A informação dos pilotos de reconhecimento ou dos pilotos de outras missões é levada à pronta atenção do representante do A-3 do Comando Aéreo Tático. As informações importantes são retransmitidas imediatamente à sala de operações de combate, donde podem resultar em missões aéreas de ação imediata, isto é, em missões a pedido.

f/ — Horário de vôo —

Para fins de identificação, controle de aviões e informação de vôo, o centro de controle tático é dotado dos horários relativos a toda aviação amiga que deve operar ou passar através de sua zona de ação. Intima ligação deve ser mantida com os centros de controle e comandos aéreos táticos adjacentes para maior facilidade na identificação de vôos que passem de uma zona de responsabilidade para outra. Vôos que não sejam bem identificados podem ser investigados pelas unidades de caça distribuídas ao centro de controle tático para missões de intercepção.

g/ — Sistema de rádio-goniometria —

Há, normalmente, 3 ou 4 estações rádio-goniométricas na zona do comando aéreo tático para uma mesa de triangulação no centro de controle tático. Estas estações são empregadas para informar o azimuth do avião amigo. Com 2 ou mais estações informando sobre o mesmo avião, num mesmo instante, é possível localizar-se o dito, graças à interseção dos azimuths informados. Este sistema rádio-goniométrico permite valioso auxílio na identificação de vôos e localização de avião perdido ou avariado, assim como dirigi-lo para sua base ou para o campo de aviação amigo mais próximo.

h/ — Mobilidade —

O centro de controle é organizado de tal maneira que pode mover-se rapidamente sem interrupção do controle dos aviões e das atividades de alerta. Pelo uso de uma prancheta combinada filtrante e de operações, pessoal e equipamento ficam disponíveis para organizar-se uma pran-

cheta semelhante na nova posição, a qual assumirá em seguida o encargo do controle dos aviões.

O deslocamento do centro de controle pode, entretanto, ser executado de outra forma. Durante um período de calma nas operações, o controle total pode ser delegado a um posto diretor avançado, até que o centro de controle esteja pronto para operar na nova posição.

c/ — *Posto diretor avançado* —

1) — *Composição* —

Um posto diretor avançado é um centro de sub-controle e pode ser organizado em pequena ou grande escala, dependendo de sua missão e equipamento.

a/ — *Instalação EW — G.C.I.* —

Vários radars LW e turmas de observação terrestre podem ser grupados em torno de uma unidade informante pesada (EW — GCI), devendo para esta remeter informações. Tais informações são ai avaliadas e retransmitidas para o Centro de controle tático. Adicionando-se meios de transmissões terrestre-aéreo a uma estação EW — GCI, suas funções ficam ampliadas para abranger também controle de aviação. A estação torna-se, assim, um posto diretor avançado, que pode desempenhar as mesmas funções de controle de aviação do centro controle, embora numa menor escala.

b/ — *Instalação MLW ou "V-beam"* —

Um posto diretor avançado pode tornar-se uma grande instalação, capaz de controlar uma extensa quantidade de tráfego aéreo, quando um radar MEW ou "V-beam" for usado como o componente básico. Em algumas situações, estes tipo de posto diretor avançado pode ser a única instalação necessária para completo controle de aviação e operações de alerta, na zona do comando aéreo tático. Torna-se, então, com efeito, o centro de controle tático, porque nenhuma outra instalação central é necessária.

2) — *Localização* —

Postos diretores avançados são localizados em posições próximas da linha de frente, mas fora do alcance da artilharia inimiga, e provê o mais eficiente controle de aviões em ação no campo de batalha imediato. Os fatores decisivos na escolha de um sítio, entretanto, são os de terreno, transmissões terrestre-aérea e eficiência de operações aéreas. Quando os fatores acima estiverem satisfeitos num local próximo a um Q.G. de Corpo de Exército, considerável vantagem será alcançada.

3) — *Emprego* —

a/ — *Tipos de missões* —

As missões mais frequentemente delegadas aos postos diretores avançados são ataques sobre objetivo próximos das linhas de frente. A ade-

quada direção de tais ataques exigem precisa coordenação entre piloto e controlador, e requer que o controlador seja completamente familiarizado com a situação terrestre na zona de ação. Pelo emprego do rádio ou radar o controlador é capaz de dirigir o avião sobre o objetivo ou para próximo dele. Normalmente, um controlador pode também dirigir um aeroplano para um objetivo durante operações noturnas, em condições pobres de visibilidades ou acima de cerração. Dispondo-se do variado equipamento radar de que temos falado não é necessário que o piloto veja o objetivo, para que se obtenha resultado efetivo num bombardeio. Quando necessário, o controle de aviação pode ser mantido em todas as missões contra os objetivos nas zonas da retaguarda inimiga, tais como a interdição das linhas de comunicações. As possibilidades e o tipo do equipamento dos postos diretores avançados devem ser cuidadosamente considerados no preplanejamento das missões.

b/ — Registo de informação —

O posto diretor avançado é, normalmente, equipado com uma prancheta vertical de operações, sobre a qual é registada informação recebida de sua própria estação, de outras estações radar informantes e de observadores terrestres. A prancheta vertical é usada para possibilitar um controlador possuir um retrato completo da atividade aérea na zona de ação e acompanhar um determinado voo para assegurar adequada informação ao centro de controle tático.

c/ — Operações MEW ou "V-beam" —

Se um posto diretor avançado é equipado com um MEW ou "V-beam" a necessidade de outros postos diretores avançados é consideravelmente diminuída, porque sua instalação pode manejear a maior parte de tráfego aéreo normal de um comando aéreo tático. A necessidade de postos diretores avançados adicionais dependerá do volume de atividade aérea e das limitações da organização MEW. Radars MEW — GCI e outros equipamentos, entretanto, são necessários num regimento de controle tático para as situações tais como movimento rápido de forças terrestres, invasão de ilhas e operações de desembarque. Equipamento mais leve também será necessário para estações auxiliares, quando o MEW estiver fora de emprego ou em deslocamento.

O rendimento de um radar MEW ou "V-beam" permite o emprego de 8 a 10 controladores, cada um trabalhando com uma determinada missão aérea. Um quadro vertical de registo é colocado de forma a ser visível por todos os controladores. Um controlador-chefe supervisiona todas as operações e distribui as missões aos assistentes que lhe foram postos à disposição pelo centro de controle tático. A experiência tem indicado, pelo grande rendimento de controle que obtém o radar MEW, que seria vantajoso, em algumas situações, localizar o centro de controle tático numa destas instalações.

D/ — *Turma de controle avançado* —

1) — Composição —

Uma turma de controle avançado é composta de um controlador avançado e 3 soldados, normalmente, subordinada aos postos diretores avançados. O equipamento consiste de rádio VHF (de muito alta frequência) para comunicações terrestre-aérea, de rádio FM (de frequência modulada) para comunicação posto a posto e, se necessário, de rádio HF (de alta frequência) para comunicação quer aérea-terrestre, quer posto a posto. Todo o equipamento pode ser transportado num veículo e pode ser operado do veículo.

2) — Localização —

As turmas de controle avançado são altamente móveis e são capazes de funcionar mesmo durante os deslocamentos. Estas turmas estarão, normalmente, nas linhas de frente, próximo do escalão avançado do Q.G. das Divisões, até que missões lhes sejam atribuídas, quando avançarão para uma posição de onde, sempre que possível, possam ver a região do objetivo. Controladores avançados podem também atuar de bordo de um avião.

Não há rigidez de organização numérica ou de distribuição de turmas de controle avançado; suas operações com uma divisão, regimento, ou batalhão são função da necessidade de íntima cooperação aérea em suas respectivas frentes.

3) — Emprêgo —

A principal missão da turma de controle avançado é controlar aviões sobre objetivos próximos da linha de frente, correspondentes a saídas de cooperação terrestre-aérea. Este é um tipo de controle de avião muito diverso do exercido pelo centro de controle tático ou postos diretores avançados. Na decolagem, avião que deve trabalhar com controlador avançado informa ao centro de controle ou ao posto diretor avançado e é, então, dirigido para a vizinhança da turma de controle avançado. Ao mesmo tempo, o controlador avançado é instruído para tomá-lo sob controle, tão logo o contacto rádio possa ser feito. Por meio de rádio VHF e sem auxílio de radar, o controlador avançado procura colocar o avião sobre o objetivo utilizando meios visuais, como sejam a descrição do objetivo ao piloto amarrado a acidentes característicos ou assinalação luminosa ou fumígena obtida pelo tiro de armas terrestres. É mais eficiente o processo quando se vê o objetivo. Não é necessário para o controlador avançado permanecer com seu rádio na viatura auto, pois, normalmente remove este equipamento transportando-o, o que lhe possibilita utilizar a posição mais vantajosa, tal como um posto de observação ou, quando aconselhável, operar diretamente do posto de comando da força terrestre. Algumas situações favorecerão o emprêgo

de um controlador avançado, dirigindo o avião atacante de bordo de outro avião, geralmente, de um avião de ligação.

Aviação será distribuída ao controlador avançado e colocada sob alerta no ar para atacar objetivos de oportunidade, ou manter-se sob alerta em terra, esperando suas ordens se os objetivos não são imediatamente disponíveis.

Em situações tais como de um rápido avanço de força terrestre, o controlador avançado pode operar de um carro de combate ou de viatura blindada, próximo da frente de uma coluna blindada, de onde ele auxilia o avião ou patrulha aérea a proteger a coluna e a atacar objetivos que apresentem obstáculos ao avanço das unidades terrestres.

VI — CONCLUSÃO

Já dissemos que o SISTEMA DE CONTROLE DAS FÔRÇAS se baseia no "radar", que sua cabeça é o Centro de controle tático; já indicamos a composição desse centro e enumeramos suas funções; mas, talvez convenha finalizar pintando um quadro do funcionamento do sistema, para uma melhor idéia concreta de suas possibilidades:

— Aviões no ar, captados por órgãos de busca (radar ou observadores terrestres), são informados ao Centro de controle tático. Procede-se ao registo na prancheta filtrante. Horizontal ou vertical, essa prancheta é a carta da região. Sobre ela os aviões em vôo são registados, dando-se de cada formação — o número de aviões, a posição, direção de vôo, altitude e assinalando-se, logo que conhecido, se ela é amiga ou inimiga. Por um aperfeiçoamento de técnica de trabalho pode-se continuamente ter uma visão de conjunto da situação aérea, pois, um relógio — visto por todo o pessoal em função — possui setores com cores branca, vermelha e verde, de modo que os registos de vôos naqueles tempos sejam identificados pelas cores respectivas em que são registados.

Na prancheta de operações (que, como vimos, pode ser a mesma filtrante) calcula-se a velocidade duma formação aérea inimiga e tiram-se-lhe as possibilidades em função da direção de vôo registada, bem como regista-se a possibilidade duma formação aérea amiga (tipo de avião, altitude etc. sabidos em conjugação com o conhecimento do estado atmosférico) cuja situação se conhece e se acompanha no ar.

Naturalmente, que, na prancheta filtrante, o primeiro trabalho é o de cruzamento das informações, pois, obtém-se os registos, normalmente, pelo processo de intersecção. Para acompanhar aviões amigos o mais rápido e mais seguro é o emprêgo dos postos rádio-goniométricos de que falamos páginas atrás, os quais fornecem os azimutns, que relativos a um mesmo instante e transplantados para uma carta, onde já

se acham localizados os ditos postos informantes, dão-nos a posição da formação ou avião amigo. Todos os aviões amigos em voo estão sempre sob o controlo do Centro de controlo tático. O comandante de uma formação aérea em voo mantém-se em ligação rádio-fônica com um controlador do Centro, o qual lhe fornece o azimuth dirigindo-o no espaço e lhe alerta ou informa a respeito do que se está passando no céu, conhecido graças aos bisbilhoteiros "radar" ao serviço dum sistema inteligentemente montado e acionado.

— Uma formação aérea inimiga aproxima-se da frente de combate e entra na zona de ação dum Comando Aéreo Tático, seu Centro de controlo passa a acompanhar, de minuto a minuto, a respectiva progressão no espaço, a qual é retratada também progressiva e continuamente sobre as pranchetas filtrante e de operações. Alerta-se o que for necessário e aciona-se a defesa ativa julgada útil e adequada ao caso, por exemplo: unidades de caça são postas no ar, recebem a direção conveniente que é mudada de acordo com a atitude que a formação inimiga tomar no ar, orientação de voo que se pode prever, mas jamais adivinar sem as atuais possibilidades do sistema de que fomos falado.

A caça recebe indicação da altura em que deve vóar, o azimuth a seguir e, quando está próxima do encontro na sua missão de intercepção, recebe o último aviso e a ordem de agir, dada numa expressão de gíria como o "senta a púa" dos nossos pilotos do 1.º Grupo de Caça nos céus da Itália.

— Desencadeia-se uma missão ofensiva, mas já com uma ou mais formações amigas de combate no ar, é decidido na sala de operações de combate o cancelamento da missão em curso de execução em proveito de nova considerada urgente. Isto que outrora seria impossível, hoje é coisa simples. Porque? Porque se conhece sempre a situação dos nossos aviões no ar e com os chefes das respectivas formações mantemo-nos em constante comunicação, logo nada mais simples que dizer: cancelada a missão N.º X, azimuth passa a ser Y e, quando os aviões chegam sobre o novo objetivo só resta acioná-los sobre ele. Evidentemente, trata-se nesse caso de uma ação sobre zonas e que pode ser, até mesmo desencadeada à noite.

— O controlo do posto diretor avançado, embora só se fazendo sobre missões que lhe tenham sido afetas pelo centro de controlo tático, é análogo ao executado por este e não precisamos exemplificar.

— O que fazem as turmas de controlo avançado? Também é análogo? Não. Estas estão quase na mesma situação dos observadores avançados de artilharia, como estes vêm o objetivo, como estes estão em ligação com a arma que vai atirar, mas mais do que estes vêm a arma e acompanham-na com a vista durante a ação.

OFICIAL DE LIGAÇÃO DA FORÇA AÉREA

I — GENERALIDADES

Pilotos de valor são destacados como oficiais de ligação da força aérea junto aos Q.G. de Corpos de Exército e de Divisões, pelo Comando Aéreo Tático. Compete ao Comandante do Exército solicitar tais oficiais do Comando Aéreo Tático, sempre que a situação recomendar usá-los, bem como dispensá-los, quando as operações não mais requererem o serviço desses oficiais de ligação.

Como os oficiais de ligação da força aérea *não estão em situação de manterem-se, constantemente, ao par dos detalhes das operações aéreas que se desenrolam, sómente podem servir como conselheiros de Comandante da força terrestre sobre assuntos de ordem geral da força aérea, tal como, a operação do Comando da Fôrça Aérea Tática, e a adequabilidade de objetivos ao ataque pela aviação tática.*

II — ATRIBUIÇÕES

Compete aos oficiais de ligação da força aérea aconselhar os Comandantes das forças terrestres, junto aos quais fôr destacado, sobre os seguintes assuntos aéreos:

- A situação geral aérea na zona;
- Armamento, características e performance dos aviões;
- Valor e organização geral das fôrças aéreas amigas no Teatro;
- Normas de atuação do Comando Aéreo Tático.

III — CONCLUSÃO

Os oficiais de ligação da fôrça aérea não fazem parte nem do Sistema de Ligação Terrestre Aérea (de que falamos no artigo anterior), nem do Sistema de Controle da Fôrça Aérea, são destacados do Esquadrão de Comando e Exanumerário dum Comando Aéreo Tático para atuação junto aos C.Ex. e Divisões do Exército correspondente.

Estes oficiais são cuidadosamente escolhidos dentre os que tenham experiência de combate em aviação tática, e sómente os pilotos experimentados devem ser encarregados dessa missão de ligação. Além disso, devem ter experiência de serviço de estado maior aéreo e estar familiarizados com a tática, a técnica e o equipamento da fôrça aérea a que pertencem, para isto, compete ao Comandante do Comando Aéreo Tático providenciar instrução adicional necessária aos pilotos escolhidos, antes de torná-los oficiais de ligação.

Reflexões sobre o trabalho de um Estado Maior

Major JOSÉ H. GARCIA
Da E.A.O.

- 1 — Dois caminhos, mais ou menos nas mesmas condições, conduzem a uma mesma região: EU opino por um, o Chefe pelo outro — não há o que discutir: — siga-se o Chefe.
- 2 — Dois caminhos conduzem a uma mesma região: EU opino por um, o Chefe pelo outro; mas o MEU é melhor, o do Chefe tem que atravessar um arroio que está cheio... diga-se isto ao Chefe e se ele persistir, siga-se o Chefe (certamente ele não persistirá).
- 3 — Não se deve confundir:
 - conselheiro com
 - responsávelO Chefe é o responsável, todos os outros são conselheiros.
- 4 — Divergências entre dois membros de um E. Maior — o Chefe decide: não há mais divergências... TODOS trabalham no sentido da decisão do Chefe.
- 5 — Pode ter-se personalidade sem se ser teimoso. O teimoso nem sempre é leal nas suas opiniões; o seu EU atrapalha.
- 6 — É desleal aquele que concorda para agradar; desleal e perigoso.
- 7 — O Chefe também não deve ser teimoso.
- 8 — O amor próprio e a preocupação de SE salientar são dois cancos num E. Maior.
- 9 — Educação, respeito e disciplina são coisas muito necessárias num E. Maior.
- 10 — Num E. Maior ninguém deve dizer EU fiz: o comandante decidiu, o E.M. fez.
- 11 — São condenáveis as iniciais do autor em qualquer documento que for apresentado por um Chefe.
- 12 — E. Maior exige lealdade, abnegação, despreendimento.
- 13 — As influências pessoais são nocivas, desarticulam as máquinas. A influência da lógica é a única admissível num E. Maior. O indivíduo pesa pelo argumento.

- 14 — O Chefe que se deixa dominar por influências pessoais não é Chefe; não tem liberdade para decidir entre muitos qual o argumento mais lógico.
- 15 — Num E.M. não haver discussões; há opiniões que aparecem como meteoros num céu azul escuro. O Chefe decide, a responsabilidade sempre foi dos chefes.
- 16 — O individuo tem possibilidades de ação ou então não é um Chefe.
- 17 — Para ter possibilidades de ação num conjunto ou para aproveitar várias possibilidades de ação é preciso possuir-se um preparo profissional, treinamento ou senso, no mínimo, igual ao da maioria d'este conjunto.
- 18 — As escolas criam reflexos que dificilmente são abandonados na prática.
- 19 — Os homens acham que só se vive uns por cima dos outros, dai esta ânsia louca de "abafar", de dominar, de influir, o que não condiz com o trabalho de um E. Maior.
- 20 — Há auxiliares que procuram ler na fisionomia do Chefe, nas entrelínhas de sua exposição a sua decisão para, acenando com a cabeça, mostrar que esta é sua decisão, — "concordamos"....
- 21 — À medida que trabalhamos com E. Maior, mais convencemos das dificuldades que rodeiam a função de seu Chefe.
- 22 — E. Maior é trabalho de conjunto, é todo cooperação.
- 23 — O grau e a competição, generalizados em nossas escolas, são propícios à criação de "salientes"; os "salientes" são futuros Chefes, decidem e não cooperam.
- 24 — Todas nossas Escolas só pensam no Chefe o que é um erro.
- 25 — O hábito da cooperação é uma imperiosa necessidade à criar a desenvolver entre nossos quadros.
- 26 — Na Escola Militar deve começar este trabalho.
- 27 — COOPERAÇÃO! COOPERAÇÃO! COOPERAÇÃO..... nisto se baseia o rendimento de um Estado Maior.

* * * * *

**Casa Comercial
DE
IGNACIO STEFFENS**

Serro Largo - Mun. de São Luiz Gonzaga

* * * * *

A Ação do III/IIº R. I. em Montese

Capítulo HUGO DE ANDRADE ABREU

I — INTRODUÇÃO

Pretendemos fazer, neste artigo, um relato da atuação do Batalhão no Combate de Montese, dando uma idéia de sua contribuição para essa grande vitória das armas brasileiras. Não se trata aqui de citar nomes ou procurar ressaltar a ação pessoal de qualquer dos participantes dessa gigantesca luta, mas sim, mostrar aos camaradas do Exército como se desenrolou o combate, para dele tirarmos os ensinamentos de ordem moral e tática que nos pôde proporcionar essa ação do nosso valoroso REGIMENTO TIRADENTES.

Cumpre entretanto relembrar e é com imensa emoção que o fazemos, que o Terceiro Batalhão pagou pesado tributo pelo seu triunfo e foi com o sacrifício de muitas vidas preciosas e o sangue de numerosos feridos, que se construiu a sua magnífica atuação na epopeia de Montese. Antes pois de estudarmos como se desenvolveu a ação, elevemos bem alto o nosso pensamento em memória daqueles cujos corpos inanimados balizaram o nosso avanço e hoje descansam no panteão de nossa história, como artífices que foram da glória de nossa grande terra e do próprio futuro da humanidade.

Citarei um dos grandes heróis de Montese. Ele não foi maior nem menor do que os outros que com ele tombaram, pois nada pode existir mais alto que o sacrifício de todos eles; apenas, a beleza de seu gesto de moribundo, aliada à integridade moral de seu caráter de escol, é bem um símbolo da bravura sem par do heróico soldado do Brasil. Seu nome é:

FRANCISCO LUIZ ROBERTO BOENING

Com ânimo forte, impávido e sereno em meio ao tumulto do combate, o Sargento Roberto eletrizava seus homens com o exemplo de seu valor pessoal e o seu Grupo de Combate avançava resolutamente para assaltar as posições inimigas de "Paravento".... Foi então, que um tiro de fuzil o prostrou ao solo mortalmente ferido. Quando era conduzido para o Posto de Socorro do Batalhão, sentindo que as forças lhe abandonavam e a morte se avizinhava, ele teve ainda essas palavras que o agigantam e tornam simbólico o seu sacrifício: "eu sinto que não poderei mais lutar; diga aos camaradas que sigam e sejam felizes".

II — AS OPERAÇÕES

SITUAÇÃO GERAL

Após a ações preliminares da grande ofensiva da Primavera, de Fevereiro, em que as forças brasileiras tanto se distinguiram nos combates de Monte Castello, La Serra, Soprassasso e Castelnuevo, manti- nha-se o IV Corpo na defensiva, nos primeiros degraus das encostas Norte dos Apeninos, aguardando o momento de reiniciar o movimento para o Vale do Pô.

Fazendo parte do IV Corpo, as unidades da 1.^a Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira achavam-se enquadradas: a Leste, pela 10.^a Divisão de Montanha (americana) e a Oeste, pela 92.^a Divisão de Infantaria (americana). Pouco antes de iniciar-se a Grande Ofensiva, o dispositivo da Divisão era o seguinte:

- 1.^o Escalão — 11.^o R.I. a Oeste e 1.^o R.I. a Leste
- 2.^o Escalão — 6.^o R.I., em reserva.

A missão da 1.^a D.I.E. na ofensiva a ser desencadeada, consistia na cobertura do flanco Oeste da 10.^a Divisão de Montanha, a quem, juntamente com a 1.^a Divisão Blindada (americana), caberia o esforço principal de ruptura da frente defensiva do inimigo.

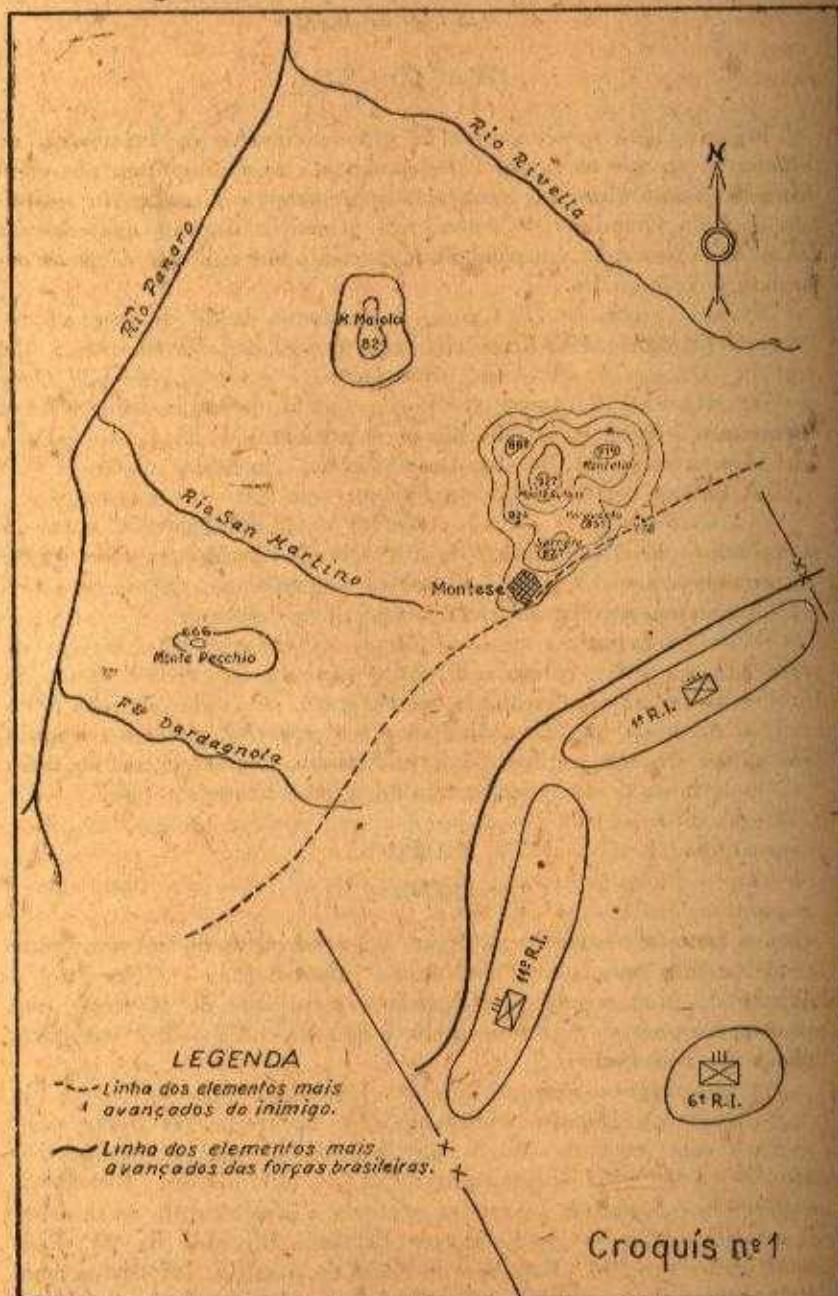
Desde os primeiros dias de Abril, intensificara-se o serviço de patrulhamento, que sondava o dispositivo inimigo em toda a frente da Divisão Brasileira e a Artilharia intensificava, dia a dia, os seus bombardeios sobre as posições inimigas e em especial, sobre o triângulo montanhoso Serreto — Montebufone-Montello, numa sistemática ação de "amolecimento" da resistência inimiga (ver Croquis n.^o 1).

INIMIGO

(ver croquis n.^o 1)

Das posições inimigas na frente da nossa Divisão, salientavam-se as do conjunto montanhoso Serreto — Montebufone — Montello, a Sudoeste do qual achava-se engastada a localidade de Montese; esse conjunto montanhoso constituía a chave de todo o dispositivo inimigo a Sudeste do Rio Panaro.

As informações sobre o inimigo fornecidas pela 2.^a Seção do Estado Maior da Divisão, indicavam que, no trecho da frente compreendida entre os cortes do S. Martino e do Rivella, o inimigo dispunha do 741.^o R.I., elementos do 114.^o Batalhão de Reconhecimento e outras forças de Infantaria e existia a possibilidade de se acharrem nas proximidades imediatas, um Batalhão Blindado da 29.^a Panzer Granadier e o 914.^o Batalhão de Peças de Assaltos. Informava mais aquele documento que, si a progressão à nossa direita não fosse tal que



forçasse o inimigo a um retraimento, seriam de se esperar fortes reações defensivas, pois tudo indicava que o inimigo procuraria manter, a todo o custo, a posse do triângulo Serreto — Montebufone — Montello.

Por outro lado, de acordo com as informações do oficial de minas do Regimento, as posições inimigas achavam-se cobertas por numerosos campos de minas anti-pessoal e anti-carro, que se espalhavam por toda a extensão do terreno, entre a base de partida e o primeiro objetivo do batalhão e mesmo no interior da posição inimiga; enquanto que as informações das tropas em contacto (II/1.^o R.I.) balizavam as primeiras posições inimigas segundo a linha representada no Croquis.

SITUAÇÃO PARTICULAR E MISSÃO DO BATALHÃO

O III/11.^o R.I., que há dias passara à situação de reserva do Regimento, recebe ordem de ataque no dia 11 e a 12 desloca-se para sua zona reunião, ficando articulado conforme se vê no Croquis n.^o 2.

A missão do Batalhão consistia essencialmente no seguinte:

1.^o — Realizar o ataque principal do R.I., segundo a direção Cota 355 — Cota 927, afim de conquistar os seguintes objetivos sucessivos ver croquis n.^o 2

— Serreto — Paravento

— Montebufone

— Cota 388 — Montello

O Batalhão seria coberto:

— A Oeste pelo I/11.^o R.I., que conquistaria Montese e as alturas a Noroeste da mesma, em intima ligação com o nosso Batalhão;

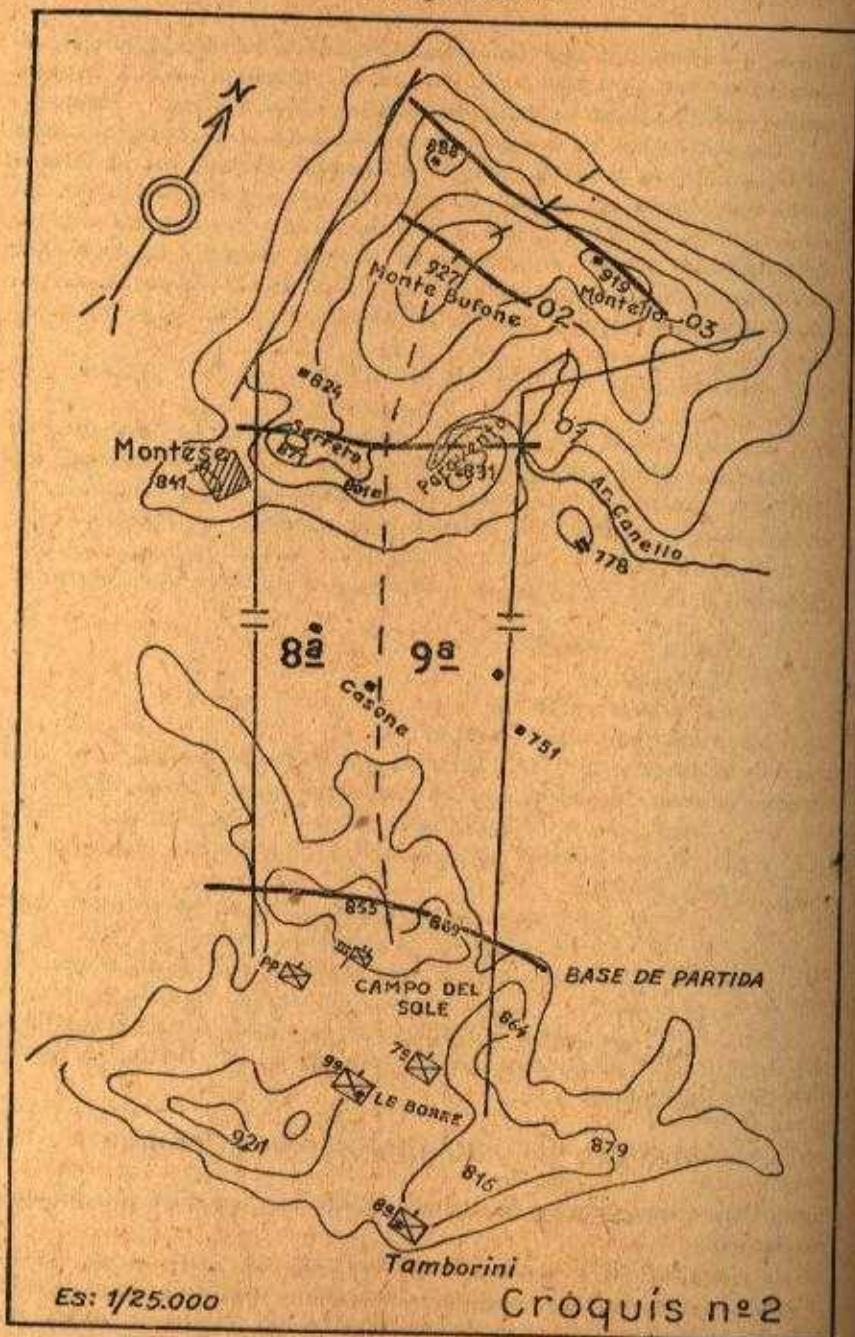
— a Leste pela 4.^o Companhia do 1.^o R.I., que ocuparia o Ponto 778 e as vertentes Sul do arroio Canello, também em intima ligação com o nosso Batalhão.

2.^o — Fazer preceder o ataque por uma "ação diversionária e de reconhecimento": ação agressiva de pequenas patrulhas que cerrariam o contacto na zona de ação dos batalhões, conquistando uma base de partida para o posterior ataque, ou mesmo, lançando-se sobre o objetivo, si, a repercussão do ataque à nossa direita fosse tal que fizesse desmoronar o dispositivo inimigo (ataque da 10.^o Divisão de Montanha à nossa direita).

DECISÃO DO COMANDANTE DO BATALHÃO

Para o cumprimento de sua missão, quais os meios de que dispunha o Major?

O III/11.^o R.I. havia sido recompletado em efetivo e seu comandante podia contar com os seguintes elementos: três companhias de fuzileiros, uma Companhia de petrechos pesados, um pelotão de canhões an-



ticarro, um pelotão de metralhadoras. 50 (constituído por duas seções, organizadas com as peças das companhias, sob o comando do tenente comandante do Pelotão de Canhões Anti-carro) e elementos de comando e serviços de sua Companhia de Comando. Além disso, tinha o Batalhão, à sua disposição, uma esquadra do Pelotão de Minas do Regimento, que reforçava os elementos de minas do seu Pelotão de Remuniciamento e Sapadores (orgânico da companhia de comando) e contraria, também, com o Terceiro Grupo de Obuzes 105 m/m em apoio direto, sem falar na Artilharia de Ação de Conjunto (dois grupos de obuzes 105 m/m, um grupo de obuzes 155 m/m e uma bateria de morteiros químicos), cuja massissas concentrações trariam decisivo apoio ao ataque, do qual o nosso Batalhão constituía o principal elemento. Para o apoio de sua progressão, poderia o Batalhão contar, ainda com o fogo dos petrechos pesados das tropas em contacto (II/I.º R.I.).

De posse dos elementos para sua decisão — MISSÃO, INIMIGO, TERRENO e MEIOS — aos quais já nos referimos atrás, podia o Major conceber a sua idéia de manobra e transmitir suas ordens aos elementos subordinados. Em síntese, foram as seguintes as decisões tomadas pelo Comandante do Batalhão (ver croquis n.º 2) : —

1.º — Cerrar o dispositivo sobre a base de partida na noite de 13 para 14 de Abril.

2.º — Fazer preceder o ataque por duas patrulhas de pelotão, lançadas pelas companhias de 1.º escalão, as quais deverião atingir, respectivamente, as regiões de Casone e Ponto 751, antes do clarear do dia e aí aguardar ordem para iniciar seus reconhecimentos.

3.º — Dispositivo de ataque: em primeiro escalão, a 8.º Companhia a Oeste e a 9.º Companhia a Leste e, em segundo escalão, a 7.º Companhia, como reserva.

4.º — Para o ataque ao primeiro objetivo, realizar o esforço principal por Oeste, sendo a 7.º Companhia, em consequência, orientada no eixo da 8.º

5.º — Base de fogos: localizada nas elevações ao Norte de Campo del Soles e constituída pelo Pelotão de Morteiros, Pelotão de Metralhadoras. 50 e Pelotão de Canhões Anti-carro (este com missão principal de atirar contra as posições de armas inimigas reveladas, visto como não era de se esperar a ação de carros de combate inimigo). Os dois pelotões de metralhadoras. 30 receberam missão de acompanhamento das companhias de fuzileiros de primeiro escalão, pois a distância a que se achava a base de fogos, não permitia a ação eficiente dessas metralhadoras sobre as resistências inimigas.

6.º — Logo após a conquista do primeiro objetivo, deslocar o Pelotão de Morteiro e uma seção de metralhadoras. 50 para a região de

Serreto-Paravento, de onde apoiariam o ataque aos segundo e terceiro objetivos.

7.º — Colocar os elementos de minas de que dispunham, à disposição das companhias de fuzileiros de primeiro escalão: à disposição da 9.ª Companhias, a esquadra do Pelotão de Minas do Regimento.

PRELIMINARES DA AÇÃO

À 04,30 (quatro e trinta), deslocaram-se as patrulhas das 8.ª e 9.ª Companhias para as suas posições iniciais, sem incidentes.

À 08,00 (oito) horas, a 10.ª Divisão de Montanha, após uma tremenda preparação pela Aviação e Artilharia e poderosamente apoiada por esses meios, lança-se sobre as posições alemãs à nossa direita, sem conseguir grandes resultados.

As 10,15 (dez e quinze), após uma intensa concentração de Artilharia sobre as posições inimigas, os nossos reconhecimentos lançam-se para a frente e atingem as regiões de casa a Noroeste de Casone e casa a Noroeste do Ponto 751, fortemente hostilizados pelas armas automáticas e morteiros alemães. A patrulha da 8.ª Companhia encontra em seu caminho um primeiro campo minado e tem diversos homens feridos.

CONQUISTA DO PRIMEIRO OBJETIVO

Nessa situação, recebe o Batalhão ordem para partir ao ataque às 13,15 (treze e quinze). As 13,00 (treze) horas desencadeia-se uma esmagadora preparação de Artilharia e, à hora marcada, as companhias de 1.º escalão lançam-se ao ataque (devido à existência de numerosos campos minados, essas companhias seguiam por pelotões sucessivos).

A esquerda, na frente da 8.ª Companhia, o inimigo apresenta fortes reações e esta, com muita dificuldade, consegue progredir um pouco, ficando afinal detida. À direita, porém, o pelotão mais avançado da 9.ª Companhia progride rapidamente sobre o seu objetivo e às 13,45 (treze e quarenta e cinco), atinge Paravento, enquanto o restante da Companhia cerrava sobre aquela elevação. Desde os primeiros momentos, o inimigo reage fanaticamente e sua Artilharia e Morteiros castigam com violência os atacantes.

Diante dos acontecimentos, a seguinte decisão é tomada pelo Major:

1.º — Dá ordem à 9.ª Companhia para que se lance para a esquerda e ocupe o restante do objetivo do Batalhão: Serreto;

2.º — Dá ordem à 7.ª Companhia para que se desloque no eixo da 9.ª, com o objetivo de alimentar a ação desta sobre o flanco de Serreto.

Às 15,30 (quinze e trinta), a 9.^a Companhia informa haver conquistado Serreto e estar mantendo firmemente as posições conquistadas embora tendo sofrido pesadas baixas na conquista dessa segunda posição.

A 7.^a Companhia, atravessando o tremendo bombardeio inimigo desencadeado, atinge a região de Serreto, onde substitue os elementos da 9.^a Companhia que a estavam ocupando.

A 8.^a Companhia, lutando valorosamente, cerra sobre Serreto, reduzindo as resistências inimigas que ainda resistiam em seu eixo de progressão e se instala nas encostas Sul desta elevação, conforme as ordens que recebera posteriormente.

Ao cair da noite, o dispositivo do Batalhão sobre o seu objetivo era o de duas companhias em primeiro escalão (7.^a e 9.^a) e uma em segundo (8.^a), conforme vemos no croquis n.^o 3. Então, recebe o Batalhão ordem para suspender o ataque e manter as posições conquistadas, até a manhã do dia seguinte quando as operações teriam prosseguimento. Durante toda a noite, o inimigo continuou bombardeando intensa e ininterruptamente a região de Serreto — Pravento e trabalharam sem descanso as mudas de padoleiros, para a evacuação do grande número de feridos de Batalhão.

Como resultado desta ação, sofrerão o batalhão pesadas perdas, porém um grande acervo vinha de adicionar aos seus gloriosos feitos: —

— Com a manobra realizada por intermédio da 9.^a Companhia, conseguira infiltrar-se pela retaguarda inimiga, capturando numerosos prisioneiros (85 homens), entre os quais o próprio comandante do batalhão inimigo que defendia Montese; somados os prisioneiros feitos pela 8.^a Companhia, atingia a mais de uma centena, o total de homens capturados pelo nosso Batalhão nesse jornada;

— Conseguira conquistar galhardamente o seu objetivo e cumprir, assim, a missão que lhe fora atribuída pelo Regimento, apesar da obstinada resistência do inimigo;

— Maugrado as perdas sofridas e estar sendo submetido a um bombardeio cuja intensidade ainda não fora observada em ações anteriores da nossa Fôrça Expedicionária, mantinha um moral elevadíssimo e conservara-se perfeitamente articulado durante o mais intenso da ação.

AS OPERAÇÕES NO DIA 15 DE ABRIL

Em vista de ter a 9.^a Companhia sofrido numerosas baixas no dia anterior, resolveu o Comandante do Batalhão mantê-la em reserva, prosseguindo no ataque com a 7.^a e a 8.^a companhias em primeiro escalão: 8.^a Companhia a Oeste e 7.^a a Leste.

Às 09,45 (nove e quarenta e cinco) inicia-se o ataque, após forte preparação de Artilharia. Logo após o desencadeamento, inicia o inimigo um tremendo bombardeio de artilharia de todos os calibres, sobre os atacantes e a base de partida. Para se ter uma idéia da intensidade da reação do inimigo, basta dizer que esta foi, talvez, a maior concentração de artilharia feita pelos alemães em toda a Campanha da Itália.

No entanto, a 7.^a Companhia já avançara audaciosamente e, apesar de sofrer numerosas baixas, atinge a região de Cota 927 com dois pelotões de fuzileiros e seu pelotão de petrechos. A 8.^a Companhia à esquerda, com grande dificuldade, consegue avançar alguns elementos (da ordem de um pelotão), que são repelidos e ela não consegue ultrapassar o Ponto 824 (*ver croquis n.^o 3*).

Cerca das 12,30 (doze e trinta), o Comandante do Batalhão determina que a 9.^a Companhia passe um pelotão à disposição da 7.^a. Este pelotão é enviado mas, em caminho, é dispersado pelo bombardeio inimigo, que deixara desacordado o seu tenente e não consegue atingir as posições da 7.^a Companhia, indo reunir-se aos elementos da 8.^a, no Ponto 824.

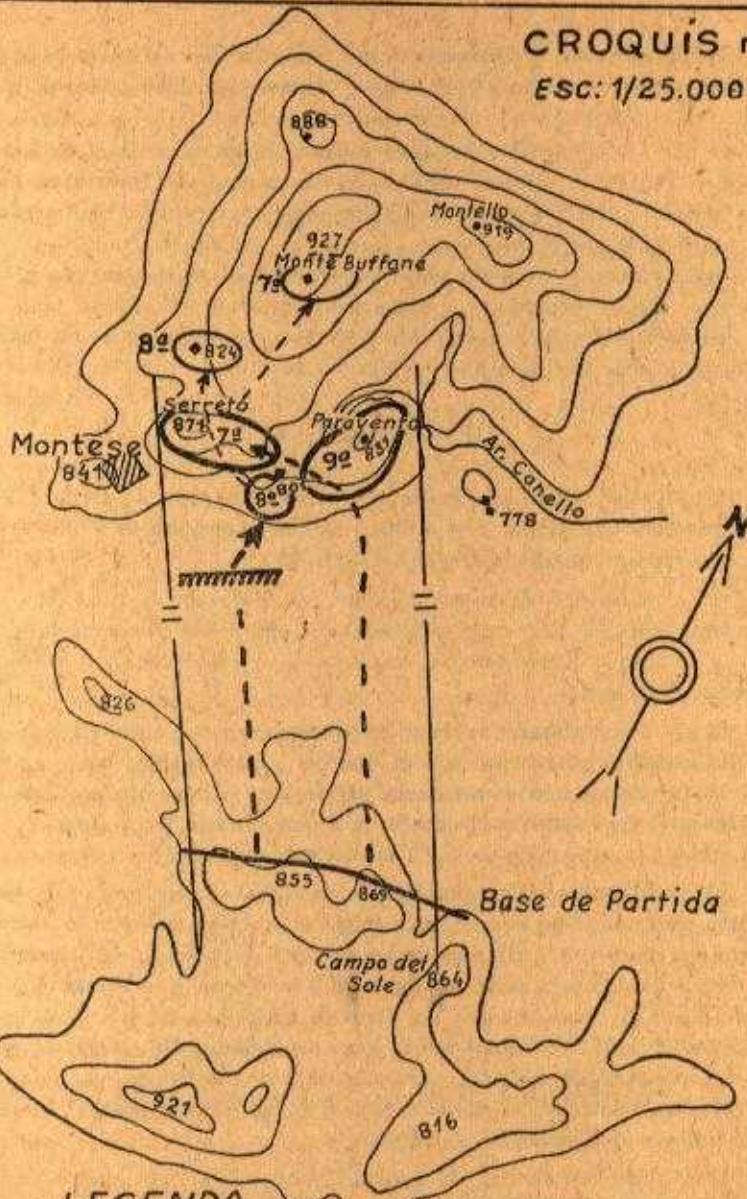
O bombardeio inimigo, a cada momento, tornava-se mais intenso... Ensaiam os alemães ações de contra-ataques contra a 7.^a Companhia, os quais são repelidos. O Comandante do Batalhão determina à 9.^a Companhia que avance no eixo da 7.^a, para a Cota 927, porém esta apenas consegue deslocar-se de suas posições e fica detida. Já nessa ocasião o bombardeio inimigo atingia o máximo de sua intensidade: enquanto sua Artilharia batia as elevações de Serreto e Paravento, em cujas imediações se encontravam as 8.^a e 9.^a companhias, todos os seus fogos de Infantaria são concentrados sobre a heróica 7.^a Companhia, que é várias vezes contra-atacada; por duas vezes o inimigo consegue reapoderar-se de uma posição perdida na Cota 927, mas novamente a abandona diante do impeto da valorosa 7.^a Companhia.

Diante da situação, achava-se já o Major levado a retirar a 7.^a Companhia, que ia sendo aos poucos dizimada na Cota 927; mas é informado pelo seu capitão que a posição estava firmemente ocupada e a importância da mesma justificava todos os sacrifícios. Resolve, diante disso, o Comando do Batalhão, aferrar-se ao terreno, mantendo os objetivos conquistados.

Nessa situação, cai a noite e o Terceiro Batalhão, ainda sob o tremendo bombardeio inimigo que transformava toda a posição num inferno de ferro e fogo, mantém-se firmemente nas posições conquistadas e, embora grandemente reduzido em seus efetivos, conservava-se perfeitamente articulado e com moral inabalável.

CROQUIS nº3

ESC: 1/25.000



LEGENDA

○← Movimento e situação final no dia 14.

○← Movimento e situação final no dia 15.

Tendo em vista o desgaste sofrido pelo Batalhão, resolve o comandante superior substituí-lo, o que é feito na noite de 15 e madrugada de 16.

O dia 15 de Abril representa mais uma gloriosa jornada para o Terceiro Batalhão, pois, si não conseguiu conquistar integralmente os seus objetivos, foi porque a reação inimiga havia sido tal, que nenhuma outra tropa teria conseguido fazê-lo, em idênticas condições; contudo, deu cabais provas de valor e espírito de sacrifício, suportando a prova desse espantoso bombardeio inimigo, a épica ação da 7.^a Companhia, isolada sobre Montebuffone, é algo capaz de tornar histórica a ação do Batalhão no dia 15 de Abril.

III — CONCLUSÃO

A meditação sobre esse brilhante episódio da ação do III/11.^a R.I. na Campanha da Itália, nos fornece valiosos ensinamentos de ordem tática, dentre os quais citaremos os seguintes: —

1.^o — Empreço da reserva: como resultado do exito obtido pela 9.^a Companhia, o Comando empreça a Companhia Reserva para alimentar o ataque nessa direção, explorando o exito obtido inicialmente sobre Paravento.

2.^o — Flexibilidade na conduta das operações: o esforço do ataque do Batalhão estava previsto o eixo da 8.^a Companhia, mas a situação não se apresentou como havia previsto e o Comando do Batalhão não hesitou um momento em deslocar o peso de sua força para eixo da 9.^a Companhia, que conquistara a região de Paravento.

3.^o — Manobra sobre um flanco inimigo: sempre que se apresenta uma oportunidade, deve-se aproveitar as vantagens da ação sobre o flanco adversário, a qual impede ao inimigo o empreço de suas armas no dispositivo previamente estabelecido, provocando a desarticulação da defesa. Foi o que se deu no caso da audaciosa manobra realizada por intermédio da 9.^a Companhia, a qual, tamando de flanco as resistências inimigas de Serreto, penetrou na retaguarda das posições de Montese, supreendendo e aprisionando o próprio Comandante do Batalhão inimigo que defendia a cidade.

4.^o — Aproveitamento da neutralização inicial feita pela Artilharia: por ocasião do ataque ao primeiro objetivo, o pelotão mais avançado da 9.^a Companhia atingiu Paravento com perdas mínimas, enquanto todas as tropas atacantes lutavam ainda penosamente para vencer a fanática resistência alemã, e da mesma maneira, no dia seguinte, a 7.^a Companhia foi o único elemento que conseguiu progre-

dir e alcançar o seu objetivo; isso porque souberam tirar o maior proveito da neutralização das armas inimigas, pela nossa Artilharia, cercando resolutamente sobre o bombardeio e, depois progredindo sem perda de tempô sobre as posições inimigas, ainda sob o efeito moral dessa neutralização.

Si a ação do Terceiro Batalhão no Combate de Monteses foi fértil em esinamento de ordem tática, menor não foi a sua contribuição para, por outro lado, nos permitir aquilatar o conjunto de qualidades morais intrínsecas desse modesto e desprestenciosos soldado, que tão alto elevou o nome do Brasil em terras da Europa. É verdade... Quem poderia imaginar o nosso caboclo, que não pensava em guerras e apenas desejava trabalhar pacificamente, atacando e vencendo forças nazistas numericamente superiores, poderosamente organizadas em magníficas posições defensivas, cobertas por numerosos campos de minas e por uma barragem de artilharia como jamais havia sido empregada contra qualquer outro ataque aliado na Campanha Italiana! No entanto, quando os nossos bravos soldados, de baioneta armada, assaltaram as casa matas guarnecidas por experimentadas tropas inimigas, o que se viu foi a rendição em massa dos alemães, que não atreveram aceitar o combate corpo a corpo.

E não é só. Que de extraordinárias qualidades morais e de espírito de sacrifício não possuem êsses estupendos soldados, para resistirem impávidos à tremenda concentração de Artilharia, que revolvia o terreno à sua volta e ia aos poucos colhendo em suas malhas os novos valorosos infantes? Não... Poucas tropas veteranas seriam capazes de resistir como êles, a essa tremenda prova de fogo.

É diante dessas considerações, que queremos aqui, antes de encerrar essas linhas, prestar uma homenagem a êsse punhado de valorosos soldados anônimos, que tanto fizeram pela gloria do Brasil em Monteses: os bravos do III/11.º R. I.

Casa Comercial

DE

Braulio Krieger

SERRO LARGO — Município de São Luiz

Alguns pontos interessantes no serviço de recrutamento

Ten. Cel. OLIMPIO MOURÃO FILHO

1 -- ALISTAMENTO --

No sistema antigo em que o recrutamento era feito pelo sorteio, seguido de convocação nominal, a eficiência do serviço repousava estruturalmente sobre o *alistamento*.

A operação de alistar interessava exclusivamente ao Exército e *nada ao indivíduo*; este, se escapasse do alistamento, tornava-se automaticamente reservista de 3.^a Categoría, visto não ser mais possível ser sorteado e convocado. Dai, a necessidade imprescindível do alistamento compulsório com a presença ou não do indivíduo, alistamento feito à base registros nos Cartórios e batisterio, e ivado de falhas e contendo em seu bojo uma elevada percentagem de defuntos.

Agora, porém, conforme ficou claro, o alistamento, tendo em vista a utilidade do Certificado de Alistamento, como prova de quitação previa e provisória, interessa exclusivamente quasi ao indivíduo e quasi nada ao Exército, visto, como o recrutamento é feito à base da convocação geral e não mais nominal, de cada classe.

Conclusão:

O Alistamento à revelia deve ser extinto por ser inoperante além dos seus defeitos insanáveis.

Mas, apesar de ser o alistamento do interesse quasi exclusivo do cidadão, — cabe ao Exército facilitar ao máximo suas operações.

No atual sistema em que o alistamento é feito *exclusivamente* nas sedes dos Municípios, torna-se impossível ao cidadão que não mora na sede ou muito perto dela, alistar-se. Tome-se, por exemplo, o Estado de Santa Catarina, um dos de maiores facilidades de comunicações em todo Brasil.

Em certos Municípios, há distritos afastados da sede várias horas de ônibus ou sejam dias a cavalo. E não é só: Alguns distritos são tão grandes, que, para alcançar sua sede, o cidadão viaja um dia inteiro

a cavalo. A medida da despesa para ir à sede de alguns Municípios, ora, atualmente, em mais de cem cruzeiros!

Como esperar, nestas condições, que os homens, ao atingirem a idade de alistamento, venham alistar-se?

É imprescindível:

"Crear um órgão distrital de alistamento, digamos, postos de alistamento, a cargo do Escrivão do registro.

Simplificar a ficha de alistamento (veja-se o n.º 2 seguinte) — Para melhor controle, o Escrivão referido — chamemo-lo de Delegado Distrital da J.A.M. — remeterá à J.A.M., as certidões de alistamento, e os atestados de residência mínima de um ano, quando se tratar de Município de dispensa à *priori* de convocação".

Ou estas providências são tomadas, ou não haverá facilidade para o alistamento, com enorme prejuízo dos cidadãos que, no atual sistema, estão sujeitos a uma série de despesas e contrariedades.

2 — A FICHA DE ALISTAMENTO modelo atual tem dimensões impróprias, porque fóra dos padrões comuns de mobiliário de aço, e contém, além disto, 45 perguntas ou especificações, incluindo retrato e impressão digital.

Vejamos se todas as especificações são úteis, isto é, se elas justificam o trabalho e o tempo que fazem dispensar ao infeliz Secretário da J.A.M. .

O cidadão é alistado; uma via da ficha fica arquivada na J.A.M. e a outra vai para C.R. .

Esta, não pode organizar um fichário por ordem alfabetica, vertical, porque as dimensões da ficha escapam aos padrões de arquivos de aço existentes. Ficam, por consequência, emmassadas, em armários.

Na ocasião da convocação, o cidadão corre ao P.C. onde apresenta (se tem) seu certificado de alistamento, depois da inspeção médica ou:

a — é considerado incapaz definitivamente e volta para casa com o certificado de alistamento devidamente anotado;

ou

b — é capaz e é encaminhado imediatamente a um Corpo de tropa

ou

c — é capaz, mas excedente das necessidades, regressa ao lar de onde requererá o Certificado de Reservista de 3.ª Categoria (cousa que deve ser abolida, pois o homem deve regressar à casa munido de seu Certificado de reservista de 3.ª Categoria — veja-se o n.º 3 aadeante).

Em qualquer destes casos, não houve a menor necessidade de manipular a famosa FICHA DE ALISTAMENTO!

Se o cidadão é incorporado, no Corpo de Tropa passa pelos mesmos e mais rigorosos processos de fichamento.

Se vai para casa e depois requer o Cert. de 3.^a Categoria, da sede do Município manda todos os dados (outra coleção completa, SANTO DEUS!) para figurarem no Certificado de Reservista, inclusive todas as impressões digitais — a maioria verdadeiro borrão que para nada presta. Dizer o que sofrem estes pobres homens para obter as fotografias em alguns casos, constitue matéria suficiente para outro artigo.

Conclusão:

“É imprescindível simplificar *ao máximo* a Ficha de alistamento que outra função não tem, no atual sistema, do que servir de documento às J.A.M. de que a expedição dos Certificados de Alistamento foi legal. Nas C.R., elas, as Fichas, não tem utilidade alguma, a não ser um meio de controle suspenso sobre a cabeça das J.A.M.”

MODELO DE FICHA

(preenchido como exemplo)

Orleans

NOME — Fagundes Silva (Arlindo)

Filiação — Antônio Fernandes Silva e Maria Balbina Regis

Local de nascimento — Lauro Muller — Nova Orleans

Nascido — 27/5/1928.

Alistado — N.º 483 — em 25-5-46.

16.^a C. R. M. — Válido até

Dimensões — 5x8 — cartolina de consistência que permita colocação vertical”.

3 — Certificados de Reservista — Precisamos adotar o seguinte princípio:

“O certificado de Reservista não deve nem pode, de modo algum, em ocasião alguma, constituir-se em documento de identidade.

Ele deve — sómente isto — *conter característicos* que o tornem tão difícil de falsificar, como ao próprio dinheiro.

Ao seu portador cabe exclusivamente o onus de se identificar, quando quiser que o mesmo produza qualquer efeito legal. Além disto, o Certificado é um documento de bolso e não deve ter dimensões maiores do que 10x16 — quando aberto e 5x8 quando fechado”.

— Modelo —

M. G. : 25/10/45

5.º R. M. : Categoria, N.º 98765

Antonio Palhares de Almeida

Cabo observador — 13º B. C. — 5º Cia.

:

Cmt. do 13º B. C.

Os de 3.ª Categoria são assinados pelo Chefe do P. C. durante a convocação.

Logo que o cidadão é dispensado *por exceder das necessidades do Exército* já vai para sua casa munido do seu indispensável Certificado de Reservista de 3.ª Categoria. E já vai tarde.

O ideal seria não ter tido necessidade de ir até o P. C.
E há jeito de se obter isto mas, é assunto para outro artigo.

Armazem São Silvestre

Líquidos e comestíveis finos

Joaquim Rei

Rua Elvira da Fonseca, 151

Jacarepaguá

Rio de Janeiro

Observações sobre o emprego da topografia na campanha da F. E. B. na Itália

Ten. Cel. OLIVIO G. DE USEDAS
(Da Reserva)

Estou certo que os problemas que tivemos que enfrentar na guerra nos sirvam muito para orientação da instrução no nosso Exército: eliminando determinados assuntos cuja desnecessidade ficou comprovada, dando maior atenção a outros cuja importância ficou ressaltada.

A Topografia teve nesta guerra mais uma vez comprovada a sua importância; importância essa, acrescida dado as magníficas cartas que dispunhamos da região e ao desenvolvimento da fotografia aérea.

De passagem, seja dito que, a rigor, não nos deparamos com nenhuma novidade em Topografia.

Vejamos então quais os principais problemas que nos foram apresentados.

1) — *Reconhecimento de itinerários.* Nesses problemas tivemos que enfrentar: terreno desconhecido e de topografia bem diferente dos nossos; um emaranhado de estradas; disticos em inglês; informações em línguas estrangeiras, por vezes; ausência de informações quando nos deslocavamos em regiões evacuadas; muitas vezes nos deparamos com desvios de estradas para desbordarmos um trecho destruído, e desvios alguns bem longos e que não constavam na carta. E até aqui só falamos em direção, em orientação do itinerário. Entretanto, os itinerários exigiam um estudo muito acurado do seu declives e aclives. Certa vez, nos foi ordenado nos deslocarmos em certo tempo, por determinado itinerário, deslocamento a pé, para que o ruído dos motores dos caminhões não denunciassem nosso movimento: nos deparamos com um trecho de serra muito íngreme numa estrada lamaçenta, o trajeto durou muito mais tempo que o previsto e a tropa atingiu o seu objetivo cançadíssima, em precárias condições para cumprir a nova missão que aí lhe coube!

De outra feita nos foi dado um camboio para transporte do nosso Btl. dentro de determinado tempo. Tínhamos a transpor 2 serras, numa estrada cheia de curvas apertadas e rampas fortes. O trajeto foi realizado com mais 2 horas que a duração prevista.

2 — *Problemas de tiro* — Nenhum elemento de fogo da Infantaria dispõe mais de telemetro. Todas as distâncias para tiros foram tomadas na carta, e assim também foram obtidas as direções desses tiros. Como consequência das cartas ótimas, o problema do tiro se tornou fácil. Apenas uma observação: as alças e as tabelas de tiro eram em jardas, o aconselhável era usarmos a escala gráfica da carta que também era em jarda, ou dispormos sempre de uma tabela de redução de metros e jarda, solução não muito aconselhável num ambiente de combate.

Daí 3 assuntos a explorar: Medir azimute e distâncias na carta, e transformar metros em jardas.

3) — *Identificação de objetivos, reconhecimento do terreno*. Esses foram dos mais interessantes problemas de topografia com que nos defrontamos nessa guerra. Região inteiramente desconhecida para nós; terreno fortemente acidentado, como não é comum aqui no Brasil; maus observatórios, porque o inimigo em nossas frentes achava-se sempre em posições dominantes, e muito atentos. A neve como que uniformiza os terrenos; sob o manto branco das nevadas o terreno perde suas características, vulgarisa-se, assemelham-se uns aos outros. Tudo isso tornou um problema difícil o reconhecimento de objetivos, a identificação de certos trechos de terreno; dificuldade removida pelos mais afeitos a esse problema.

4) — *Localização de obstáculos; organização de campos de minas*. Normalmente tivemos a defender frentes muito extensas, o recurso adotado foi o da organização de pontos de apoio. Mas, os intervalos entre esses pontos de apoio constituíam uma preocupação permanente para nós, já pela penetração de patrulhas inimigas, já pela infiltração de epiões. Fechavamos esses intervalos com obstáculos e campos de minas. A localização desses trabalhos, bem como o cálculo do material necessário para a sua execução era tudo feito preliminarmente na carta. De posse desses dados o oficial de minas identificava no terreno pontos de amarração, tomava azimute das direções das redes, locava e construía os obstáculos.

Por outro lado, nas substituições recebíamos da tropa que substituímos um calco dos obstáculos construídos no setor, sobretudo, dos campos de minas. Restava-nos o problema de identificarmos esses ob-

táculos no terreno, de amarramos essas linhas às posições da tropa. Esse problema era, por vezes, facilitado pelo contato entre os quadros; causa que não era muito comum, já porque a localização desses obstáculos era assunto secreto, já pela prenêncio do tempo, já porque essas operações eram, comumente, realizadas à noite.

5) — *Leitura de foto-aéreas*: Trabalhando sob o comando americano nos eram fornecidas sempre fotos-aéreas da região que ocupavamos. Isso nos facultava uma mais perfeita identificação do terreno, nos auxiliava na própria leitura da carta, completava e atualisava essas cartas, denunciava posições inimigas. Esses magníficos benefícios requeriam apenas treinamento na *leitura* da foto-aérea, isto é, identificação na foto de acidentes do terreno. Essa leitura era fácil quando a região dispunha de acidentes notáveis, sobretudo, elevações características, casas, cursos d'água etc. entretanto, o magnífico disfarce de que se valiam os alemães muito nos dificultavam identificar suas posições numa foto-aérea como, aliás, acontecia com a própria observação direta. Entretanto, vimos um oficial americano, adido a um P. C. brasileiro, dizer até o calibre da artilharia inimiga identificado numa foto-aérea.

6) — *A Topografia na tática* — Nenhuma novidade se nos deparou. Os mesmos cálculos completando ordens e informações. O estudo das situações dos planos de fogos, das instalações em geral, etc. na carta. Apenas, ai ficou mais uma vez comprovado o magnífico auxílio que a fotografia presta à tática.

JOSÉ PSIUK
 Padaria -- Café
 Bar -- Restaurante
SERRO LARGO

SOLUÇÕES ACERTADAS

Maj. FRANCISCO R. F. BARRETO

O BRASIL, pela necessidade premente e inadiável de garantir a liberdade de navegação em suas próprias águas, mais do que por qualquer outro motivo que se lhe queira atribuir, foi obrigado a lançar mão do recurso extremo de declarar guerra às potências do eixo, Itália e Alemanha, que lhe torpedeavam, sem dê nem piedade e sem aviso prévio, vários navios mercantes que faziam, pacificamente, o serviço de transporte de carga e de passageiros, de um a outro porto nacional

Os torpedeamentos, de tal modo se repetiram que chegaram a ser feitos em massa e vale registrar aqui a coincidência de que, entre os navios naufragados, um havia de nome "Olinda", homônimo, por certo daquele outro "Olinda", o Marquês, que, aprionado nos meados do século passado, causou-nos também uma outra guerra, a Guerra com o Paraguai.

À medida extrema, sucederam-se as providências necessárias à transformação rápida, imprescindível, e urgente, de tôdas as fôrças vivas do país às contingências da guerra.

Esta transformação, como não podia deixar de ser, atingiu mais profundamente ao Exército do que a qualquer outro setor, ainda que vital à vida da Nação.

Ora, o Exército, como todos os Exércitos das nações reconhecidamente pacíficas e pacifistas como o dos próprios Estados Unidos, para isso não estava absolutamente preparado e, recebendo em cheio a surpresa, tratou de remediar o mal, pondo em execução, atabalhoadamente, as medidas, já então arcaicas, de mobilização, previstas desde os tempos de paz.

Por outro lado, a vida do País e a educação do nosso povo e principalmente dos pais, estavam menos preparados ainda para atender à mobilização e apezar desse mesmo povo e os estudantes, estes principalmente, clamarem, por ocasião das notícias dos afundamentos dos nossos navios, pela declaração da guerra, fazendo comícios e organizando passeatas, exigindo providências e vinditas, esse mesmo povo, aqueles mesmos estudantes e seus pais acudiram à mobilização com certa reserva e pouco pressurosos, mais talvez por precisão de atenderem primeiro às suas necessidades do que por falta de patriotismo.

Uma das maiores dificuldades, foi, por certo, a atinente a oficiais subalternos, a graduados e a especialistas, estes dois ultimos, de cuja falta aliás, sempre o Exército se ressentiu, desde o fechamento, por assim dizer inapelável, da E. S. I. e, porque uma vez formados, os especialistas, sem nenhuma garantia de aumento e de permanencia nas fileiras, procuravam dar baixa para se colocarem no meio civil, onde os proventos são muito maiores, a permanencia ilimitada e as promoções ou aumentos de salários frequentes, ainda que com os conhecimentos adquiridos no Exército, onde todavia o tempo de serviço, é limitado e os vencimentos sempre os mesmos; como todo o problema, por mais difícil e intrincado que seja, tem a sua solução, os chefes militares resolvem pô-lo em equação, creando os N. P. O. R. e ampliando os C. P. O. R., fazendo funcionar Cursos Regionais de Formação de Graduados e organizando o modelar Centro de Instrução Especializada, nos moldes americanos, uns e outros* fornindo turmas sucessivas e em prazos mínimos, mas com ótimos resultados, ainda que com o recrutamento dificultado (menos o primeiro, pelas vantagens que oferecia para os que para lá fossem) enormemente pelos mesmos óbices já encontrados na mobilização: inspeção de saúde que cortou cerca de 30%, casados, já ter irmão incorporado, arrimo de ptis, destino especial de mobilização e até (!) por terem filho natural (!).

O que é certo é que, contornando todas as dificuldades de um modo ou de outro, pôde o BRASIL participar com honra e muita glória do conflito e graças a esforços sobre-humanos de seus filhos — combatentes da primeira linha ou da retaguarda — dele sair de cabeça erguida, mantidas bem alto as tradições de bravura e de coragem, de abnegação e de heroísmo, de despreendimento enfim.

Terminada a refrega vitoriosamente, embora, outro problema, presente e complexo como o outro, surgiu e, ainda que previsto, veio trazer novas e graves preocupações, com consequências à primeira vista irremediáveis: a desmobilização, de envolto com o retorno à vida civil dos convocados — outro problema para os empregadores — e volta do Exército, ao efetivo de paz...

Até aí, nada de novo, mas, com a desmobilização, com o retorno dos convocados à vida civil, voltou à baila o eterno problema, o "Binomio de Newton" da Cmts. de sub-unidades, o tabú dos Corpos de Tropa: a falta de graduados e especialistas; estes, embora continue funcionando regularmente o C. I. E., agora E. I. E., segue o seu destino, como outrora — o meio civil —; para solucionar o problema daqueles, houve por bem o governo tomar duas medidas, que, postas em execução, resolverão por certo e para sempre o X do problema:

1.º — destinando as Sub-unidades-quadro (de todas as Armas), exclusivamente:

a) à formação de cabos e sargentos especialistas destinados, não só ao preenchimento dos claros da ativa, como à constituição da reserva;

b) à seleção dos cabos de fileira e de cabos especialistas destinados a certas escolas de formação de sargentos de fileira ou de sargentos especialistas.

Nessas S/Q serão incorporados:

a) a melhor parte do contingente destinado ao Corpo, selecionada pela comissão de incorporação e que satisfaçam às condições previstas no n.º 132 ou 147 do R. P. F. Q. T. .

b) por indicação dos Comandantes de sua unidade, os soldados antigos e até o fim do 1.º mês de instrução, os recrutas uma vez que satisfaçam as condições acima;

c) os aprovados no C. C. C. e não promovidos por falta de vagas que desejarem revalidar os seus cursos;

2º — a abertura da Escola de Sargentos das Armas que consideramos uma das maiores iniciativas — e das mais felizes — do governo, medida reclamada por gregos e troianos, preconizada pelos maiores nomes militares em artigos nas nossas revistas etc, e que foi complemento da medida acima e consequência lógica de nossa atuação na guerra, pois que durante o rigoroso inverno europeu, as operações de guerra foram limitadas ao emprego incessante de patrulhas, não só para conhecer as intenções do inimigo, sua força e localização, como para mantê-lo em permanente estado de vigilância e inquietação porque essas patrulhas, pequenas unidades constituídas, tinham força bastante para, a qualquer desenido do adversário, desalojá-lo da posição, fazer prisioneiros, tomar-lhe material, armamento e munição, etc etc... Isso portanto, importava em que seus chefes fossem oficiais ou sargentos competentes, de valor comprovado, com conceito formado na paz ou já experimentados em nossas lutas internas ou pela sua conduta no preparo, na organização e no treinamento avançado que precedeu, já em solo italiano, a entrada da F. E. B. em ação.

A responsabilidade pelo cumprimento da missão, a obrigação de conduzir seus homens a salvo, palmilhar estranhas terras, alta madrugada ou noite fechada, mas sempre sobre espessa e escorregadia camada de neve ou sob chuva inclemente, em terreno ingrato, semeado de minas e de armadilhas, de emboscadas de todas a ordem e de traições de toda especie, trazia a esses comandantes de patrulhas, em compensação, o prazer do dever cumprido, as honras da jornadas, a inveja de uns, o despeito de outros e a admiração de todos, que neles viam aqueles "soldados desconhecidos", heróis anônimos, de toda as guerras, os verdadeiros construtores da vitória, aqueles que verdadeiramente honram sua Pátria, aqui, ali ou alhures.

Entre esses chefes de pequenas unidades, alguns oficiais da Escola Militar de Caxias, outros tenentes de Correia Lima, estavam também, e em grande número, bravos como aqueles, audazes como estes, velhos sargentos formados pela antiga e tradicional E. S. I.

E, de tal forma se houveram esses heroicos combatentes, hoje veteranos da II Grande Guerra, naquela fase penosa da campanha, como também na fulminante e vitoriosa ofensiva da Primavera, que o Governo tão logo sabia dos seus atos de bravuras premiava-lhes os feitos, promovendo-os no próprio campo de batalha — teatro de sua gloriosas façanha — como também os promoveu, e a todos, depois de regressarem à Pátria estremecida e agradecida, por elas glorificada e ainda, por cima, criando, especialmente para esses bravos, um Quadro Auxiliar com direitos até então nunca conferidos.

Com a reabertura agora, da Escola de Sargentos, desta vez ampliada para todas as armas e duas épocas de matrícula por ano, prepara-se a civis e a praças do Exército (cabos e soldados), ótima oportunidade, tal a do ingresso naquele Quadro, com acesso até ao posto de primeiro tenente.

E no dia em que os candidatos à matrícula no novo Estabelecimento de ensino, transpuzerem garbosos os vetustos humrais do velho casarão onde funcionou por anos e anos a tradicional Escola Militar de Realengo, estará marcada uma grande data nos fastos do Exército e da Pátria.

OFICINA DE ESCULTURA E ARTE RELIGIOSA

Grande Diploma de Honra do Instituto A. Brasileiro

Imagens de todos os invocações e tambores — Altares, Pias, batismais, etc., fabricados em cartão Pierre, madeiro, cimento ornado e imitações de granito

... A maior oficina neste ramo em todo o Brasil e América do Sul

Restaura-se com perfeição qualquer imagem, altor, etc.

EXECUTAM-SE Monumentos para Cemitérios

IRMÃOS BERNARDINI & FILHOS

AVENIDA LONDRES — N.os 460 a 488 — Est. Bonsucesso E. F. L.
Telefone 30-2414 — Rio de Janeiro

Jacób Theobald II

Óleos e Tintas — Oficina Mecânica e Pinturas — Bomba de Pressão para lavar autos — Casa de Ferragens, Ferro Bruto
— Camas e Fogões —

PEÇAS LEGÍTIMAS *Ford*

VILA CERRO LARGO

AS GUERRILHAS CONDUZEM À VITÓRIA

Major JAYME R. DA GRAÇA

As guerrilhas assumem muitas vezes, na Guerra Moderna, papel mais importante que as guerras regulares. Todavia, ao que parece, seu estudo ainda não está sendo encarado no devido apreço.

Operações, realizadas nos terrenos montanhosos do BALKANS e nas selvas do PACÍFICO, evidenciaram a possibilidade de uma força regular ser aos poucos batida até chegar à derrota.

Enquanto não conseguem destruir o adversário, cabe aos guerrileiros gasta-lo em seus movimentos, tornar impossível a vida no território ocupado, implantar o terror e a desconfiança, finalmente abater de tal modo o moral que se torne impossível a conduta das operações.

O princípio a ser empregado nas guerrilhas é o da *economia de forças* em alto grau. Para isto, são constituídos inúmeros destacamentos, sem ligação pelo fogo, mas atuando dentro de um prévio *plano de execução de guerrilhas* traçado desde o tempo de paz.

Os destacamentos, à base da mobilidade e não do efetivo, portam-se no terreno como verdadeiras pedras de xadrez; sua combinação, bem orientada conduz a decisivos resultados.

A boa *informação* é um dos fatores de êxito das guerrilhas; agentes utilizando o rádio, prestaram na 2a. Grande Guerra, inestimáveis serviços.

O terreno exerce muita influência na conduta das operações; montanhas, desertos, regiões matosas indicam o tipo de operação a ser realizada.

Entre os processos de execução figuram o choque direto, o ataque às comunicações, o corte das ligações e a perturbação dos reabastecimentos.

O choque direto muitas vezes é demasiadamente limitado no tempo; outras vezes, porém, é decisivo contra determinada fração do exército adversário.

O ataque às comunicações, o corte das ligações e a perturbação dos reabastecimentos têm grande resultado quando tiram partido dos efeitos da surpresa.

As operações à noite ocupam lugar de destaque na execução das guerrilhas; igualmente, o mau tempo, prejudicando comumente os movimentos de forças regulares, muito facilita a ação de pequenos grupos destemidos.

Toda a sorte de obstáculos deve ser posta em jogo para dificultar os movimentos do inimigo; minas em pontos favoráveis, aproveitamento de obstáculos naturais, destruição de pontes, etc, entravam, pelo menos temporariamente as forças regulares.

A atração do inimigo — por meio de pequenas forças — para o terreno em que se bata desvantajosamente é uma das mais interessantes questões a serem estudadas (observadas) nas guerrilhas.

O armamento usado pelos guerrilheiros é especial. Para grupos de homens disfarçados, nas cidades ou em pontos importantes, trata-se de arma individual. Frações maiores podem usar a metralhadora, 30 e. 50. Em certas operações de maior vulto deve haver o concurso da artilharia móvel e da aviação.

O disfarce sob todas as formas ocupa lugar de relevo, uma vez que o sucesso repousa na surpresa.

Em regra, os guerrilheiros vivem dos recursos locais, o que é facilitado quando a população civil já se acha bem preparada atuando cada homem como verdadeiro guerrilheiro.

A munição deve ser poupada e todo o material capturado ao inimigo utilizado ao máximo.

Finalmente, é no comando que se acha o verdadeiro fator do sucesso. Um chefe bem exercitado, tenaz, dotado de grande força moral, disposto ao sacrifício e confiante na vitória final, pode conduzir sua tropa de guerrilheiros a decisivos resultados contra exércitos regulares.

Farmácia Cerro Azul

DE

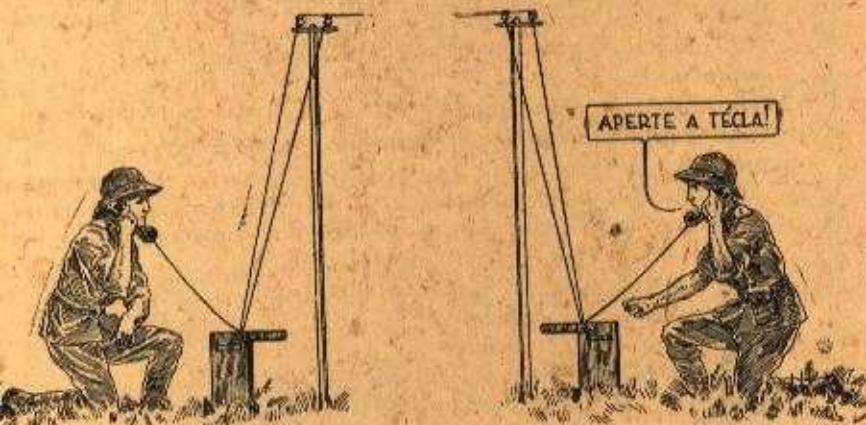
JOSÉ WALDEMAR STEIN

SERRO LARGO

Município São Luiz Gonzaga

Questionário do Telefonista

Pel^o 1.^o Ten. JACKSON PITOMBO CAVALCANTE
Aluno do C. O. R.



P — Que é o telefone de campanha?

R — É um aparelho destinado à transmissão de despachos falados.

P — Qual é a classificação do Telefone entre os diferentes meios de transmissão?

R — É do melhor meio de transmissão, quando usado com toda a parcimônia.

P — Porque é o telefone o melhor meio de transmissão?

R — Porque permite aos chefes se ligarem diretamente, além de permitir aos mesmos sondar o estado de ânimo do subordinado.

P — De que se constitue o telefone?

R — Do circuito de chamada, do circuito de conversação e dos órgãos acessórios.

P — De que se compõe o circuito de chamada?

R — De magneto (indutor e induzido) e da campainha.

P — De que se compõe o circuito de conversação?

R — Do microfone, do fone e da télola (combinado) e do transformador.

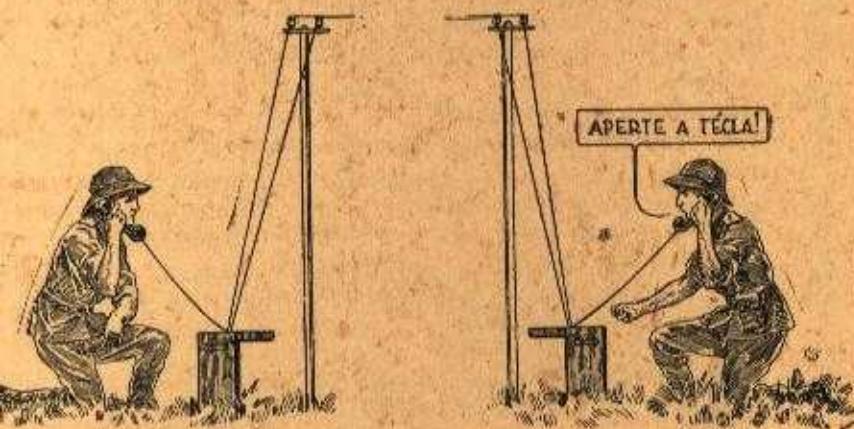
P — De que se compõem os órgãos acessórios?

R — Do condensador, dos hornes, do pára-raios e do botão de controle.

P — Qual é a função do magneto?

Questionário do Telefonista

Pelº 1.º Ten. JACKSON PITOMBO CAVALCANTE
Aluno do C. O. R.



P — Que é o telefone de campanha?

R — É um aparelho destinado à transmissão de despachos falados.

P — Qual é a classificação do Telefone entre os diferentes meios de transmissão?

R — É do melhor meio de transmissão, quando usado com toda a parcimônia.

P — Porque é o telefone o melhor meio de transmissão?

R — Porque permite aos chefes se ligarem diretamente, além de permitir aos mesmos sondar o estado de ânimo do subordinado.

P — De que se constitue o telefone?

R — Do circuito de chamada, do circuito de conversação e dos órgãos acessórios.

P — De que se compõe o circuito de chamada?

R — De magneto (indutor e induzido) e da campainha.

P — De que se compõe o circuito de conversação?

R — Do microfone, do fone e da técla (combinado) e do transformador.

P — De que se compõem os órgãos acessórios?

R — Do condensador, dos bornes, do pára-raios e do botão de controle.

P — Qual é a função do magneto?

- R — Emitir uma corrente elétrica que faz tocar a campanha do telefone instalado no outro extremo da linha.
- P — De que se compõe o magneto?
- R — Do mecanismo de comando composto de 1 manivela e de 2 rodas dentadas, do indutor e do induzido.
- P — De que é composto o indutor?
- R — De 3 imãs em forma de ferradura (U).
- P — Que é o induzido?
- R — É uma bobina induzida conjugada ao mecanismo de comando que gira no campo do indutor produzindo uma corrente elétrica.
- P — Qual é o tipo da campainha?
- R — Tipo comum, constando dum eletro-imã, dum timpano e dum martelo.
- P — Que se nota no microfone?
- R — Uma pastilha microfónica, grãos de carvão e uma placa vibrante.
- P — Como funciona o microfone?
- R — Pela variação de tensão entre o carvão e a placa vibrante.
- P — Que se nota no fone?
- R — Dois imãs permanentes com enrolamentos, 1 arruela de cobre, placa vibrante e pavilhão.
- P — A que se destina a arruela?
- R — A afastar convenientemente a placa vibrante dos imãs.
- P — Quantas pilhas há num telefone de campanha?
- R — Dois elementos de pilha seca de 1,5 volt. cada, grupados em série.
- P — Qual é a função da tecla?
- R — Interromper o circuito das pilhas, de forma que estas são poupad as quando o aparelho não é usado.
- P — De que consta o transformador?
- R — Dum enrolamento primário, dum enrolamento secundário e dum núcleo de ferro doce.
- P — Qual é a função do transformador?
- R — Dar maior alcance às comunicações telefônicas.
- P — Qual é a função do condensador?
- R — Separar o circuito de chamada do de conservação. Como sabemos, é propriedade dos condensadores barrarem a corrente contínua e deixarem-se atravessar pela corrente alternada.
- P — Quantos são os bornes?
- R — Dois. Recebem os terminais do circuito ou a linha e a terra.
- P — Que são pára-raios?
- R — Chapas metálicas terminadas em cremalheira, situadas entre os bornes do aparelho. Sua função é impedir que alguma centelha penetre no telefone.

P — Que é o botão de controle?

R — É um pequeno comutador que serve para verificar o funcionamento da campainha.

P — Quais são as características do telefone de campanha acima descrito?

R — **Tipo:** T. M. 132. **Peso:** aproximadamente 6 quilos, inclusive as pilhas. **Preço:** C\$ 722,00. **Fabricação:** militar (Fábrica de Material de Transmissões). Possui combinado extensível. É montado numa caixa de madeira e acondicionado num estojo de couro com correia para o transporte a tiracolo. É provido dum circuito anti-local, destinado a amortecer a palavra do operador no seu próprio fone e também os ruidos externos locais que atuam no microfone, quando o aparelho é utilizado em lugares ruidosos.

P — Existe outro tipo de telefone de campanha?

R — Sim. O tipo T. M. 143, também de fabricação militar (F.M.T.).

P — Existe grande diferença entre os dois tipos de telefone acima mencionados?

R — Não. Apenas o combinado do T. M. 143 não é extensível e o seu peso é de 8 quilos e 600 gramas, inclusive as pilhas.

P — Que é despacho?

R — É toda comunicação obtida com os meios de transmissão.

P — Em quantas partes se divide um despacho?

R — Duas. **Préambulo** e **texto**.

P — Quantas são as espécies de despacho?

R — Duas. Em linguagem clara e em linguagem cifrada.

P — Quando é que um despacho é feito em linguagem clara?

R — Quando o seu texto é escrito em linguagem corrente.

P — De quantas maneiras pode ser redigido um despacho em linguagem clara?

R — Duas. Em língua nacional ou estrangeira e em grupos de letras ou algarismos, destinados a abreviar a transmissão, obedecendo a códigos que não são secretos.

P — Quando é que um despacho é feito em linguagem cifrada?

R — Quando o seu texto é escrito em grupos de letras ou de algarismos, tendo uma significação secreta.

P — Que nome se dá ao despacho transmitido pelo telefone?

R — **Fonograma**.

P — Que são Regras de Exploração?

R — São os princípios gerais de disciplina que facilitam o funcionamento dos diferentes meios de transmissão, aumentando o rendimento.

P — Que são Regras de Serviço?

R — São, dentre as regras de exploração, aquelas que regulam as relações mútuas dos postos, durante a transmissão e a recepção dos despachos.

P — Que é um posto telefônico?

R — É o conjunto telefone-pessoal, destinado à transmissão e recebimento de comunicações. Às vezes, a expressão "posto" designa, ao mesmo tempo, o material, o pessoal e o lugar onde ele está instalado.

P — Que nome se dá à pessoa de quem emana o texto?

R — Expedidor.

P — Que nome se dá à pessoa a quem ele é dirigido?

R — Destinatário.

P — Que nome tem o posto que transmite o despacho?

R — Posto de partida.

P — Que nome tem o posto que o recebe?

R — Posto de chegada.

P — Existe outra espécie de posto?

R — Sim. Posto de trânsito, que é aquele que serve de intermediário entre dois outros postos.

P — Que é indicativo dum posto?

R — É um grupo de letras ou algarismos característicos da autoridade, da Unidade a que serve o posto ou do próprio posto.

P — Sob as ordens de quem fica um posto?

R — De um chefe, graduado ou praça simples, designado pelo Oficial técnico a quem está subordinado o posto.

P — Quais são os deveres do chefe do posto:

R — Esforçar-se por localizar da melhor maneira seu posto na zona ou no local que lhe foi fixado;

— fazer, cuidadosamente, a regulação, a montagem e a verificação dos aparelhos;

— dar aos operadores as ordens e indicações necessárias à exploração;

— regular o serviço de modo que os operadores não fiquem em serviço por mais de quatro horas consecutivas; afixar a escala de serviço no posto;

— zelar pela conservação do material e dos arquivos de seu posto, pelos quais é responsável direto;

— instalado o seu posto e estando funcionando, comunicar-se com o seu chefe ierárquico (chefe de centro ou de rede), com o Comandante ou o Oficial adjunto da Unidade a que serve, indicando o posto com os quais está em comunicação;

— salvo ordem em contrário, manter o serviço nos postos, permanentemente, de dia e de noite, não permitindo que o mesmo seja interrompido pela substituição do pessoal;

— fechar seu posto, por ordem de seu chefe hierárquico, o qual lhe fixa a hora e as condições do fechamento;

— sendo obrigado por uma circunstância qualquer a suspender ou cessar o serviço, deverá prevenir a seus correspondentes, utilizando para tal os sinais de serviço regulamentares; em seguida, prevenir a seu chefe técnico e depois as autoridades para as quais trabalha, salvo se se tratar duma interrupção pouco duradoura.

P — Por ordem de quem é executado o recuo dum posto diante do inimigo?

R — Da autoridade à qual pertence o posto.

P — Como deve proceder o chefe dum posto que se veja obrigado a recuar?

R — Na impossibilidade absoluta de salvar seu posto, não o abandonará antes de inutilizá-lo para o inimigo; deverá queimar todo o arquivo, começando pelo código, pois os arquivos constituem informações preciosas para o inimigo que dêles se apodere; depois, fará quebrar todo o material técnico.

P — Quais são as verificações que se devem fazer no telefone?

R — Do conjunto: tomar o combinado, alongá-lo, apertar a tecla e soprar no microfone, depois de ter feito um curto-círcuito nos bornes; se o aparelho estiver bom, deve-se ouvir um sussurro no fone. Depois de ter-se feito a experiência, deve-se desfazer a ligação dos bornes e fazer nova verificação; se se ouvir o sussurro, é sinal de que há um curto-círcuito entre os bornes.

Do circuito microfônico: toma-se o combinado como para falar, depois de ter-se posto em curto-círcuito os bornes de saída. Apertando-se a tecla, deve-se ouvir perfeitamente o contacto no fone.

Das pilhas: Tomando-se os dois fios que estão ligados aos eletrodos das pilhas e colocando-se sobre a língua deve-se sentir uma picada característica.

Dos fones: Tomar uma pilha carregada, ligar um dos seus polos a um dos bornes de saída do aparelho e, com o outro fio, fazer contactos sucessivos no outro borne; deve-se ouvir um ruído no fone, em cada contacto que se fizer. Se esta experiência não der resultado, verifica-se se a lámina vibrante está muito colada ou muito afastada do electro-imã e remedia-se o inconveniente com a arruela de cobre.

Dos cordões: Põe-se em curto-círcuito os bornes de saída do aparelho, toma-se o combinado e move-se sucessivamente os cordões. Ouvindo-se algum estalido é sinal de que o cordão está com a alma partida.

Do magneto: Colocar os dedos umedecidos nos bornes da saída do aparelho e girar a manivela do magneto; se este estiver em bom estado deve-se sentir um choque elétrico.

Da campainha: Colocam-se os bornes do aparelho em curto-círcuito, calca-se o botão de controle e gira-se a manivela do magneto; a campainha deve soar. Se a campainha não soar, verifica-se o parafuso de regulagem, afastando-se a lâmina do electro-imã.

Da linha: a) Pela campainha: a campainha deve tocar quando se gira o magneto, estando calcado o botão de controle. Se a campainha não tocar é porque a linha está arrebatada.

b) Pelo magneto: quando se gira a manivela do magneto, encontrando-a muito pesada é porque há uma perda pela terra ou um curto-círcuito se se tratar de circuito (linha dupla). Se a manivela mover-se muito facilmente é sinal de que a linha está partida.

c) Pelos fones: quando a linha está arrebatada, o silêncio nos fones é absoluto; quando a linha está mal isolada, ouvem-se ruidos e chiados no fone.

P — Quando devem ser feitas essas verificações?

R — Ao receber o aparelho no Depósito; nunca no campo.

P — Quais são os documentos constitutivos dum posto telefônico?

R — São:

Natureza do documento	Quantidade
Folha de serviço diário (a)	1
Lista dos assinantes ou das autoridades ao quais serve o posto (a/b)	1
Lista das prioridades (a/b)	1
Relação dos indicativos da rede e, se possível, das redes vizinhas	1
Esquema da rede (a)	1
Instruções particulares da rede (a/b)	1
Instruções particulares do posto (a/b)	1
Instruções para o caso de retirada apressada diante do inimigo (b)	1
Caderneta de partida (a)	1
Caderneta de chegada (a)	1
Caderneta de trânsito (a)	1
Relação do material e dos arquivos (b)	1

OBSERVAÇÕES:

- (a) Permanentemente à disposição dos operadores;
- b) Únicamente para os postos importantes.

- P — De que forma é remetido ao posto o texto dum despacho?
- R — Por escrito. Sempre que possível, essa redação deverá ser feita numa folha de caderneta de partida, fornecida aos interessados pelo Serviço de Transmissões.
- P — Quando é que o expedidor pode escrever o texto na caderneta de partida do posto?
- R — Quando ele é qualificado para tomar conhecimento dos arquivos.
- P — Qual é o efetivo dum posto telefônico?
- R — É de três homens: um chefe e dois telefonistas.
- P — Quais são as operações a efetuar pelo pessoal do posto antes de transmitir um fonograma?
- R — O chefe do posto (ou o telefonista de serviço) coloca imediatamente a hora de entrega sobre o texto que lhe foi entregue e examina os três pontos seguintes:
- 1.º — se está escrito legivelmente;
 - 2.º — se as rasuras, acréscimos, entrelinhas, etc., foram aprovados;
 - 3.º — se os postos de destino, autoridade ou autoridades destinatárias, estão designados de modo suficiente por uma indicação escrita à parte.
- P — Verificado que as prescrições acima não foram observadas, como procederá o chefe do posto?
- R — Devolverá o fonograma, fazendo observar ao expedidor o motivo por que o devolve.
- P — Estando tudo em ordem, como procederá o chefe do posto?
- R — Colocará o texto do fonograma sobre a primeira folha disponível da caderneta de partida, a qual contém 100 folhas numeradas, podendo receber cada uma um despacho. Em seguida, destacará desta folha o recibo, depois de tê-lo preenchido e o entrará ao portador do fonograma. Enfim, contará o número de palavras do fonograma, redigirá o preâmbulo, cuja forma é diferente para cada meio de transmissão e começará a transmissão logo que possível. Terminada a transmissão e acusada a recepção, o telefonista colocará no alto da folha as indicações de serviço, a designação (oficial, serviço ou exercício), o nome do posto ao qual o fonograma foi transmitido diretamente, a data e hora do fim da transmissão. Escreverá suas iniciais legivelmente no lugar designado para isso.
- P — Como é preenchido o preâmbulo?

R — De posse do indicativo do posto de destino, o chefe do posto (ou o telefonista de serviço) escreve-o no lugar competente seguido da preposição *de* e do próprio indicativo. Exemplo: AB de CD. Em seguida, escreve o número de palavras do texto (sómente do texto) precedido da letra W. Exemplo: W 20. Finalmente, escreve a hora da chegada do fonograma ao posto com quatro algarismos, precedida da letra H. Exemplo: H. 0840.

P — Como é que se acha o valor de W?

R — 1) Num texto em linguagem clara contam-se por uma palavra:

- as palavras simples: corpo, a, se, reabastecimento;
- duas palavras simples reunidas numa só palavra composta: retrotrem, flancoguarda;
- cada grupo de cinco caractéres ou algarismos, de modo seguinte: num grupo de algarismos de um texto em linguagem clara conta-se por tantas palavras quantas vezes contiver cinco algarismos ou caractéres e mais uma palavra para os restantes.

Contam-se por um algarismo: 1.º — os pontos, vírgulas, barras de fração, cifras, etc. compreendidos entre os grupos de letras ou de algarismos; 2.º — cada letra acrescentada aos algarismos para designar os números ordinais. Exemplo:

5%	4 caractéres	1 palavra
6722	4 caractéres	1 palavra
67213	5 caractéres	1 palavra
672147	6 caractéres	2 palavras
78866/1	7 caractéres	2 palavras
124°	4 caractéres	1 palavra

d) contam-se igualmente por uma palavra:

- as abreviações regulamentares incorporadas ao texto (convencionadas; os indicativos dos postos).
- TC — (pedido de verificação escrito por cima do texto, pelo próprio expedidor ou oficial);
- DI, RI, Btl;
- O sublinhado;
- o parentesis (uma palavra pelos dois sinais);

e) todos os caractéres isolados, letra ou algarismos, que não entrem nas especificações já consignadas:

2 F	2 palavras
2 h 35	3 palavras

Uma palavra composta conta-se segundo o número de palavras simples que a compõem, quando estas fo-

rem escritas separadamente, ligadas ou não pelo traço de união ou apóstrofo. Exemplo de palavra composta que se conta por duas palavras: flanco-guarda, d'el, beija-flor, etc.

f) — os sinais de pontuação, quando escritos da maneira abaixo:

ponto	pt
vírgula	vg
ponto e vírgula	ptvg
dois pontos	dpts ou ptpt
interrogação	itr
admiração	ad
reticências	rt
travessão	tv
parágrafo	prf
chave	ch

2) Num texto em linguagem cifrada, cada grupo conta-se por uma palavra, qualquer que seja o número de letras ou algarismos que contenha. Se o fonograma fôr redigido parte em linguagem clara, parte em cifrada (caso excepcional), o número de palavras se exprimirá por uma fração cujo numerador corresponderá ao número de palavras em linguagem clara e o denominador ao número de grupos cifrados. Exemplo: Do 12.º Regimento à 4a. DI. 1417 — 7856 — 1176 — 6845. A contagem das palavras será:

Parte em claro:

Do	uma palavra
12.º	(três caractéres) uma palavra
Regimento	uma palavra
à	uma palavra
4a	(dois caractéres) uma palavra
DI	uma palavra
Total	seis palavras

Parte em cifrado:

quatro grupos.

O número de palavras será assim indicado: W 6/4

Nota: Se por qualquer circunstância o expedidor indicar no começo do texto ou em outro qualquer local o número de grupos do texto, essa indicação será considerada como fazendo parte do texto e, portanto, será compreendida na contagem das palavras.

- P — Quais são as designações dum fonograma?
- R — Oficial, Serviço e Exercício. Na folha da caderneta de partida riscam-se as designações contrárias.
- P — Para a transmissão dum fonograma em linguagem cifrada o que deve empregar o telefonista?
- R — A relação de concordância.
- P — Qual é a relação de concordância adotada?
- R — É a seguinte:

A — Alberto	N — Nestor
B — Bento	O — Osvaldo
C — Carlos	P — Paulo
D — Deodoro	Q — Quirino
E — Emílio	R — Renato
F — Francisco	S — Silvestre
G — Gonçalo	T — Tibúrcio
H — Henrique	U — Ulisses
I — Inácio	V — Vitor
J — Juarez	W — Waldemar
K — Kepler	X — Ximeno
L — Luiz	Y — Yolanda
M — Manoel	Z — Zópiro

- P — Como é estabelecida a comunicação entre dois postos telefônicos?
- R — O telefonista que tem um fonograma a transmitir, chama o posto interessado. Assim que obtiver a ligação, começa:
 (Telefonista do posto de chegada): "Pronto! Aqui 6.º R. I."
 (Telefonista do posto de partida): "Aqui C. A. I." Receba um fonograma oficial.
 (Telefonista do posto de chegada): "Pronto! Escuto."
 (Telefonista do posto de partida): "Começa a transmissão do fonograma: primeiro o preâmbulo e depois o texto". Dita por partes de frases apresentando um sentido compreensível.
- P — Como é recebido um fonograma?
- R — Quando se estabelece a comunicação como está dito acima, o telefonista do posto de chegada escreve o fonograma sobre a primeira folha em branco da caderneta de chegada, repetindo cada frase. Se não retiver uma frase, pede a repetição, dizendo:
 "Repetir".
- Quando o correspondente disser:
 "Acabei",
 o telefonista que recebe, conta as palavras e depois diz:
 "Cotejo".

Recebi: 6.º R. I. de C. A. I. expedidor 1. D/2 W 12 H 1035, relendo o fonograma lenta e distintamente; caso o telefonista do

posto expedidor constate um erro ou omissão, interrompe, dizendo:

“Erro — ou omissão” e retifica.

O telefonista do posto de chegada corrige seu texto e continua a repetição do ponto anterior ao corrigido. Terminado o cotejo, o telefonista do posto de partida diz:

“Cotejo exato — terminado” ou “Cotejo exato — receba 2.º fonograma”

P — Qual é a ordem de transmissão dos fonogramas?

R — Oficial, de serviço e de exercício, e para cada espécie obedecer-se-á à ordem cronológica, isto é, à ordem de chegada ao posto.

P — Existe algum direito de prioridade entre os fonogramas?

R — Sim. Os fonogramas oficiais têm, em princípio, direito de prioridade sobre os demais. Entretanto, fonogramas de serviço há, que têm prioridade sobre todos os outros.

P — Em qual caso um fonograma de serviço têm prioridade?

R — Quando interessa de forma urgente à segurança do funcionamento da transmissão e é assinado por um Oficial de transmissões com a nota “Urgente”.

P — Que é uma rede telefônica?

R — É uma reunião de vários postos telefônicos ligados entre si por intermédio de centrais telefônicas.

P — Que é uma central telefônica?

R — É um *quadro comutador* que, como seu próprio nome indica, serve para comutar estações, isto é, pôr duas estações telefônicas em comunicação.

P — Quais são os órgãos dum quadro comutador?

R — São: — os de anunciação, que revela a estação que chama; — os de comunicação, que põem duas estações em comunicação; — os órgãos acessórios e — o telefone local, que ligado ao quadro, permite chamar uma estação, utilizando o magneto.

P — Quais são os órgãos de anunciação?

R — O electro-imã, a lâmina, a placa, a mola, a campainha e as pilhas.

P — Quais são os órgãos de comunicação?

R — Jack-comutador, péga e cordão.

P — Quais são os órgãos acessórios?

R — Borne^s, fusíveis, chapuz, chapa de inscrição, mola fixadora da placa, pára-raios e barretas.

Fontes de consulta:

— R. T. E. M. Trns. — EME

— Instrução de Trns. — Cei, Lima Figueiredo.

Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações

CAPÍTULO 18

UNIDADE TÉCNICA DE SAÚDE

248. ORGANIZAÇÃO. — A unidade técnica de saúde conta com comando técnico de saúde AG (TOE 8-500) e vinte e quatro ou mais destacamentos (ou turmas) técnicos de saúde (TOE 8-500). Turmas de rancho e de mecânicos podem aí ser destacadas.

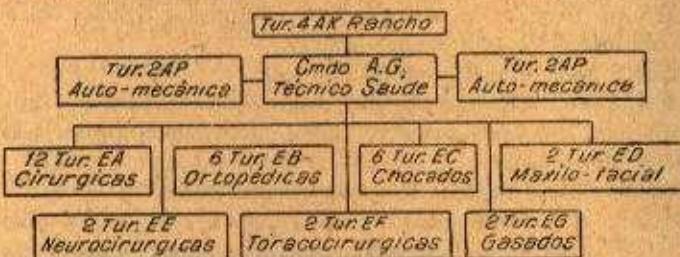


Fig. 144. Organização típica da unidade técnica de saúde.

249. FUNÇÕES. a. *Generalidades*. — A unidade técnica de saúde pode fazer parte integrante de centro de concentração de serviço de saúde (V. cap. 20); e, como tal, aí permanece ordinariamente, expedindo para a frente à medida das necessidades, apenas as turmas técnicas, que prestam serviço temporário aos hospitais das zonas de comunicações ou de combate. Reforçam o serviço cirúrgico dos hospitais gerais, de guarnição, de campanha, de evacuação e qualquer outro; e até mesmo, às vezes, os postos de triagem. Si os hospitais de guarnição ou de campanha tiverem de prestar serviço de hospital de evacuação, devem ser reforçados com turmas cirúrgicas, porque estes seus recursos são insuficientes para atender a grande número de baixas. Quando tal esforço for previsto ou necessário em qualquer hospital, o seu comandante apela para a autori-

dade superior, o chefe do serviço de saúde de exército ou de zona de comunicações, que toma imediatamente as necessárias providências, pelos trâmites legais. Quando destacadas em hospitais, estas turmas servem às ordens dos chefes dos respectivos serviços ou seções de cirurgia, em número e proporção às necessidades desses hospitais. Cada turma carrega o seu próprio instrumental especializado (instrumentos de neurocirurgia para a turma neurocirúrgica, por exemplo); e cada grupo de duas turmas dispõe de caminhão especial de 2 1/2T, contendo meios de esterilização, barracas e outros equipamentos para instalar seção operatória (V. cap. 5). As turmas isoladas podem operar utilizando os meios dos hospitais em que estiverem destacadas.

b. Particularidades. (1) Comando técnico de saúde (AG).

(a) — Esta turma prevê comando e administração, aprovisionamento inclusive, para vinte e quatro turmas técnicas de saúde, enquanto permanecer no centro de concentração de serviço de saúde. Não dispõe de rancho e manutenção de motores, motivo por que turmas técnicas de rancho e de mecânicos podem-lhe ser destacadas para estas funções (V. fig. 144).

1. — O comandante, oficial médico, deve ter suficiente experiência e conhecimentos profundos de cirurgia, que o permitem tratar do assunto e apreciar convenientemente os incidentes técnicos verificáveis nos trabalhos das turmas, certificando-se de que estão operando segundo as normas ditadas pelo Diretor de Saúde e outras autoridades em cirurgia; assegurando-se da competência dos cirurgiões, anestesistas, enfermeiras e praças técnicas. É responsável pela administração, disciplina, pelo comando e, até certo ponto, pela instrução e pelo emprêgo da unidade. Classifica o pessoal e responde também pela sistematização dos processos cirúrgicos empregados. É diretamente subordinado ao chefe do serviço de saúde da zona de comunicações.

2. — O subcomandante é o principal auxiliar do comandante, respondendo por ele em sua ausência, em assuntos cujas diretrizes tenham sido firmadas.

3. — O ajudante é encarregado da administração rotineira do comando, inclusive ordens e correspondência; é auxiliado por sargentos em número suficiente.

4. — O ajudante-assistente é encarregado da administração do pessoal e da supervisão das turmas de aprovisionamento e, quando destacadas, de rancho e de manutenção de motores. É auxiliado por sargentos aprovisionadores e por escreventes.

(b) — A turma de comando técnico de saúde é equipada com o seguinte:

1. — Equipamento comum de campanha, menos o de rancho.
2. — Cadeiras, escrivaninhas, mesas e máquinas de escrever. Os meios de transporte, constantes de caminhões leves, são só suficientes para o serviço normal (suprimentos).



Fig. 145 — Turma cirúrgica, operando em hospital de evacuação do Norte da África

(2) *Turmas cirúrgicas (EA)*. — Cada uma destas turmas conta com cirurgião geral, ajudante de cirurgião, oficial anestesista, enfermeira conservadora e três técnicos cirúrgicos. Encarregam-se de alta cirurgia geral; praticam tão somente as intervenções, não atendendo os pacientes nas enfermarias cirúrgicas. Dispõem do equipamento seguinte:

- (a) — Equipamento comum de campanha, menos o de rancho.
- (b) — Equipamento-unidade de cirurgia geral, 9 733 006, que compreende:
 1. — Aparelhagem completa para qualquer tipo de anestesia.
 2. — Instrumental cirúrgico completo para qualquer caso clínico de alta cirurgia.
 3. — Instrumentos cirúrgicos sortidos, como catéteres, etc.
- (c) — Cada grupamento de duas turmas conta com caminhão de 2 1/2T e reboque, de cirurgia, contendo o seguinte:
 1. — Material de consumo (drogas, pensos, etc.) para 100 operações de alta cirurgia e salas de curativo.
 2. — Três suportes para improvisar mesa de operação com padiola.
 3. — Gorros, aventais e luvas de operação.

4. — Autoclaves e tambores de autoclaves.
5. — Duas coleções de instrumental cirúrgico básico.
6. — Canastra especial, com coleções de instrumental para cirurgia ortopédica e gênito-urinária.
7. — Duas coleções para anestesia.
8. — Instrumental para uma turma de chocados.
9. — Mantas, aparelhos de fratura e padiolas.
10. — Aquecedor de água.
11. — Lâmpadas e mesas de instrumental para operação.
12. — Outros equipamentos sortidos.

(d) — Barraca de operação ajustável ao caminhão operatório, para intervenções cirúrgicas imediatas (V. fig. 67). O transporte consiste geralmente de caminhão de carga de 1 1/2T e mais um de 2 1/2T e um reboque de 1T para cada duas turmas. É suficiente para o transporte do pessoal e equipamento.

(3) *Turmas ortopédicas (EB)*. — Cada uma destas turmas conta com cirurgião ortopedista, assistente de cirurgia ortopédica, oficial anestesista, enfermeira e praças técnicas de cirurgia. Encarregam-se do tratamento ortopédico completo, inclusive debridamentos necessários, aparelhos gessados, de tração óssea e outros. Dispõem do equipamento seguinte:

(a) — Equipamento normalmente distribuído aos órgãos de campanha, salvo de rancho.

(b) — Equipamento-unidade de ortopedia, 9 733 010, que compreende:

1. — Coleção completa de anestesia.
2. — Coleção de instrumental básico.
3. — Coleção de instrumental ortopédico.
4. — Instrumental cirúrgico sortido.

(c) — Caminhão, de 2 1/2T, de cirurgia e barraca ajustável, para cada duas turmas. (V. (2) acima).

(d) — Barraca operatória (V. (2) acima). O transporte consiste geralmente de caminhão de carga de 1 1/2T e mais de um de 2 1/2T e um reboque de 1T para cada duas turmas. É o suficiente para o transporte do pessoal e equipamento.

(4) *Turmas de chocados (EC)*. — Cada uma destas turmas conta com oficial especializado em tratamento de choque, enfermeira e três praças técnicas de cirurgia. Encarregam-se do tratamento dos chocados, empregando plasma, sangue, plasma concentrado, sôros fisiológico e glicosado, sacos quentes, drogas, mantas e outros equipamentos disponíveis; e podem funcionar nas enfermarias de chocados dos hospitais de evacuação. Dispõem do equipamento seguinte:

- (a) — Equipamento comum de campanha, menos o de rancho.

(b) — Equipamento-unidade de choque, 9 733 012, que comprehende: coleção de aparelhagem de choque, constante de seringas, morfina, procaina, esfigmotônometro, estetoscópio, hemoglobinômetro, tubo de borracha, agulhas, etc. O transporte em caminhão leve. É o suficiente para o transporte do pessoal e equipamento.

(5) *Turmas maxilo-faciais* (ED). — Cada uma destas turmas conta com cirurgião dentista, plâsta-cirurgião, oficial anestesista, enfermeira, praça técnica dentária e duas de cirurgia. Encarregam-se do tratamento completo dos ferimentos e das fraturas da face e do maxilar, que devem ser sempre ultimados pela mesma turma para garantia dos resultados. Dispõem do equipamento seguinte:

(a) — Equipamento comum de campanha, menos o de rancho.

(b) — Equipamento-unidade maxilo-facial, 9 733 008, que comprehende:

1. — Coleção completa de anestesia.
2. — Coleção de instrumental básico.
3. — Coleção de instrumental ortopédico.
4. — Coleção de instrumental maxilo-facial.
5. — Instrumental cirúrgico sortido.

(c) — Caminhão de cirurgia, de 2 1/2T, e barraca ajustável para cada duas turmas (V. (2) acima). O transporte consiste geralmente de caminhão de carga de 1 1/2T e um reboque de 1T para cada duas turmas. É o suficiente para o transporte do pessoal e equipamento.

(6) *Turmas neuro-cirúrgicas* (EE). — Cada uma destas turmas conta com neuro-cirurgião, assistente de neuro-cirurgia, oficial anestesista, enfermeira e praças técnicas de cirurgia. Encarregam-se dos tratamentos neuro-cirúrgicos completos, inclusive intervenções no cérebro, na medula espinhal, nos nervos periféricos, que devem ser ultimados pela mesma turma para garantia dos resultados. Dispõem do equipamento seguinte:

(a) — Equipamento comum de campanha, menos o de rancho.

(b) — Equipamento-unidade neuro-cirúrgico, 9 733 009, que comprehende:

1. — Coleção completa de anestesia.
2. — Coleção de instrumental básico.
3. — Coleção de instrumental neuro-cirúrgico.

(c) — Caminhão de cirurgia, de 2 1/2T, e barraca ajustável para cada duas turmas (V. (2) acima). O transporte consiste geralmente de caminhão de carga de 1 1/2T e mais de 2 1/2T e um reboque de 1T para cada duas turmas. É o suficiente para o transporte do pessoal e equipamento.

(7) *Turmas tóraco-cirúrgicas* (EF). — Cada uma destas turmas conta com tóraco-cirurgião, assistente de tóraco-cirurgista, ofi-

cial anestesista, enfermeira e três praças técnicas de cirurgia. Encarregam-se do tratamento de todos os ferimentos torácicos, que devem ser ultimados pela mesma turma para garantia dos resultados. Dispõem do equipamento seguinte:

(a) — Equipamento comum de campanha, menos o de rancho.
 (b) — Equipamento-unidade tóraco-cirúrgico, 9 733 014, que compreende:

1. — Coleção completa de anestesia.
2. — Coleção de instrumental básico.
3. — Coleção de instrumental torácico.

(c) — Caminhão de cirurgia, de 2 1/2T, e barraca ajustável para cada duas turmas (V. (2) acima). O transporte consiste geralmente de caminhão de carga de 1 1/2T e mais um de 2 1/2T e um reboque de 1T para cada duas turmas. É o suficiente para o transporte do pessoal e equipamento.

(8) *Turmas de gasados (EG).* — Cada uma destas turmas conta com oficial médico, dois sargentos e certo número de praças técnicas. Encarregam-se da oxigênioterapia para os casos de irritação pulmonar, tratados nas seções improvisadas de gasados dos órgãos de saúde; ou reforçam as seções de gasados já instaladas em hospitais e postos de triagem. É a função exclusiva delas, não contando



Fig. 146 — O uso do aparêlho de oxigenoterapia

com equipamento para qualquer outro tipo de tratamento. Dispõem do equipamento seguinte:

- (a) — Equipamento comum de campanha, menos o de rancho.
- (b) — Equipamento-unidade de gasados, 9 733 005, que compreende:
 - 1. — Cilindros de oxigênio cheios.
 - 2. — Aparelhos de oxigenoterapia, tubo e acessórios (V. fig. 146).
 - 3. — Curativos individuais.
- (c) — Barraca de esquadra.
- (d) — O transporte consta de caminhões leves e pesados e reboques suficientes para o pessoal e equipamento.

250. EQUIPAMENTO E TRANSPORTE. V. § 249.

251. INSTRUÇÃO. *a. Individual.* — O pessoal da unidade é quase todo técnico, a maior parte do qual é já formada. Além do treinamento básico para todo o pessoal, os especialistas devem ser preparados em cursos técnicos ou em hospitais fixos. Devem ser habituados a preparar os meios operatórios e saber ajudar durante as intervenções. Os oficiais devem ser especializados e bem treinados nos encargos profissionais para que forem designados, fazendo préviamente estágios complementares em hospitais civis e militares, para perfeita adaptação.

b. Conjunta. — O treinamento conjunto da unidade é importante. Os membros de cada turma devem ser inamovíveis, trabalhando sempre juntos, íntima e cordialmente. Todos devem conhecer bem os seus deveres, e as relações que estes possam ter com os dos seus camaradas. O adestramento compreenderá também a instalação das barracas de cirurgia e o uso do equipamento do caminhão operatório.

c. Combinada. — A instrução combinada não tem grande importância.

252. ADMINISTRAÇÃO. *a. Pessoal.* — A administração da unidade é comparável à de companhia independente. O comando encaminha as partes diárias e os demais documentos referentes a pessoal ao Centro de Concentração do Serviço de Saúde ou a outra autoridade superior, segundo as ordens em vigor.

b. Saúde. — Normalmente a unidade não encaminha os mapas de doentes e feridos e os estatísticos. As informações sobre as atividades das turmas técnicas são encaminhadas de acordo com as normas regulamentares.

c. *Aprovisionamento*. (1) — Se turma de rancho estiver destacada na unidade, os suprimentos de classe 1 serão recolhidos, sem pedido, pelo sargento aprovisionador, em ponto de distribuição designado e entregues à turma de rancho.

(2) — O material de saúde é obtido, mediante requisição, nos depósitos de material de saúde da zona de comunicações. O material é recolhido, desses depósitos, pelos veículos da unidade. Certos artigos poderão ser adquiridos nos próprios hospitais em que estiverem destacadas as turmas.

(3) — Os outros suprimentos serão pedidos, pelos trâmites legais, aos mais próximos depósitos correspondentes.

d. *Assistência a doentes e acidentados*. — Não contando a unidade com dispensário orgânico, o seu pessoal é atendido no mais próximo órgão de saúde que dele dispuser, que poderá ser um dispensário geral qualquer ou o próprio hospital em que estiver destacada a turma.

CAPITULO 19

LABORATORIO GERAL

253. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-500 HA). — O laboratório geral é constituído por comando, grupo de seções administrativas e grupo de seções técnicas.

254. FUNÇÕES. a. *Generalidades*. — Quando os efetivos o justificarem, um laboratório geral poderá ser instalado no teatro de

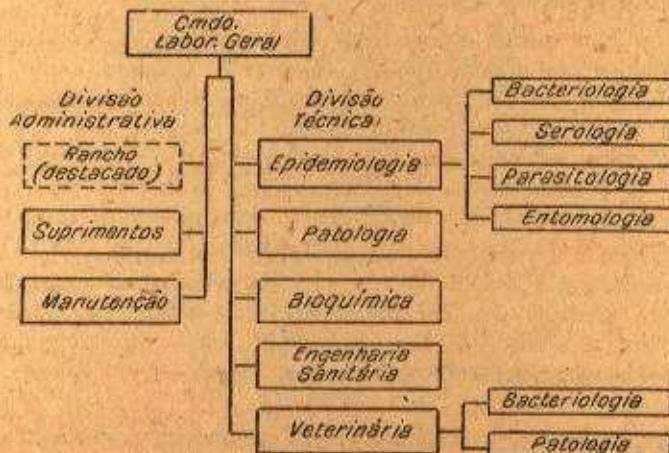


Fig. 147. Organização funcional do laboratório geral

operações. É inamovível; encarrega-se de estudos epidemiológicos, pesquisas, inspeções técnicas e investigações. Especialistas experimentados serão enviados a qualquer parte do território do teatro, para fazer inquéritos epidemiológicos e cooperar no controle de qualquer epidemia de vasta extensão e natureza séria. Manufatura e padroniza os sôros, as soluções químicas, os antigenos bacterianos, os corantes, os produtos biológicos, etc. Distribui literatura técnica referente à profilaxia das doenças e aos métodos de laboratório. Padroniza a técnica e o material de todo o serviço de laboratório do teatro de operações (dos hospitalares e dos órgãos autônomos). Para executar estes encargos, o laboratório deve ser localizado centralmente, sob o ponto de vista do serviço, onde existirem os meios disponíveis necessários, como em escolas, em edifícios de estabelecimentos de saúde pública, etc. Os exames e as pesquisas podem ser requisitados pelos médicos-chefes das unidades, pelos médicos-inspetores, pelas unidades de saúde.

b. *Particularidades.* (1) *Estado-maior.* (a) — O comandante do laboratório é responsável pela administração, instrução, disciplina e pelo funcionamento do laboratório em qualquer situação. Pôsto que os seus principais encargos sejam administrativos, ele deve ter conhecimentos profundos dos trabalhos de laboratório e epidemiologia, para supervisionar com proficiência as atividades das várias seções. Compete-lhe a classificação do pessoal, a sistematização dos processos técnicos usados, a indicação dos produtos comerciais e dos produzidos pelo laboratório. É diretamente responsável perante o chefe do serviço de saúde do teatro ou da zona de comunicações, segundo as disposições vigentes.

(b) — Um oficial é assistente administrativo do comandante, encarregando-se da administração rotineira do comando, como recebimento e expedição de ordens, informações e demais correspondência. Pode encarregar-se da administração do pessoal, das folhas de pagamento, dos assentamentos de serviço, etc.; ser designado comandante do destacamento, administrando as praças do laboratório, auxiliado por sargentos, com atribuições de comandante de companhia.

(2) *Divisão técnica.* (a) *Seção de Epidemiologia.* — Esta seção, comandada por oficial médico, executa estudos epidemiológicos, coopera no controle das epidemias, identifica micróbios, parasitas, insetos e imune-sôros enviados por outros órgãos de saúde ou por indivíduos convenientemente autorizados. Divide-se em quatro subseções:

1. *Subseção de bacteriologia.* — É comandada por oficial especializado em bacteriologia, auxiliado por outros dois oficiais bacteriologistas, sargento e técnicos. Encarrega-se da identificação das

bactérias existentes em culturas, materiais de exame, amostras de água enviadas pelos órgãos competentes do teatro de operações.

2. *Subseção de serologia*. — É comandada por oficial especializado em serologia, auxiliado por outros dois oficiais bacteriologistas, sargento e técnicos. Encarrega-se dos exames sorológicos, Kahn, Wasserman, aglutinação, etc., dos materiais enviados pelos órgãos competentes do teatro; da preparação de soro e de todos os trabalhos sorológicos.

3. *Subseção de parasitologia*. — É comandada por oficial especializado em parasitologia, auxiliado por praças técnicas. Encarrega-se da identificação dos parasitas humanos encontrados nos materiais enviados pelos órgãos competentes do teatro; e das indicações, para tratamento dos indivíduos infestados e para profilaxia das parasitoses.

4. *Subseção de entomologia* — É comandada por oficial especializado em entomologia, auxiliado por outro oficial entomologista, sargento e técnicos. Encarrega-se da identificação de insetos enviados pelos órgãos competentes do teatro; das pesquisas de focos e das indicações profiláticas contra as doenças veiculadas por insetos.

(b) *Seção de patologia*. — É comandada por oficial médico especializado em anáATOMO-patologia, auxiliado por outro oficial patologista, sargento e técnicos. Encarrega-se do exame das biópsias enviadas pelos órgãos competentes do teatro; do preparo dos cortes micrométricos e dos seus diagnósticos; da preparação e expedição de amostras anátomopatológicas ao Museu de Saúde do Exército.

(c) *Seção de bioquímica*. — É comandada por oficial especializado em bioquímica, auxiliado por outros dois oficiais bioquímicos e praças técnicas. Encarrega-se das provas bioquímicas executadas nos materiais enviados pelos órgãos competentes do teatro ou obtidos em pesquisas empreendidas pela seção; da preparação de soluções químicas padronizadas e de outros trabalhos especializados. Pode também executar pesquisas toxicológicas solicitadas.

(d) *Seção de engenharia sanitária*. — É comandada por oficial especializado em engenharia sanitária, auxiliado por outro oficial e praças técnicas. Encarrega-se das inspeções e das propostas sobre construções e equipamentos sanitários; das instalações e dos melhoramentos de novas obras sanitárias e novos equipamentos.

(e) *Seção de veterinária*. — É comandada por oficial veterinário, auxiliado por outro, sargento e praças técnicas. Divide-se em duas subseções:

1. *Subseção de bacteriologia*. — É encarregada de isolar bactérias de materiais, carne, leite, alimento, culturas, etc., enviadas pelos órgãos competentes do teatro de operações.

2. *Subseção de patologia.* — É encarregada de apresentar propostas sobre inspeções de carnes, como órgão consultivo; de examinar amostras enviadas pelos órgãos competentes do teatro.

(3) *Divisão administrativa.* — Um oficial pode ser encarregado da supervisão do rancho, da manutenção de motores, dos suprimentos. Turma de rancho prevista na TOE 8-500 pode ser destacada no laboratório sob a direção desse oficial. Como oficial aprovador da unidade, ele adquire, armazena e distribui todos os seus suprimentos, auxiliado por sargento. Não há mecânicos; o controle e a manutenção de primeiro escalão dos veículos são atribuições do referido oficial.

255. EQUIPAMENTO. — O equipamento compreende, além do comum de campanha (menos o de rancho), barraca pequena para o comandante, máquinas de escrever e equipamento-unidade de laboratório geral, 9 727 600, que comporta: material especializado completo para os trabalhos do laboratório, constante de instrumentos de dissecação, estufas, autoclaves, microscópios e acessórios sortidos, centrifugadores, micrótomos, vidraria especializada, drogas e reativos diversos e boa biblioteca técnica.

256. TRANSPORTE. — Os meios de transporte motorizado da unidade são insuficientes para deslocar o pessoal e o equipamento inteiros, mas são satisfatórios para as suas funções administrativas. Constanam de jipes, caminhões de petrechos de 3/4T e de carga de 1 1/2T.

257. INSTRUÇÃO. a. *Individual.* — É a fase mais importante da instrução da unidade. Quase todos os seus elementos são técnicos; e, como tais, além do treinamento básico, devem ser adestrados em escolas técnicas especiais ou já serem profissionais da vida civil. Cursos técnicos da própria unidade podem preparar especialistas não computados (V. TOE 8-500) nos efetivos. Os técnicos orgânicos devem ser altamente experimentados nas especializações de patologia, bacteriologia, serologia, química, entomologia e veterinária. Deve haver estenógrafo familiarizado com a terminologia médica e as abreviaturas de laboratório. Os técnicos de rancho, administração, motores e aprovimento devem ser bem treinados.

b. *Conjunta.* — A instrução conjunta subordina-se à técnica individual. As seções devem treinar em trabalhos conjuntos, sendo as atribuições de cada um dirigidas pelos chefes das seções. Deve-se prever exercício de armá e desarmar barracas de esquadra.

258. ADMINISTRAÇÃO. a. *Pessoal.* — O comando da unidade encaminha as partes diárias e os outros documentos referentes

a pessoal ao comando da zona de comunicações, de acordo com as ordens em vigor.

b. Saúde. — A documentação especializada do laboratório é encaminhada aos chefes dos serviços de saúde do teatro ou da zona de comunicações, segundo o caso. Os modelos dos pedidos de exame são recebidos em duplicata dos órgãos de saúde ou das autoridades competentes; registados os resultados, uma das cópias é arquivada no laboratório e a outra enviada a destino, à autoridade ou unidade requisitante.

c. Aprovisionamento. (1) — Os suprimentos automáticos da classe I são recolhidos diariamente, pelo oficial aprovisionador da unidade, dos pontos de distribuição designados, da zona de comunicações.

(2) — O material de saúde é obtido do depósito de material de saúde da zona de comunicações, por pedido, contra crédito fixado ou por pedido extraordinário. As entregas são feitas nos depósitos aos veículos do laboratório. O laboratório distribui aos hospitais e aos laboratórios de saúde os suprimentos especiais de laboratório não fornecidos regularmente pelos canais competentes, como vacinas, sôros, etc., nêle preparados.

(3) — Os outros suprimentos são requisitados nos mais próximos depósitos correspondentes.

d. Assistência a doentes e acidentados. — Não contando a unidade com equipamento, para instalação de dispensário, o seu pessoal é atendido no mais próximo órgão de saúde que dêle dispuser, geralmente um dispensário geral.

CAPÍTULO 20

CENTRO DE CONCENTRAÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE

259. ORGANIZAÇÃO. — O centro de concentração do serviço de saúde é constituído de comando (V. TOE 8-500 AE), destacamentos dos serviços de intendência, postal, finanças e polícia e de certo número de unidades destacadas do serviço de saúde (V. fig. 184).

260. FUNÇÕES. *a. Generalidades.* (1) — Nas forças de pequenos efeitos, os órgãos de recompletamento de saúde, exce-
tuando-se, talvez, os que disponham de enfermeiras, serão locali-
zados vantajosamente nos órgãos de recompletamento gerais, de
depósito, de batalhão. Nas forças de grandes efeitos, todavia, há
grande conveniência de reunir todos os órgãos de recompletamento

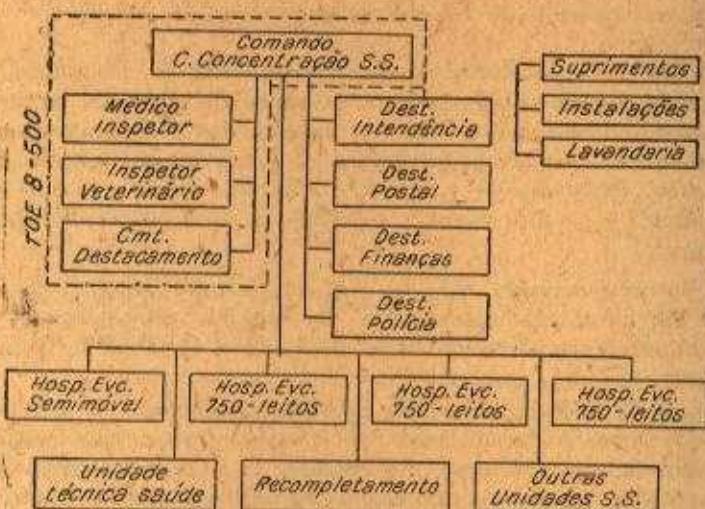


Fig. 148 - *Tipo de Centro de concentração do Serviço de Saúde*

de saúde da zona de comunicações, em acampamentos ou áreas controlados pelo serviço de saúde; isto é, em centro de concentração do serviço de saúde. Si a extensão do teatro de operações o justificar, um órgão de comando deste centro poder-lhe-á ser computado. Comporta administração sobreexcedente para qualquer unidade de saúde mantida em reserva, das apartadas dos exércitos para reorganização e das que chegarem da zona do interior. Toda tropa de saúde que chegar ao teatro, salvo as unidades divisionárias e as dos destacamentos, deve reunir-se ao centro, a menos que já vier designada para instalar estabelecimento. Cada unidade permanece no centro até que tenha recebido missão ou esteja em condições de instalar-se.

(2) — As outras atribuições do centro são:

(a) — Fornecer equipamento orgânico às unidades integrantes do centro.

(b) — Prever localização para unidade privada de pessoal e material em longas operações de frente, onde possa ser recompletada e reequipada.

(c) — Determinar local onde a instrução possa ser continuada

(3) — O centro não é móvel e localiza-se em posição da zona de comunicações onde existam bons meios de comunicações com a frente e a retaguarda, perto de depósito de material de saúde. Si a zona de comunicações for ampla em profundidade e a situação táctica o exigir, poderão ser instalados dois centros; um bem à retaguarda da área, perto da base principal; e o outro suficientemente avançado,

situado centralmente, logo à retaguarda da zona de combate. Os centros ficam sob a jurisdição do chefe do serviço de saúde do teatro de operações, que controla a classificação de unidades e órgãos de reacompletação nos centros e a consequente distribuição deles. O chefe do serviço de saúde da zona de comunicações pode controlar os pequenos destacamentos de intendência, de administração e o funcionamento dos centros.

b. Particularidades. (1) *Comando.* (a) — O comandante é responsável pela administração, instrução, disciplina e pelo funcionamento do centro de concentração de saúde (comando); pela administração, disciplina e pelo funcionamento dos destacamentos de serviços; pela administração, disciplina e, até certo limite, pela instrução das unidades de saúde integrantes e do pessoal em geral.

(b) — O subcomandante, também médico inspetor, é o principal assistente do comandante, respondendo por ele, em sua ausência, ou sobre assuntos cujo critério tenha sido bem estabelecido.

(c) — O ajudante executa a administração rotineira do comando, inclusive recebimento e expedição de ordens, informações e correspondência, sendo auxiliado por suficiente número de praças.

(d) *Ajudante assistente.* — Um oficial pode ser designado ajudante assistente para os trabalhos do pessoal (comandante do contingente), preparando as folhas de pagamento, as folhas de alterações e exercendo os encargos de administração das praças. Pode também supervisionar os suprimentos do comando e o funcionamento de veículos motorizados. O comando arranha em uma das unidades integrantes ou pode dispor de turma de rancho adida.

(2) *Médico inspetor.* — O subcomandante é também médico inspetor. Ispica periodicamente o centro inteiro, assegurando-se de que todas as regras higiênicas estejam sendo cumpridas, prestando freqüentes informes a respeito ao comandante. Outras inspeções podem-lhe ser atribuídas também, com o fito de garantir a exatidão do equipamento e a execução da instrução das unidades de saúde integrantes.

(3) *Inspetor veterinário.* — Oficial do Corpo de Veterinários, auxiliado por sargento, inspeciona as carnes e os lacticínios dos abastecimentos do centro, verificando-lhes as qualidades comestíveis.

(4) *Destacamentos de intendência, postal, de finanças, de polícia.* (a) *Intendência.* — Encarrega-se do seguinte:

1. — Funcionamento da lavandaria para atender o centro inteiro.
2. — Funcionamento e conservação das instalações do centro, como esgôto, provimento de água, luz elétrica, sistema de aquecimento, etc.

3. — Instalação de posto de aprovisionamento, para a supervisão de todos os suprimentos, salvo material de saúde, que são requisitados, inclusive as rações, aí, retirados dos vários pontos de aprovisionamento e estocados no armazém de intendência. Assim, todas as unidades recebem os suprimentos, menos o material de saúde, deste posto.

(b) *Postal*. — Encarrega-se da instalação de agência de correio de exército (ACE) para todo o centro.

(c) *Finanças*. — Encarrega-se do pagamento das tropas e dos civis que servem no centro. As folhas de pagamento são elaboradas pelos oficiais das unidades encarregadas do pessoal.

(d) *Polícia*. — Encarrega-se do policiamento, das guardas e do controle do tráfego no âmbito do centro; o pessoal da guarda é fornecido pelas diversas unidades integrantes do centro.

261. EQUIPAMENTO (V. TOE 8-500). — Do equipamento consta:

a. — Barracas e tarimbás articuláveis para todo o pessoal do comando do centro de concentração de saúde.

b. — Barracas para os armazéns e as repartições do centro; assim como máquinas de escrever, mesas, cadeiras e um cofre.

c. — Os outros equipamentos normais de campanha, salvo o de rancho.

262. TRANSPORTE. — O transporte motorizado basta apenas para as necessidades administrativas do comando do centro, constando de alguns caminhões leves e pesados.

263. INSTRUÇÃO. a. *Individual*. — Além da instrução básica, os seguintes técnicos devem ser preparados pela própria unidade ou em escolas especiais: escreventes, estenógrafos, inspetores de carnes e de lacticínios e condutores.

b. *Conjunta*. — Assim que a instrução individual tenha facultado certo preparo fundamental, os membros de cada seção podem receber treinamento coordenado, no funcionamento das respectivas turmas conjuntamente. O adestramento prático pode ser ministrado durante a execução do serviço.

c. *Combinada*. — A instrução combinada pode ser também executada praticamente no desempenho das funções de cada um, sob o ponto de vista da finalidade e do emprégo das unidades.

264. ADMINISTRAÇÃO. *a. Pessoal.* — As partes diárias e os outros documentos informativos são elaborados pelas unidades integrantes do centro e encaminhados aos comandos da zona de comunicações ou do teatro de operações, segundo as ordens, por intermédio do comando do centro.

b. Saúde. — Só a documentação especial determinada acidentalmente pelas autoridades superiores. Os mapas de doentes e feridos dos hospitais transitam pelo comando do centro.

c. Aprovisionamento. — O serviço de aprovisionamento do centro inteiro pode ser centralizado sob o controle do destacamento de intendência. Os oficiais aprovisionadores das unidades, inclusive o do comando do centro, podem obter os suprimentos por intermédio do oficial aprovisionador do centro, o mesmo do posto de aprovimento do referido destacamento. O material de saúde pode ser pedido diretamente ao depósito mais próximo pelas unidades, por intermédio dos chefes dos serviços de saúde do centro de concentração de saúde e da zona de comunicações.

d. Assistência a doentes e feridos. — Não sendo dotado o comando do centro de equipamento para dispensário, o seu pessoal é atendido normalmente no dispensário da mais próxima unidade do centro ou de qualquer dispensário geral.

CAPITULO 21

ÓRGÃO ESPECIAL PARA O CONTROLE DA MALÁRIA

265. ORGANIZAÇÃO. — Este órgão é constituído de médico inspetor especial (malariaologista), um ou mais médicos inspetores assistentes (malariaologistas), uma ou mais unidades de pesquisas antimaláricas, uma ou mais unidades de saneamento antimalárico, uma ou mais companhias, pelotões ou bando (civis) sanitários, tudo segundo as necessidades (V. fig. 149).



Fig. 149. Órgão especial para o controle da malária

266. FUNÇÕES. *a. Generalidades.* — O órgão especial contra a malária depende do comando da zona de comunicações. Em geral as suas atribuições consistem em:

(1) — Projetos, execução e supervisão das medidas de controle contra a malária.

(2) — Difusão da disciplina contra a malária entre as tropas, vulgarizando conhecimentos e conselhos convenientes.

(3) — Investigações sobre mosquitos, baços e parasitos, como base para a proteção dos acampamentos, as medidas de controle, a precisa verificação dos resultados.

(4) — Informações ao chefe do serviço de saúde sobre a prevalência e o controle de outras doenças transmissíveis por mosquitos, como as filariose, o dengue e a febre amarela.

b. *Particularidades.* (1) *Médico inspetor especializado* (malariaologista). — Oficial médico, com conhecimentos especializados, sob a supervisão direta do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações, é o responsável pela direção do órgão especial para o controle da malária. É aconselhado consultivo do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações, em tudo o que diga respeito à malária e às outras doenças veiculadas por mosquitos. Deve manter íntima ligação com o Corpo de Engenheiros sobre as obras práticas de saneamento antimarial. Encarrega-se dos suprimentos de inseticidas, larvicidas e outros meios antipalustres.

(2) *Inspetor assistente especializado* (malariaologista). — Oficial do Corpo médico ou do Corpo sanitário auxilia a direção geral do órgão; as investigações básicas sobre mosquitos, baços e parasitos; os assuntos sobre defesa individual, como uso de repelentes.

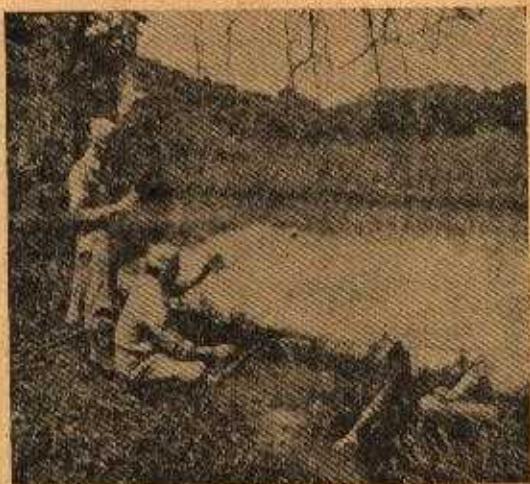


Fig. 150 — Colhendo larvas de mosquitos, para identificação em laboratório.

vestuários protetores, aspersões inseticidas; os projetos e contraprovas das medidas de controle; a vulgarização da disciplina antimalaria entre as tropas.

(3) *Unidade de pesquisas antimalariaicas FB* (V. TOE 8-500).

(a) — Esta unidade é efetivamente laboratório ambulante sobre malária, encarregada das seguintes atribuições:

1. — Investigações gerais e específicas sobre mosquitos adultos e em estado larvário, estudando-lhes a distribuição geográfica e estacional, os caracteres biológicos, as incidências e relações com o paludismo.

2. — Preparo de recomendações para a execução das medidas de controle antimaláricas em áreas de endemia.

3. — Captura de mosquitos alados e de larvas como meios de manter provas da eficiência das medidas de controle.

4. — Investigações gerais e específicas sobre os germes da malária entre os civis e as tropas, para determinar a incidência, a distribuição geográfica e estacional e as espécies de plasmódios.

5. — Pesquisas sobre os agentes etiológicos da malária entre as tropas, para verificar a eficiência da terapêutica e a possibilidade da supressão do tratamento e das medidas profiláticas.

6. — Manutenção dos necessários registos e levantamentos topográficos, para demonstrar clara e continuamente o quadro das condições palustres, sempre que solicitadas informações pelo chefe do serviço de saúde da zona de comunicações.

7. — Empreendimento de estudos especiais sobre a malária e as outras doenças transmissíveis por mosquitos, quando isso for determinado pelo chefe do serviço de zona de comunicações.

(b) — A unidade de pesquisas antimalariaicas é comandada por oficial do Corpo Sanitário (entomologista ou parasitologista) auxiliado por escrevente. É responsável pelo expediente e pelos documentos decorrentes dos encargos supracitados. Esta unidade pode ser constituída de duas turmas:

1. *Turma de pesquisas contra mosquitos.* — É encarregada por entomologista, que é o seu comandante, praças técnicas e motoristas dos caminhões em que é transportada a turma para os locais dos trabalhos. Procede investigações sobre mosquitos, colige espécimes adultos e larvários, registando e analizando os dados daí decorrentes.

2. *Turma de pesquisas contra plasmódios.* — É encarregada por oficial treinado na identificação de plasmódios, praças técnicas e motoristas dos caminhões em que é transportada a turma para os locais das pesquisas. Procede investigações sobre plasmódios no meio civil e entre as tropas, estudando amostras de sangue e baco, registando e analizando os dados obtidos.

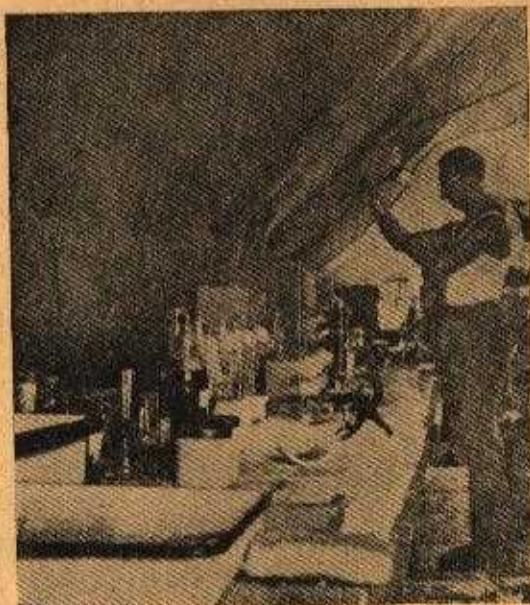


Fig. 151 — Laboratório de unidade de pesquisas anti-maláricas

(c) *Laboratório*. — O pessoal restante (laboratório), juntamente com o das turmas, uma vez terminados os trabalhos de campo, executa os trabalhos de laboratório da unidade.



Fig. 152 — Drenando pantanal no Norte da África

(4) *Unidade de saneamento contra a malária* (V. TOE 8-500).

(a) — Esta unidade é comandada por oficial do Corpo Sanitário (engenheiro sanitário). As suas funções são:

1. — Elaboração de projeto minudente das medidas de controle contra a malária, aproveitando inteiramente os dados colhidos pela turma de pesquisas.

2. — Instauração, execução e manutenção das medidas de controle.

3. — Supervisão de companhias e pelotões sanitários, quando destacados no órgão especial de controle da malária.

4. — Contrato e supervisão dos bando de civis organizados para a profilaxia da malária de conformidade com as ordens superiores.

(b) — A unidade de saneamento anti-malárico comprehende engenheiro sanitário, que é o seu comandante, auxiliado por sargento, escrevente, praças sanitárias e condutores dos caminhões basculantes e outros veículos distribuídos à unidade. O oficial supervisiona e dirige todas as fases de execução dos trabalhos de profilaxia, no âmbito da área a sanear. Os técnicos sanitárias controlam as atividades das companhias sanitárias ou dos bando de civis nos trabalhos de aspersão de petróleo, etc. Os motoristas dos caminhões basculantes transportam terra para aterros ou dos valados de drenagem.

(5) *Companhia sanitária*. — Uma ou mais companhias sanitárias podem ser classificadas no órgão especial de controle da malária. Sob a orientação de engenheiro sanitário (o comandante da



Fig. 153 — Aspergindo óleo em lagôa da Austrália

unidade de saneamento anti-malárico), executa os trabalhos de profilaxia, tais como drenagem e aterrado pantanais, portecão de edifícios, aspersões de torrentes, etc. (V. cap. 22).

6. *Pelotão sanitário JA.* — Um ou mais pelotões sanitários (TOE 8-500) podem ser classificados no órgão especial de controle da malária. O pelotão conta com oficial, sargentos, técnicos sanitários e trabalhadores. Sob a orientação de engenheiro sanitário (o comandante da unidade de saneamento anti-malárico), executa as mesmas atribuições descritas para a companhia sanitária. Turma de rancho da TOE 8-500 pode ser destacada neste pelotão.

(7) *Bandos contra a malária.* — Sempre que for possível e conveniente, como ocorre geralmente nas zonas tropicais, onde o paludismo é comum, civis podem ser recrutados localmente. São organizados em grupos ou "bandos contra a malária" e adestrados, sob a direção do engenheiro sanitário, durante a execução dos trabalhos, como já foi descrito na companhia sanitária. Depois de convenientemente preparados, estes bandos são aproveitados nos trabalhos de profilaxia previstos, sob a direção do citado engenheiro.

(8) *Esquadras de companhia contra a malária.* — Em certas áreas pode ser aconselhável que sejam organizadas, nas companhias,



Fig. 154 — Fulverizando verde-paris

esquadras contra a malária, compostas de algumas praças, de cada companhia de todas as unidades, sob as ordens de sargento, para executar a profilaxia antimalária da sua companhia, como o combate ao mosquito adulto nos aquartelamentos e abarracamentos, a guarda dos telamentos, a polícia de foco dos recipientes possíveis nas cercanias de acampamentos e a manutenção da disciplina antimalária na respectiva companhia. Estas esquadras devem ser treinadas tecnicamente sob a supervisão da unidade de saneamento antimalárico, mas permanecem sob o comando da respectiva companhia.



Fig. 155 — Aspergindo abrigo, em trincheira, com nebulizador de aerosol

267. EQUIPAMENTO. a. *Unidade de pesquisas antimaláricas.* — Esta unidade, além do equipamento regular de campanha, conta ainda com uma "unidade de pesquisas anti-maláricas 9N01 800", que compreende:

- (1) — Drogas e produtos químicos para duração média de 60 dias.
- (2) — Pinças, bisturis, agulhas e siringas.
- (3) — Microscópio comum e estereoscópico, hemocitômetro, hemoglobinímetro, lâminas, pipetas, dessecadores, frascos, vasos de Coplin, balança granatária, lâmpadas, canastra de saneamento antimalárico e outros equipamentos de laboratório.

- (4) — Caixa de entomologia, rôdes para apanhar insetos, alfinetes para mostruário, vasos de pedreiro e outros equipamentos para capturar mosquitos.
- (5) — Coleção de canastras MD n. 4 e outros artigos de escritório.
- (6) — Livros diversos, sobre a malária e laboratório.

b. Unidade de pesquisas antimaláricas. — Esta unidade, além do equipamento regular de campanha, conta ainda com trânsito de engenharia, facões, mochilas de petróleo e outros aspersores, pulverizadores de verde paris, luvas contra mosquito, aspersores de mão, botas de borracha, pás, martelos, serras e outros utensílios de carpinteiro, carrinhos de mão, foices, barraca de armazenagem, outros equipamentos especiais e uma "unidade de saneamento antimalárico 9N01 700". Este equipamento de saúde compreende material de saúde variado, tais como toalhas, escovas, álcool, material de expediente, barbante, balança granatária, instrumentos de desenho, canastra MD n. 4 e livros de controle de mosquitos. Há caminhões para remoção de terra, para aterros e de valados de drenagem. Petróleo, verde paris, bombas de aerosol, repelentes e outros suprimentos semelhantes são obtidos do serviço de aprovisionamento do teatro de operações.

c. Companhia sanitária. (V. cap. 22) — Esta companhia também emprega o equipamento da unidade de saneamento antimalárico, com aspersores de petróleo, pulverizadores de verde paris, carrinhos de mão, etc. Pode também pedir equipamento especial, quando necessário e autorizado pelo comandante da zona de comunicações, para a execução de determinadas tarefas.

d. Pelotão sanitário. — Este pelotão, além do equipamento regular de campanha, salvo o de rancho, conta ainda com pulverizadores e aspersores contra insetos, facões, balisas, trênas, carrinhos de mão, botas de borracha, pás, foices, pás, serras e outros utensílios, barracas e máquina de escrever.

e. Bandos contra a malária. — Além do equipamento especial usado pela unidade de saneamento antimalárico, esta unidade pode utilizar ainda equipamento extra autorizado pelo comandante da zona de comunicações, pedido extraordinariamente.

f. Esquadras de companhia contra a malária. — Os artigos como bons inseticidas de aerosol e outros produtos de aspersão podem ser obtidos em pedidos, por intermédio do S-4. Outros equipamentos, como utensílios de carpinteiro, podem ser obtidos da própria companhia.

268. TRANSPORTE. *a. Unidade de pesquisas anti-maláricas.*

— Esta unidade dispõe de alguns caminhões leves, suficientes para o deslocamento da unidade inteira.

b. Unidade de saneamento antimalárico. — Esta dispõe de alguns caminhões leves para o transporte do engenheiro sanitário, das praças e do equipamento; e de vários caminhões pesados para carregar os suprimentos e movimentar terra, nos trabalhos de drenagem e aterros. Um mecânico de auto pode ser ai destacado, para a manutenção de segundo escalão.

c. Companhia sanitária. V. cap. 22.

d. Pelotão sanitário. Nenhum

269. INSTRUÇÃO. *a. Unidade de pesquisas antimaláricas.*

(1) *Individual.* — Além da instrução básica, os técnicos sanitários e de laboratório devem cursar escolas especiais. Devem-se aperfeiçoar sobretudo no conhecimento de mosquitos, doenças transmissíveis por êles, identificação dos germes da malária no sangue e em métodos práticos de profilaxia. Motoristas e escrevente devem também ser bem treinados.

(2) *Conjunta e combinada.* — Estas instruções dependem das autoridades superiores.

b. Unidades de saneamento antimalárico. (1) *Individual.* — Além da instrução básica, os técnicos sanitários e os reparadores biscoateiros devem ser preparados em escolas especiais. Devem-se aperfeiçoar na profilaxia do mosquito, por todos os processos; no emprego do equipamento respectivo; e na técnica de demonstrações e instrução.

(2) *Conjunta e combinada.* — Estas instruções dependem das autoridades superiores.

c. Companhia, pelotão sanitário e bando contra a malária. — Estas unidades devem ser treinadas no uso do equipamento da profilaxia do mosquito e na execução do respectivo saneamento (V. cap. 22).

270. ADMINISTRAÇÃO. *a. Pessoal.* — O médico inspetor especializado e os assistentes são membros do estado-maior do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações. As unidades de pesquisas antimaláricas e de saneamento antimalárico, a companhia e o pelotão sanitário possuem administração comparável a qualquer companhia ou destacamento independentes, encaminhando os documentos referentes ao pessoal ao comando da zona de comunicações.

b. Saúde. — As informações de saúde e as investigações sanitárias são enviadas ao chefe do serviço de saúde da zona de comunicações.

i. Aprovisionamento. (1) *Classe I.* — Excetuando a companhia sanitária e o pelotão sanitário, quando dispuser de turma de rancho destacada, todas as outras unidades precisam arranhar nos órgãos mais próximos, talvez no próprio pelotão sanitário, não havendo necessidade de suprimentos de classe I.

(2) — Os outros suprimentos serão pedidos, por intermédio do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações, ao mais próximo depósito correspondente. Equipamentos especiais de engenharia e outros precisos na profilaxia do mosquito, podem ser fornecidos em pedidos extraordinários, sob autorização do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações.

d. Assistência a doentes e accidentados. — Como nenhuma das unidades dispõe de equipamento de dispensário, elas são atendidas na mais próxima que dêle dispuser.

CAPITULO 22

C O M P A N H I A S A N I T Á R I A

271. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-117). — A companhia sanitária é constituída de órgão de comando e de dois pelotões idênticos (V. fig. 156).

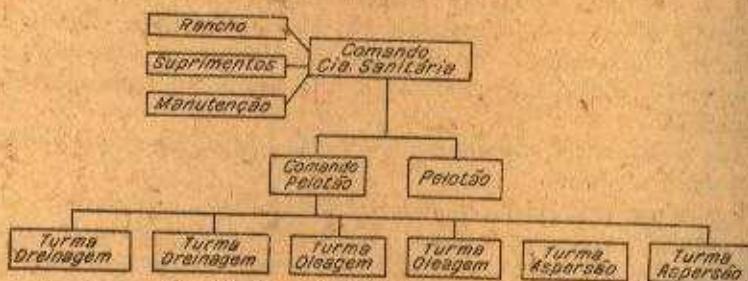


Fig. 156-Organização da companhia sanitária.

272. FUNÇÕES. a. *Generalidades.* — A companhia sanitária funciona sob o controle do chefe do serviço de saúde do teatro de operações, até que passe às ordens de unidade de saneamento antimalárica ou de hospital. Executa uma das seguintes funções:

(1) — Sob a direção de malariologista e do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações, como parte componente de "órgão especial de controle da malária", a companhia pode ser empregada em trabalhos de saneamento antipalustres, tais como drenagem ou aterros de pantanais, oleagem de rios e lagoas, aspersões, etc. (V. Cap. 21).

(2) — Nos hospitais gerais e de guarnição de mais de 1.000 leitos, a companhia pode suplementar o pessoal encarregado de determinadas tarefas pelo respectivo comandante, como sejam, serventes de enfermaria, ajudantes de cozinha ou trabalhadores de saneamento.

b. *Particularidades.* (1) *Comando* (a) — O comandante é responsável pela instrução, administração, disciplina e pelo funcionamento da companhia; no que é auxiliado por número suficiente de praças.

(b) *Rancho*. — Sob as ordens do sargento do rancho, o pessoal do rancho prepara e serve a alimentação do pessoal da companhia.

(c) *Aprovisionamento*. — O sargento aprovvisor é o encarregado da aquisição, armazenagem e distribuição de todos os suprimentos usados pela companhia.

(2) *Pelotões*. — Os dois pelotões iguais são cada qual comandados por oficial, secundado por sargento comandante de pelotão. Quando a companhia participa de órgão especial de controle da malária, ambos os pelotões podem ser subdivididos, cada um, nas turmas seguintes:

(a) — Duas turmas idênticas de drenagem, constantes de sargento e de certo número de praças. Encarregam-se de esgotar as águas estagnadas, utilizando pás, carrinhos de mão, caminhões de balança e outros equipamentos, sob a direção de unidade de saneamento antimalárico, de órgão especial de controle contra a malária.

(b) — Duas turmas idênticas de oleagem, constantes de sargento e de algumas praças. Encarregam-se da oleagem dos charcos, sob a direção de unidade de saneamento antimalárica.

(c) — Duas turmas idênticas de aspersão, constantes sómente de um técnico. Encarregam-se da pulverização de verde parís ou outros materiais em águas estagnadas, sob a direção de unidade de saneamento antimalárica.

273. EQUIPAMENTO. — Além do equipamento de campanha comum, inclusive o de rancho, há ainda o equipamento especial constituído de alavancas, garfos de estrume, aspersores de mão, enxadas, facões, aspersores de mochila, pó inseticida. Barraca para o equipamento e barraca pequena para o comandante da companhia são também previstas. Qualquer outro equipamento necessário poderá ser adquirido em unidade de saneamento antimalárico, depósitos, postos, acampamentos ou guarnições em que estiver servindo a companhia, mediante autorização particular.

274. TRANSPORTE. — O transporte motorizado não é suficiente para deslocar a unidade, mas basta para os seus trabalhos

locais. Consta de alguns caminhões leves e um caminhão-báscula de 2 1/2T, para aterros e serviços de drenagens. Há mecânicos para manutenção de segundo escalão.

275. INSTRUÇÃO. *a. Individual.* — Além da instrução básica, os técnicos sanitários devem ser treinados na própria unidade ou em escolas especiais. Deve-se insistir principalmente no modo de empregar o equipamento contra os mosquitos e nos processos de saneamento contra estes insetos. Os outros técnicos que devem ser treinados são os cozinheiros, condutores, o reparador-biscateiro, carpinteiro, corneteiro e escrivente.

b. Conjunta. — Quando o treinamento individual já estiver suficientemente adeantado, deverá ser ministrado o treinamento conjunto de turmas praticamente, que consta sobretudo de drenagem e oleagem.

c. Combinada. — Este tipo de instrução especificamente própria da unidade deve ser discutida entre o comandante e as autoridades superiores.

276. ADMINISTRAÇÃO. — É a privativa de qualquer companhia independente. O serviço de saúde pode ser garantido pela unidade em que estiver destacada a companhia.

CAPÍTULO 23

UNIDADES DE MATERIAL DE SAÚDE DA ZONA DE COMUNICAÇÕES

SEÇÃO I

GENERALIDADES

277. GENERALIDADES. — O depósito da zona de comunicações é um só para o teatro de operações inteiro. Supre tanto os depósitos de exército como as tropas da zona de comunicações. Estes depósitos categorizam-se em: avançados, intermediários e básicos, segundo a seção da Z C em que estiverem localizados; e são classificados em: gerais e especiais.

278. DEPÓSITOS GERAIS. — Os depósitos gerais são instalações da Z C que armazenam suprimentos para dois ou mais serviços aprovisionadores, ficando a sua organização sob a responsabilidade direta dos chefes dos serviços aprovisionadores da Z C. O chefe de cada serviço, que dispuser de suprimentos em depósito

geral, é nêle representado por um oficial denominado "oficial aprovisionador de... do depósito", conforme o respectivo material, como, por exemplo, "oficial aprovisionador de transmissões do depósito", etc. A seção de saúde de depósito geral é atribuição da companhia-depósito básico (TOE 8-187), suplementada quando necessário, por turmas de aprovisionamento e de manutenção de material de saúde previstas entre os órgãos especiais do serviço de saúde (TOE 8-500).

279. DEPÓSITOS ESPECIAIS. *a. Generalidades.* — Além dos depósitos gerais, depósitos especiais podem ser instalados na Z C., para armazenagem de suprimentos para determinado serviço exclusivamente, como depósito especial de material de saúde, depósito especial de material de transmissões, etc. A organização de tais depósitos é da inteira responsabilidade do chefe do serviço de aprovisionamento respectivo. O número dêstes depósitos instalados depende de fatores variáveis, como o efetivo das tropas consideradas, a quantidade de depósitos gerais em que os especiais mantêm seções, a extensão da zona de comunicações, a distância em que se acha a zona do interior.

b. Saúde. — Os depósitos especiais de material de saúde são os depósitos da Z C que armazenam material de saúde somente, sob o controle do chefe do serviço de saúde da Z C e o comando do próprio comandante da unidade que garante o depósito. Há geralmente um depósito especial de material de saúde ou uma seção de saúde de depósito para cada exército do teatro de operações. O funcionamento do depósito especial de material de saúde pode ser atribuído a uma das unidades seguintes:

(1) — A companhia-depósito básico de material de saúde (TOE 8-187) que pode ser suplementada por turmas de aprovisionamento e uma turma n. 3, dos órgãos especiais do serviço de saúde (TOE 8-500).

(2) — A um conjunto gregário de turmas dos referidos órgãos, cujos tipos, cujo funcionamento e cuja organização estão especificados no capítulo 13.

SEÇÃO II

COMPANHIA-DEPÓSITO BÁSICO DE MATERIAL DE SAÚDE

280. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-187). — A companhia consta de comando da companhia e uma seção de aprovisionamento. O efetivo desta companhia é às vezes insuficiente para acionar as

grandes seções dos depósitos gerais, havendo necessidade de suplementá-la com determinadas turmas dos órgãos especiais do serviço de saúde (TOE 8-500).

281. FUNÇÕES. *a. Generalidades.* — Esta companhia executa as atribuições de seção de material de saúde de depósito geral da Z C ou de depósito especial de material de saúde da Z C, podendo ser ou não suplementada pelas turmas da TOE 8-500. Fornece material de saúde aos outros depósitos de Z C ou de exército; e aos órgãos de saúde ou quaisquer outros da Z C.

b. Particularidades. (1) *Comando da companhia.* — O comandante é responsável pela administração, disciplina, instrução e pelo funcionamento da companhia. É o oficial aprovisionador de material de saúde do depósito, si a companhia fizer parte de depósito geral, sendo, como tal, o representante do chefe do serviço de saúde da Z C. Comanda outro qualquer órgão de aprovisionamento destacado (turmas da TOE 8-500). Comanda o depósito, si se tratar de depósito especial, sendo o responsável pela recepção, armazenagem e distribuição de todo o material de saúde; pelo seu registo; pela rotulagem das expedições; pelo entendimento com o Corpo de Transporte sobre os convenientes despachos; pelo encaminhamento, segundo os trâmites, de informações sobre as remessas. Assistente administrativo auxilia o comandante no expediente rotineiro e na administração do pessoal; e pode encarregar-se de controlar o rancho e os motores e das atribuições de oficial aprovisionador da companhia; sendo em tudo secundado por primeiro sargento e escrevente. A seção de rancho, às ordens do sargento do rancho, prepara e serve a alimentação do pessoal da companhia; e fica dependendo do depósito geral, quando a companhia é integrante dêle.

(2) *Seção de aprovisionamento.* — Esta seção executa as atribuições para que é a companhia propriamente organizada; está sob a direção de dois oficiais, entre os quais divide-se a responsabilidade do seu funcionamento, dentro dos limites determinados pelo comandante, que consiste no recebimento do material de saúde, sua classificação e armazenagem no espaço do depósito geral destinado à seção de saúde; seu preparo para a distribuição e sua expedição para os depósitos avançados ou de exército ou para os órgãos da Z C. Entre as praças conta a companhia com sargentos aprovisionadores de material de saúde, capatazes de armazéns, escreventes encarregados do controle e do registo dos estoques, carpinteiros, conferentes de recebimento e de expedição. Quando a companhia não dispuser do pessoal conyacente, a mão de obra será fornecida pelo depósito de trabalhadores de intendência. A companhia não executa manutenção

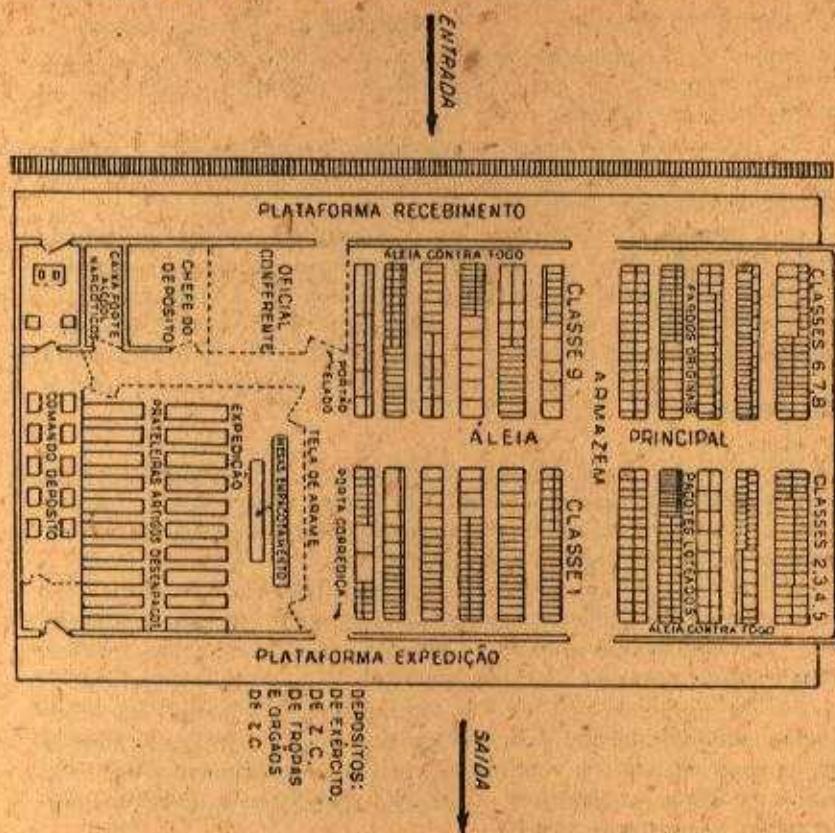


Fig. 157 — Planta convencional de armazenagem, em depósito de material de saúde

nem reparações; quando estas funções forem necessárias, serão atribuídas às turmas competentes da TOE 8-500, destacadas para isso.

282. EQUIPAMENTO (V. TOE 8-187) — O equipamento é regularmente fornecido às unidades de saúde em campanha, além de artigos especiais necessários ao funcionamento da seção de depósito, tais como equipamento de escritório, chapas de rotular, mimógrafo, estôjo de carpinteiro, etc. As barracas não são suficientes para a instalação de seção de depósito.

283. TRANSPORTE. — O transporte consiste de alguns caminhões leves e reboques; e é só suficiente para a administração interna. O transporte funcional será fornecido pela reserva de transporte de intendência.

284. INSTRUÇÃO. *a. Responsabilidade.* — O comandante da companhia é o responsável pela sua instrução. Todos os oficiais devem-se assegurar de que o pessoal das respectivas seções esteja convenientemente treinado.

b. Individual. — O padrão individual de habilitação é o mesmo que o dos especialistas da companhia-depósito de material de saúde da zona de combate.

c. Conjunta. — Logo que os especialistas estejam individualmente treinados, deve-se começar a instrução funcional conjunta, em grupos. O pessoal do comando é treinado em administração; o da seção de aprovisionamento, em recebimentos, armazénagem e distribuição de material de saúde. A aprendizagem da unidade inteira nos depósitos gerais e especiais da zona do interior é de grande valor prático.

285. ADMINISTRAÇÃO. *a. Unidade.* — A administração da unidade consta da praxe habitual das demais companhias. A parte diária e os documentos referentes ao pessoal são encaminhados ao comando do depósito ou da zona de comunicações.

b. Seção. — O aprovisionamento procedido pela companhia está sob o controle do chefe do serviço de saúde da zona de comunicações. A administração interna é idêntica à da companhia-depósito de material de saúde da zona de combate.

c. Aprovisionamento. — Os suprimentos de classe I são fornecidos automaticamente para o depósito inteiro, de conformidade com o mapa de efetivos compilado. Os outros suprimentos são fornecidos mediante pedidos pela seção correspondente do depósito, por intermédio do comando deste.

d. Assistência a doentes e feridos. — O pessoal doente ou ferido é tratado no hospital de guarnição do depósito geral; ou, si não houver hospital no depósito, no dispensário do depósito ou em dispensário geral.

CAPÍTULO 24

MUSEU E SERVIÇO DE ARTES MÉDICAS

286. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-500 KA). — Esta pequena unidade pode ser constituída de comando, uma seção de artes e uma seção fotográfica (V. fig. 158).

287. FUNÇÕES. *a. Generalidades.* — Esta unidade pode ser computada à base de uma por teatro de operações, de 50.000 homens ou mais. Tem as seguintes atribuições:

- (1) — Regista os novos processos médico-cirúrgicos aplicados em campanha.
- (2) — Colige e expede espécimes para o Museu de Saúde do Exército, para fins científicos e históricos.

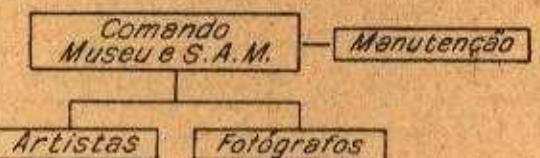


Fig. 158: Organização do Museu e serviço de artes médicas

a. Particularidades. (1) *Comando*. — A unidade é comandada por um oficial, a quem cabe a responsabilidade da administração, disciplina, instrução e do funcionamento do destacamento, perante o chefe do serviço de saúde do teatro de operações, que pode traçar os planos para os trabalhos de campo da unidade. O comandante do destacamento é auxiliado nos seus trabalhos, e como supervisor técnico e administrativo, por um sargento e um escrevente.

(2) *Artista*. — Um artista encarrega-se do desenho de ferimentos, técnica cirúrgica, cirurgia plástica especial, instrumentos ou equipamentos de saúde especializados, tipos particulares de instalações de saúde, etc., segundo o desejo dos oficiais médicos interessados ou das unidades competentes, do chefe do serviço de saúde do teatro e do comandante do próprio destacamento.



Fig. 159 — Fotografando intervenção cirúrgica, em hospital de guarnição, na Inglaterra

(3) *Fotógrafos.* — Dois fotógrafos apanham os filmes, revelam-nos, copiam-nos e ampliam-nos, inclusive os trabalhos do supracitado artista.

288. EQUIPAMENTO. — Dentre o equipamento consta o seguinte: mesa de campanha, utensílios de carpinteiro, máquina de escrever, equipamento completo de fotografia, inclusive duas câmaras, dois expositores de tempo, instalação completa para câmara escura, imprensa, etc.; e equipamento para o artista.

289. TRANSPORTE. — O transporte consiste de caminhão leve, o suficiente para carregar o pessoal e o equipamento.

290. INSTRUÇÃO. *a. Individual.* — Artista e fotógrafos devem ser já profissionais na vida civil. Após instrução básica, devem ser adestrados especialmente no serviço de transmissões e outros serviços especializados. O escrevente e o condutor devem também ser bem treinados.

b. Conjunta e combinada. — Esta instrução depende das autoridades superiores.

291. ADMINISTRAÇÃO. — A administração é idêntica a da companhia ou do destacamento independentes. A unidade depende da mais próxima unidade que disponha de dispensário e rancho, para assistência médica e alimentação, que é freqüentemente o próprio hospital onde estiver funcionando o serviço. Os suprimentos são obtidos do mais próximo depósito correspondente.

CASA DO JULIO

Móveis e Tapeteárias a Preços sem Competidor — A prazo e à vista
Anexa: uma bem montada oficina de colchonaria

A. CHERMAN & FILHO

33 — Av. Mem de Sá — 33 — Tel. 22-1178 — Rio de Janeiro

José Emilio Heck -- Serro Largo
Marcenaria - Carpintaria

Fornecemos todos os artigos concernentes
ao ramo

Construção de Linhas de Cabo Leve⁽¹⁾

Cap. LUIZ GONZAGA DE MELO

PRIMEIRA PARTE

GENERALIDADES

Há entre os meios de transmissões um processo elétrico para cujo emprêgo é necessário utilizar fios condutores. É a telefonia e a telegrafia com fios.

Então, para ser possível uma ligação telefônica entre os pontos A e B é preciso ligar entre si os aparelhos dos respectivos pontos por fios condutores.

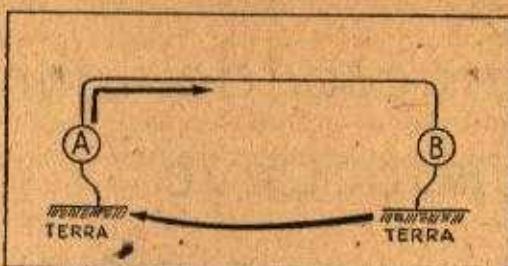
Podemos considerar o caso de um só ou de dois condutores:

1.º caso — A corrente elétrica, no trajeto de ida, percorre o único condutor. Para fechar o circuito, a volta da corrente ao aparelho de partida se processa pela terra. Assim, em cada aparelho, um dos bornes está ligado ao condutor, e o outro está ligado à terra por meio de uma peça metálica.

E temos, então, uma ligação telefônica com volta pela terra, também denominada linha simples, singela ou linha com volta pela terra.

(1) — N. da Redação — O presente trabalho foi elaborado pelo autor em 1943 e deixou de ser publicado em tempo, devido ao novo regulamento de transmissões em estudos. Entretanto, contém matéria útil à instrução pelo que a redação resolveu publicá-lo com as ressalvas necessárias, para orientação dos instrutores especializados. Seu interesse subsistirá enquanto não for renovado o material em serviço.

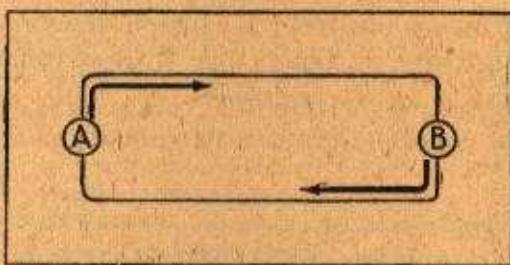
Fig. 1



Ligação telefônica com volta pela terra

2.º caso — A corrente elétrica no trajeto de ida percorre um dos condutores, e na volta ao aparelho de partida, o outro, fechando o circuito.

Fig. 2



Círcuito telefônico

O conjunto dos dois condutores constitue um "círcuito telefônico".

Apesar de haver grande vantagem na economia de tempo, e de material e pessoal empregados para realizar a ligação telefônica aproveitando a terra como condutor de volta, algumas razões restringem sua utilização. E, entre elas, temos:

a) — a indução entre os fios vizinhos. Esta indução pode ser motivada quer por outros fios telefônicos, quer por

fios de alta tensão das redes elétricas, nas proximidades das quais foi assentada a linha telefônica. Logo, para evitar os inconvenientes da indução, tomar cuidado com o assentamento da linha telefônica:

b) — a mistura das conversações pela terra. Com efeito, a terra sendo bom condutor não apresenta apenas um caminho para a corrente elétrica que volta de B para A, e sim, uma infinitade. Para os aparelhos telefônicos ligados por um único condutor e na proximidade de outros em idênticas condições, não há possibilidade de selecionar a corrente que lhes é destinada, ocasionando isso a mistura das conversações e perturbação da ligação; (1)

c) — a surpresa das conversações. As correntes elétricas percorrendo vários caminhos no solo podem ser captadas também pela escuta inimiga.

Por estas razões uma ligação telefônica deve ser sempre garantida por um circuito.

Isto não significa que a ligação telefônica com volta pela terra não deva ser empregada. Poderá sê-lo, em casos excepcionais, como :

— em tempo de guerra: na ausência evidente do inimigo, ou na falta de condutor;

— em tempo de paz: em manobras, exercícios ou em instrução, nos estandes (para controlar os resultados dos tiros), ou também na falta de condutor.

Além disso, o estabelecimento da ligação sendo a principal preocupação de quem constrói linhas, assentadas no menor tempo possível e em perfeitas condições técnicas, pode a ligação ser conseguida estendendo-se inicialmente um só condutor, e logo depois o outro, para formar o circuito. Tal recurso é utilizado principalmente quando há falta de pessoal.

(1) N.R. — Ressalvados os novos materiais.

De todos os terrenos, apenas o arenoso não é favorável ao emprêgo da volta pela terra.

DEFINIÇÕES

Linha — Ao condutor elétrico que liga 2 aparelhos dá-se o nome de "linha". E, para o caso particular do telefone, temos as chamadas "linhas telefônicas." (círcuito telefônico).

Lençol — Ao conjunto de linhas utilizando os mesmos suportes é dado o nome de "lençol".

Quanto à sua posição, os lençóis podem ser verticais ou horizontais, conforme estejam as linhas contidas em plano vertical ou horizontal em relação ao solo.

LINHAS TELEFÔNICAS

Trataremos apenas das linhas militares.

As linhas telefônicas militares ou de campanha são as construídas pelas tropas militares.

Tais linhas devem satisfazer, na medida do possível, às imposições táticas sem prejuízo de suas condições técnicas de funcionamento. Quanto mais próximas do inimigo estiverem estabelecidas, tanto mais rápida deverá ser sua construção e mais rústica sua aparelhagem.

Suas principais características são:

- emprego de material leve e de fácil transporte;
- montagem simples;
- suportes, normalmente de "circunstância";
- Pequena duração, consequência de seu caráter provisório;
- traçado subordinado às condições táticas;
- tempo de construção limitado pelas circunstâncias militares.

LINHAS DOS CORPOS DE TROPA

Para assegurar as ligações, os corpos de tropa de todas as armas constróem suas linhas telefônicas com cabo leve, único condutor que possuem por dotação regulamentar.

Essas linhas, em via de regra, estabelecidas nas proximidades do inimigo, são linhas de fortuna, isto é, de construção rápida, nas quais o condutor, ou aproveita os suportes encontrados no percurso, ou é estendido mesmo sobre o solo.

Os corpos de tropa constróem suas linhas quer para as ligarem às unidades vizinhas, ou ainda, à rede geral.

SEGUNDA PARTE

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DE LINHAS

O material de construção de linhas pode ser classificado em três grupos:

- material de linha — É o conjunto dos elementos que materializam a linha após sua construção.
- material de trabalho — É o conjunto dos elementos que tornam possível a execução da construção.
- material de consolidação — Como seu próprio nome indica, serve para consolidar as linhas construídas.

MATERIAL DE LINHA

Os elementos principais deste grupo, são:

- o condutor;
- o isolador;
- o suporte ou apôio.

Condutor — É do tipo "cabo" e se denomina cabo leve.

Definição — Em telefonia militar é dado o nome de "cabo" ao condutor elétrico revestido de um isolamento contínuo, e que pode ser assentado diretamente sobre o solo.

Um cabo se compõe ordinariamente de duas partes: uma interior, metálica, denominada "alma" e que conduz a corrente elétrica; a outra externa, denominada "isolamento", formada por diferentes materiais e envolvendo a primeira parte em todo o seu comprimento.

Em via de regra, a alma de um cabo se compõe de um fio ou de um feixe de fios de cobre ou de bronze, enrolados juntos. Este modo de enrolá-los, formando como que um só fio, dá ao cabo solidez e flexibilidade ao mesmo tempo.

Entretanto, a espessura dos fios que formam o feixe, e sua natureza, não dão àquele uma garantia contra os rompimentos. Com a introdução na alma, de alguns fios de aço, da mesma espessura que os demais, a resistência mecânica do condutor é aumentada.

O isolamento é conseguido por um revestimento de borracha, e depois, o conjunto é recoberto com um enrolamento e um entrancado de algodão parafinado e alcatroado.

Características do cabo leve — O cabo leve é um condutor isolado, cuja alma e invólucro isolante foram de tal modo reduzidos para que possa ser conduzido e manejado com grande facilidade.

Apresentaremos duas espécies de cabo leve, pois que ainda temos e usamos o material francês, e a fábrica "PIRELLI", de São Paulo, já confecciona esse condutor para o Exército.

Material francês :

Alma :

— 3 fios de bronze telefônico de 0,5 mm de espessura ou 2 fios de aço galvanizado, e um de cobre, torcidos juntos, e cada um também de 0,5 mm de espessura.

Isolamento :

- 1 camada de borracha pura;
- 1 enrolamento de algodão, em espiral;
- 1 entrançado de algodão alcatroado e parafinado.

Outras características :

- Diâmetro exterior do cabo: — 1,8 mm;
- Isolamento quilométrico: — não garantido;
- Resistência quilométrica em ohms a zero graus centígrados: — 42 (Condutor bronze);
- Resistência mecânica à tração em kg: 42;
- Peso por quilômetro de cabo: 7 kg.

*Material brasileiro :**Alma :*

- 3 fios de bronze telefônico de 0,5 mm de espessura, enrolados juntos.

Isolamento :

- 2 enrolamentos de algodão alcatroado em espiral;
- 1 entrançado de algodão alcatroado.

Outras características :

- Diâmetro exterior do cabo: 2 mm;
- Resistência quilométrica em ohms a 20 graus centígrados: 45;
- Resistência mecânica à tração em kg: 34,5 kg;
- Peso por quilômetro de cabo: 10,5 kg.

O material brasileiro é distribuído em bobinas de madeira com 1 000 metros de cabo, e o condutor é depois cortado em porções de 500 metros e enrolado nas bobinas metálicas.

A denominação de "bronze telefônico" encontrada no material francês tem a seguinte explicação: no preparo do bronze, com o fim de desoxidar o banho durante a corrida, incorpora-se o silício à mistura em fusão. Têm-se assim os denominados "bronzes siliciosos", em que o teor de cobre é grande, e por causa de sua grande condutibilidade elétrica, são empregados para a confecção de fios telefônicos.

Também no material brasileiro foi empregado o bronze telefônico, todavia, não com as mesmas características do francês. O bronze telefônico por nós empregado é o Hitensso BB (best best), que é de preparo norte-americano.

A presença da camada de borracha pura no isolamento do condutor francês pode ser constatada em se removendo o enrolamento e o entrançado de algodão: a alma do cabo aparece, então, coberta como que com uma camada de verniz fosco de côr mais ou menos esverdeada.

Isolador — A fixação dos cabos aos diferentes suportes nem sempre é fácil, por vezes até demorada. O condutor pode ser fixado ao suporte por meio de voltas secas dadas em torno de galhos e troncos de árvores, saliências de muros, etc., mas em algumas circunstâncias tal fixação não apresenta segurança e facilidade, assim no caso dos troncos e galhos grossos de árvores, paredes lisas e etc..

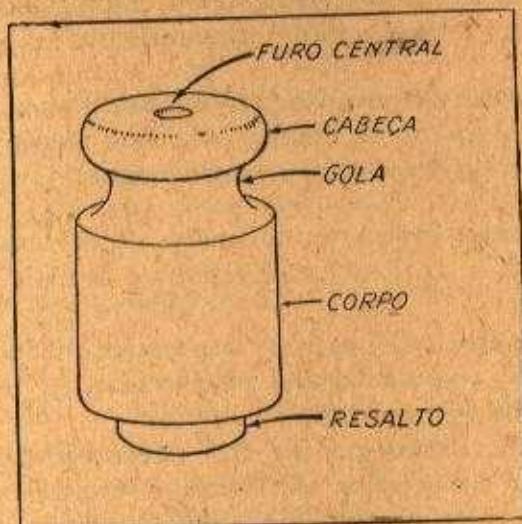
Para evitar estes contratemplos são previstos os isoladores.

O isolador empregado nas linhas em cabo é de madeira e se denomina "roldana".

As roldanas devem ser fabricadas de madeira resistente e são cobertas com uma camada de parafina que as preserva da umidade, garantindo assim melhor isolamento à linha.

A roldana se compõe de um corpo cilíndrico, da gola, destinada a receber o cabo, da cabeça, e do ressalto, saliência onde se adapta a ferramenta que a vai retirar de onde está pregada.

Fig. 3



Roldana

A fixação da roldana ao suporte é conseguida por meio de um prego que a atravessa pelo furo praticado em todo o comprimento de seu eixo maior.

Suporte — Em construção de linhas de campanha são utilizados os suportes encontrados no percurso da construção. Tais suportes são denominados "naturais" ou de "fortuna".

Tendo em vista que a construção de uma linha pode ser melhorada, como no caso em que não havendo suporte foi estendida rastejante e o condutor posteriormente elevado do solo e fixado a suportes, podemos classificá-los em :

- naturais — os encontrados no itinerário da construção, como: árvores, casas, postes, cercas, sebes, muros, etc ..
- artificiais — os que é necessário transportar e implantar, para o assentamento da linha. Deles, os mais importantes para as linhas de cabo leve, são as varas de bambú.

As varas de bambú, para serem empregadas como suportes, devem ter as seguintes características :

- 4 metros de comprimento, no mínimo;
- 4 centímetros de diâmetro mais ou menos;
- 1.500 kg de peso, aproximadamente.

Além disso, devem ser utilizadas de preferência as já maduras e secas, as mais retas possíveis e as mais uniformes em grossura.

Para lhes dar maior solidez, suas extremidades, superior e inferior, são respectivamente garnecidas por uma cobertura e uma biqueira metálicas.

Para aplicar estas garnições, é preciso introduzir preliminarmente no interior das varas, e correspondendo às suas extremidades, um tarugo de madeira resistente, de 20 cm de comprimento aproximadamente. O conjunto é depois pregado ou rebitado.

Na impossibilidade de se conseguir esse reforçamento, devem as varas ser cortadas de modo que suas extremidades sejam formadas por nós.

Também se pode empregar varas de madeira, aparelhadas ou não, com um comprimento mínimo de 4 metros e com uma secção mínima de 3 x 6 ou 4 x 5 cm. São elas entretanto mais difíceis de conseguir.

Varas em cruz de Santo André — Com varas de dimensões menores ou galhos finos é possível ainda se conseguir um tipo de suporte, armando duas delas em forma de Cruz de Santo André, e fazendo o condutor passar pelo ângulo superior. Estes suportes devem ser bem estaiados.

Alcance das linhas — Em tódas as linhas de campanha e principalmente nas de cabo leve, devido às suas características de isolamento, a questão de aproveitamento de suporte é primordial. Só em absoluta falta de suportes é que uma linha de cabo leve será construída tatejante e assim poderá permanecer. Basta para isso que se tenha em conta o alcance aproximado dessas linhas :

- rastejantes — 5 quilômetros;
- aéreas — 10 quilômetros.

MATERIAL DE TRABALHO : — Este material compreende :

- a) — o material de enrolamento e desenrolamento;
- b) — o material de assentamento;
- c) — acessórios.

a) — *Material de enrolamento e desenrolamento.*

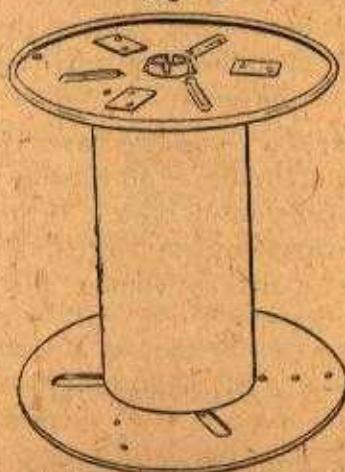
I — Bobina

Fabricada em folha de aço galvanizado e envernizado de preto, pesa vazia 1,100 kg, e cheia, quando o cabo é novo, 4,600 kg para o material francês, e 6,350 kg para o material brasileiro, e tem capacidade para 500 metros de condutor.

E' constituída de *faces* e *núcleo*.

As faces, em número de duas, são chapas circulares com 16,5 cm de diâmetro. Seus bordos são ligeiramente rebatidos para fora, de modo a formar uma extremidade arredondada que impede o cabo de se cortar com a fricção sobre ela, e que evita de ferir quem maneja a bobina.

Fig. 4



Bobina para cabo leve

O núcleo, cilíndrico, tem 7 cm de diâmetro e mede 23 cm de comprimento. Seus bordos são recortados em forma de dentes, os quais são passados através de fendas em correspondência nas faces da bobina, sobre as quais se rebatem. A fixação, que deve ser perpendicularmente ao eixo da bobina, é conseguida por meio de rebites.

No centro das faces há um orifício circular, guarnecido e reforçado por uma coroa metálica, saliente para o exterior, e provida de dois entalhes, que permite a passagem do eixo de manivela, o qual se engraza aos entalhes da coroa por meio de seus dois pinos.

Um pequeno orifício perto do centro da face serve para se fazer passar um pedaço de cabo ao se iniciar o enrolamento. A ponta do cabo é introduzida de dentro para fora, toma-se um comprimento de uns dez a quinze centímetros e dá-se um nó simples, sem o apertar, que fica pelo lado de fora da bobina e de encontro à face. Depois disso, pode ser iniciado o enrolamento.

Tal precaução permite ser realizada experiência elétrica com o cabo, sem a obrigação da bobina ser totalmente desenrolada, para se conseguir a outra extremidade.

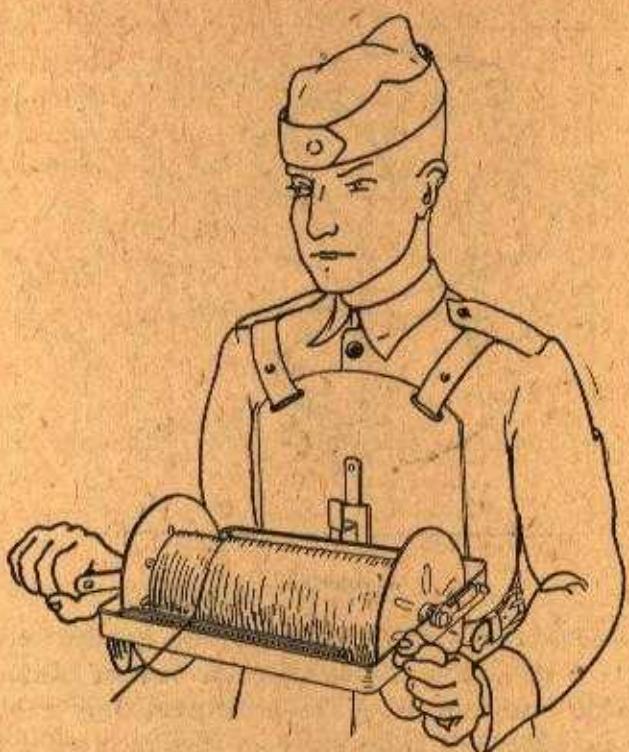
Também serve para evitar, que se desenrole para fazer a ligação com os aparelhos, em uma construção em que não seja necessário usá-lo todo.

E ainda se pode dar o caso de haver duas bobinas, desenroladas no mesmo circuito e ao mesmo tempo, que não tenham igual comprimento de cabo, e as duas emendas quilométricas não se correspondam, dificultando, ou mesmo tornando impossível a ligação com o aparelho telefônico, para efeito das verificações.

2 — Desenroladeira

O aparelho para enrolar e desenrolar cabo leve se denomina "desenroladeira" e se compõe de duas partes:

Fig. 5



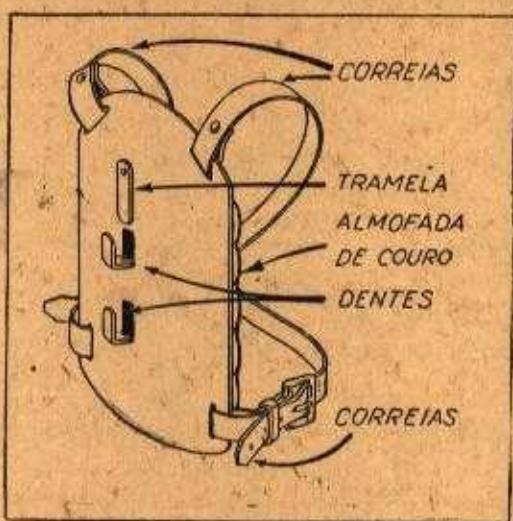
A desenroladeira montada

1.^a — *A almofada* — É uma placa retangular de chapa de ferro, encurvada para tomar a forma aproximada do tórax humano. Possue em uma das faces uma almofada com chapa de couro, que vai diretamente de encontro ao peito do desenrolador. Na outra face, dois dentes, e por cima deles uma trameia para manter no lugar a segunda parte da desenroladeira, quando em operação de enrolamento.

Duas correias, presas aos bordos da parte superior da almofada, se fixam a fivelas correspondentes da parte inferior, depois de passarem pelos ombros e de se cruzarem nas costas do desenrolador.

A almofada pesa aproximadamente 1,720 kg.

Fig. 6



A almofada

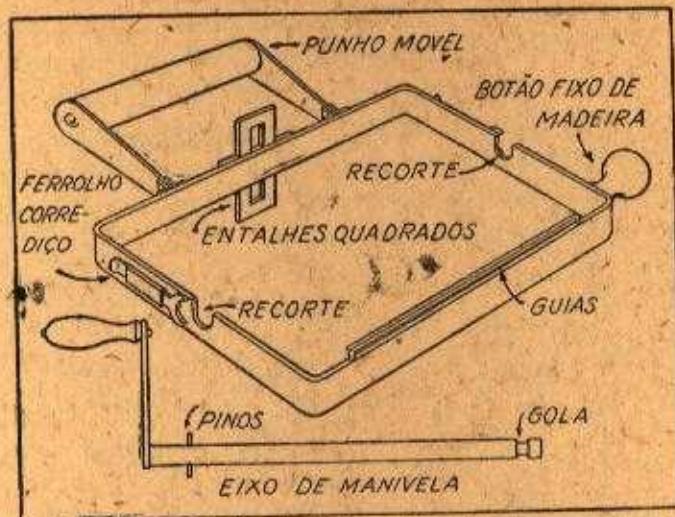
2.^a — *A chapa* — É formada por um quadro retangular de aço, e se destina à condução da bobina durante as operações de enrolamento e desenrolamento do condutor.

Há nos meios dos lados menores dois recortes para receber o eixo de manivela. Este eixo, cilíndrico, provido de uma manivela de madeira fixa a él, é mantido nos recortes por meio de dois ferrolhos corrediços, um dos quais se prende a uma gola do eixo, para evitar o jogo lateral, enquanto que o outro serve apenas para manter o eixo na chapa. Os dois pinos do eixo se engrazam nos entalhes da coroa de reforço da bobina, e fazem com que esta gire, ao ser movimentada a manivela.

No meio do lado maior, o que vai de encontro à almofada quando a desenroladeira está armada, uma ferragem provida de entalhes quadrados fixa a chapa aos dentes da almofada.

Nesse mesmo lado maior, um "punho móvel" permite a condução da bobina para o desenrolamento. E no lado

Fig. 7



A chapa e o eixo de manivela

oposto duas hastas paralelas, metálicas, formam uma "guia" para o cabo e evitam que o mesmo seja trincado pelo eixo.

Finalmente, um "botão fixo" de madeira, seguro pela mão esquerda do desenrolador, dá maior firmeza ao conjunto, para o enrolamento do cabo na bobina. A manivela fica do lado oposto ao do botão fixo. A chapa pesa aproximadamente 1.500 kg..

b) — Material de assentamento

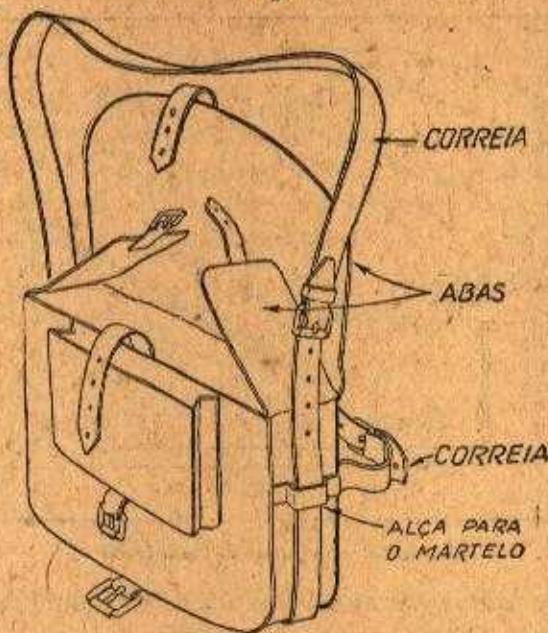
1 — Bolsa de assentador

E' uma bolsa de couro destinada à condução do material necessário ao assentamento, fixação das linhas e execução das emendas dos condutores.

E' repartida em duas divisões: a maior para as ferramentas, roldanas e pregos, e a menor para os demais objetos.

Duas abas com correias que se prendem a fivelas cobrem as divisões e impedem a queda do material.

Fig. 8



A bolsa de assentador

Duas correias grandes, uma para passar pela cintura e outra pelo ombro do assentador, que a conduz a tiracolô, sustentam a bolsa.

O peso da bolsa vazia é aproximadamente de 1 kg., e cheia é mais ou menos de 4 kg, devendo conter :

- um martelo de unhas;
- um alicate universal;
- uma chave de fenda;
- um canivete;
- um arranca-roldanas;
- barbante alcatroado;
- fita isolante;
- arame de ferro recozido e galvanizado;
- roldanas;
- pregos para roldanas.

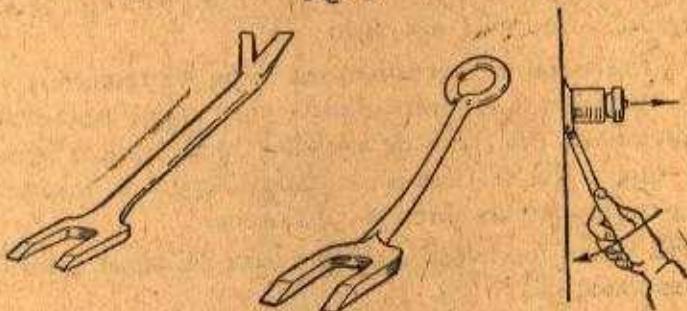
De todo esse material apenas o martelo vai do lado de fora, durante a construção, enfiado pelo cabo de uma das duas alças laterais da bolsa. Para ser guardado pode ir no interior da bolsa.

O alcatrão dá maior resistência ao barbante, tornando-o melhor isolado, conserva-o inalterável ante a umidade e não apodrece. O barbante alcatroado é vendido em meadas.

O alicate é do tipo comum, de corte lateral, de seis polegadas de comprimento e de preferência isolado para cinco mil volts.

O arranca-roldanas é uma ferramenta destinada a retirar as roldanas presas aos suportes, quando se recolhe a linha.

Fig. 9



Tipos de arranca-roldanas

As unhas grandes se destinam a arrancar as roldanas, e como se adaptam perfeitamente ao ressalto das mesmas, podem elas ser retiradas com alguma facilidade e sem quebrar-se.

As unhas pequenas se destinam a retirar os pregos, operação que feita com as unhas do martelo poderia danificar-lhe o cabo, devido ao esforço exercido no mesmo.

Pelo visto, o primeiro tipo apresenta vantagens sobre o segundo e este tem a do cabo, que dá maior facilidade ao manejo, mas aquele permite a execução de duas operações distintas e indispensáveis.

Nos casos mais comuns a roldana e o prego são retirados ao mesmo tempo do suporte, bastando para isso introduzir as unhas grandes no ressalto da roldana e agir no arranca-roldanas como se ele fosse uma alavanca.

Entretanto, algumas vezes, o prego penetra em suporte muito resistente e cria dificuldades para ser retirado. Para evitar isso, quando se fincar o prego, procurar deixar uma pequena folga, que tem por fim:

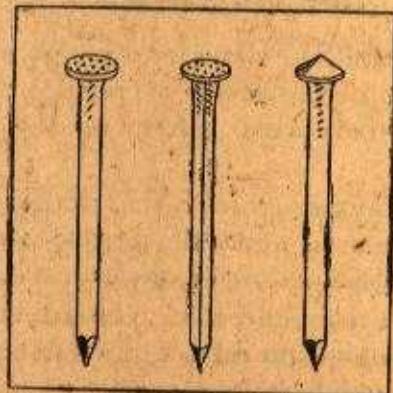
1.º) — impedir, que ao se fincar o prego, ficando a cabeça d'este razante com a da roldana, esta receba também as pancadas do martelo, se rache, e venha a se inutilizar ao ser aplicada a fôrça do arranca roldanas no ressalto;

2.º) — permitir que as unhas pequenas empolguem a cabeça do prego, o retirem um pouco do suporte, facilitando, então, o resto da operação.

A fita isolante é vendida em rolos, de tamanhos e larguras variáveis. É embrulhada em papel estanhado e acondicionada em caixa de papelão, sendo que o primeiro evita que a fita se resseque e assim se torne imprestável para a confecção das emendas nos cabos.

Há vários modelos de pregos para roldanas, sendo que os principais, são:

Fig. 10



Pregos para roldanas

a) — de ferro forjado, corpo cilíndrico, de 8 mm de secção, cabeça circular facetada na parte superior, ponta esquadriada, comprimento 9 cm;

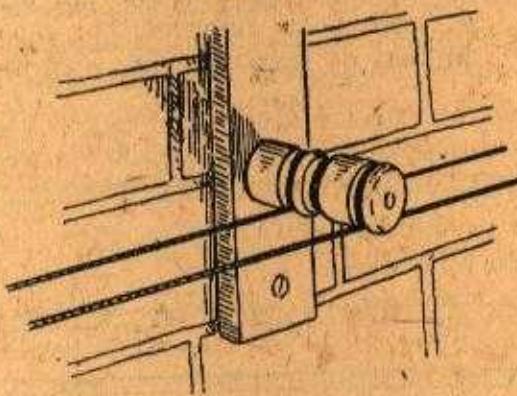
b) — de ferro forjado galvanizado, corpo quadrado, de 5 mm de lado, cabeça quadrada achatada, ponta esquadriada, comprimento 9 cm;

c) — de ferro forjado galvanizado, corpo cilíndrico, de 8 mm de secção, cabeça circular achatada na parte superior, ponta esquadriada, comprimento 9 cm.

Os dois últimos são pregos encontrados no comércio.

Podem ser previstos alguns pregos de mais de 18 cm de comprimento. São empregados quando se quer fazer passar pelo mesmo lugar os dois fios do circuito. Para as duas roldanas é utilizado um único prego, como mostra a figura.

Fig. 11



Dispositivo para a fixação de um circuito

O arame de ferro recozido e galvanizado é empregado para reforçar as emendas de reparação. O recozimento tem por fim torná-lo mais maleável. Entretanto, diminui-lhe um pouco a resistência mecânica. É galvanizado para não enferrujar e é vendido em rolos. O mais empregado tem a espessura variando entre 0,5 a 0,7 milímetros.

Em via de regra, as emendas de reparação no cabo leve não são reforçadas com o arame. Todavia, se assim for feito, maior solidez será dada à emenda.

Há na bolsa de assentador certos artigos que não são denominados de "consumo", pois que sempre necessitam ser reaprovisionados. São eles: barbante alcatroado, fita isolante, arame de ferro recozido e galvanizado, roldanas e pregos para roldanas.

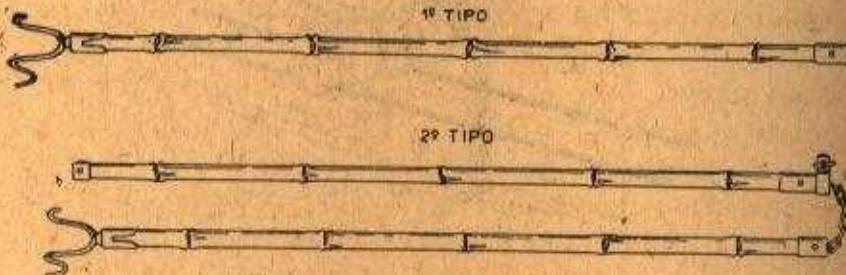
E' de notar que cada bolsa de assentador conduz em média 25 roldanas e 25 pregos para roldanas.

2 - Lança-forquilha

Podem ser apresentados dois tipos :

1.º tipo — lança-forquilha inteiriça ou lança-forquilha em um elemento. É formada por uma vara de bambú de 4 metros de comprimento, terminando, na parte inferior por uma biqueira de ferro, e na superior, por uma forquilha também de ferro, com uns 9 cm de abertura.

Fig. 12



Tipos de lança-forquilha

2.º tipo — lança-forquilha bi-partida ou em dois elementos. O primeiro elemento se compõe de um pedaço de bambú terminado na extremidade superior por uma forquilha semelhante à da lança-forquilha inteiriça, e na extremidade inferior por uma virola metálica.

O segundo elemento, também de bambú, de igual comprimento que o outro, tem numa das extremidades uma biqueira de ferro, e na outra, uma luva com haste filetada e porca de borboleta. Uma pequena corrente metálica liga a virola à luva, e a junção dos dois elementos se faz introduzindo a virola na luva, e apertando a porca de borboleta.

Cada elemento da lança mede 1,80 m e o peso total é de 2,500 kg aproximadamente.

O primeiro tipo descrito é o mais comumente empregado.

O segundo tipo tem sobre o primeiro a vantagem de ser de mais fácil condução. Todavia, quando em trabalho, tem o inconveniente da superioridade de peso sobre o outro tipo. Além disso, a junção dos dois elementos, por melhor que se faça, nem sempre fica firme, e eles se soltam.

A vara de bambú das lanças-forquilhas pode ser de qualquer espécie. Todavia, há uma variedade, denominada "do reino", que muito se presta para esse mister, visto ser mais leve e mais resistente que as demais. E ainda, depois de seco, podemos "sapecar" esse bambú com o calor do fogo, dando-lhe assim maior resistência. Essa espécie também oferece a vantagem de, sendo submetida ao calor do fogo, e ligeiramente impregnada de graxa, e depois do que, prensada, poder ficar tão reta quanto possível.

As guarnições metálicas das lanças-forquilhas são coladas da mesma maneira que a já descrita para o caso das varas de bambú usadas como suportes.

c) — *Accessórios*

São certos materiais que podem ser dispensados numa construção de linha. Entre eles notamos:

a) — Braçadeira para varas. As varas de bambú ou mesmo as varas comuns de madeira destinadas a servirem de suporte às linhas devem ter 4 metros de comprimento, no mínimo. Porém, muitas vezes é necessário que a linha seja colocada a uma altura maior que a permitida pelo tamanho do suporte. Então, para ser obtido um suporte mais alto, é bastante conjugar duas varas por meio das "braçadeiras para varas".

Fig. 13



Braçadeira simples para varas

Estas braçadeiras são de ferro e constam cada uma de duas peças de secção retangular, encurvadas. Uma delas é atravessada por um furo, e a outra possue uma haste filetada provida de porca de borboleta.

E' a chamada braçadeira simples para varas.

As varas devem ser conjugadas com pelo menos duas braçadeiras.

Há um tipo de braçadeira que já tem duas delas conjugadas. Compõe-se de duas braçadeiras simples ligadas por uma haste achatada de ferro de uns 50 cm de comprimento, e é a chamada "braçadeira dupla para varas".

Fig. 14



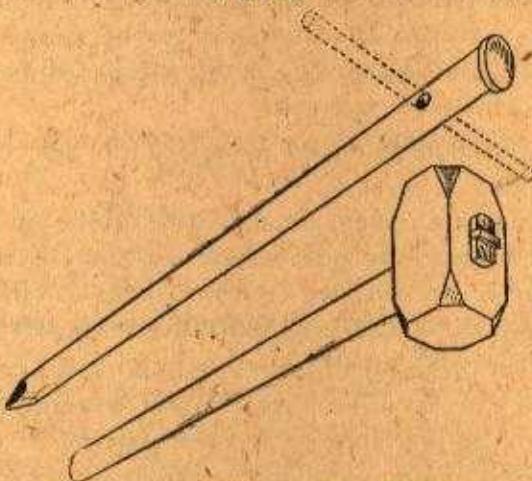
Braçadeira dupla para varas

A rigidez do suporte único resultante da conjugação das varas será tanto maior quanto menos diferirem os diâmetros das componentes.

b) — Marreta, perfurador e cabo de trado. Numa construção de linha, os buracos para a implantação das varas são feitos por um perfurador que penetra no solo a golpes de uma marreta.

O perfurador é um cilindro de ferro com 4 cm de diâmetro e 90 cm de comprimento. Tendo em vista dar maior resistência, à cabeça, contra os golpes da marreta, e à ponta, contra os efeitos de penetração no solo, devem ser usados de preferência os perfuradores que possuam reforço de aço, na ponta e na cabeça.

Fig. 15



Marreta, perfurador e cabo de trado

Próximo à cabeça do perfurador, um olhal permite a introdução de uma haste de aço, chamada "cabo de trado". Tem esse nome porque, quando em uso, o conjunto e seu funcionamento lembram um trado.

A marreta é formada por um bloco de aço provido de um olhal para a colocação do cabo de madeira. O peso da marreta deve ser proporcional ao do perfurador.

O cabo de trado é uma haste de aço de 70 cm de comprimento que se introduz no olhal do perfurador. Impri-

mindo-se de quando em vez movimentos de rotação da direita para a esquerda e inversamente, é possível se vencer a aderência do perfurador no solo para poder arrancá-lo da perfuração.

- c) — Facão de mato. É empregado o do tipo regulamentar, com bainha.
- d) — Bússola, carta, ou planta da região. Empregam-se nos reconhecimentos para o traçado das linhas.

MATERIAL DE CONSOLIDAÇÃO — É empregado mais particularmente nas linhas sobre varas. Nos outros tipos de linhas também é empregado, mas em pontos especiais, como: travessias aéreas, pontos de mudança de direção da linha, e da espécie do suporte das linhas rastejantes para as aéreas ou vice-versa.

O conjunto do material é constituído por: estais, estacas e macetes.

Os estais, que podem ser de corda, arame ou mesmo de um pedaço de madeira ou vara de bambú, se destinam a impedir que o suporte, por efeito do peso da linha ou por algum esforço de tração nos condutores, seja derrubado.

O estai é preso ao suporte e a uma estaca ou a algum outro ponto que permita a amarração, devendo ser evitada a amarração a galhos finos de árvores, pois que, balançando-se com o vento, podem ocasionar a queda do suporte e comprometer o funcionamento da linha.

A estaca pode ser constituída por um pedaço qualquer de madeira, trabalhado ou não. As estacas para barracas, também denominadas "de queixo", servem igualmente para o mesmo fim.

Os macetes se destinam a cravar as estacas no solo. São de madeira, pois d'este modo as estacas se entram com menor facilidade, pelos efeitos da percussão sobre elas para a cravação. Não há tipo especial.

(Continua)

ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

"A inveja tem uma virtude: reconhecer a superioridade do invejado."

Pery Rionda

"Pode-se tirar um ensinamento de tudo, até das faltas cometidas, mas não devemos considerar nossos predecessores como mais ignorantes do que nós, porque não dispuseram de nossas experiências e descobertas."

Gen. Von Seeck

Que se passará na Russia atual?

Pelo Cel. J. B. MAGALHÃES

"Rien n'arrive, rien n'existe sans raison suffisante".

(Du Pape — Joseph de Maistre)

P R E A M B U L O

A Rússia há três décadas, polariza as atenções do mundo e constitue para o futuro da civilização ocidental um verdadeiro enigma. De suas atitudes, de sua política externa e interna, ficam pendentes as demais nações, tal é o potencial que realiza e tais são os seus processos e métodos de ação. Até agora, ela tem sido uma ameaça à ordem e ao sistema de vida dos outros povos, notadamente europeus e americanos, a qual não tem felizmente conseguido prevalecer.

Que se dará futuramente? Tudo depende do que se esteja passando na sua própria evolução, da marcha seguida pela direção bolshevista diante das reações profundas da última guerra e das próprias modificações de sua política interna que se vem, lentamente, fatal e inexoravelmente, processando em sentido contrário ao despotismo do governo bolshevista.

Interessa, portanto, conhecer a realidade da situação russa. E' para esse fim que intentamos contribuir neste artigo, prevalecendo-nos do trabalho alheio.

I

KLYUKVA

Publicado pela Yale University Press, em Novembro de 1944, já em Julho de 1945 saía a quarta edição do livro de David J. Dallin, sob o sugestivo título "A Rússia Soviética Real".

Não é um romance, nem um relato de impressões de viagem. E' um estudo sobre a realidade da vida na Rússia Soviética, em protesto contra o muito que sobre ela se tem escrito de falso, de imaginoso ou de leviano. E' desse livro o que aqui vamos dizer.

O título desta parte de nosso artigo é o do seu capítulo inicial, o qual lhe dá a sua verdadeira significação. Conta o autor que um certo viajante francês, numa visita à Rússia interessou-se por uma planta denominada "Klyukva" utilizada na fabricação de uma bebida muito popular naquele país. De volta à França, fez suas narrações de viagem e entre elas referiu as delícias de haver tomado chá em companhia de "grandes da Rússia" à sombra de uma magestosa Klyukva — *sous l'ombre d'un Klyukva magesteux* !

Nisto não havia só fútil gabolice. A magestosa árvore, a cuja sombra os grandes da Rússia tomaram chá com ele, nada mais era, em verdade, que um arbusto da família das urzes. A narrativa fez sorrir os leitores moscovitas e desde então, Klyukva passou a significar por lá qualquer cousa falsa, mal informada, uma espécie talvez de *mentira carioca*.

Em seguida Dallin, menciona um rôl de enganosas referências sobre a Rússia que correm mundo através de livros, revistas, jornais, etc. e conclue:

"Não é surpreendente, então, que os prognósticos políticos, em tais livros, baseados sobre esta espécie de pesquisas

(à ligeira, numa rápida viagem) sejam na maior parte superficiais e sem valor. Aqui está um exemplo de profecia política: — Os regimes sociais da Inglaterra e da Rússia estão evoluindo e se podem tornar muito semelhantes em muitos aspectos... A real dificuldade será a América... Klyukva!"

Acha o nosso autor que a revolução na Rússia ainda não terminou e que certas modificações que se têm operado com aparente abandono da ideologia primitiva, resultam do "realismo de Stalin".

Responsabiliza Trotsky por ter, pela primeira vez lançado a idéia de que o bolshevismo tinha sido posto de lado na Rússia, idéia depois fartamente repetida. Considera que foi por *utilitarismo* que se fizeram certas concessões aos velhos costumes e tradições mas que houve, de fato e no fundo, muito pouca diferença. "De vez em quando, diz ele, a imprensa dá destaque a certas expressões nacionalistas, mas isto é para uso externo. As idéias leninistas continuam a fluir em larga corrente na massa partidária".

Mostra que esse ideal persiste, e que foi adotado provisoriamente um estágio preparatório da situação definitiva almejada. Assim a noção de Estado praticamente agora pre- valecente, não é a comunista, e sim a mesma dos países capitalistas, com uma pequena nuance, porém. Na Rússia Soviética atual, o Estado também se constitue de povo, território e governo, mas lá o *governo prepondera*. É o elemento forte cujos principais esteiros são o Exército e a Polícia. Esse Estado é o diabo!... exclama Dallin.

Em consequência desta acomodação "a imprensa soviética começou a falar orgulhosamente do *nossa grande Estado*, do grande prestígio do nosso Estado! O serviço do Estado tornou-se honroso, as suas necessidades adquiriram prioridade de absoluta!"

Depois, Stalin começou a falar do nosso grande poder industrial e coletivista e a expressão *grande poder* substituiu a palavra *império*, do antigo linguajar capitalista...

Tudo isto era olhado como necessário para fazer frente ao *cérco capitalista* e como a aplicação de um ensinamento decorrente da experiência da vida comunista.

Examina Dallin outras transformações ou concessões políticas mais profundas, surgidas pela ação do tempo ou consequentes das necessidades impostas pela guerra, e mostra o cuidado sempre havido em não enfraquecer o *Estado*, nem a *main mise* dos bolchevistas sobre a Rússia, visando o mundo... (1)

II

A NOVA ESTRUTURA SOCIAL

Estudando a nova estrutura da sociedade russa, Dallin avança: "A diferenciação da nova sociedade soviética em classes, contraria ao princípio da sociedade sem classes, é muitas vezes olhada, como a negação do comunismo, como uma traição aos princípios.

Não se pode cometer maior engano na apreciação da política soviética do que adotar tal modo de ver."

Depois ele diz: "Muito se tem mudado na Rússia neste quarto de século, mas o Governo nunca abandonou os dois princípios básicos: economia de Estado; forte regime político totalitário. Pode-se dizer que a desgraça da Rússia consiste na firmeza com que estes dois princípios têm sido observados, apesar do *realismo* e dos consequentes *compromissos*. O pior mal não está no realismo da política soviética, mas no terrível sistema de sua aplicação, pela qual se tem

(1) — É bem possível que Dallin tenha razão e que seja prematuro dar-se o comunismo puro como definitivamente afastado da Rússia. Deve-se ponderar todavia que as concessões feitas denotam enfraquecimento do potencial da pura ideologia marxista. Parece difícil retomar o primitivo eminente, pois desde cedo essa ideologia se mostrou utópica. De resto, a marcha natural de qualquer revolução é sair, quando há progresso, da fase *destruidora* para a *construtiva*. A primeira podia ser satisfeita pelo puro materialismo histórico, a segunda terá fatalmente de levar em conta o *espiritualismo histórico*, as necessidades da alma humana, aspecto tão real como o material e cuja influência, tanto como a dos fatores econômicos, a História também regista.

transformado a Rússia num dos maiores países industriais e de agricultura coletiva".

O princípio da economia de Estado, domina tudo na Rússia.

Depois dêle, o que prevalece é a preservação de todo poder nas mãos do grupo político destinado a evitar a restauração de uma economia individual.

Mas, da prática do sistema surgiu a *miséria generalizada, a igualdade na miséria*, e a natural reação contra isto, conduziu aos poucos a uma diferenciação de classes. A igualdade de situação económica, só obtida pela miséria geral, não satisfazendo, começaram a surgir as desigualdades. E com que força!...

No Exército restabeleceu-se a hierarquia, e, a intimidação entre os altos e baixos postos, tornou-se defesa.

Deu-se relêvo aos *homens distintos*, que adquiriram um peculiar padrão de vida. Formou-se uma *aristocracia*, paga de acordo com as suas necessidades especiais, e concluiu-se que *socialismo é desigualdade*.

Assim, diz Dallin, "consiste a tarefa de Stalin em dar uma espécie de unidade a esse caos de idéias, reconciliar o novo sistema de desigualdade com o ideal comunista e combinar o novo conceito com a tradição de Lenine".

A solução, baseando-se em Engel, foi considerar o *socialismo estágio* preparatório necessário para alcançar o *comunismo, regime limite ideal*. (Quasi se diria utópico!...)

Então as distinções pessoais desaparecerão. Mas até lá, é preciso sofrer, e "até as vésperas da guerra a Rússia estava infinitamente longe de tal possibilidade".

Todos os males ainda sentidos, eram agora atribuídos à fatalidade da *inevitável transição pelo socialismo*, como outrora foram *culpa do capitalismo*.

Para eliminá-los era ainda preciso muita lealdade dos russos ao seu Governo. Nada de confissão de impotência!.. Foi assim que, mal ou bem, se formaram novas classes na

Rússia, constituindo uma pirâmide social como em toda a parte.

Diz Dallin que em 1940 a pirâmide social russa se dispunha assim: — no vértice, estavam as mais altas personagens, isto é, 0,02 a 0,03 % da população; logo abaixo, — no corpo da pirâmide, — surgiam os empregados do governo e os intelectuais diversos, uns 12 a 14 %; em seguida, figuravam os operários com 20 a 22 %; — na base, — vinham os camponeses, com 58%; por fim, abaixo da base, soterrados na mais profunda miséria, na desgraça da escravidão, os *trabalhadores forçados* apareciam numa proporção de 8 a 11% da população!

Esta última classe, é uma peculiaridade soviética, sem similar no antigo regime ou em qualquer país capitalista, peculiaridade imitada por Hitler sob forma mais branda talvez.

Comparando entre si, os proventos destas classes, refere Dallin que as mais elevadas, isto é, 12 a 14 % da população, absorviam 30 a 35 % do rendimento nacional.

Depois disto, vê-se bem que a *exploração do homem pelo homem* continuou a existir na Rússia e até de um modo mais grave. Lá, explorador é o *homem-estado* e esse não tem coração nem *piedade*... Os métodos de exploração são velhos como o mundo, diz Dallin: "primeiro assalariar o trabalho; cultivar o sólo sem liberdade; trabalho escravo. A novidade soviética, que a distingue do sistema capitalista, é a universal aplicação de tais métodos pelo Estado".

Há essa profunda diferença exaltada pelos doutrinadores soviéticos. Mas "se o sistema é melhor para o povo, é outra questão".

III

O IMPORTANTE PROBLEMA DA POPULAÇÃO

O caráter político deste assunto tem mais importância na Rússia do que em qualquer outro país, mas a relação entre nascimentos e mortes lá tem um valor muito relativo.

Na Rússia soviética as causas de aumento ou diminuição da população dizem respeito principalmente a acontecimentos políticos: — incorporação ou desagregação de regiões do território; as guerras, os movimentos migratórios de massas humanas; e, ainda à fome, às moléstias e ao trabalho forçado.

Diz Dallin que a população em 1914 (inclusive a Finlândia, Buhkara e Khivia) era a mesma que a de um quarto de século mais tarde, apesar de variações na situação territorial e de outras razões. Acha ele, apoiando-se em diversos autores, que, em condições normais de crescimento, ela teria atingido 280.000.000 de habitantes.

Em 1944, no entanto, a população russa era avaliada em 160.000.000, apresentando assim um deficit teórico de cerca de 120.000.000 !

Quais as causas disto ?

Dallin cita os seguintes :

- 1) — Perdas da 1.^a Guerra Mundial e da luta civil (inclusive a diminuição natural de nascimentos nesse período e os exilados) — 28.000.000;
- 2) — Epidemias entre 1914 e 1920;
- 3) — Guerra civil de 1918 — 1920;
- 4) — Fome de 1921 — 1922;
- 5) — Mortalidade entre os deportados de 1919 a 1934;
- 6) — Fome de 1932-1933;
- 7) — Perdas diretas da 2.^a Guerra Mundial;
- 8) — Perdas indiretas dessa guerra (prisioneiros e população civil);
- 9) — Deficit de nascimentos por causa das guerras.

Isto levou o Governo a tomar medidas assecuratórias do aumento da população, caracterizadas pela *restauração da moral* e da família, para realizar as previsões do povoamento feitas nos planos quinquenais. No entanto, para atingi-las, ficaram faltando em 1939 cerca de 10 a 12 milhões !

Onde houve um espantoso crescimento de população foi na Rússia Asiática. No fim do século XVIII a população

da Sibéria e Rússia da Ásia Central, era de cerca de 1.000.000 de habitantes; em 1914, atingira a 21.000.000; em 1939, alcançou 33.000.000 e hoje (1944), escreve Dallin, é de cerca de 41.000.00.

Enquanto isso, a Rússia Européia passava de 112.000.000 em 1914 a 129.500.000 em 1936.

Nota-se ainda um enorme aumento de mulheres em relação ao de homens "sem precedentes em qualquer país", desproporção esta mais acentuada na Rússia Européia.

Vê-se bem quanto tudo isto implica na diminuição do potencial militar russo no presente e futuro próximo.

Como se constitui, ou organiza, essa população? Dallin, depois de passar em revista a formação das classes, a influência da *intelligentsia*, "o estranho amalgama" das classes nobres, média e de intelectuais da Rússia de 1914, com os novos membros da classe alta da Rússia Soviética, conclue que a maior parte dos elementos escapou daquelas velhas classes para formar na nova a dos *empregados do governo* (inclusive militares) e o resto foi figurar entre os trabalhadores forçados, abaixo da base da pirâmide social.

O "estranho amalgama" reveste para Dallin os seguintes aspectos :

Govêrno pre-revolucionário e o comunista. No antigo regime (1914) o governo ocupava 1.000.000 de pessoas, das quais, com a revolução, muitas emigraram ou ficaram nas regiões desmembradas e outras continuaram a ocupar seus postos, sendo incorporadas na nova alta classe social formada pelos empregados do governo.

A antiga nobresa — Toda ela, naturalmente exceto os emigrados e os mortos, foi fazer parte da nova classe alta, em número de cerca de 1.000.000, creando-se assim a situação paradoxal de haver mais nobres empregados pelo governo bolchevista que outrora pelo imperial.

Os militares — O Exército Imperial tinha cerca de 300.000 oficiais. Muitos emigraram, outros morreram nas guerras de 1914 e civil. Foram incorporados pelo bolchevis-

mo cerca de 150.000, no Exército Vermelho. Entre êles há alguns generais. Exercem grande influência apesar de seu pequeno número relativo.

Os clérigos — Com suas famílias, eram cerca de quinhentos a seiscentas mil pessoas, das quais cinquenta mil não cristãos. A maioria foi executada ou emigrou. Cerca de 200.000 transformaram-se provavelmente em empregados do Governo. (2).

Elementos do comércio e da indústria — Eram cerca de 6.000.000 de pessoas, inclusive as respectivas famílias. Poucos emigraram e alguns ficaram nas regiões desmembradas. Alguns tornaram-se operários. Foram servir na administração soviética cerca de 2 a 3 milhões. A maioria destes burgueses figura, portanto, como *intelligentsia*.

A velha intelligentsia — A designação *intelligentsia*, esclarece Dallin, "antes da revolução, aplicava-se às pessoas educadas e aos intelectuais". Aqui se consideram nela incluídos todos os que exercem uma atividade intelectual qualquer, um trabalho não manual: médicos, legistas, jornalistas, atores, professores, artistas, engenheiros e muitos outros engajados em várias ocupações.

Naturalmente, a incorporação deste grupo à classe de empregados do Estado, era mais fácil que a dos outros sem instrução. Eram cerca de 3 a 4 milhões, inclusive as respectivas famílias, todos com tendências liberais, não, porém, revolucionárias. Foi a principal fonte de recrutamento dos elementos da administração soviética.

Os operários — Depois da revolução de Novembro muitos operários passaram para a administração. Desde logo, os que eram comunistas, os quais foram ocupar postos importantes; em seguida, coube a vez aos que não eram partidários e, por fim, aos que pertenciam aos outros partidos.

Para os operários, a entrada no *Serviço do Estado*, correspondia a uma promoção social, fato de maior importância

(2) — Dallin observa que os grupos passados em revista até aqui eram considerados os pilares da *Rússia Velha*.

para os seus filhos que para êles próprios. Aqueles passavam a receber uma *educação intelectual* que lhes dava *mais oportunidades*.

O Governo, confiando mais nos dessa origem que nas outras antigas classes, facilitou sua entrada para os quadros do funcionalismo, mesmo com prejuízo da indústria. "Em 1940, quasi na véspera da guerra, o Governo Soviético começou a tomar medidas a fim de paralizar esta fuga da indústria".

Os camponeses — Vieram constituir a camada inferior da classe dos empregados, notadamente na administração agrícola, depois de haverem, em grande número, abandonado o campo pela cidade. Alguns se instruiram e fizeram-se agrônomos, veterinários, professores rurais etc..

Tais foram os elementos formadores das novas classes da Rússia. A classe alta, a do empregado do governo, é bastante numerosa e privilegiada.

Antes de 1917, havia na Rússia cerca de 1.000.000 mas, já em 1924, êles eram mais de 2.700.000. Depois, foram 4.600.000 e, em 1935, alcançavam o respeitável número de 8.780. 000, apesar das perdas havidas na população, e isto sem considerar os quadros subsidiários cujo número nunca foi publicado. Na véspera da guerra serviram na Administração do Estado cerca de 13.000.000 de indivíduos ou sejam 17,5% da população.

Porque isto? Dallin explica: "a maioria dos empregados é gente razoável, devotada ao seu trabalho e capás de se sacrificar por êle. Si, apesar de tudo, êste monstruoso sistema foi montado, não foram êles que deram motivo a isto. Tudo é resultante da questão básica: — organização centralizada, controle de tudo pelo Estado.

Para se avaliar o que é essa plethora de empregados na Rússia, Dallin cita um paralelo com o sistema administrativo americano, extraído do jornal soviético "Problemas Econômicos". Trata-se de duas usinas com a mesma capacidade de produção de energia elétrica. A americana emprega 51

pessoas, das quais 17 são oficiais operários; a russa precisa de 480, das quais 91 são oficiais operários, 106 trabalham nos transportes e no combustível e 98 no "boiler room" etc.. Na Rússia a produção de mil kw de eletricidade demanda 11 pessoas, nos EE.UU. bastam 1,3.

Uma mina de carvão americana, para determinada produção, requer o trabalho de 11 pessoas enquanto que na Rússia são precisas 67 para uma produção três vezes menor.

I V

A VIDA DAS NOVAS CLASSES

A intelligentsia

A intelligentsia é a única força social capaz de iniciativa e atividade próprias. "Embora não tenha ainda a liderança política, é o elemento dominante na vida social do país. A tendência, apesar de crises que ainda podem surgir, é para que exerça também sua influência política".

Na literatura, arte e ciência sua predominância já se manifesta. Sua vida é o tema das produções. Aparecem ainda, é verdade, escritos feitos por ordem do Governo sobre a vida dos camponeses e dos soldados, e mais raramente sobre a dos operários. Mas isto é significativo...

A literatura é ainda muito idealizada, falta-lhe liberdade. Nada refere de como houveram muitos de romper, no acesso da escala social, à custa de misérias, crueldades e traições dos amigos mais íntimos. Nem diz que esses recursos eram um meio de salvar a própria pele, pois lá a vida depende de um nada...

Não obstante, a *intelligentsia* vai dando à Rússia uma feição nova. "Em História, um quarto de século é apenas um momento. Mas a vida do povo faz a história de cada geração formada pelo complexo de novos hábitos, termos da linguagem, interesses, gostos, em suma, pelos sinais que ba-

lizam quotidianamente a estrada da vida". E isto se vai registrando...

A tendência da *intelligentsia* é para uma vida melhor, pelo que, sua preocupação máxima é manter a posição conquistada e, em seguida, adquirir vantagens.

Milhares de condecorações enfeitam os peitos soviéticos e cada uma delas assegura privilégios e é uma *promessa de promoção*, o que mais interessa.

Há por lá rígida hierarquia de forte subordinação, lembrando a velha mentalidade prussiana ou austriaca.

Seja como fôr, grosso modo, *intelligentsia* é lá uma força positiva e o futuro da Rússia depende da influência política que venha a exercer.

Ela aceita a *economia de estado* como um fato, e não como um princípio que justifique maiores sacrifícios. Não lhe interessa a revolução internacional. Considera os estrangeiros do Komintern como parasitas da Rússia e os olha com antipatia.

Aceita sacrifícios para a defesa militar da pátria, mas antepõe algumas restrições para o que diz respeito aos processos da política externa.

E o que é mais importante, nessa atitude, a *intelligentsia* reflete as outras classes da população e até a opinião de certos membros do *partido comunista*.

Daí resulta ter-se a impressão de que há uma aspiração geral para que termine o processo revolucionário, a fim de se instalar no país uma vida pacífica e feliz. Ninguém mais quer ser herói. "Estão cansados de heroísmo, de sacrifícios e sofrimentos, de perseguições, guerra e morte. Almejam voltar do trabalho para o lar e aí poder descansar, recreando-se com seus filhos, sem ter de ir a *meetings* e *conferências* todas as noites. A noite, o que querem é dormir. Aspiram poder comprar coisas sem fazer intermináveis filas; ler sem serem vigiados; conversar sem temores; amar sem perigo; alugar seu apartamento sem ter de agradar aos sifofantes".

Esta situação torna o partido comunista indeciso, como Hamlet, pois não pode prescindir da *intelligentsia* e ela reage sobre ele insensivelmente.

A *intelligentsia* sente a sua superioridade e a manifesta de modo desconhecido em países como, por exemplo, os EE.UU. Lá também a hierarquia não é só funcional, é também social, mas firma este último caráter com muito mais ênfase. "Nenhuma mistura com o povo, nas aquisições que no comércio, no viajar nas vias férreas, onde há cômodos lugares privativos dos empregados do governo, nas mansões de férias e repouso, nos restaurantes. Mesmo no teatro, os lugares de orquestra são destinados às pessoas em uniforme, militares ou civis. A camisa do operário — Kosovorotki — foi relegada para o fundo da Galeria".

Nada, porém, revela melhor este estado de coisas que a estatística dos criados de servir. No Império havia 1.500.000 domésticos. No começo da Revolução reduziram-se a 150.000. Depois foi aumentando e, em 1932, eram já 406.000. Dessa data em diante as publicações oficiais silenciaram a esse respeito...

A classe operária

A revolução não destruiu sómente as classes burguesas e nobres da Velha Rússia. Levou de roldão também as operárias e camponesa, embora de modo diferente.

A classe operária atual é muito diferente da primitiva, e não mais feliz, valendo politicamente muito menos.

Da que fez a revolução de 1905 e a primeira Guerra Mundial, nada mais resta. Uns morreram e outros foram absorvidos na administração do Estado. Nela só permaneceram os elementos mais mediocres.

Em 1927, o número de operários era, como na velha Rússia, de cerca de 2.600.000 em 1930, ascendeu a quasi 4.000.000 para alcançar o dôbro nas vésperas da guerra. Mas êsses 8.000.000 eram já uma dócil massa, pois os que

tinham feito a revolução e seus descendentes eram agora da classe alta...

Os novos operários provinhiam principalmente de camponeses fugidos da agricultura e, em grande número, eram mulheres (cerca de 45 % normalmente).

Tornou-se uma classe submissa ao poder, passiva e malleável e por isto, na Rússia de hoje, tornou-se impossível qualquer *movimento trabalhista*.

Conforme os dados oficiais, a situação dos salários, à primeira vista, parece ter melhorado bastante. Todavia, isto é mera aparência. "Si este milagre fosse verdade, diz Dallin justificaria muito do que se passou com o comunismo".

Há no anúncio méra propaganda. A estima do valor real do salário não é uma simples operação aritmética. Não somente os preços aumentaram rapidamente em toda a Rússia, como divergiam de um lugar para outro, e dos armazéns do Estado para o mercado livre.

"Um dos melhor informados e mais objetivos economistas russos, o professor Sergei Prokopovich, chegou a algumas interessantes conclusões. Achou que durante o plano quinquenal de 1928-1932, a produção *per capita* de gêneros alimentícios e artigos de necessidade, foi menor que a de antes da guerra, e os salários mais baixos. No decurso dos anos de 1935 a 39 o salário real subiu gradativamente, embora a remuneração real ficasse abaixo do nível de antes da guerra e abaixo de 1929. A guerra na Europa Central e Ocidental (de 1939 a 1941) produziu outra queda no valor real do salário". O economista inglês Leonard Hubbard assinalou o fato de haver na Rússia uma grande escala de salários e refere que, em 1913, o salário médio era mais baixo que o atual, mas que o das mais baixas categorias de trabalhadores era mais elevado.

E' também importante notar o operariado soviético se constituiu em vários grupos com situações econômicas muito diferentes, indo da *pobresa* à méra *suficiência*. A dife-

rença entre o salário mínimo e o máximo, creou uma aristocracia do trabalho, lembrando a da Inglaterra do século XIX.

Os trabalhadores de menor categoria, não têm interesse algum no partido comunista. Os que pretendem ou almejam fazer carreira, os de categoria mais elevada, procuram-no, porém, pelas vantagens que ele para isso oferece: melhor remuneração, atividades mais suaves nos clubes, comissões diversas etc.. Mas, o fato é que cerca de 3/4 dos operários não são partidários, cerca de 15% pertencem ao Komsomol e somente 10% ao partido comunista. Estes são mais numerosos na indústria de máquinas e metalúrgica.

E, portanto, nula a influência política do operariado russo. "O primeiro sinal de um movimento político qualquer não virá dos trabalhadores. Mas qualquer que surja em outra camada social, encontrará simpatia nos seus numerosos descontentes, pelo baixo padrão de vida, de freio do poder sobre eles exercido pelos quadros oficiais, da ilimitada intromissão da polícia em sua vida privada".

Os camponeses

Os camponeses são os que mais reagem ao comunismo. Não se conformam com a exploração agrícola coletiva, e só a aceitam *a fortiori*.

Diz Dallin: "Do ponto de vista camponês, a granja coletiva é uma enorme bomba sugando o produto do seu trabalho por meio de muitos canais; e o aparelhamento oficial, seus postos de máquinas e tratores, suas divisões políticas, células do partido etc., parece-lhes apenas exercer o controle político e policial da aldeia".

Também entre eles há diferentes situações, resultantes naturalmente da colocação e extensão do solo da granja e das áreas deixadas livres ao trabalho individual. Isto permitiu que alguns mais favorecidos, inclusive pela proximi-

dade de melhores mercados livres a que servem, se fizessem "milionários".

Mas daí não virá nenhuma contrarrevolução. "Pode ser, diz Dallin, que de coração sonhem com outras condições políticas, que temam más consequências de sua prosperidade relativa e que prefiram as iniciativas privadas ao presente sistema. Mas seus secretos pensamentos não têm consequência real alguma no presente".

Pode-se compreender isto facilmente, considerando que em 1926 não havia quasi camponeses no partido comunista e que em toda a Rússia eram cerca de 50.000. Depois da instituição das granjas coletivas, chegaram a 200.000 inclusive os *empregados do governo* (células do partido, escritórios, chausfeurs etc.). Em 1934 chegaram a cerca de 800.000, mas ainda 50 % dos lavradores das granjas não eram comunistas.

"Assim, diz Dallin, depois de um quarto de século, cerca de 5 % da população das cidades pertenciam ao comunismo (excluído o Komsofnol) enquanto que nas aldeias a razão era de 5 por mil, inclusive os do aparelho do Estado".

V

A POLÍTICA RELIGIOSA

Um dos pontos que fizeram crer no abandono da política comunista da Rússia, foi a política religiosa. Ainda há mais aparência que realidade profunda.

Seja como for, a nova política religiosa impressionou fortemente o estrangeiro. Um representante de imprensa deslumbrou-se a tal ponto que chegou a escrever, refere Dallin: "Com o brilho dos seus candelabros e o explendor do garbo clerical, a igreja apresentava um espetáculo magnífico, tão explêndido, talvez, como nunca se tinha visto. Era como que uma página da antiga Rússia..."

"Antiga Rússia!" exclama Dallin, irônicamente. Mas isso foi agradável aos dirigentes comunistas, por causa de seus efeitos externos e internos momentâneos...

A realidade, porém, é diferente.

A Rússia, em 27 anos de regime soviético, teve três movimentos fortemente anti-religiosos, com perseguições, fechamentos e destruições de igrejas etc.. Após cada um deles, houve um período de pausa e tolerância relativa, de calma e compromisso. Mas, de cada vez, a religião saía mais enfraquecida...

Porque essa intermitência? E' o que veremos adiante. Quando houve a invasão hitlerista, a Rússia possuía :

— 28 bispos,	75 %	menos que em 1917
— 5.665 padres,	90 %	" " " "
— 3.100 diaconos,	75 %	" " " "
— 4.225 igrejas	92 %	" " " "

Mas, apesar disso, verificaram os chefes soviéticos que $\frac{2}{3}$ das populações do campo e $\frac{1}{3}$ das cidades conservavam ainda as suas velhas crenças, conforme o senso de 1927. Persistência surpreendente... Vinda a mobilização, para executá-la eficientemente e fazer a guerra sem precalços, não era possível ignorar isto.

Convinha recuar um pouco na aplicação dos princípios comunistas, tanto mais quanto o inimigo podia explorar essa situação e ajudar os clérigos que se mostravam favoráveis a aceitar um apoio seu. Esse fato, mostrava-se mais acentuado na Ucrâina, onde alguns bispos já tinham feito certas manifestações, informa Dallin. Era preciso neutralizá-los.

Havia também que considerar o mau efeito da ação antireligiosa, nos países estrangeiros, notadamente, vizinhos e aliados.

Dante disto tudo, o Governo tornou-se protetor da Igreja, mas teve o cuidado de subordiná-la a si e de pô-la a seu serviço, mantendo a aparência, e a realidade no fundo, de um Estado ateu.

Era-lhe fácil, e a Igreja cedeu. Esta nada podia fazer sem o seu benéplácito e auxílio. A restauração dos templos, dos paramentos e ornamentos, a reimpressão de livros, as instalações do Sinodo e do Patriarca, etc., tudo dependia da máquina governamental de modo absoluto.

Por isto, de fato, a Igreja não é separada do Estado na Rússia Soviética, de Stalin. Vive pela graça do Stalin *realista*... "Os chefes da Igreja, que também são realistas, diz Dallin, aceitaram muitos compromissos para que as igrejas pudessem funcionar. Mas, ao mesmo tempo, foram forçados a engulir pílulas amargas".

VI

O TRABALHO FORÇADO

"... la révolte, remède terrible, pire que tous les maux".

(Du Pape — *Joseph de Maistre*).

Dallin, ao tratar êste assunto, começa assim:

"E', na verdade, extraordinário que alguém sinta ser obrigado a começar um capítulo sobre uma numerosa classe social de um grande país, pela demonstração de que ela existe e de que constitui um dos fatores mais importantes da sua economia em geral e de sua indústria em particular".

Depois deste início, faz êle a anunciada demonstração e, havendo citado vários testemunhos, diz: "o atual número de indivíduos, em trabalho forçado, é equivalente à população da Iugoslavia, da Tchecoslováquia, ou da Argentina e é certamente maior que a da Austrália. E' provavelmente maior que o de trabalhadores livres da Rússia".

Os comunistas, para justificarem essa sua criação singular, prevalecem-se do argumento universal de que o *trabalho* é um excelente meio corretivo.

Essas são suas confessadas intenções. Mas como o caminho do inferno — seguimos Dallin quasi literalmente — está calçado de boas intenções, isso serviu de pretexto ao maior escândalo dos tempos modernos — *a escravização, pelo Estado, de grandes massas humanas*.

O número de presos da velha Rússia era muito menor que hoje. Em 1905, havia 15.000; em 1910 êles eram 28.742 e, em 1913, chegaram a 32.757, dos quais apenas 5.000 por motivos políticos.

No período bolchevista, em 1922, havia 57.200 presos mas, já em 1929 êles eram 242.000. Então, as prisões, que possuíam apenas capacidade para 80.000, tinham se tornado congestas e havia surgido o primeiro campo de concentração, na região do Mar Branco, nas ilhas Solovetsky.

Este começou com 6.000 internados, em sua maioria políticos, isto é, não comunistas, padres, monjes, professores, advogados, anedotistas etc.. Em 1928 aí estavam 30.000, e em 1930, seus habitantes eram 662.257, conforme diz N. Kiselev, refere Dallin, o qual foi oficial graduado da G.P.U.

Os anos 1929 e 1930 dividem "a história do regime soviético em dois períodos, sob os pontos de vista ideológico e econômico, e marcam um ponto de mudança na vida dos campos de concentração".

O vasto programa de industrialização, começado em 1928, exigia farta mão de obra. A construção de canais, vias férreas e rodovias, pedia milhões de trabalhadores, impossíveis de encontrar livremente. Para resolver êsse problema, fez-se uma nova legislação penal e o Governo baixou numerosas instruções. Adotou-se em vez de *prisão-penalidade*, o *trabalho corretivo*, praticamente sem tempo limitado. E desse modo, foi solucionada a questão, atingindo o número de *trabalhadores forçados*, em 1940, a 5.000.000!

E êsse número continuou a crescer... Os campos de concentração na Rússia Européia, chegaram a 31 e na Asiática a 17.

O seu regime de vida era terrível, e nêles os *criminosos comuns* tinham, pela facilidade em *aceitar tudo*, vantagens acentuadas sobre os demais, dos quais, em regra, eram os guardas e até algozes.

A repartição dos presos pelos campos, dependia dos trabalhos em curso, todos dirigidos pela polícia, a G.P.U. e depois N.K.V.D. sua sucessora.

Como eram empregados os presos e qual a vida nos campos? Das numerosas informações registadas por Dallin, temos a seguinte, relatada por um engenheiro francês prisioneiro, que trabalhou na abertura do canal do Báltico ao Mar Branco, e que conseguiu escapar. Diz ele:

"Mais de 2.000.000 de presos foram empregados no projeto. Mais de 50.000 morreram num período de ano e meio. O trabalho era de onze horas diárias. Não havia dia de repouso. Só se davam interrupções durante a transferência de um campo para outro. As tarefas eram muito duras e a alimentação escassa. Quem realizava sua tarefa recebia 800 gr. de pão e o que fazia apenas metade só recebia 300 gr.. Além do pão, davam uma sopa aguada e peixe salgado. Nada mais".

"O frio terrível fez alguns morrerem gelados de ferramenta na mão. A disciplina de responsabilidade coletiva, tornava toda a companhia responsável pela fuga de um prisioneiro, acarretando-lhe a punição de aumento de horas de trabalho. O fugitivo capturado era fuzilado".

Que repercussão sobre o futuro terão tais métodos soviéticos?

"Isto, diz Dallin, naturalmente, é uma muito forte razão (os programas quinquenais) para a continuação da escravidão de seres humanos. Quanto mais, porém, esta instituição durar, maior será o perigo apresentado pelos prisioneiros e deportados, ansiados por um sistema político libertador".

VII

O PARTIDO COMUNISTA

O Partido comunista, em 1905, no início da fase revolucionária na Rússia, possuía cerca de 8.000 aderentes; hoje, seu efetivo é de cerca de 5.000.000, coadjuvados por uns 17 milhões de membros do Komsomol, a Liga da Juventude Comunista.

Que representa isto?

Para avaliá-lo, é preciso ter bem presente o que quer dizer *partido comunista*. A noção de *partido* lá é muito diversa da dos outros povos, notadamente do caso inglês ou americano. Lá, o *partido* é uma restrição de liberdade, uma tutela imposta por seus dirigentes aos diversos elementos que o constituem.

Nos países liberais, os chefes de partido auscultam as opiniões e desejos dos partidários; na Rússia, não os ouvem e ditam-lhes o que devem almejar, dizer e sentir.

O partido comunista é como um exército: a massa obedece. Alguns poucos mil oficiais, recrutados e treinados desde sua juventude, fazendo carreira militar, formam um núcleo capás de enquadrar vários milhões de indivíduos.

Assim é no seio do partido, e assim é como ele se considera em face do povo russo. É uma minoria organizada dirigindo a maioria amorfa. Não deve ser muito numeroso para não perder sua sinergia.

De acordo com seus princípios, essa minoria nacional russa selecionada, é cegamente obediente aos seus chefes. A maioria de seus membros basta que saiba obedecer.

Nunca se exigiu de todos uma compreensão a fundo dos seus princípios e programas, mas apenas que os aceitassem com fé e tivessem, principalmente, devoção absoluta aos seus chefes.

Em 1917, os bolshevistas eram um pequeno núcleo avaliado em 23.000 aderentes. Com a atmosfera revolucionária que então se formou, com a adesão de operários e soldados

que não queriam continuar na guerra, esse número subiu para mais de 200.000.

Foi, então, que Lenine perguntou: "se a Rússia era dirigida por 150.000 senhores da terra, porque nós que somos 240.000, não poderemos fazer o mesmo?"

Na primavera de 1919, os comunistas inscritos chegaram a 300.000. Em 1920 passaram de 600.000.

Ia se enfraquecendo... As numerosas discussões doutrinárias, os debates sobre as *trade-unions*, a industrialização, a revolução chinesa etc., levaram-no a um *estado febril*, como o caracterizou Lenine.

Era preciso curá-lo e vieram as *purgas*...

A primeira, que foi feita em 1921, eliminou cerca de 30%, isto é, 175.000 aderentes mas, diferentemente do que ocorreu, depois, os purgados não foram presos nem sofreram outras consequências, conservando a maioria deles os seus lugares de trabalho.

Não obstante, o partido continuou a crescer e, em 1925, contava com 800.000 adesões. No ano seguinte, estas passavam de 1.000.000 e, em 1928, atingiam 1.300.000.

Houve então, uma segunda grande purga, com cerca de 160.000 expulsões, sem contar os *laxativos* dos anos intermediários que eliminaram, aos poucos, cerca de 260.000.

Já então, Stalin dominava o cenário.

O crescimento, porém, continuava e, em 1930, o partido inscrevia 1.852.000 adeptos. Era isto uma aceitação do regime pela população?

Era um pouco menos. Mostrava apenas o desaparecimento do espírito de resistência. Depois da derrota dos conservadores e liberais, o bolshevismo adquiriu uma situação de fato consumado, e todos foram tratando de se acomodar com ele.

Daí em diante, com o agitamento da antiga *intelligentsia* e o desenvolvimento da nova, o partido continuou a procurar algumas adesões de operários e camponeses, mas com

caráter decorativo e para mostrar sua identificação com o povo.

Também se processaram nessa época, várias reformas políticas. A mais importante, aparentemente, foi a reforma da Constituição com suas garantias de liberdade espiritual. Ninguém, porém, a tomou a sério, nem caiu na esparrela de se mostrar... Sabia-se que essa liberdade era só para os comunistas e nem mesmo para todos eles...

Depois, tudo se modificou ainda e houve novas furgas. "O total, diz Dallin, de membros e candidatos inscritos no partido, era em 1939 igual a cerca de 2.478.000, mas em Outubro eram já 3.700.000 para alcançar, em 1941, os 4 milhões.

la longe a teoria do pequeno grupo.

Mas Stalin é um *realista*. O número de comunistas tinha que ser grande porque a Rússia é grande e, para evitar os inconvenientes daí resultantes, era preciso interpretar a situação.

Baseado na teoria da inércia das massas, dividiu o partido em duas partes: os que eram capazes de explicar a teoria comunista e os programas de ação, e os que só eram capazes de obedecer. Assim o partido passou a ter "três a quatro mil homens do alto comando — os seus generais; trinta a quarenta mil comandos intermediários — o corpo de oficiais do partido; cem a cento e cinquenta mil graduados — os quadros inferiores do partido".

Era isto o *real partido*?

Não. Este era a *Comissão Central* — o Estado Maior — a cabeça de sua complexa organização cujos membros, somados aos maioriais da administração, iam somente a cerca de 500 indivíduos.

E por cima de tudo isto, o comandante em chefe!

Aí está a cúpula do edifício do regime comunista, que não é sustentada pelos milhões de partidários, mas por várias colunas, entre as quais se destacam: o *Exército Vermelho* e o *N. K. V. D.*, isto é, a polícia.

Merece atenção o N.K.V.D., em predições feitas mesmo durante a guerra. Pelo que sei, não têm sido estas bem fundadas, mas a primeira fortaleza que pode cair depois da guerra, como consequência dos esforços combinados do Exército e do povo, tanto quanto se pode vêr, não será o partido, nem mesmo a coletivização da agricultura, mas o incomparável, o majestático, único monolito da falta de humana-dade, da escravidão, da abominação e morte — o N.K.V.D."

VIII

CONCLUSÃO

Dallin, que escreve em 1944, ao terminar seu impressionante livro, faz várias considerações sobre a situação da Rússia após a guerra, em vista das consequências naturais das suas enormes perdas, do retorno do prisioneiros, das massas emigradas e outros fatores importantes.

Vê o futuro negro. "Esta horrível pobreza, diz élle, estas inauditas privações sofridas pela população, não constituem, por si mesmas, uma garantia de que o governo adotará uma sábia política exterior no futuro, de abandono do expansionismo, nem mesmo de modificações internas. Cada sistema político tem sua lógica, e sua força dinâmica, uma vez posta em ação, continua a operar como antes. Mas o curso da guerra, o preço da vitória e a situação da Rússia no após guerra, constituem o prólogo de uma grande mudança interna, maior do que alguns são inclinados a esperar".

Do ponto de vista mundial...

"Mas teria desaparecido completamente o perigo russo? Que nova forma revestirá élle? Essas perguntas certamente serão respondidas pelas consequências desta guerra mundial atual, dentre as quais, parece certo, vão obter, os soviéticos, sem ousarmos indicar sob que forma ou pretextos, mas muito provavelmente com uma fisionomia prática e bem moderna, as fronteiras marítimas que Pedro, o Grande, e Catarina II, começaram a procurar..." (3).

(3) — Algumas Coisas da Rússia — Cel. J. B. Magalhães.

EXCERTOS

PRÉCEPTES ET JUGEMENTS DU MARÉCHAL FOCH.

*Trad. do Cel. R. B. NUNES,
da Reserva de 1.ª classe.*

DISCIPLINA — Ser disciplinado não quer dizer que se não cometam faltas contra a disciplina; que se não promovam desordens. Esta definição poderia bastar, talvez, ao homem de tropa, mas é absolutamente insuficiente para um chefe colocado num escalão qualquer da hierarquia, e com mais forte razão, para os que ocupam os mais altos postos.

Ser disciplinado não significa, ainda, que se executem as ordens recebidas sómente na estrita medida do que parece conveniente, justo, racional ou possível. É mais do que isto: é penetrar francamente no pensamento, nas intenções do chefe que deu a ordem, é empregar todos os meios humanamente praticáveis para executá-la plenamente.

Ser disciplinado não quer dizer, também, calar-se, abster-se ou não fazer senão aquilo que se julga poder executar *sem se comprometer*; a arte de *evitar as responsabilidades*. É, ao contrário, *agir bem*, no sentido das ordens recebidas e, para isto, encontrar *no próprio espirito*, pela pesquisa, pela reflexão, a possibilidade de executar essas ordens; no próprio *carácter*, a energia para enfrentar os riscos que a execução encerra. Numa acepção elevada: disciplina uniforme, donde, actividade do espirito, exercício do carácter. A preguiça do espirito conduz à indisciplina, como a insubordinação; nnum caso, como noutro, o facto é uma falta, é culposo.

A incapacidade e a ignorância não são circunstâncias atenuantes, porque o saber está ao alcance de todos que o procuram...

... Em nossos tempos, julga-se possível poder dispensar o ideal, repelir o que chamam de abstracções, viver de realismo, de racionalismo, de positivismo... Entretanto, para evitar o êrro, a falta, o desastre, o recurso único — e este é seguro e fecundo, — é ainda o *culto exclusivo* de duas abstracções do domínio moral: o *dever*, a *disciplina*, culto, aliás, que, para produzir resultados felizes, exige o *saber* e o *raciocínio*...

... Quem diz *acção comum, união de forças*, repele a *acção independente*, isolada ou sucessiva, que levará fatalmente à *dispersão*. É, portanto, evidente que cada uma das unidade que compõem o conjunto das

forças, não é livre de ir *onde* quiser (união no espaço), nem de chegar *quando* quiser (união no tempo). Não é livre, igualmente, de deixar-se guiar por opiniões pessoais do chefe, por muito justas que pareçam; de agir por conta própria, de procurar o inimigo e combatê-lo *onde* e quando lhe aprouver, ainda quando o êxito devesse coroar o empreendimento.

... O crime consiste em haver Garibaldi (operações em torno de Dijon) recebido a ordem de reunir-se ao exército de Leste, e não tê-la executado. Nem pensou nisto, sequer. Foram as ideias pessoais, a ambição de alcançar êxitos próprios, que ditaram seu procedimento.

Si houvesse procurado obedecer, nenhuma impossibilidade material o impediria de fazê-lo: a divisão Pelissier, mantida em Dijon, bastava para absorver a actividade do general Kettler; o exército dos Vosges podia reunir-se ao de Leste com inteira liberdade.

Garibaldi e o general Failly (que deixou de executar a ordem de concentrar seu corpo de exército em Bitche, 1870), dois chefes de proveniência assás diferentes, chegaram, portanto, ao mesmo fim: o desastre, pelo mesmo caminho, a *indisciplina intelectual*, o *esquecimento do dever militar*, no sentido mais exato da palavra...

EDUCAÇÃO DO COMANDO — Um traço característico a notar nos chefes franceses que foram mandados em socorro de Frossard (batalha de Spicheren), é *sua completa passividade*, ao esperarem, constantemente a impulsão vinda de cima.

... Si os chefes franceses eram assim, faz-se mister conhecer o sistema que os formou nesses moldes.

As bases desse sistema foram a falsa concepção, por parte do comando, dos direitos e deveres que lhe são inerentes: "Ele pretende confundir os pensamentos e as vontades dos chefes subordinados do exército, no pensamento e na vontade do comandante-chefe, sem levar em conta a distância, o tempo, os acidentes possíveis e até a iniciativa independente do adversário, cousas estas que exigem, de qualquer maneira, resoluções espontâneas da parte dos chefes subordinados."

Disso resulta uma centralização absoluta, puramente teórica, aliás, contrária às necessidades da prática, que denega aos subordinados o direito de pensar e de agir sem ordem. Provém daí, para os chefes subordinados, o hábito inveterado de subordinação cega, inerte, absoluta, erigida em lei soberana, que conduz à inactividade, à inação, e depois, ao abandono da ideia de ofensiva, porque o subordinado, inerte na maior parte de sua carreira, não se pode transformar num chefe capaz de decidir. Dessa maneira, são ainda suprimidas a personalidade e a iniciativa dos chefes subordinados, que devem, somente, aguardar ordens. Então, tornam-se incapaz de prover às numerosas necessidades diárias da vida de campanha que, aliás, não podem ser satisfeitas pelo alto co-

mando; não se guardam, não se esclarecem, não ousam servir-se de sua cavalaria; esta torna-se embarçada e timorata quando por acaso, a lançam em reconhecimento. Dentro em pouco, a cegueira torna-se absoluta, a respeito do que faz o inimigo. À inação, sobrevem a surpresa: a esta, a derrota, que é uma forma da surpresa.

(N. do T. — Não se pode confundir *indisciplina intelectual* com a *falta de iniciativa*. Não executar uma ordem, ou agir contrariamente ao seu espírito, é *indisciplina*; deixar de tomar uma decisão imediata, quando circunstâncias prementes e novas o exigirem, é *inércia*)

ESPIRITO MILITAR — À proporção que os efetivos crescem, e com eles o tempo e os espaços, o caminho a percorrer é mais longo e mais difícil. Por seu turno, o comando, na significação restrita da palavra, perde de sua *precisão*. Ser-lhe-á sempre possível determinar o resultado que deve ser alcançado, não, porém, as vias e os meios de obtê-los. Como, então, garantir a chegada de numerosas tropas dispersas, senão conservando-lhes a visão nítida 'do fim comum a atingir, além da liberdade de agir nesse sentido? Senão pelo desenvolvimento da:

— *disciplina intelectual*, primeira condição, que mostra e impõe a todos os subordinados o resultado visado pelo superior;

— *disciplina inteligente e activa*, ou antes, *iniciativa*, segundo condição para conservar o direito de agir no sentido desejado.

É nisto que consiste a noção superior do *espírito militar*, que exige carácter, bem entendido, mas também, como a própria palavra diz, espírito; comprehende, por conseguinte, a ação do pensamento, da reflexão, e proscreve a inércia da inteligência ou ausência de pensamento, o silêncio da fileira, suficiente, talvez, para a tropa, que só tem que executar (e, ainda assim, melhor será que execute comprendendo); insuficiente, porém, em qualquer caso, para o chefe subordinado, que deve, com os meios de que dispõe, realizar a vontade de seu superior e, para isso, comprehendê-la antes, e depois, dar aos próprios meios o emprego mais apropriado às circunstâncias, das quais é o único juiz.

OBJECTIVIDADE DA GUERRA. — A arte militar não é uma arte de puro enlevo, não é uma arte de amadores apaixonados, um desporto. Não se faz a guerra sem uma razão, sem um fim, como se poderia compor a música, pintar, caçar ou jogar o ténis, sem nenhum inconveniente na interrupção do exercício ou no seu prosseguimento, no fazer muito ou pouco. Na guerra, tudo se encadeia, interdepende e se penetra; não se faz o que se quer. Cada operação tem uma *razão de ser*, isto é, um *objectivo*. Este objectivo, uma vez determinado, fixar a natureza e o valor dos meios que põe em ação, o emprégo que fazer das forças. Este *objectivo*, em qualquer caso, é a resposta à famosa pergunta que

Verdy du Vernois fez a si mesmo quando chegou ao campo de batalha de Nachod.

Diante das dificuldades que se lhe apresentavam, bate na testa, busca na memória um exemplo ou uma lição que lhe indiquem a norma de ação a adoptar. Nada o inspira. Exclama, então: "Vão para o diabo a história e os princípios! Afinal de contas, *de que se trata?*" E imediatamente seu espírito se orienta. Eis a maneira objectiva de resolver o problema. Empreende-se uma operação pelo seu objectivo, no sentido mais lato da palavra: *de que se trata?...*

ESTRATÉGIA. — ... *Não! não há mais estratégia que preveleça contra a que garante e que visa os resultados tácticos, a vitória na batalha.*

Estratégia que prepare, unicamente, decisões tácticas; e eis a que chegamos nesta ciência, que deu origem às mais eruditas teorias.

Nisto, como em toda a parte aliás, como na política, a entrada em ação das massas, como suas paixões, conduz necessariamente ao *simplicismo*...

Por outras palavras, a estratégia nada mais é que uma questão de *caracter* e de *bom senso*; mas, para chegar ao terreno com esta dupla faculdade, é preciso tê-las desenvolvida mediante o exercício; é mister ter feito as *humanidades militares*, ter *estudado e resolvido casos concretos*.

É, portanto, pelo movimento que as tropas se reunem, se preparam para a batalha. *O movimento é a lei da estratégia.*

... Movimento para *buscar* a batalha,

Movimento para *nela reunir* as forças,

Movimentar para *executá-la*.

Tal é a lei primeira que rege a teoria, à qual nenhuma tropa poderá subtrair-se.

ESTRATÉGIA. TÁCTICA. — A estratégia exige preliminarmente de suas operações a busca e a preparação única da batalha, nas melhores condições possíveis; depois de ganha uma batalha, recomeça uma nova fase, com o mesmo objectivo, uma nova batalha.

A tática procura conduzir a batalha racionalmente, obedecendo a leis morais e a princípios mecânicos, para chegar ao destroçamento indiscutível do adversário.

Si a história nos mostra estas duas partes da arte alçadas a alturas diferentes pelas mãos de um Napoleão, ou de um Moltke, ou de seus adversários, elas continuam, entretanto, dominadas em seu conjunto e caracterizadas em nossos dias, pelos próprios desenvolvimentos concernentes à ação guerreira:

Recrutamento cada vez mais nacional;
Aumento dos efetivos;
Aperfeiçoamento das armas.

PLANO DE GUERRA. — Flexionar as operações segundo as circunstâncias que se revelam a cada passo, a fim de fazer progredir a estratégia de *resultado à resultado*, com passo lento e seguro, mas sempre na *direcção visada, para o objectivo* indicado como alvo de todos os esforços, após o exame prévio da situação geral militar e política; conservar, para isto, constantemente, a visão nítida, por tortuosa e sinirosa que seja a estrada a trilhar para atingí-lo, eis e que não pode ser previsto, particularmente, no que respeita às minúcias da execução.

O plano de guerra deixa, portanto, de ser um plano de operações, o que justifica plenamente o aforismo do Imperador, quando diz que *jamais elaborou um plano de operações*, o que não quer absolutamente dizer que não soubesse onde ia.

Tinha seu plano de guerra, seu objectivo final. Marchava, fixando de acordo com circunstâncias, os meios de aproximar-se desse objectivo e atingí-lo:

1.º — Disposições discutidas com grande antecedência, preparadas em todos os seus pormenores de execução, e que deviam conduzir à primeira batalha sem modificações profundas;

2.º — Desenvolvimento obedecendo a uma ideia mestra que devia levar à obtenção de um objectivo final: derribar ou dominar o Governo, ocupar o território, passando, para esse fim, por operações dirigidas segundo os acontecimentos, e tendo como primeiro objectivo: bater as forças adversas.

Tal é o programa de uma guerra, contido num plano.

Biscoitos União Limitada

Rua Barão do Bom Retiro, 190

End. Tel. "BISCOITOS"

Códigos: UNIÃO, MASCOTTE e PARTICULARES

FONE 29-2590

RIO DE JANEIRO

NOÇÕES NECESSÁRIAS

Cap. ALBERTO CARDOSO

1 —

Os problemas da organização social estão na pauta, interessando, como nunca, a todo o país.

O Exército não se poderá furtar à repercussão dos debates doutrinários, da viva intercomunicação de idéias, que são a democrática marca do Brasil de 1946, porque o Exército é "a Nação em armas".

Parece-nos oportuno que discutamos agora, entre camaradas, as noções basilares do importante tema.

Só assim nós, oficiais, nos manteremos aptos a orientar e esclarecer aos nossos subordinados que, sem dúvida, hão de sofrer solicitações as mais dispareces.

E' com tal objetivo que me abalanço a apresentar êste trabalho modesto.

2 —

O homem, para viver, deve dar satisfação a irrecorríveis "necessidades": precisa alimentar-se, abrigar-se, comunicar-se com os semelhantes, manifestar-se.

É por meio das "utilidades" que obtém aquela satisfação: cobre-se de roupas, habita uma casa, adota uma dieta, exprime suas ideias.

Essas utilidades não se encontram na Natureza, em estado de servir a todos que as desejam. Tornam-se assim, "bens econômicos". precisam ser tratadas, transportadas e, na maior parte dos casos, produzidas pelos próprios homens, mesmo quando não lhes interessam diretamente.

A nossa vestimenta representa a atividade de "outros homens". Desde a criação dos rebanhos até o último ponto dado pelo alfaiate, há uma interminável cadeia: fiação, transporte, embalagem, e, mais remotamente, a fabricação das inúmeras máquinas utilizadas.

Esta parte da Economia, em que uns elaboram o que servirá a outros, chama-se *Produção*.

São seus elementos essenciais:

- A Natureza, sobre a qual se opera, ou de onde se extraem os recursos e matérias primas para a confecção das utilidades.
- O Capital, que fornece o material necessário à atividade produtora.

— O Trabalho, que, propriamente, executa as operações elaboradoras dos diferentes bens.

Há homens, portanto, que gastam suas energias "produzindo"; e há homens que dispõem das suas propriedades, ou do seu dinheiro, com o mesmo fim.

Das respectivas atividades, uns e outros devem auferir os meios que lhes propiciem, a seu turno, o indispensável à vida. (Se puder ser, também o supérfluo...)

Como surgem êsses meios?

Toda utilidade tem um "valor" que se aquilata, em última análise, pela quantidade de bens que podemos obter, "em troca" da mesma. Como só receberemos, evidentemente, o que nos interessar, surgiu, para facilitar as transações, a "moeda", o dinheiro — que a todos interessa.

Tangenciamos, agora, outra faceta da atividade econômica: a *Circulação* ou comércio.

Parte do dinheiro recebido reverte à produção, para que a mesma prossiga. Outra parte sobra.

Esta é que deve ser repartida entre o Capital, — como lucro, e o Trabalho, — feita salário.

Essa *Distribuição* — tal é o nome desta terceira fase é o cerne de todos os problemas sociais:

- O Capital deverá receber melhor quinhão do que o trabalho?
- Deverá ser o inverso?
- Quem presidirá à repartição?
- É possível haver harmonia entre "patrões" e assalariados?

3 —

Vejamos de relance o que têm sido, pelos tempos, as relações entre os dois grupos. E como surgiram os sistemas que se propõem resolver o dilema, presenteando-nos, ao fim, com a radiosa Paz Social.

4 —

Na mais remota antiguidade, não havia diferenciação econômica entre os homens.

Os Árias, por exemplo, tinham a terra e os bens como propriedade comum.

Sem hierarquia econômica, era fatal o nivelamento social e político. Por isso, não existia o Estado.

Este se constituiu com o aparecimento das classes.

Sua economia baseou-se, inicialmente, na escravidão. Os vencidos, nas guerras, e as classes menos favorecidas, como os párias, assumiam a condição exata de "coisas".

Nas "cidades" gregas, e nas romanas, embora se tentasse a distribuição equitativa da terra, não era outra a organização. Até a produção artística, muita vez deriva de escravos.

A civilização ocidental criou o feudalismo.

O estêo económico do sistema foram os direitos do barão feudal sobre o trabalho dos "servos" e dos arrendatários.

A situação era incomparavelmente melhor do que a dos escravos da antiguidade. Se em grande parte a riqueza ia para as mãos do suzerano, sob a forma de dízimos, corvéia, etc — em compensação o trabalhador "tinha" um pedaço de terra nominalmente distribuído a él.

As grandes navegações aumentaram o número e a quantidade de mercadorias, na Europa.

O comércio, que se fazia intenso apenas pelos portos, foi se estabelecendo em toda parte.

Fora dos muros feudais, o agrupamento de tendas, lojas e oficinas deu nascimento aos "burgos" (cidades). Os seus moradores, a par de uma classe de pequenos campões que conseguiam enriquecer, formaram um degrau intermediário entre o barão e o servo. Foram chamados "a burguesia".

Da sua reação haveria de surgir uma nova concepção de Economia.

De feito, também os burgueses sofriam imposições severas da nobreza, avultando o rígido enquadramento das "corporações de ofício", que lhes cerceava, rente, a iniciativa.

O inconformismo cresceu em França, quando a realeza, com Luiz XIV, encampou, fortalecendo, os privilégios dos nobres.

Simultaneamente, crescia, nas cidades, a procura de braços. Os campos, com toda uma população jungida aos castelos senhoriais, eram o celeiro imanente de trabalhadores para o comércio e a indústria.

A Revolução Francesa veio como a vitória da burguesia sobre as prerrogativas aristocráticas.

A partir de então, os servos — rompidos os liames do feudalismo — eram livres de negociar a sua capacidade de trabalho. Os proprietários de bens, aptos a dirigirem-nos em qualquer sentido.

Iniciou-se o Capitalismo, ao lado do Liberalismo.

Separaram-se o capitalista e o assalariado que, unidos, vinham de derrubar o rei e a nobreza.

A mudança pouco aproveitou ao último. Dispunha, é verdade, a seu talante, de tudo o que possuia: os seus músculos. Onde quer, porém, que os oferecesse, a paga era mesquinha, e o esforço, extenuante.

Surgiram os seus campeões.

Augusto Comte foi o maior, entre todos.

E a verdade é que o sistema tornou-se vantajoso, tendo elevado o nível de vida dos povos, estimulado os empreendedores, combatido o favoritismo. Liberalisou-se a concorrência.

A revolução industrial, pôs em nova evidência o problema das classes.

O Socialismo, condenador do "Statu quo" existente, e que andava difuso em muitos escritos e programas, foi expôsto por Marx e Engels, em feição científica, por meados dos séculos XIX.

Seu ideal mais alto é a extinção das classes; a apropriação comum da riqueza, donde a desnecessidade do Estado.

Dois papas, — Leão XIII, com a bula "Rerum Novarum", e Pio XI, com a sua célebre encíclica, ambas sobre a organização da Sociedade — expuseram limpidamente o pensamento católico, sugerindo soluções dignas de acurado estudo.

Sobre um mundo agitado por profundas convulsões sociais, estendeu-se, em 1914, a 1.ª Grande Guerra.

Valendo-se dos acontecimentos internacionais, duas revoluções, intervaladas de oito meses, deram o poder, na Rússia, sucessivamente, aos burgueses, eliminando o czarismo, e aos proletários.

Ao que se sabe, entretanto, também lá não se concretizou o sonho socialista. Perdura o desnível econômico, e o bem estar geral fica longe do que alcançaram outros países de bases capitalistas.

Na Itália, um outro regime foi tentado: — o fascismo.

O Estado, hipertrofiado, tornou-se um "super-patrão" cujo despotismo era sufocante. Além disso, eliminando as liberdades essenciais ao indivíduo, prenhe de intenções conquistadoras, condenou-se à destruição.

Emulado pelo nazismo alemão, comparável ao oligarquismo nipônico, desapareceu, como os seus comparsas, sob uma onda de sangue.

E o mundo continua em busca do equilíbrio, tão sôfregamente como nunca antes. Dizem-no bem as grandes greves americanas; prenunciando o espectro da fome sobre todos os continentes, denunciado, há pouco, em tom veemente, pelo ex-presidente Hoover, dos Estados Unidos.

5 —

Os que tiveram a paciência de me acompanhar, nesta exposição corrida, terão notado que fiz apenas isto: uma exposição.

Se algum camarada pretender aprofundá-la, permita-me uma advertência:

— Nenhuma solução, aplicada com sucesso em qualquer país, pode ser rigidamente adaptada a outro. Neste, todas as suas qualidades peculiares reagirão: extensão territorial, densidade demográfica, esôgio de civilização, padrões morais do seu povo, situação geográfica, compromissos e interesses internacionais.

Este deve ser o constante ponto de vista de quem estude as sociedades humanas.

ÊXODO RURAL

Pelo Cap. JOSÉ LOURENÇO DE MIRANDA

Evolução, progresso e melhoramento. Se estudarmos o sentido que a sociologia dá a essas palavras, seja segundo Comte ou Spencer, chegamos a uma conclusão que tentaremos explicar. Evolução é a passagem de um todo homogêneo e indistinto para um todo heterogêneo e diferencial. Na dinâmica social, como noutra qualquer dinâmica, a evolução se processa até a adaptação, que é o equilíbrio. Quando é no campo social, vem, após o apogeu, a decadência. Progresso "progredior", marcha para a frente, é a determinação do presente pelo passado e do futuro pelo presente. Não há, pois, progresso sem evolução, porque esta é uma condição daquele, dentro do meio biológico, do meio social, das relações sociais e da ação política. Vejamos um exemplo: O homem que emigrou para a África progrediu, evoluindo com a adaptação ao clima, sem melhoramento. Vemos, pois, a distinção entre evolução, progresso e melhoramento.

Quer seja segundo a geopolítica de Ratzel que acha que o meio geográfico determina o homem, ou de acordo com Marx que pontifica que a infra-estrutura econômica determina a super-estrutura social ou, segundo a sociologia crista de Leão XIII e Maritain, em que enxerga no homem um determinante do meio, o certo é que a evolução se processa com algumas ou com todas essas influências ou determinantes. Não há negar. É da evolução, que agindo no todo humano, se destaca o processo moral, em que partindo do egoísmo para o altruismo, o homem nunca toca o inatingível da perfeição moral, resultando daí, ser o progresso indefinido.

A DEMOCRACIA É UM RETROCESSO? A IGUALDADE É UMA DESIGUALDADE?

Sabemos que a evolução do Estado partiu do nomadismo da caça para o pastoreio, deste para a pesca, e, finalmente atingiu a agricultura, com a fixação ao solo.

Se se admitir um regime político para a vida da pesca, seria a democracia, pelo cotejo dos hábitos, costumes e princípios de direito natural. Autoridade sem opressão do governo de muitos — o individualismo — contra o patriarcado do pastoreio, que destruiu o despotismo da caça, forma a semente da democracia.

Na agricultura, apareceu a aristocracia calcada na fixação dos senhores à terra. Surgiu então o senhor, triste ironia social.

Seria, então, a democracia um retrocesso político-social? Preferimos não responder. Mas, é evolução. Com seus princípios de liberdade, fraternidade e igualdade, evolução da doutrina das religiões monoteistas, ela traz em si essa sublime igualdade divina que se consubstancia na igualdade política — sistema de tratar os indivíduos desiguais, com desigualdade, a medida que eles se desigualam. Pois a igualdade consiste nisso: em tratar os homens desiguais com desigualdade; um exemplo: paga mais imposto o indivíduo que tem maior renda. Os encargos do Estado não cabem igualmente a todos os indivíduos embora todos gozem igualmente do bem estar público.

O Industrialismo e a Cidade — Como evolução à agricultura, surgiu o industrialismo, segundo uns, presentemente o mais elevado grau de evolução social. Multiplicaram-se, com ele, as cidades. Porque, cidade, na definição sociológico-económica, é o agrupamento humano de cuja relação entre a densidade demográfica e a área cultivada, resulta um número de consumidores maior do que o de produtores agrícolas. Embora estejamos numa democracia política, verificamos que os senhores das terras constituem uma aristocracia social, digamos, com os seus servos — o homem sem terra. Por isso, a cidade sempre atraiu o homem rural, porque é a democracia. Ainda mais agora que doutrinas exóticas apregoam uma igualdade que dizem calcada na democracia. O exodo rural é um problema social, porque o é político e económico. É a influência do meio e das relações sociais. O homem do campo procura na cidade essa igualdade e essa liberdade que se traduz conforto material que ele não tem lá. A produção económica é sempre a infra-estrutura social de Marx enquanto que a super-estrutura é a política, as letras, as artes, a ciência, os costumes e etc.. Mas a sociedade se esquece disso e não conduz o problema para uma das condições de evolução: ação política. É que as reformas político-sociais muitas vezes resolvem ou atenuam o problema. Haja vista a exploração política que os "ismos" procuram fazer dos problemas sociais dessa natureza.

POLÍTICA AGRÁRIA

O incentivo à pequena propriedade rural, com uma política de estradas de transporte, aliada ao saneamento das zonas rurais e assistência técnica, médica e farmacêutica, higienização da habitação e fomento da produção, fariam renascer no homem rural o amor à terra. É o que está fazendo o governo de Minas, numa cooperação inteligente com o governo federal. A descentralização relativa da administração, traz, pelo menos, esta vantagem — o conhecimento e o trato mais in-

timo dos problemas regionais, cuja soma algébrica são os problemas nacionais — resolvidos, assim, com mais descritivo e melhor conhecimento das coisas e dos homens.

O êxodo rural sempre existiu. Mas na época atual se agravou pelo industrialismo. Para condicionar-lhe a evolução, só a ação política orientada para uma inteligente política de produção agrícola, nós, que, felizmente somos um país essencialmente agrícola, em função do nosso ecumeno.

E o problema não é apenas econômico e político. É social, porque o é moral, já que situamos a moral dentro da sociologia. Imaginamos que o industrialismo transforma, como todo meio, o indivíduo, e, com ele, as massas sociais. Vai até ao caráter. O homem do campo acriolla as virtudes no contato com a natureza. A máquina o bestializa. Como é pacifista o povo agricultor da China! Não queremos dizer com isso que os povos industrialistas sejam militaristas, porém, a concorrência do mercado externo, pelo excesso de produção industrial, menos sujeita a fatores de queda, num crescendo de série e massa, para o barateamento, traz, em razão do interesse, as fricções de fronteiras de zonas de influências, e, em consequência, as guerras.

Acabamos de ver um aspecto do êxodo rural.

BAR IMPARCIAL

A CASA DAS AVES ABATIDAS

— Não tem Filial —

Casa Especial em Choppa e Frios

Travessa & Coelho

Rua Archias Cordeiro, 312 — Telefone 29-0530

ESTAÇÃO DO MEYER

RIO DE JANEIRO

CASA ROQUE

— DE —

Fernando F. Ten Caten

Fazendas, Ferragens, Miudezas, Louças, Armarinhos,
Secos e Molhados etc.

CERRO LARGO

Mun. de São Luiz Gonzaga

Rio Grande do Sul

HISTÓRIA E GEOGRAFIA MILITAR

"São as Forças Armadas, com os seus meios poderosos, que dão vida ao cenário imóvel e estático do meio geográfico."

Almirante Cast

"Na guerra, aquele que é mais fraco, deve saber aproveitar melhor os erros do adversário."

Frederico, o Grande

O DESASTRE DE FORMIGAS

Episódios do levante militar de 1924 no Estado do Paraná.

Pelo Gen. SILVEIRA DE MELO

I — OS PRELIMINARES DA LUTA

O germe revolucionário de 22, que parecia extinto com o fracasso da intentona da Vila Militar, propagou-se contudo no Exército e veio de novo a irromper a 5 de julho de 1924 em S. Paulo. Os revolucionários de 24, porém, em S. Paulo, não tiveram melhor sorte que os de 22, no Rio. No entanto, mais que os do Rio, puderam aliciar à vontade os seus aderentes, no Estado bandeirante, no Paraná e Rio Grande. Até com a Policia eles julgavam contar por inteiro. Mas, no dia do levante, 5 de julho, viu-se mais uma vez de como é frágil a palavra empenhada irrefletidamente em negócio de tão graves consequências como esse, de subversão contra o poder. Onde ficaram os planos e as adesões com que diziam contar? Nem mesmo na Paulicéia, dispondo, como dispuseram, das vantagens da iniciativa e da surpresa, lograram o êxito esperado. Rebelar-se a força armada contra o poder constituinte!... Distorsão da ordem das coisas. Inversão do destino da força, cujo objeto é exatamente assegurar o exercício do poder.

Os levantes armados são o flagelo das repúblicas latino-americanas. Urge acabar com eles e com o ranço que deixam sob o eufemismo de "espírito revolucionário". Infelizmente, tempos há em que essas idéias sinistras obliteram o discernimento dos moços. Todavia, mais uma vez as revoluções mostraram, em S. Paulo, que para melhorar os regimes políticos, não há pior instrumento do que elas

porque, quando melhores sejam, aviltam o princípio da autoridade e o respeito à lei, onde repousa o bem público.

Malogrados em seu nascedouro, mesmo assim, os revolucionários de S. Paulo não quizeram render-se. Temendo o cerco por Sul de Minas, puseram mãos na "Sorocabana" e "Paulista" e puderam escapar-se para o rio Paraná, por onde desceram rumo a Guaira-Foz de Iguaçú. A ação destemerosa de um trôco de gente transportada em caminhões, que enveredou contra eles seguindo a rodovia Ponta Grossa-Guarapuava-Porto Mendes, por mal adestrada e pequena, malogrhou em Guaira aos primeiros tiros da vanguarda insurrecta que ali desembarcou afotamente. Se essa força tivesse coesão e maior efetivo, talvez pudesse repelir os revolucionários para Mato Grosso. Mas, havendo estes tornado pé naquele pôrto, desbarataram o contingente arrojado que viera para contê-los, desceram sem resistência em Foz do Iguaçú e lançaram destacamentos para leste até Medeiros e Passo do Piquiri. Ai, logo se defrontaram com os elementos do 4.º R.C.D. que haviam partido de Castro em marchas forçadas. Sua progressão mais além, para leste, ter-se-ia realizado se persistissem com obstinação no encalce ao contingente desbaratado em Guaira, visto que a população do Paraná lhes era simpatizante. Na linha Medeiros-Piquiri pararam as coisas. Ai arrefeceu o esforço dos insurrectos. Sertão desabitado, floresta espessa, vales profundos, contrafortes alterosos, ausência de pastagens e de recursos de subsistência, estradas escabrosas, tudo dificultava as operações. Vários meses ficaram ali as forças legais tiroteando frouxamente os contrários numa luta inglória, em que o ardor combativo de parte a parte era quase nulo: dos rebeldes, porque a partida estava perdida; das tropas legais, por não desejarem jogar as cristas contra os camaradas desavindos, esperando o fim daquêle dissídio mais por efeito de inanição que de repressão. O Governo debatia-se em dificuldades de toda sorte. Temendo que os revolucionários repelidos de São Paulo e Rio Grande do Sul se reorganizassem na 5.ª Região Militar, resolveu constituir as "Forças em Operações nos Estados do Paraná e Santa Catarina", no sentido de dominar os seus remanescentes escapes para os sertões ocidentais daquêles Estados. Deu-lhes um comando digno, bem escolhido. Não podia ser melhor. Foi o General Rondon, de sangue indígena, homem resoluto, conceituado, desbravador de sertões. Se não era afeito às lidas da tática, levava como chefe de estado maior um laureado discípulo de Gamelin, cabloco como Rondon e filho do sertão, o Cel. Olímpio da Silveira, soldado austero, culto e de pulso firme.

2 — A MARCHA DAS OPERAÇÕES

Poucas foram as tropas enviadas de reforço às que faziam a cobertura. Mas as coisas melhoraram logo. As populações civis do Paraná, que "torciam" pelos rebeldes, foram-se convencendo que não é com simples jôgo de opinião que se vencem partidas. O Q.G. instalou-se em Ponta Grossa e mudou depois, sucessivamente, para Guarapuava e Laranjeiras.

Os golpes revolucionários, que não vingam na hora H, têm seus dias contados. Assim foi o destino do novo levante. As adesões fracassaram. Os cabecilhas civis do "Contestado", que aguardavam na encôlha os acontecimentos para dêles tirar vantagens, foram chamados à fala e aceitaram de bom grado os postos que lhe ofereciam nos corpos provisórios a sólido do governo. Esses corpos em sua maioria permaneceram desarmados e acampados longe da frente, com o único fim de ser neutralizada a sua gente.

Entrementes, os insurrectos foram repelidos de Medeiros para oeste, menos pela ação das armas, que foi sempre frouxa, do que pela manobra. Esta operação esboçou-se em forma de largo envolvimento pela esquerda, segundo uma pista que devia irromper pelo sul, além de Formigas. A vista dessa ameaça os rebeldes deram um salto para a retaguarda e plataram-se em Catanduvas, outro corte do terreno muito favorável à defesa, servido de melhores estradas e ligado ao Passo do Piquiri pela picada de Centenário, onde colocaram uma fração do grosso. Dominavam assim, mais próximos de suas bases, os dois itinerários vindos de leste, por Laranjeiras e Campo Mourão. Por outro lado, Catanduvas e Centenário eram pontos chaves do labirinto das pistas de ervateiros dessa região. Formigas era outro centro produtor de mate. Ligava-se a Centenário por uma pista transversal e a Catanduvas pela estrada de rodagem. Nesse sítio — Formigas — os dois destacamentos legais deixaram suas retaguardas e armazéns de aprovisionamento. O Destacamento "Mariante" dispôs o 1.º escalão fazendo frente a Catanduvas e o "Varella" defrontou Centenário. Num e noutro setor ficaram em posição legalistas e revolucionários, os quais tiroteavam noite e dia, quase sem dano de parte a parte. Soldados de um e outro lado conversavam das trincheiras e trocavam gracejos e espigas de milho verde.

Foi quando o General Rondon, então em Laranjeiras, decidiu avançar o seu P.C. mais à frente, para Formigas, no propósito de acionar dali, em pessoa, as operações. Não era possível continuar com aquele "chove não molha". Isto passou-se mais ou menos a 10 de Janeiro de 25. Eu fôra mandado para Formigas, no sentido de melhorar com urgência os caminhos que conduziam a Centenário,

de modo a facilitar acesso aos comboios de cargueiros que faziam o reabastecimento, e dispô-los para a passagem da bateria montada que aguardava em Formigas seu deslocamento para aquela frente.

Fazendo o reconhecimento desse itinerário, verifiquei desde logo ser impossível de pronto tornar carroçável um trilho escasso, através de terreno acidentado, por onde mal passava um cavaleiro. Mesmo assim engajei no serviço a turma de sapadores-mateiros, no propósito, pelo menos, de forçar a passagem das peças da bateria, assim como se levam carros de bois, morro acima, morro abaixo. No dia 20, apenas 6 km de picada haviam sido abertos. Chegara-se com o serviço a Colônia Paraguaia, meia dúzia de casas onde se instalara o hospital do destacamento. Contudo, nem aí podiam chegar os caminhões, devido às fortes declividades do terreno. Fiz várias tentativas de variantes pelas pontas de um riacho, e foi nisso que dei com outra pista do Norte que incidia em Bandeiras, posto ervateiro do Dr. Natel de Camargo, 6 km de Formigas. Daí, ela seguia rumo a Centenário, deixando alguns quilômetros para oeste o caminho que estava em trâfego. Os ervateiros conheciam essa velha pista, mas não a utilizavam mais, porque preferiam trilhar a outra, via Colônia Paraguaia. O E.M. do Destacamento, "Varela" fizera também o reconhecimento desse velho itinerário e o julgara impraticável, porque em desuso, fechado pela vegetação.

Os revolucionários, senhores da região há mais tempo, haviam chamado a seu serviço a gente válida daí, ervateiros, na maioria paraguaios, hábeis mateiros, bons atiradores, gente sóbria e resistente, exímios conhecedores das veredas e atalhos que recortavam as matas. Para os soldados regulares, vindos de fora, aquela mataria era um labirinto inhóspito e prenhe de mistérios, conquanto ali não houvesse segredos para os cablocos da região, caçadores de onça, destros manejadores do machete (1).

Os nossos sapadores de engenharia, sem tirocínio do mato, esfalfavam-se na lida das picadas, calcavam-se a ponto de ficar impressionáveis para o prosseguimento do serviço. Mas a gente rude da região, alimentada escassamente, fazia léguas a pé e trabalhava, foice e machado em punho, de sol a sol, dias a fio, inalteradamente.

Quando chegou o dia 19 de Janeiro, o General Rondon era esperado em Formigas com o 1º escalaão de seu estado maior. Disso tiveram conhecimento os revolucionários. Como não sabê-lo? Os seus agentes andavam para lá e para cá. Eram homens da região, assalariados por eles, e vinham assuntar as coisas em nossos acampamentos, a pretexto de biscatear com soldados. Por esse tempo, sediam em Formigas as retaguardas dos destacamentos e alguns ele-

(1) — Fazão de mato, curto, reforçado, de lâmina curva.

mentos de reserva, tais como uma secção de metralhadoras, a Bateria Montada do Destacamento "Varela", e o Esquadrão de Cavalaria do Destacamento "Mariante". Tinham avançado também para Formigas a 3.^a companhia de Intendência com o armazém de subsistências e o hospital divisionário.

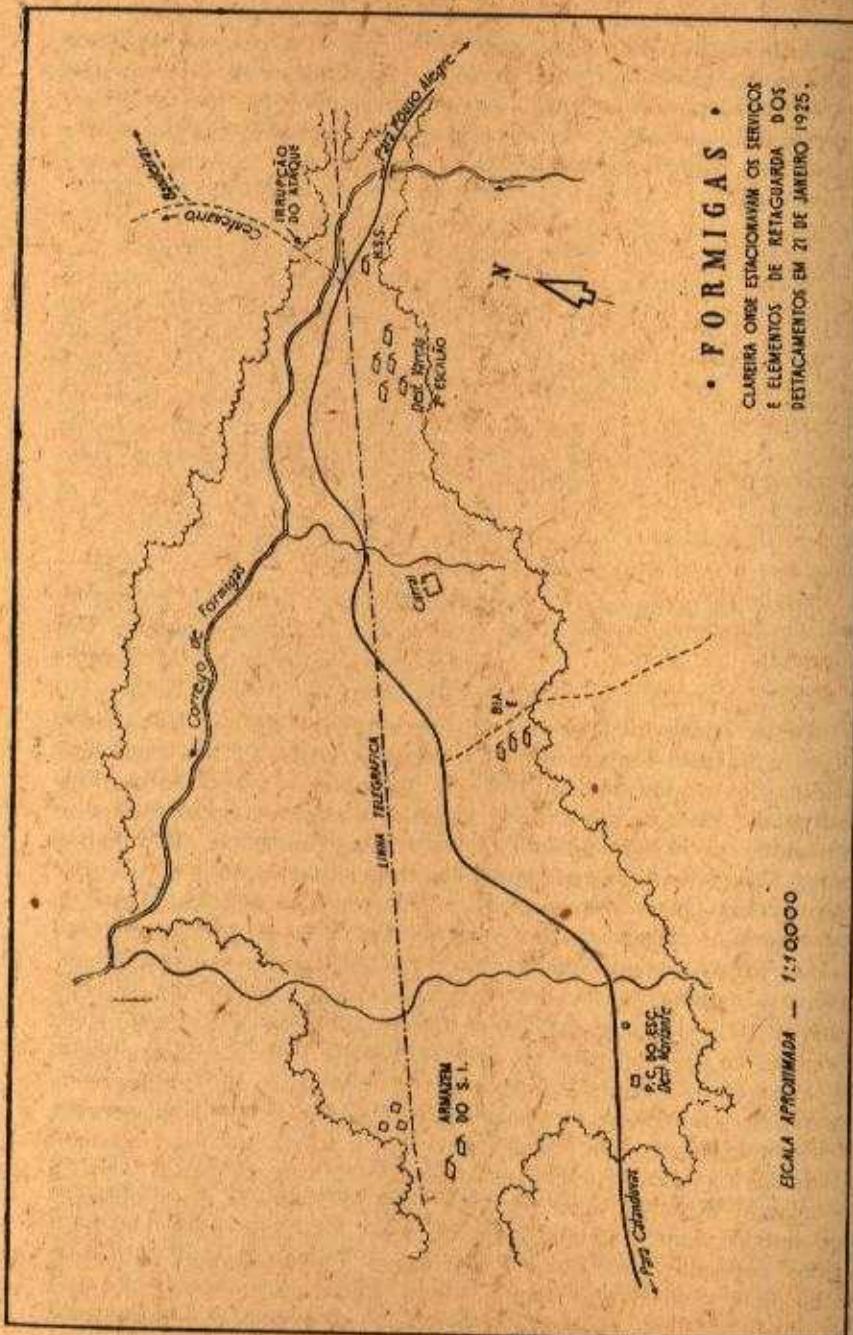
Em Pouso Alegre, 5 km antes de chegar a Formigas, estava-nava o 2.^º B.C., comandado pelo Cel. Severiano Ribeiro. Era a única tropa de reserva à disposição do Comando das Forças.

Nessas condições, encontrando-se o adversário contido em Catanduvas e Centenário, e consideradas impraticáveis outras vias de acesso, ninguém imaginava que Formigas poderia ser atacada de improviso. Essa persuassão era robustecida ainda pela vigilância aproximada que se exercia nas direções perigosas. Mas, para um adversário manobreiro, decidido, voluntarioso, nunca deve ser posta de lado a possibilidade de um golpe audacioso, seja embora no interior do dispositivo de cobertura ou defesa.

3 — O GOLPE DE FORMIGAS

Foi o que aconteceu em Formigas. Diga-se, porém, de passagem. Não foi um golpe militar, de onde colher resultados táticos. Foi uma ação temerária, das que empregam as quadrilhas de salteadores de estrada, para frutos de pilhagem. Correu a notícia de que o comando revolucionário teria em vista o seguinte: Com o deslocamento do General Rondon para Formigas, no dia 19, viria por certo a Caixa Militar com os fundos para atender ao sólido e despesas da tropa na frente. Seria u'a "mão na roda" para êles, que a esse tempo emitiam vales em Foz de Iguaçu. A idéia era boa. Bateriam de súbito no acampamento pela madrugada, e, enquanto se produzisse a confusão gerada pela surpresa, êles arrebatariam os valores da Caixa, carregariam os cargueiros com apetrechos e munições e se mandariam mudar rapidamente, enquanto suas metralhadoras contivessem os primeiros movimentos de reação. A ação seria preparada militarmente, mas o objetivo colimava o mesmo resultado que o dos "gangsters" nos centros civilizados. Sem embargo, não há negar, importante êxito tático e político poderia ser alcançado simultaneamente, qual seja, a prisão ou morte do General Rondon e oficiais de seu estado maior. Mas disto não se falou.

O homem propõe, Deus dispõe. Na noite de 18/19 de Janeiro choveu torrencialmente para as bandas de Larangeiras. Trasbordaram os rios e as estradas ficaram encharcadas. Consequência: o general Rondon, com sua comitiva, que devia seguir na manhã de 19 para Formigas, ficou impossibilitado de fazê-lo. Havia que esperar 3 ou 4 dias de bom tempo. Falhara assim, por via da chuva, o deslocamento



do comando para Formigas, mas executava-se à risca o atrevido assalto dos rebeldes. O plano fôra bem engendrado e pôs em evidência o quanto vale na guerra, mesmo em simples golpes de fôrça, a preparação cuidadosa, a surpresa tática e psicológica, o arrôjo fanático dos empreendedores, o comando decidido, enérgico, destemeroso.

A missão foi confiada ao tenente Cabanas, do regimento de cavalaria paulista, que já havia dado provas de destemor e arrôjo nas lutas de retaguarda que travou na retirada de S. Paulo comandando o que él chamava a "Coluna da Morte". Ele mesmo escolhera a gente de seu bando, tropa irregular, de uns 80 homens, caboclos e ervaiteiros paraguaios daqueles sítios, enquadrados por graduados do regimento policial. Tropa a cavalo, armada de mosquetões, efe-émes e 2 metralhadoras. Fizera reconhecer previamente o antigo itinerário tido por impraticável, tornara conhecimento das particularidades de Formigas e da posição próxima do 2.º B.C. Cabanas deslocou-se de Centenário provavelmente no dia 19 pela manhã. Os seus vaqueanos precediam o bando, reabrindo o pique a golpes de machete. Pela noitinha do dia 20, chegavam às proximidades de Bandeiras, paoi de Natel de Camargo, situado a 5 km de Formigas, onde esse proprietário de ervais, vindo casualmente de Curitiba nesses dias, foi pegado por éllos na cama, de mansinho, em pleno sono.

Dêsse ponto, mandaram suas vedetas até Formigas e Pouso Alegre e tiveram conhecimento da calmaria reinante, bem como das posições dos postos de vigilância em torno dos acampamentos. Pela madrugada, deslocaram-se para a frente e, aos primeiros lampejos da manhã, já haviam abafado as sentinelas sonolentas. Escolheram pontos favoráveis por onde desembocar pelo norte do acampamento e irromperam quase a queima roupa sobre o abarracamento leste do descampado. Em frente à boca da picada, de onde surgiram, corria de leste para oeste uma vertente, e, do outro lado, no mesmo sentido, passava a estrada de rodagem diagonalmente ao campestre. À beira desta, a 100 m. da picada, estacionava o hospital de evacuação das Fôrças e, ao pé dêle, mais ao alto, estendia-se para o sul, na encosta do terreno, os grupos de barracas do 2.º escalão do Destacamento Varela. As grandes barracas-enfermaria, de pano duplo, que serviam ao hospital, davam a impressão, para quem não discernisse os sinais e flâmulas da cruz vermelha nelas arvorados, que ali estava o P.C. do general Rondon. Uma das metralhadoras e efe-émes abriram fogo nutrido contra aquela formação de saúde, onde havia inúmeros feridos e doentes, enfermeiros e médicos ainda dormindo. O chefe do hospital, Cap. Batista Leite, apresentara-se ali na véspera. Outra metralhadora e um chuveiro de fuzilaria varreram o abarracamento

ao lado, pouco acima, em cuja frente se via a barraca do comandante do 2º escalaõ Varela, Cap. Arnaldo Soares, onde eu pernoitava. Dormia-se a sono sólto. Eis senão quando, estruge o estrépito das metralhadoras e fusis num matracar e zunir terrificantes. A surpresa foi total. Agraviou-a ainda o sobressalto causado por tão sinistro despertar. — O que é? — O que não é?, gritavam. Todos saltam das camas, espavoridos. As balas passam assobiando, ouvem-se gritos, a gente corre em desordem.

Saltei da barraca, mal pude vestir a blusa, e observei de relance o acontecido. Pareceu-me, à primeira vista, que os nossos postos de vigilância teriam sido atacados por grupos contrários e que estavam reagindo. Puro engano. Na orla da mata, em trente, distinguia-se o lampião e o pipoquear de inúmeros fusis. Eu sabia que logo atrás de mim acampava a secção de metralhadoras do tenente Clementino. Essa, porém, estava no meio das barracas. Como poderia chegar à frente para agir?

Toda a gente corria para o lado opôsto de onde partia o ataque. Estacionavam dessa banda a bateria, a uns 300 m. dali, e o esquadrão de Cavalaria, a cerca de 800 m. Urgia tomar uma decisão. Resolvi acolher-me à bateria. Todos os esforços deviam ser feitos no sentido de protegê-la para que ela pudesse entrar em ação. Pensei que poderia compelir muitos dos soldados fugitivos a se agruparem em torno de mim. Não haviam decorrido mais de três minutos. Quando quiz reentrar na barraca para tomar o calçado e o chapéu, recuei atônito. As balas sibilavam e abriam crivos no tôlido pouco acima da minha cabeça. Recuei e parti, solitário, rumo à bateria. Não podia correr porque as sandálias, com que estava calçado, escorregavam na grama orvalhada do campestre. Desci ao vale de uma vertente e subi a encosta que a separava da bateria. Ao aproximar-me desta, vieram ao meu encontro dois sargentos do esquadrão, munidos de efe-êmes. Apresentaram-se-me. Dei-lhes a missão: — Cruzar fogos em frente à bateria. Indiquei-lhes, como abrigo, dois tocos de árvores à beira do mato. Nisto o Cap. Falcão, comandante de bateria, interpelou-me: Capitão Raul, de onde vem o ataque? O que é que poderemos fazer? — O fogo parte de um e outro lado da boca da picada, respondi indicando-lhe o local. Ele mandou apontar: — alça zero, todas as peças, fogo! Observei, porém, que não havia guarnição suficiente para as peças. O pessoal, mal rompera o assalto, procurou a fuga. Notei então que um oficial da bateria, cujo nome depois soube, o 1º tenente Edgard Alvares Lopes, era a alma da reação na bateria. Privado do pessoal das peças, e disposto de 2 ou 3 graduados e algumas praças, desenvolvia ele assombrosa atividade junta aos canhões, corria de um para outro, como a exercer ele so

o ofício que cabia à própria guarnição. Mas o pânico comunicara-se já a todo o acampamento. Os dois sargentos que se me tinham apresentado fizeram meia volta e abandonaram as posições que lhes marquei. Vi-os correndo para a retaguarda. Um deles, voltando o rosto para trás, explicou de longe que os municiadores haviam *debandado* com a munição. Eu estava a uns 50 m. da bateria. Os 4 canhões, à força de braços, voltaram-se para os lados do ataque. O Cap. Falcão gritou para mim: — Abrigue-se, Cap. Raul, as metralhadoras estão nos alvejando. Eu tinha voltado nesse momento a minha atenção para os lados de onde viera, porque ouvia crepituar ali uma metralhadora. Imaginei seriam os rebeldes progredindo por essa banda. Mas era o tenente Clementino, bravamente, com a só ajuda do ordenanç, que punha a funcionar, no meio daquele pandemónio, a única peça disponível. A metralhadora dêle, porém, calou-se em poucos minutos. Foi logo envolvida e morta pelas costas. Só então percebi que aos meus pés pipoqueavam rajadas de balas. Afigurara-se-me, pelo ruído que faziam em meu derredor, a queda de pequenos frutos de árvores batidas por um sopro de vento. Voltei-me de novo para a bateria e vi, surpreço, que oficiais e praças abandonavam as peças e se distanciavam a bom correr para as bandas do esquadrão. Não havia entre eles mais que uma dúzia. Soubi depois que o comando da bateria, na impossibilidade de assegurar a proteção da unidade, desprovido de armas automáticas e sem poder usar dos canhões, fôra autorizado pelo Cap. Soares, que por ali passava, a retirar o dispositivo de fogo das peças e abandoná-las. Isso tudo foi tão rápido que fiquei estupefacto. Pensei que ainda seria possível a chegada de reforços do esquadrão. Mas tudo se esbotoara. Não haviam passado mais de 20 minutos entre o irromper do assalto e as ocorrências que venho de narrar.

Vendo-me só naquele sítio, e alvejado por tiros de metralhadora, compreendi que também precisava salvar-me pela fuga. Mas para onde? Nem podia correr na relva úmida com as sandálias empapadas. Os que me precederam, os que ali estiveram comigo, iam longe, precipites, e desapareciam na contra-vertente que dava para o esquadrão. Escapar-me por esse rumo seria temerário, porque os rebeldes já avançavam com os seus fogos pela orla da mata em que eu estava; pelo lado oposto, ouvia-se o pipoquear dos fusis, encosta abaixo, para envolver o campo pelo oeste. Compreendi que urgia decidir-me. Difícil era seguir na esteira dos companheiros retirantes. Por outro lado, vali-me do discernimento; seria mais acertado e útil que eu procurasse a fuga para o lado oposto, onde estacionava o 2.º B.C., cerca de 5 km. para leste. Teria que aventurei-me através da mata. Pouco importa! Não havia outra solução. Apalpei a blusa

e percebi que a pequena bússola de bolso ia comigo. Rompi então por essa linha de escape. Verifiquei depois, quanto isso me foi temerário, difícil, mas proveitoso e racional. Apesar do percurso pela mata, através de terríveis taquarais, fui o primeiro, em chegando ao 2º B.C., a dar uma informação verídica pelo telefone ao Q.G. das Forças em Larangeiras, sobre as ocorrências de Formigas. Os meus companheiros de acampamento, e, bem assim, os oficiais da bateria, não me avistando essa tarde entre os que se haviam acolhido ao esquadrão, julgaram que eu fôra morto ou capturado.

4 — RECUPERAÇÃO DE FORMIGAS

Meu primeiro pensamento ao falar ao Cel. Olimpio da Silveira que, de Larangeiras, me atendeu ao telefone, foi sugerir que o 2º B.C. marchasse imediatamente para contra-atacar os insurretos sem lhes dar tempo de consolidar-se e vir a molestá a retaguarda do destacamento Mariante. Causou-me estranheza que, estando ali o batalhão, bem equipado e fresco, a 5 km de Formigas, não se tivesse engajado automaticamente na refrega, ao ouvir o troar da artilharia. Fá-lo-ia em socorro das tropas amigas atacadas, mas também no sentido de conjurar um perigo imediato contra sua própria segurança. Mas o Cel. Olimpio explicou-me que, sem o conhecimento exato da situação, vendo-se cortadas as comunicações e transmissões com a frente, seria imprudente empenhar a única tropa de reserva à disposição do comando. Acrescentou que, a seguir, partiria de auto, em nome do general, para decidir a tal respeito. Insisti pelo meu alvitre. Assegurei que o 2º B.C. estava em posição de alerta e poderia retomar Formigas ainda naquela tarde, antes que os rebeldes fôssem reforçados. Era de imaginar, como advertira o Cel. Olimpio, que o ataque a Formigas estivesse articulado com outras ações de O. e N. contra o Destacamento Mariante. O Gen. Rondon veio ao telefone e sustentou as razões de sua decisão. Todavia, eu tive a intuição real das ocorrências. Parecia-me mais imprudente contemporizar do que intervir de pronto. Mas os chefes veem as coisas de longe e no conjunto, a eles cabia decidir.

No dia seguinte, ao romper da manhã, o 2º B.C. iniciou a marcha de aproximação na direção de Formigas, marcha que eu preconisara fôsse realizada automaticamente no dia anterior, ao chamado do canhão, ou, na pior hipótese, pela tarde. No entanto, não me pareceu que nessa marcha o batalhão tivesse posto em execução o dispositivo tático adequado. O Cel. Severiano ia na frente, a pé, como em marcha de estrada, precedido por elementos de vanguarda. A marcha foi rápida. Eu andava com dificuldade ao lado do coronel porque ainda calçava as mesmas sandálias da véspera. De repente,

saltou na estrada, correndo, um cableco, que vinha da esquerda. Foi logo agarrado por um sargento. Era paraguato. Tremia como se estivesse em crise de palustre. Tratava-se sem dúvida de um dos vigias da cobertura que os assaltantes puseram para leste fazendo face ao 2º B.C. Estava desarmado e sem chapéu. É de presumir deixasse as armas escondidas na iminência de ser capturado. Simulou não entender português e nada quis explicar de sua presença ali.

Se os rebeldes pretendiam manter-se em Formigas ou tivessem outro objetivo para oeste, bastava que se cobrissem para os lados do 2º B.C. com simples vedetas dessa gente, conhecida de todos os trilhos e ligeira no mato como veados. Cobertura fácil. Os vigias dariam alarme para os postos colocados na estrada e estes, conforme a missão, emboscavam-se para reagir ou escapavam-se invisivelmente para outro ponto. O terreno, dobrado e coberto de espessa vegetação, assim o permitia. Quem se aventuraria a ações frontais por essa única estrada, sem ter na frente uma porção de tropa de vigilância e cobertura a cegueirar-se pelos trilhos de ervateiros à direita e à esquerda? Só conheciam essas veredas aquelas que as palmilhavam frequentemente. Essa vantagem só a desfrutavam os rebeldes, servidos pelos mateiros da região.

A marcha, porém, prosseguiu sem mais incidentes. Causava extranheza e inexistência de reação. Isso deu logo a entender que os insurretos já não estavam ali. De fato, às 7 horas, a ponta da vanguarda atingia a clareira de Formigas. Doentes e feridos, sobreviventes do desastre, vieram pressurosos ao nosso encontro. Entramos ali num ambiente de desolação causado pelos efeitos do ataque, do pânico e da pilhagem do acampamento.

O hospital de evacuação ficava logo à entrada do campestre, à beira do riacho. Quem entrasse dias atrás, no acampamento, vindo de leste, ou desembocasse nele pelo norte, por onde vieram os atacantes, toparia ali, em cheio, com um grupo de grandes barracas, em cujos panos se via distintamente o signo da Cruz Vermelha. Mas aquilo tudo estava desfeito e esfrangalhado. Relanceando-se a vista em torno e mais além pelo campo, tinha-se a impressão que passara por ali um vendaval semelhante aos que desmantelam os casebres nos povoados ou desarvoram as naus de vela. Desolação e tristeza. As melhores barracas e toldos haviam sido carregados. Ficaram só as armações de madeira. Tudo fôra devassado, vasculhado. O que não foi levado, ficou desmantelado. Autos e caminhões em desordem aqui e ali com as capotas reviradas. A boiada de tração dos canhões estava estendida, morta, dentro do curral, numa baixada próxima à bateria. Não podendo transportar as peças nem servir-se dos bois, abandonaram aquelas e mataram estes a tiro de fuzil. Os bois car-

reiros ofereciam aspecto elefântico pela enorme massa de seus ventres entumecidos. Sobre eles redemoinhavam corvos esfaimados. Todos os locais do acampamento foram varejados. Os depósitos de víveres, fardamento e munições, desmantelados. Carregaram o que puderam sobre as garupas e cárgeiros; o mais ficou em frangalhos e desordem.

Para completar o quadro de angústias dessa tragédia, jaziam estendidos no campo, na mesma posição em que tombaram, os nossos pobres mortos. Os feridos arrastaram-se depois da refrega para o sítio onde estivera o hospital. Reuniram-se ali aos doentes, aos quais se vieram agregar alguns soldados que, havendo desgarrado pelo mato durante a refrega, retornaram pela noitinha ao acampamento.

Causou imensa fastima que, em sua barraca, no hospital de que era chefe, fosse atingido e morto pelas rajadas de metralhadoras o próprio médico, Cap. Batista Leite. A seu lado jaziam também, mortos e feridos, enfermeiros e doentes ali hospitalizados. O tenente médico Loiola foi aprisionado e levado para Centenário.

5 — RECONSTITUIÇÃO DO ATAQUE. — O 2ºB.C. PERDE FELIZ OPORTUNIDADE DE INTERVIR

O enorme estrago causado ao hospital explica-se por lamentável equívoco dos rebeldes. Mal desembocaram da picada, ao clarear do dia, a uns 100 m. de distância, os assaltantes abriram fogo cerrado contra ele, na suposição de que suas grandes barracas — as maiores e mais próximas deles no acampamento — fossem o P.C. do general Rondon. Era o objetivo deles. Ali estaria o Chefe e a Caixa Militar. Do fogo passaram ao assalto assim que perceberam o pânico e nenhum sinal de reação. Varejado o hospital, e advertidos do equívoco, avançaram em V pelas orlas N. e S.O. do campestre. Em 15 minutos chegaram ao abarracamento onde eu pernoitava. A esse tempo, já o tenente Clementino conseguira abrir fogo com sua metralhadora. Seus tiros visavam a boca da picada, a uns 150 m. na frente, onde os assaltantes postaram as armas de apoio à progressão do assalto. Nesse momento, porém, estava já invadido o acampamento e o valoroso tenente, envolvido por leste, não demorava em cair morto, sob os golpes dos mais afoitos assaltantes, a queima roupa, em cima da peça que ele mesmo acionava. Daí partiu como flexa, à ala esquerda dos assaltantes, varou aos gritos de triunfo a ravina pouco além e apoderou-se dos canhões da bateria. Outros, mais ousados, seguiram correndo pela estrada, rumo ao extremo do campo onde ficavam o esquadrão e os armazéns de subsistência. Não havia mais formação de ataque. Exploravam a debandada geral. Alguns rebeldes des tacaram-se de tal modo de seus grupos, em louca arremetida, que foram

abatidos bem perto pelos efe-émes do escalão de retaguarda de nossos cavalerianos em retirada. O esquadrão de cavalaria, comandado pelo Cap. Mário Xavier, embora desfalcado pelo pânico, conseguiu acolher a nossa gente escape naquela direção, inclusive os remanescentes da bateria levados pelo tenente Edgard. Estava de pernoite no esquadrão o meu distinto camarada das transmissões, Cap. Amaro Bitencourt, que pôde, por sua calma, cooperar no restabelecimento da ordem na retaguarda. Depois de recuar 1 km., o esquadrão plantou-se na orla de um segundo campestre e ali permaneceu decidido a oferecer resistência à progressão dos rebeldes para leste. Tal progressão, porém, nem foi tentada, porque outro era o objetivo de Cabanas: a caixa-militar, um golpe mortal no P.C. do Comando das tropas e a pilhagem. Realizado em parte, malogrado no que mais ambicionavam, estava terminada a missão; afivelaram as reatas dos cargueiros, rechiram os malotes de garupa, e sumiram-se pela mes-trilha que os trouxera.

Enquanto fiquei na clareira de Formigas sob a ação dos acontecimentos que pude presenciar, conservei certa dose de serenidade para refletir e aquilatar daquelas ocorrências vertiginosas. Tive para mim que fôra um simples golpe de mão, contra o qual havia meios, senão de contê-lo no comêço, pelo menos de contrabatê-lo por fim e repeli-lo. Havia tropa suficiente para oferecer reação à violência do assalto. O esquadrão contava uns 70 homens. Estacionava a uns 1200 m. de onde irrumpiram os atacantes. Aí bateria ficava a cavaleiro de uma "crista", a uns 600 m. Embora sem armas automáticas, a sua guarnição, de uns 60 homens, refluindo a tempo para oeste, como procederam os poucos que nela ficaram, reforçaria o esquadrão. Mesmo sem contar os elementos escapes do abarracamento onde incidiu o assalto, já ai estavam 150 homens dotados de armas automáticas e munição à vontade. Sômente êsses poderiam ter feito barreira à progressão do ataque e salvar da pilhagem os armazéns de provisões. Além dêsses elementos distanciados do ponto de irrupção do ataque, havia ainda o pessoal da secção de metralhadoras pesadas do 8.º R.I., uns 25 soldados que abandonaram o seu tenente, e, bem assim, mais uns 200 homens da 3.ª Cia. Adm. e do pessoal dos serviços de retaguarda dos dois destacamentos. Parte dessa gente, reunida em torno do esquadrão, poderia suprir os claros das unidades combatentes.

Efetivo de combatentes — cerca de 170 homens

Não combatentes — cerca de 200 homens

De quantos homens dispunha Cabanas? De uns 80. Ele, porém, conseguiu levar tudo de roldão, porque, à força viva = massa x velocidade, conseguiu somar novos elementos de êxito: ataque pela

madrugada, surpresa, pânico, audácia, energia, irrupção à queima roupa, de onde resultou o desequilíbrio das possibilidades de reação. (1)

Todavia, como dissemos, se parte do esquadrão, que permanecia fora da ação imediata das metralhadoras, não se pizesse em fuga, arrastada pela primeira vaga de fugitivos; se a él viessem acolher-se espontaneamente os retirantes, no propósito de engrossá-lo e voltar a face aos atacantes, o esquadrão poderia ter-se mantido onde estava. Desdobraria uma ala até os armazéns do S.I. e, abrigado pela orla das matas, resistiria eficazmente, visto que dispunha de mais órgãos de fogo que os atacantes e munição abundante. Assim, porém, não aconteceu, apesar do valor do seu comandante. Os primeiros fugitivos levaram o pânico à retaguarda e, na precipitação da disparada, comunicaram o pavor aos camaradas atônitos da cavalaria. O capitão e os oficiais do esquadrão alertaram a tropa e, logo que a guarnição da bateria abandonou as peças, eles iniciaram a reação pelo fogo. A seguir, porém, com a progressão vertiginosa do ataque e a ameaça de duplo envolvimento, que os poderia pegar entre os ramos da tenaz, tiveram de recuar, lanço por lanço, combatendo, como se procede na manobra em retirada. A prudência, assim o reclamava. Não sabiam nem do valor numérico do atacante nem da situação geral nos setores das frentes. Após cerca de 1 km. de recuo sob fogo, o capitão aferrou-se à orla de outra clareira contigua à anterior e aí se organizou. Foi a única tropa que pôde oferecer reação e assegurar cobertura à retaguarda das tropas que lutavam em Catanduvas.

E por que não interveio o 2º B.C.? O assalto deu-se às 5,40 horas mais ou menos, ao lusco-fusco de u'a manhã ligeiramente brumosa. Cerca das 6 horas a bateria disparava as suas salvas. O troar desses tiros serviria ao menos para intimidar os assaltantes e encorajar os nossos; mas nem lograram intimidar aqueles, nem provocar a reação destes. Fôrça é convir, os atacantes foram de uma tenacidade e arrojo sómente próprios de homens destemerosos e voluntariamente preparados para aquela audaciosa missão. Moveu-os, impulsionou-os o interesse de boa pilhagem. Contudo, se as salvas de artilharia não conseguiram intimidar os atacantes nem encorajar os de Formigas, deveriam ter valido como toque de alarme e chamamento aos amigos do 2º B.C. alertados por elas. Esta unidade, porém, a meu ver, não compreendeu que aquelas salvas eram um apelo angustiante, um SOS, para que ela se engajasse de improviso.

(1) — Eis um exemplo típico de ataque inopinado e do pânico quase sempre consequente, em circunstâncias análogas.

Causa: serviço de segurança insuficiente, ou que afrouxou, como acontece, por vezes, nos estacionamentos prolongados. — N. da R.

na direção de onde partiam, em auxílio das tropas amigas. A voz do canhão denunciava algo de alarmante e quiçá um perigo para essa tropa em sua situação de espera, 5 km. de onde se passavam aquelas ocorrências; valia de argumento formidável de incitamento ao comando dessa força, intata, fresca e eficiente, para que tomasse a iniciativa de uma ação salvadora, pronta, vigorosa no rumo em que o chamava o rugido do canhão.

Assim não o entendeu o Cel. Severiano da Fonseca, sem embargo de ser oficial austero e culto. Ligado pelo telefone ao P.C. do general Rondon em Larangeiras, narrou como era de seu dever, que algo de muito grave se desenrolava em Formigas: disparos de artilharia, matraca de metralhadoras... Que poderia ser? Exercício de fogos combinados? Não era possível. A tais horas, em tais circunstâncias, exercícios desse gênero não se fazem nas proximidades do adversário. O batalhão entrou em alerta, reforçou a vigilância, mandou esclarecedores para a frente e aguardou a explicação daqueles ruidos estranhos.

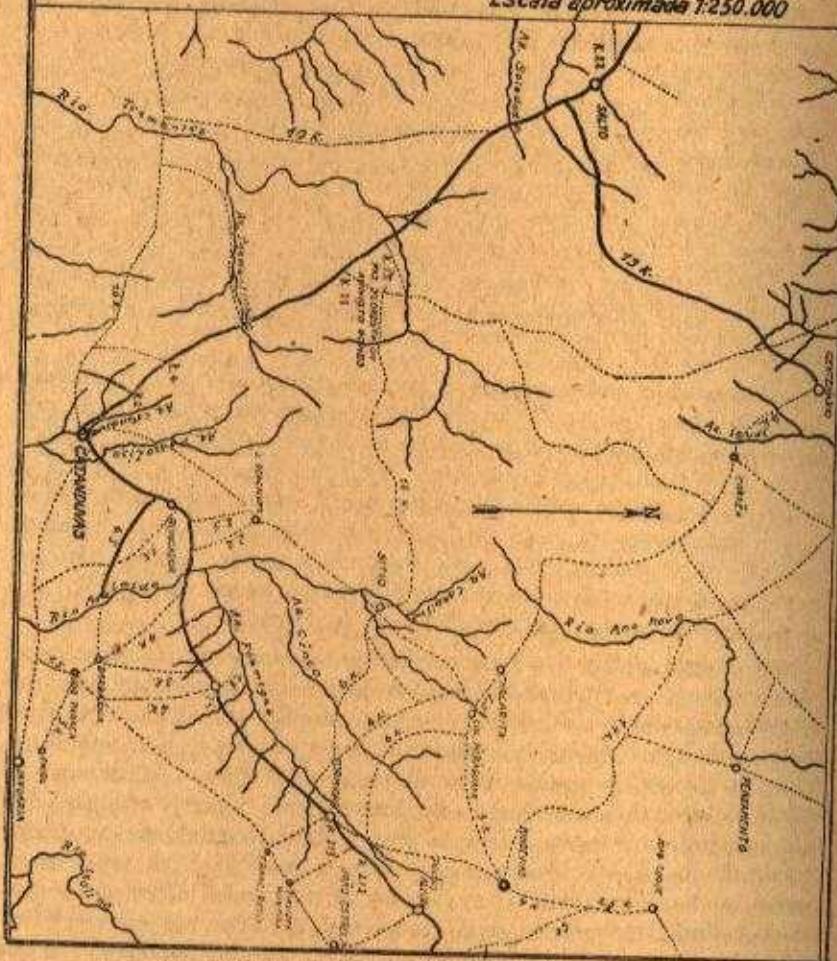
Pareceu-me, pelo que depois me foi dado observar, o batalhão, tão perto das ocorrências, não mandou averiguá-las in loco, ou na melhor suposição, não tratou de ligar-se às tropas de Formigas. Assim o exigia a sua situação tática. Ora, somente decorridas cerca de 3 horas é que alguns soldados de Formigas, espavoridos pelo pânico e sem nada poder explicar senão do inopinado do assalto, chegaram ao P.C. do Batalhão. Essas primeiras informações vagas e confusas foram transmitidas ao comando das Forças ao tempo que o 2º B.C. já podia estar senhor da situação real de Formigas.

Em Larangeiras a consternação foi indescritível. A escuta telefônica entrou em permanência. Que não se imaginaria ali do que vinha sucedendo na frente? Emoção e inquietude. Tudo era lícito imaginar e nada menos que isto: os revolucionários, por um golpe de audácia, teriam envolvido o destacamento Varela, e, depois de cortar sua retirada, haviam caído bruscamente sobre Formigas, desorganizando os Serviços ali mantidos e descarregando golpes sobre golpes à retaguarda imediata do destacamento Mariante em Catanduvas. Não era derrotismo raciocinar desse modo longe da frente, em momentos tão graves como aqueles. Lógicamente podia admitir-se que o comando revolucionário, já de si mesmo periclitante, empregasse n'a manobra de desespero, qual fosse: 1) — simular ataques simultâneos ou cronométricos contra as frentes de Catanduvas e Centenário; 2º) — com efetivos escolhidos, reforçados pelos erva-teiros da região, seguindo veredas adrede preparadas, destrocar os serviços da retaguarda, meios de transportes e de subsistência; 3º) — obrigar os comandante de destacamentos, pela surpresa e vio-

Zona de Operações frente à Catanduvas

Esquema organizado pelo 1º Ten. Edgard A. Lopes.

Escala aproximada 1:250.000



lência de ataques, a fracionar os seus esforços, gastar as suas reservas, a fim de fazerem face a contingentes articulados, que os golpeassem de várias direções.

Se os revolucionários tivessem agido nestes termos, usando da surpresa e destemor que Cabanas deu mostras em Formigas, teriam talvez desorganizado e batido as forças legais daquela frente, viriam

de carreira até Guarapuava e, num segundo lance, quem sabe até onde?... Mas aquela operação não passou de aventura, sem finalidade militar definida. Não foi além dos efeitos de um golpe de mão. Falhou o objetivo visado à Caixa Militar e ao P.C. das Forças. Vingou, porém, pelo gênero de destruição que inflingiu e pela presa que conseguiu transportar.

Veja-se o esquema da região e pasme-se de como os revolucionários foram ineptos de não haver pensado aproveitar o êxito que lhe foi propício em Formigas, para desarticular e desbaratar, por uma série de golpes combinados, os destacamentos da frente. Não tinham outra probabilidade de vencer senão por uma aventura, um golpe da sorte. E não tiveram a idéia de aproveitá-la. A sorte sorriu-lhes naquele golpe, mas eles não se advertiram de que, no jôgo da sorte, a fortuna visita uma só vez.

Pelo êxito que alcançaram em Formigas, à custa embora de esforços sobre-humanos realizados, através de veredas quase inacessíveis, pode-se aquilatar, por um trabalho de imaginação à posteriori, da soma de resultados que lhes adviriam se uma combinação de esforços de tal gênero fosse posta em execução, audaciosa e vigorosamente, nos setores da frente. O êxito de Formigas, no entanto, foi o último lampejo da estrela bruxoleante dos revolucionários.

6 — REPERCUSSÃO FUNESTA DO DESASTRE DE FORMIGAS

Lamentável equívoco em "Colônia Paraguaia". — Assim que os os insurretos caíram sobre Formigas, o destacamento Mariante pôs-se em guarda para leste, e, percebendo que os contrários não tentavam novas ações, despachou, a 22 de janeiro, o batalhão policial do Paraná, no sentido de pegá-los de revés. O batalhão seguiu por um trilho que, do rio Isolina, inflete para Colônia Paraguaia, esta a 6 km. ao N. de Formigas. Era uma ação inteligente. Atitude semelhante deveria ter assumido na véspera o 2.º B.C. A tropa policial, alta madrugada, investiu para N.E., guiada por alguns vaqueiros amedrontados. Essa força compunha-se de gente decidida, preparada porém só para atividades policiais e sem instrução tática. Não havendo colhido informações da situação, ignorando o que se teria passado com Cabanas na tarde anterior, a força policial recebeu ordens de interceptar a retirada dos revolucionários para N., de onde tinham procedido, e de batê-los se os alcançasse. Não se advertiu de que, em Colônia Paraguaia, estacionava o hospital do destacamento Varela. Essa formação de saúde ali ficara entregue a si mesma, a uns 15 km. à retaguarda do destacamento. Dela faziam parte instalações hospitalares, ambulatório, padioleiros, enfermeiros e quatro médicos. Che-

fiava-a o distinto e apreciado médico Major Justiniano Marinho. Ai se instalara, de preferência a Formigas, porque encontrara boas casinhas de madeira.

Aconteceu-lhe um fato lastimoso, não tão grave, porém, como o de Formigas. Os elementos avançados da polícia, mal rompera o dia, atingiram a clareira da colônia, surpreenderam alguns padio-leiros que faziam vigilância ao hospital. O Chefe da formação, tendo sabido do desastre da véspera, ficara em terrível agonia, na suposição de que os incursores ai chegassem a qualquer momento. Aconteceu que os vigias, alarmando-se da aproximação de homens armados que supunham revolucionários, correram precipitadamente para dar aviso da ocorrência. Os policiais, por seu lado, imaginando haver surpreendido gente de Cabanas, e sem detido exame do local onde se via flutuar o pendão da Cruz Vermelha, inadvertidamente abriram fogo sobre as casas, fogo esse que recrudeceu com o emprêgo das armas automáticas. Tão brusco e de tão perto foi o ataque, que os médicos e auxiliares não puderam tentar a fuga. Desde a véspera, através de uma noite de agonia, vinham curtindo terrível inquietude. Notícias alarmantes e desencontradas lhes vieram ao conhecimento pelo eco dos canhões e pela palavra nervosa dos moradores vizinhos. Presagiam funestos acontecimentos. Terrível vigília passaram sem saber onde refugiar-se, ignorando o decorrer dos fatos e imaginando o desastre geral das forças.

Quando rompeu o fogo sobre o hospital, os médicos, acantados numa das casinhas, tiveram a intuição de deitar-se, coserem-se com o assoalho do compartimento posterior e ali permaneceram enregelados de medo enquanto durou o fogo. Mas este, não encontrando resposta, dera lugar ao movimento para á frente. O comandante da força interveio pessoalmente. Não percebendo sinal de reação, fez cessar o fogo e procedeu ao cerco das casas. Isso feito, um dos médicos saiu fora e acenou com o pendão branco da Cruz Vermelha. Um grupo de combate aproximou-se e mandou que viesse a fala o homem da flâmula.

Dissipou-se assim o triste equivoco. Foi uma cena terrível. Não se tivessem os médicos estendido no assoalho, por força seriam atingidos pelas rajadas de projéteis que crivaram as paredes da casinha à altura das janelas. Não obstante, uma bala que raspou a face do Dr. Marinho chamuscou-lhe um olho, do que lhe resultou incômodo de que veio a cegar mais tarde. O pior, contudo, foi o efeito psicológico do assalto. O Dr. Marinho, católico fervoroso, pôs em Deus toda a confiança. Os companheiros, embora tendo-se por cristãos, em matéria de fé faziam de franco-atiradores. No dia anterior, abatidos pelas informações e boatos que lhes vinham ter ao hospital, não se animaram a abandoná-lo. Para onde iriam? Eram de uma

formação pacífica, abrigada pelo signo da Cruz Vermelha. De mais a mais, o perigo ameaçava-os de todos os lados, pois a tropa de Cabanas enviara vedetas pelos caminhos adjacentes e os pobres padioleiros viam assombrações e atacantes de todas as bandas. Foi daí que os médicos preferiram ficar no seu posto em vez de ganhar o mato à mercê do desconhecido. Nisto influiu decisivamente a religiosa e serena confiança do Dr. Marinho. Fiado na ajuda de Deus, conseguiu tocar o coração de seus colegas. Assegurou-lhes que, em tais apuros, na falta de providência esclarecida, a decisão mais segura era de permanecerem ali vigiando e rezando, certos de que Deus, sempre atento à súplica dos necessitados, viria em seu auxílio. Tal exortação proferida por um homem de fé, produziu efeito maravilhoso no espírito dos colegas e enfermeiros, a tal ponto que, aqueles, sentindo a inanidade de recursos visíveis para resolver situação tão angustiante, abraçaram, como última ratio, apelar para Deus, que ora se mostrava patente aos seus espíritos atribulados. Todos êles, nesse transe, em que a vaidade humana se abatia, elevaram os corações ao alto e prometeram de se fazer cristãos de fato e de o demonstrarem na primeira oportunidade.

Triste decepção, porém, deveria ter sido a deles na hora em que rompeu o assalto. Talvez se tivesse afigurado a êles que Deus faltara a promessa de ajuda que lhes fizera na véspera. Deus porém nunca faltou. Todavia, em sua providência, não está obrigado a seguir o giro de nossas cogitações. Procede segundo nos é melhor, nem sempre à maneira por que vemos as coisas, mas invariavelmente orientando trilo para o nosso bem e nosso destino eterno. Se, em dado momento, a uns convém vantagens de ordem natural — a êsses Deus as propicia liberalmente. Se a outros, a seu tempo, cabe melhor vida trabalhosa e obscura, provação, doença, sofrimento, morte — isso que lhes couber — deve ser encarado pelos homens de fé como visita de Deus, não como castigo, e sim como via mais segura de seu destino eterno. Confessar a Deus, dar-lhe graças sómente na hora prazenteira, e desconhecê-lo na hora da amargura, é fazer prova de insensatez, pois, na seriação das coisas naturais, nem sempre é mal o que parece adverso, nem sempre bem o que se enfeita de sorrisos.

É possível que dúvidas desse gênero passagem pelas cabeças dos médicos naqueles instantes de pavor. Foram momentos de incrível angústia. A morte adejava sobre êles, como o vendaval na mataria em dias de tormenta. Mas rápido passou. E o próprio Deus, que parecia eclipsar-se na hora do perigo, eis que está ali com êles invisivelmente e os reconfonta, tal como procedera com Jó nos dias ruins. Por esse modo compreenderam melhor, depois de abatidos e

humilhados, que Deus por vêzes tarda ou se oculta, mas nunca falta. Tenho por certo que aquelas emoções e invocações angustiantes lhes valeram mais para o retorno à fé do que uma dúzia de conferências apologéticas. Ademais, todos se advertiram disto: não houve maior dano ali que o susto; as balas foram-se, o choque psicológico passou, e no dantesco charivari, nenhuma gota de sangue amigo se derramou. Em troca vingou mais uma vez esta consumada lição: Deus jamais deixa no abandono os que recorrem com fé à sua proteção.

7 — CONSEQUÊNCIAS BENÉFICAS DO DESASTRE

Pânico, debandada, destruições, perda de vidas e de material... Tudo isso já vimos, foram gravíssimos danos. Houve a perda de oportunidade de revide pronto e fácil que se proporcionou ao 2º B.C. Essa unidade estava comandada por um oficial distinto, mas, talvez sem tirecínio tático. Apegou-se demasiado, a meu ver, às ordens do general, vindas de longe pelo telefone. O Q.G., prudentemente, não podendo aquilatar da extensão das ocorrências, determinou que o batalhão, única tropa disponível, não se engajasse sem ordem. Resta acrescentar aos efeitos maléficos do desastre, a repercussão que ele teve na opinião pública do país, gerando diminuição e abalo político para o governo.

Os revolucionários, porém, não tiveram proveito militar do revés que infringiram às tropas legais. O comando das forças, no entanto, não se deixou abater pelos efeitos funestos da hecatombe. Reagiu de pronto acertada e enérgicamente.

Porta arrombada, tranca de ferro. Eis o enorme benefício trazido pelo desastre de Formigas. Vantagem para a causa legal. Comêço do fim para a revolução. O general Rondon agiu incontinenti no sentido de reajustar o dispositivo das forças, revigorar o moral das tropas e aumentar o seu poderio. O desastre foi argumento irrecusável que ele empregou junto ao governo. Dessem-lhe meios para a prossecução da luta, mas com abundância. E foi em face de tais argumentos, que punham em cheque o prestígio legal, que lhe forneceram novos efetivos e material necessário para por termo ao "chove não molha" das operações. O general conseguiu-os a tempo. Formou com eles dois grupos de destacamentos. Deu-lhes comandos eficientes, os Gennerais de Brigada Azeredo Coutinho e Sezefredo Passos, este com P.C. em Palmas e aquele em Roncador, pouco além de Formigas. Tivemos também ali, com o general Coutinho, o primeiro sacerdote, desde o regime monárquico, no desempenho das funções de capelão militar, o então frei Luiz de Sant'Ana, há pouco falecido como Bispo de Botucatú.

Os revolucionários dormiram nas palhas, embora o tempo que se escoava lhes fôsse adverso. Quando as novas forças chegaram à frente, recém Prestes, escapando-se do Rio Grande, cruzava o rio Uruguai para N. rumo a Dionísio Cerqueira, acossado por avançadas do grupamento Sezefredo. Por esse tempo esboçava o general Coutinho a manobra de Catanduvas. Fê-lo à moda de dupla rasteira: envolveu as forças revolucionárias daquela posição por ambos os flancos e bateu e aprisionou a quase totalidade de seus efetivos. Os remanescentes de Centenário e Piquiri desabalaram na direção de Pôrto Mendes. Ali fizeram junção com Prestes que chegara tarde de mais para lhes prestar auxílio. Atropelados pelas vanguardas do general Coutinho vararam precipitadamente o rio Paraná, e, cortando o trecho nordeste paraguaio, internaram-se no M. Grosso, rumo norte. Não fôssem as providências decorrentes do desastre de Formigas, talvez Prestes tivesse chegado a tempo de intervir nas operações. Mas tudo então já se havia esborrado para os revolucionários.

8 — IMPRESSÕES DE MINHA FUGA

De Formigas a Pousão Alegre pela mata. — Eu me detivera próximo à orla sul da mata, a uns 30 m. ao flanco direito da bateria. Ageitava ali os sargentos do esquadrão por trás de tocos de árvores para que pudessem auxiliar a proteção da bateria com os fogos de seus efe-émes. Eles, porém, viram ali a coisa "preta" e abalaram sem detenção para a retaguarda, pretestando falta de munição. Quando percebi, porém, que a guarnição da bateria, oficiais e praças, abandonavam os canhões e corriam a bom correr rumo oeste, senti um calafrio pelo corpo. Estava só. Entrei na mata e vi um soldado da bateria oculto ali, desorientado. Lembro-me que se chamava Manoel. Tenho pena de não haver conservado todo o nome desse prestatíssimo companheiro. Mal calçado como eu estava, apenas de sandálias, refleti que o mais certo seria retirar-me para leste em demanda do 2.º B. C., distante uns 5 km. Dir-se-ia temeridade, por ser o rumo oposto à debandada. Fiz o soldado acompanhar-me. A princípio enveredei por um trilho que se afundava na mata. Temendo, porém, a perseguição por parte dos cavaleiros de Cabanas, deixei o trilho e enveredei através da mata. Nessa região do oeste paranaense já não viceja o pinho, mas as espécies variadas e exuberantes da flora sub-tropical. Embarafustei-me sob altos troncos no emaranhado de samambaias, taquaraí e cipós. Guiado pela bússola de algibeira rumei para leste. Havia de dar na rede de vigilância do 2.º B. C. A marcha era lenta e às apalpadelas, vencendo ribanceiras e troncos caídos. Em pouco tempo meus pés e pernas, que as sandálias e o curto culote mal defendiam, sangravam por efeito dos espinhos. Nisto, ouvi o trotar de

solipedes e vozes humanas em surdina. Comecei a ter medo e a inquietar-me. Medo do invisível, do desconhecido. Parei, em silêncio. Apliquei o ouvido. O soldado trazia o pente de cartuchos no *carregador* do fuzil, pronto para atirar. Eu empunhava o revórver. O ruído dos animais foi diminuindo até que cessou. Mas os cavaleiros tomaram a minha dianteira seguindo pelo trilho que eu abandonara. Dir-se-iam vedetas dos rebeldes vasculhando a mata dêsse lado. Encomendei-me a Deus e prossegui. O perigo parecia-me vir de toda parte. Foi nesse momento que ouvi intenso alarido e a seguir, nutrida fusilaria para as bandas do acampamento. (1) Depois foram cessando as rajadas de metralhadora e o tiroteio se foi extinguindo, cada vez mais distante. Mas ainda ouvi pouco depois a ressonância de uma gritaria triunfante que se perdia ao longe (2) Prossegui a marcha e dei, no fundo do vale, com um riacho, do qual bebi na concha das mãos os primeiros goles d'água nesse dia. Não andara mais que mil metros e já se haviam escoado duas horas. Cruzei a vertente e me embarefustei numa capoeira incêda de macegas e unhas de gato (3) por onde a custo podia andar, ora me agachando ora desviando por entre a galhada de espinhos, fisgado por eles a cada passo. Um galo cantou pouco além, denunciando moradia próxima. Dei novamente no trilho que antes abandonara. Não obstante a inquietude que me deixaram os cavaleiros e o perigo que poderia vir da retaguarda, segui pelo trilho rumo ao canto do galo. Hora de terríveis pensamentos. As sandálias enchiam-se de terra. Descalçava-as por vezes e de novo as calçava, picado pelos espinhos. Ia aos poucos sendo vencido do cansaço e do desânimo. Pensei fôr melhor cair prisioneiro do que continuar a esmo pela mata inhóspita, exposto a ser caçado pelos rebeldes e não menos pela fôrça amiga, entre cujas antenas me encontrava. É terrível a sensação de insegurança, de incerteza, do ignoto em tais conjunturas através de mata selvagem e deserta.

O galo cantou mais perto. Deixei prudentemente o caminho e segui pela capoeira, visando cobrir-me de possível surpresa. Esgueirei-me por entre moitas, devagarinho, agachado e rastejando como quem procede a perigosa espionagem. Nisto avistei uma casinha ao centro de uma clareira. Atrás dela estavam amarrados dois "pilungos". (4) Seriam os cavaleiros de Cabanas que passaram por mim? Os cavalos, porém, estavam encilhados mal-mal. Um ho-

(1) — Era a captura dos canhões pelos rebeldes e a tomada de contato com o esquadrão que combatia em retirada.

(2) — Eram as expansões vitoriosas dos rebeldes que se apossavam do P.C. do esquadrão e, pouco além, dos depósitos de reabastecimentos.

(3) — Leguminosa semelhante ao maricá, de ramos sarmentosos e acúculos em forma de bico de papagaio.

(4) — Cavalos pinóias.

mem apareceu na porta da casinha e olhou em torno. O sol dava-lhe no rosto e ele cobria os olhos com as mãos em arco para melhor observar. Parece ouvira algum ruído. Quando ele entrou na casa, fiz o soldado aparecer na lareira com o fuzil em guarda e gritei: — é de casa! O homem reapareceu. Estava desarmado e exclamou: — é de paz! Avançamos. O homem estava como nós tomado de medo. Todavia ao identificar a farda que trazíamos, veio ao nosso encontro. O soldado o reconheceu. Era morador de Formigas. Biscatava com os soldados, vendia-lhes frutos da roça, palha de cigarro, bijús. Surpreendido pelo ataque, pusera os molambos por cima dos mangos e escafedera-se com a mulher mato dentro, para aquelas bandas. Ao aproximarem-se da casinha, os moradores desta, por sua vez apavorados, por já terem ouvido a atoarda de Formigas, ganharam o mato. Coisa estranha em tais circunstâncias: as próprias vítimas do pânico em vez de aproximar-sq e unir-se, fugiam umas das outras. Entramos no rancho. Havia ainda o fogo deixado pelos moradores e sobre ele o caldeirão de milho verde pendente de um gancho. O homem repartiu conosco do fiambre que trazia e pôs-se à minha disposição.

Era conhecedor daquelas redondezas. Ótimo encontro. Descansei, comi do que havia e disse ao homem: — agora, para Pouso Alegre. Sómente lá estaremos seguros. — Não há caminho direto para lá, disse-me o homem. Para Pouso Alegre vai-se pela estrada. Era mais fácil. Os caminhos que ali davam, iam para as roças nos profundos da mata. Sómente de lá havia um trilho que conduzia a Pouso Alegre, mas tal percurso fazia grande volta. Resolvi então fazer marcha direta através da mata. Seriam 3 km. não mais. E partimos. Três horas fazia que deixáramos Formigas. Depois disso, quatro mais tivemos de levar para atingir o campestre de Pouso Alegre. Avalie-se do emaranhado da mata, espinhos, grotas e dificuldades desse itinerário por que andamos, de mais a mais, puxando a cabresto os dois solípedes. Eram 13 horas e meia quando uma sentinela do 2º B.C. deu alarme. Gritamos de longe e fomos acolhidos. As 14 horas chegamos na casa à beira da estrada onde se achava o P.C. do batalhão. Cumprimentos, abraços, indagações, informações... Um médico banhou-me os pés e as pernas com água sublimada.

Observação importante. — De minhas incursões por entre matas, e da soma de observações que recolhi dessa campanha, pude concluir o seguinte: Quase cem por cento de nossas fronteiras são bravias e cobertas de cerrados e florestas. Na previsão de campanhas que ai se possam travar, há que prover as unidades com formações de sapadores-mateiros da própria arma, equipados de ferramenta

adequada ao desbravamento de itinerário nos sertões. Essa gente deverá ser recrutada de preferência nas próprias zonas sertanejas, porque tem a resistência indispensável e as qualidades inatas do homem do sertão.

9 — PRESÁGIOS DE MAUS ACONTECIMENTOS

Dois sargentos que vão morrer curiam o dinheiro que têm às famílias. — No dia 20, véspera do ataque, saí em reconhecimento do itinerário Formigas — Centenário. Era um caminho de ervateiros, só accessível a cargueiros. Terreno dobrado, córregos profundos, mata espessa. A beira do percurso ficava a "colônia paraguaia" com suas 4 ou 5 casinholas e, mais além, um paiol. Nada mais. Em Correias, 5 km. aquém de Centenário, na clareira de extensa roça, estacionava o P.C. do destacamento Varela. Seu 1.º escalão mantinha contado pouco além com as posições revolucionárias. Os chefes queriam puxar para ali a bateria montada que ficara em Formigas. Os artilheiros pediam se lhes alargasse a picada e puzessem pontilhões nos riachos. Seria obra de um mês. Para passagem dos canhões, como queriam, em 6 ou 8 dias, isto só seria possível mediante trabalhos legeiros de retificação e alargamento do caminho. Durante a marcha da bateria, os "sapadores mateiros" ajudariam as guarnições forcejando nas pinas das rodas. Com esforço e bôa vontade, a meu ver, os canhões poderiam varar, não sem custo, puxados pelas juntas de bois. Os artilheiros, porém, já experimentados nas marchas anteriores, desde Palmas, não toparam com o alvitre. Os bois estavam moleirões e pouco lhes valeria em auxílio, uma simples mão na roda. Contudo far-se-iam esforços para que a bateria pudesse passar quanto antes a fim de ir despejar suas granadas contra Centenário, se não em oito, no máximo em quinze dias.

Em meu regresso, avistei-me no caminho com um oficial do destacamento, que se fazia acompanhar de duas praças. Disse-me o oficial: — capitão, o Sr. sózinho como anda não se deve aventurar por estes sítios. Estes caminhos estão infestados de ervateiros a serviço dos rebeldes. Dia e noite aqui transitam espiando o que se passa em nossas retaguardas. Corre até o boato de um ataque às comunicações do destacamento. Não ande só nem desarmado. Pode ser vítima de uma cilada.

Franqueza! Nada disso se me advertira. Andava "escoteiro", na suposição de que gosava de segurança atrás da frente. Mas tomei a advertência como sinal de mau augúrio. Estremeci com a idéia do perigo. Cumpria cuidar do pélo. Apressei a andadura do cavalo e cheguei a Formigas pela noitinha, fiado na proteção de S. Sebastião.

soldado de outros tempos e patrono dos militares, cuja festa se comemorava nesse dia,

Com as providências a que visava o comando das forças, de melhoramento dos itinerários e afluxos de recursos para a frente, tive para mim que S. Sebastião no dia de sua festa, nos traria a ajuda de Deus para o término da luta, inglória luta em que jogavam as cristas irmãos contra irmãos! Sim, urgia terminar com isso, seja pela submissão dos revolucionários, seja pelo êxito feliz das providências adotadas pelo General Rondon. Externei esse pensamento ao Capitão Arnaldo Soares que chefiava o 2º escalão do destacamento Varela e em cuja barraca eu pernoitava. A fé, a confiança em Deus — grandes coisas nesses momentos agudos. Suscitam saídas francas de veredas embaraçosas e acomodam nosso espírito nos casos adversos. "Foi pela fé, disse S. Paulo, que os heróis desbarataram exércitos inimigos e se tornaram invencíveis na guerra". Caíava eu com o 1º tenente Clementino Olegário Viana, quando chegou alguém que procurava falar-me. Era o sargento José Norberto da Costa cuja unidade, a 3.ª Cia de administração, viera de Porto Alegre com o destacamento Varela. Explicou-me a sua situação longe da família e passou-me um envelope com duas notas de 500\$000, dizendo: — Sr. Capitão, soube que o Sr. nestes dias volta para Guarapuava. Venho pedir-lhe envie pelo Banco estas quantias, uma por mim, outra pelo colega Sargento Brígido Vieira às nossas famílias. Seus nomes e endereços vão escritos no envelope. Queremos, por a salvo estas economias, porque a nossa vida aqui corre não poucos riscos, e, além do mais, já há quem fale no ataque dos rebeldes.

Interrei-me do assunto e devolvi-lhe o papel, dizendo: — Não está aí o nome de vocês. Explique isso por miúdo. Escreva tudo à tinta. Posso tomar chuva e molhar o papel. Além disso, a gente pode cair num acidente de automóvel e até (lembrei-me da advertência que me fizeram na picada) numa emboscada. Este dinheiro que você me entrega é sagrado, leva endereço aos filhos. O sargento retirou-se e voltou pouco depois com o outro companheiro. Traziam os dados escritos, conforme lhes pedira. Guardei cada "peléga" envolta no papel respectivo, meti-os no bolso e virei-me para o tenente Clementino louvando aquele procedimento dos sargentos, os quais não contentes em consignar todo o sólido para as famílias, ainda lhes davam o terço de campanha que lhe ficava para as despesas próprias. O tenente Clementino fez também o elogio de um de seus homens que poupava os magros vencimentos para ajudar a educação dos irmãos. Depois o tenente entrou a falar das agruras dessa campanha ingrata, cujo ardor combativo, quase nulo, punha em cheque

as vozes do coração. Tinha-se pela frente, dizia ele, camaradas e amigos em situação de beligerância, separados de nós por melindres políticos inconsistentes.

— É duro realmente, esse estado de ânimos, observei. Os revolucionários batem-se por nonadas a que chamam de princípios. Nós não temos partido. Estamos aqui jungidos ao dever. Verdade é que nosso governo não gosa de simpatia pública. Mas é governo lítimo, saído das urnas. Não nos cabe passar de simples antipatia à animosidade. Somos soldados. A disciplina é por vezes madrasta. Há que apertar então o coração. Se a autoridade não tivesse o apoio da força, como poderia curar do bem público? Por que nem todos estejam acordes nas modalidades do bem público e no seu "modus faciendi" é que se formam estas correntes de idéias adversas. Discutir, criticar, opôr razões a razões, tudo isto é bom. Mas dai ao motim e à rebelião, mormente quando partem da força armada, misso é que está o formidável desacerto. Não se pode malsinar um governo por este ou aquele ato isolado reprovável. Nem tudo são flores numa administração. Atos de força há que merecem crítica e reprovação pública. Mas nem tudo se pode aquilatar com justeza. As classes armadas contudo não são juizes da nação, não lhes cabe intervir e resolver dos conflitos de opinião que se travam entre o poder es as facções partidárias.

Um dos sargentos lamentou haver elementos no seio da tropa que ficavam na encôlha, em resistência passiva. Alegavam que a melhor causa estava do outro lado com os revolucionários, embora os tais maldizentes não tivessem a ombridade de acompanhá-los.

— Realmente, interveio o tenente Clementino, é melhor ser branco ou preto, jamais incolor como essa gente, parasitas de todas as situações, que alardeiam idéias contrárias para ficarem bem nas viravoltas; mas permanecem sempre às sopas dos governos, porque as saboreiam pacatamente e sem fadigas.

— Não se pode corrigir o mundo, acrescentei eu. Contudo fiquemos nós com a boa doutrina. Não cabe aos militares promover revoluções, nem entreter a idéia malsã que por ai campeia sob o nome de "espírito revolucionário". O exército é esteio do poder, e mantenedor da ordem. Avulta-se quando toma parte em dissensões e conluios partidários. Melhor fôra que os militares, e também os juizes ficassem isentos de votar. Desde que pleiteiem cargos eletivos, devem passar à indisponibilidade sem direito a certas vantagens de acesso. Assim, teríamos confiança de que as fôrças armadas não se haveriam de cindir ante os debates e choques partidários, e, com esse caráter apolítico dos militares, a história turbulenta dos levantes armados não se repetiria em nossos anais. Que temos ganho com as

revoluções a não ser ambiente de malquerenças, sangrias no tesouro e a revivescência dos caudilhos? As pobres repúblicas latino-americanas, por suas perpétuas contumélias intestinas, vêm retardando o surto de cultura e bem estar que fazem a pujança dos E.U.

Os dois sargentos despediram-se e eu ainda fiquei palestrando com o Ten. Clementino no assunto das malfadadas revoluções até que a lâmpada de carbureto se apagou. Só então cuidamos de dormir. Que despertar sinistro foi o dessa noite! No outro dia, antes mesmo de romper o sol, os meus três visitantes, tenente Clementino e os dois sargentos, jaziam mortos pelas balas homicidas da incursão imprevista de Cabanas. O tenente Clementino sucumbiu valentemente no seu posto, manejando a metralhadora da secção que comandava. Sem ardor combativo como dissera, o sentimento do dever acordou nele a centelha do revide na hora do assalto. O sargento Norberto vi-o de bruços estendido na estrada, 50 m. à frente de minha barraca. Inadvertidamente, por obra do pânico, ganhara a fuga pela frente, fazendo alvo às metralhadoras atacantes, quando teria podido escapar pelo mato, à retaguarda. O sargento Brígido caiu mais acima, em meio do acampamento, mal saltara da barraca.

Incompreensíveis os designios de Deus... Por que êsses três companheiros, e não eu também, que continuei expôsto até o fim às saraivadas de balas? Quanta tristeza e encantamento na morte dêsses três companheiros! Dois deram remate generoso à vida enviando as suas economias para os entes queridos. O terceiro — como último protesto contra as revoluções — comentou longamente o malefício delas e as suscetibilidades que criam jogando irmãos contra irmãos. Pobres companheiros!

Deus nos livre do flagelo das revoluções

10 — EFEITO BURLESCO DO DESASTRE DE FORMIGAS

Pânico no Q.G. de Larangeiras. — Logo após o desastre de Formigas, segui no dia 24 para Larangeiras onde permanecera o Q.G. das Forças. Chefe do Serviço de Estradas, cabia-me correr todos os setores em que houvesse itinerários a melhorar e conservar. Em lá chegando, dei contas ao general Rondon de minhas atividades na frente, bem como do que vira e apreciara em Formigas. Vinha trasbordando de fadiga. Ao cair da noite, depois do jantar, estendi a manta sobre uma tábua, em um canto da casa ocupada pelos oficiais, e nela deitei-me molemente, disposto a vingar-me, pelo sono de uma noite bem dormida, do pânico e canceira dos dias anteriores. Apenas adormeci, eis que nervosamente me acorda o Capitão Ciso Vidal. — Que há? que não há? Ouviam-se gritos e o lufa-lufa de

correrias. Um atropélo infernal andava às voltas pelo pequeno povoado.

— Levante-se, Mello! o acampamento está sendo atacado pelos rebeldes. Houve tiroteio na picada do Piquiri. Parece que é o Cabanas à frente do seu grupo...

É o Cabanas!... Sentei na cama, devorado pelo sono. Mas ainda assim, como em Formigas, uma réstea de discernimento iluminou-me o cérebro. Cabanas? Não é possivel. Na tarde de 21 ele abandonou precipitadamente Formigas e foi-se rumo norte, corregado de despojos e ameaçado de revide. As forças ficaram vigilantes e ativas depois do desastre. Ele cuidou de ganhar distância para pôr a salvo a presa. Como retornaria de pronto, sem dar alívio à tropa e aos solíspides? Pela estrada de rodagem? Não! Seria presentido e tiroteado. Pelas veredas do Piquiri? — menos ainda. Os itinerários que daí procedem, vindos de O. e N.O., são escabrosos, palmilhados só por indios e sertanejos. Mais de 100 km. por matarias, vales e trepadas incoercíveis... Qual seria o grupo de cavaleiros afoitos que lograria enveredar por elas, para, arriscar-se em fim de jornada tão precária, a um lance duvidoso contra forças superiores, descansadas e alertas? Atente-se que tais incursionistas, ainda que forrados de audácia, deviam saber que em Larangeiras havia duas "unidades" frescas, com as barbas de mólho pelo revés de Formigas. Finalmente — ataque noturno contra adversário alerta... impossível nessa condições. A tática e o bom senso repeliam tais apreensões.

Este ligeiro raciocínio era lógico e vinha em defesa do meu sono. Pendí o corpo sonolento e descansei a cabeça no travesseiro improvisado. O Ciro ainda me sacudiu, dizendo: — Os oficiais estão reunidos no Q.G.

Mas meu corpo pesava como chumbo, e a intuição segura das coisas acalentava o meu descanso, com a maciez de um sedativo...

Dormi profundamente, tranquilamente. Acordei tarde, em pleno dia, ao som de gargalhadas estridentes. Que havia acontecido? Adormecendo, como adormeci, num ambiente de alvoroco e alarme, eis que acordo aos estalar de risadas e galhofas.

Os companhieros, numa alegria infernal, contaram-me por miúdo o que havia sucedido. As ocorrências de Formigas, vindo a cair em cheio na morna placidez de Larangeiras, produziram ali enorme choque psíquico. A gente passou do pasmo ao alarme. Constava que outras surpresas do mesmo gênero se teriam dado mais além, no passo de Piquiri: 100 km. a N.O., e que novos golpes estavam em curso nas retaguardas legais. Estimulado pelo êxito de Formigas, corria à boca cheia que Cabanas preparava em surdina uma arranada contra Larangeiras. No terreno das probabilidades, numa luta

intestina como aquela, podia dar-se rédeas sóltas à imaginação, mas no terreno das possibilidades objetivas, um oficial não se há-de enlevar de devaneios. Cuida de esclarecer-se a fundo no geral e no particular da situação, e terá de fortalecer o raciocínio com o exame acurado dos "fatores da decisão". Contudo, o sobressalto, o imprevisto, turba por vezes o senso do indivíduo, derrama-se nas massas e gera nervosismo e pavor. No recinto de um teatro em que se apague a luz, basta que alguém grite: — incêndio! para que todos se precipitem loucamente pelas portas e janelas. Esse o ambiente de Larangeiras. Por efeito do desastre de Formigas, a tropa estava alerta, os postos de guarda vigiavam noite e dia.

O povoado ficava no divisor de águas, a cavaleiro da serra, num extenso campestre por onde cruzava a estrada. Ao N. desembocava uma picada estreita a que vinham ter, aqui e ali, múltiplos trilhos e veredas procedentes de sítios do baixo e alto Piquiri. Trilhos e veredas de incríveis percursos, só palmilhados por índios e mateiros da região. Em frente à boca da picada um grupo de combate do esquadrão ali mantinha guarda. Um efe-ême cuiava a picada. Cerca das 20 horas, já escuro, ouviu-se um vago ormeio mato dentro. A sentinela alertou o ouvido. A pouco e pouco foi sentindo ao longe o toque-toque cadenciado de um solipede. Aproxima-se. Seria um cavaleiro? seriam mais? A guarda apagou o fogo e ficou à espreita. O ruido crescia, ora mais cavo, ora mais vivo. Só se falava por cochichos. A sentinela, a mando do cabo, deitou-se por trás do efe-ême, apoiado no parapeito da trincheira. Os soldados destravaram os mosquetões. Respiração sôfrega, orelhas atentas.

É notável a postura de um homem, mesmo corajoso, numa situação de alerta, às escuras, em face de suposto perigo, invisível, vindo do desconhecido no silêncio da mata. Os olhos se esbugalham pelo esforço irreprimível de ver o que não podem. Por carência de visão, os ouvidos se apuram, e as orelhas como que se ampliam e se dilatam, à guisa de antenas. Elas procuram fazer sintonia com os ruidos estranhos, no esforço de transmitir ao cérebro as impressões auditivas que se alteram ao choque dos imprevistos. Sómente o índio, vivendo sob os mistérios recônditos que se passam no seio das matas, ouvido apurado, pé ligeiro, sabe discernir ruidos e sons que aí se formam. Ele adquire, por via da audição, o conhecimento dos fenômenos que costuma observar pela vista. Intuição das coisas pelo ouvido... Uma árvore que cai ao longe, a distância em que martela a araponga, a distinção do ruído entre o pisar do queixada e o da anta, da queda de um fruto e do estalar de um galho, do ruflar de asas e do agitar de folhas ao sopro do vento... Daí poder o sertanejo tirar proveito da audição, fazendo dela poderoso órgão de con-

trôle. O homem da cidade, porém, e o homem dos campos, o que apura por excelência é a vista. Faltando-lhe plena visibilidade no meio da selva, ele desnorteia por vezes em presença de ruidos cártilqueiros.

Em relação aos soldados que faziam a guarda da picada, havia ainda esta agravante: pairava na imaginação deles a névoa de um fantasma — Cabanas. Ouviram dizer que o chefe da "Coluna da Morte" amanheceu dias antes em Formigas e poderia logo após anotecer além ou aquém, muito ao longe, de improviso, à frente do seu bando truculento.

Quando o ruido de cascos veio à distância de fala, a sentinelas quiz tirar aquilo a limpo e gritou nervosamente: — Quem vem lá?... Nenhuma resposta. Houve, sim, ligeira parada dos passos. A seguir, por trás da curva do caminho, que descia ingreme, a cerca de 100 m., reboou de novo o orneio de um muar. O éco respondeu na mataria modulando rumores prolongados, altos e baixos, que ressoavam aos ouvidos dos soldados como orquestra confusa de orneios e relinchos. e o ruido dos passos prosseguiu pausadamente, engrossado pelo chitocar de ramos e o craque-craque de folhas e gravetos pisados no caminho. Esse gênero de ruidos no silêncio da noite, amplia-se de tal modo que, para ouvidos inexpertos, o andar de um pássaro afigura-se a pisada de um quadrúpede. O soldado chegou nervosamente o indicador ao gatilho do efe-ême e gritou mais forte:

— Quem vem lá?... Faça alto! se não responder, vai bala!

Novo silêncio e os passos recomeçaram pachorrentamente, cada vez mais perto. O soldado calcou o dedo na tecla e o efe-ême disparou, como num gargarejo, a enfiada de cartuchos do carregador. Ruido atroador, desconcertante, como tropel de muitos animais, sucedeu à rajada de tiros. Parecia o taquaral que vinha abaixo.

O cabo, tomado de pavor, não se atreveu a meter outro carregador no efe-ême. Espavoridos, sentinelas cabo e soldados da guarda abandonaram tudo e deitaram a correr desabaladamente, arrastando na fuga o sargento e homens que integravam o posto de apóio situado 200 m. à retaguarda. Estes mal tiveram tempo de esfregar o olho ao ronco do efe-ême e ao estalar da mataria. O cabo passara por elas, como um foguete, gritando para o sargento mal deserto:

— Ai vêm elas!...

Cerca de mil metros dali a bateria de 105 puzera-se alerta.

O capitão mandou a postos a secção de metralhadoras enquanto fazia guarnecer e municiar as peças com o pessoal de prontidão.

A esse tempo, o telefone da bateria entrava em ligação com o Q.G.

As vedetas da cavalaria, alarmadas com o tropel, — quem vem lá? gritaram. — É a guarda da picada... respondeu o grupo que

corria. Chegaram ofegantes, olhos esbugalhados, língua de fora. Mal puderam dizer da surpresa que os salteara. Forcejaram por justificar o abandono da guarda com suposições fantásticas. Tratava-se para eles de um assalto, estilo de Formigas. O tropel que ouviram parecia-lhes um furacão. E era talvez a ponta da vanguarda. O que não seria o grosso?!

Dentro em pouco a rede telefônica do acampamento tilintava para lá e para cá. O pavor comunicado pelos homens da guarda propagou-se rapidamente ao Q.G., ao estacionamento dos "serviços", ao povoado. Mil conjecturas se faziam. Tratava-se possivelmente de uma diversão pelo flanco. O grosso talvez viesse pela estrada de rodagem. O espectro de Cabanas desenhava-se nas trevas. Era ele, por certo, diziam à meia voz, que vem capitaneando a "coluna da morte"...

Mau grado o nervosismo reinante, o general Rondon apareceu em frente ao Q.G. com seu uniforme impecável, pistola ao cinto, mas sereno como sertanejo habituado ao ronco do tigre. Assentou os acontecimentos, tranquilizou as famílias alvorocadas que se acolhiam ao Q.G., deu ordens aos oficiais de seu estado maior e recolheu-se ao gabinete de trabalho. A tropa... quase ninguém pegou olho nessa noite. Apagaram-se luzes e fogos. Foi uma noite de fantasmas e assombrações.

Acordei-nos em pleno sol, pela manhã, ao som de gargalhadas estrepitosas. O general estava à porta e dizia, contemplando o meu ressonar:

— O Raul é feliz; foi o único que dormiu a sono sólto.

— Meu general, retorqui, espreguiçando-me, ainda na ignorância dos fatos; dormi sob a pressão da fadiga e do sono. Dormiria mesmo que me levassem de arrasto.

Os oficiais comentavam pitorescamente, entre galhofas, as ocorrências da noite fazendo roda a um velho caipira que ali estava, morador no fundo do campestre. Era "nhô Tó". Tinha um velho miar, velho e maceta a tal ponto que, sem embargo da precisão de animais de carga, fôra poupadão pelas requisições. Era o desempenho do caipira. Cavalgava-o com freqüência em seus giros pela vizinhança, e era ele que lhe trazia da roça sobre os lombos os jacás de mantimento. Tratava-o bem — bom amigo. Era manso e fiel. A tardinha, to. Tratava-o bem — bo mamigo. Era manso e fiel. A tardinha, tirava-lhe o buçal para que fôsse mato dentro rebuscar a tenra milhã que viceja nas capoeiras. Mais cedo ou mais tarde pela noite, conforme a distância em que ia abocanhar o pasto, o velho animal recolhia-se sistematicamente ao rancho, ao faro da ração de milho que o dono lhe punha no embornal pendente do esteio do galpão, como sobremesa do repasto!

Nesse dia, porém, de manhãzinha, quando "nhô Tô" pôs o nariz ao relento para espiar o tempô, ficou intrigado por não ouvir o orneio costumeiro do velho muar, em resposta à saudação do amigo. Saiu fora e encontrou a ração intata no embornal. Nunca sucedera aquilo. Teria sido alguma brejeirada dos soldados? Trepou sobre uma tranqueira do cercado. Nada. Ficou nervoso e inquieto. Meteu o facão no cinto, acendeu o cigarro e partiu rumo à picada vizinha. O orvalho lambia as bombachas do velho. Surpresa!... Estacou à boca da picada. Que via ali, Santo Deus? O efe-éme abandonado... equipamento, mantas, bonés, jaziam a esmo pelo chão. Sentiu a pulga na orelha. Nada percebera do estardalhaço noturno. Velhice sadia, sono franco. — Onde haveria? refletiu o velho, e enveredou pela picada. A uns 50 passos viu o taquaral deitado e, lá em baixo, na ribanceira, ao lado do caminho, o velho burro com o ventre estufado e as patas para o ar, como a querer abraçá-lo. Desceu. O animal vertia líquido sanguíneo pelas ventas e mostrava pontos arrachados pelo corpo. Apalpou; eram sinais de balões. Doeu-lhe nálma o triste desenlace do amigo. Subiu-lhe o sangue. Teve assomos de revide. Ah! se fosse na mocidade. Não teve dúvidas: fôra a guarda, que por vil brincadeira, lhe matara a pobretâmária, e, ao vê-lo aproximar-se, escafedera-se pelo mato. A pilharia fôra de mau gosto. O velho mordeu os lábios e vociferou alto, como para ser ouvido:

— Ucês me pagam, Capetas! Vou fazê queixa ao generá e reclamá o dano que ucês me deram.

Dito e feito. Daí a um nada o velho era detido pelas vedetas do esquadrão. Recém estas vinham rastejando pela macega rumo à picada. Informou do que vira e declarou ia fazer queixa ao general. A tropa fazia nesse momento a sondagem cautelosa na direção da picada, como sóe acontecer na tomada de contato contra inimigo emboscado. Daí a uma hora tudo estava explicado. A gente do povoado e do acampamento explodia em alegres ianfarrices e comentários burlescos. Estava de "esquerda em frente":

— Seo generá, venho fazê queixa dos sordado e cobrá meu burro branco que êles mataram na picada.

— Sim, meu velho, respondeu humoristicamente o general, que já sabia de tudo. Eu te pagarei o burro, mas você há-de pagar-me o susto que levei.

— Perdão, seo generá, nada tenho que pagá porque vance não morreu. Eu, sim, é que fiquei no perjunto do meu burro.

Todos riram a bom rir da simplicidade do velho. E o general mandou lhe indenizassem o velho burro com o valor de um burro novo.

Apontamentos Históricos

I

Major RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA

A Intervenção Brasileira na Banda Oriental

"A questão platina nasceu com o Tratado de Tordesilhas, antes do descobrimento do Brasil!"

"Pondo um aparente remate à velha questão platina, o General Lecór entra triunfante em Montevidéu, em 20 de janeiro de 1817. Em 1821, isto é, pouco antes do grito do Ipiranga, verificou-se a incorporação da Província de Montevidéu, que de fato era parte integrante do desmembrado Vice-Reinado de Buenos Aires, ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sob o nome de Província Cisplatina. Buenos Aires protesta, o Uruguai, colocado entre dois Estados mais fortes e temeroso de seus próprios caudilhos, não sabe para que lado voltar-se, uma vez que preferia livrar-se de ambos."

(Resumo histórico da campanha de 1825-1828 — Antecedentes — pelo Gen. F. de Paula Cidade, então major, in "Revista Militar Brasileira" — 1924).

"Situada à margem esquerda desse formidável rio (da Prata), foi essa Província (Montevidéu) o pomo de discórdia entre espanhóis e portugueses desde os seus primeiros reencontros do descobrimento e da conquista; e não houve tratado, desde mais de um século, que lograsse fixar duradouramente o direito de posse ou, mesmo, os limites da Província; talvez porque não estava em jogo, unicamente, a posse dela, mas, também, a chave do Prata, ao qual, pela situação, ela domina."

(Contribuição para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Aires — tradução do Gen. Bertoldo Klinger — 1938).

Com o objetivo precípua de "extinguir as discordias que tem havido entre duas corôas de Portugal e Espanha e seus respectivos vassálos, no espaço de quasi três séculos, sobre os limites de seus domínios da América e da Asia", os soberanos dos dois grandes impérios coloniais da época firmam solenemente, em 1.º de outubro de 1.777, o conhecido Tratado de Santo Ildefonso.

Cumpria-se, assim, mais uma fase culminante da longa série de contendas seculares entre as duas Cortes dominadoras, tornando mais intrincados, ainda, os graves problemas que justificavam sua inessente rivalidade na luta pelo predomínio universal.

É certo que, então, não mais podia o velho Portugal alimentar as altas pretensões que o ciclo luminoso das descobertas teria insuflado no espírito de seus governantes. E tanto assim é que, pelo tratado concluído, lhe ficavam subtraídas todas as conquistas decorrentes de sua ação no caminho do Sul, desde a fundação da Colonia do Sacramento.

CENTRO DE TEMPESTADES

* A antiga "Baqueria del Mar", com efeito, acentua, decisivamente, o intuito indisfarçado de procurar uma linha divisória fortemente marcada, como o Rio da Prata, para garantir a segurança do domínio português. E se transforma, desde o seu surgimento, em verdadeiro "centro de tempestades", segundo a expressão de Oliveira Viana, no qual o choque "de preador contra preador, de contrabandista contra contrabandista, de colono contra colono, na zona indecisa das fronteiras, se transfere para o campo diplomático e militar, agita as chancelarias, move os exércitos e dá origem às guerras platinas."

É que, na observação de mais de um historiador patrício, era transportada para os mundos descobertos pelo ciclo dos grandes navegadores, tanto espanhóis como portugueses, aquela rivalidade secular que sempre existira entre as duas grandes metrópoles, tomando precisamente nos territórios da América do Sul o caráter de uma luta constante, multisecular e porfiada, por ter sido transmitido aos filhos dos povoadores todo o odioso antagonismo oriundo do estreito "habitat" em que viviam.

QUEBRA-SE A PAZ NA FRONTEIRA DO SUL

E o fato é que, fundada a Colonia do Sacramento, quebra-se a paz na fronteira do Sul. Cessa uma guerra apenas para que aquelas gentes sem sossêgo preparem novas e mais duras arremetidas, fazendo a terra mudar de dono, de um momento para outro. Como observa um grande estudioso de nossa História, "na alma das populações vítimas dessas lutas violentas sempre, crueis não raro, como as faziam os costumes dos tempos, o ódio ia sedimentado, os rancores se tornavam mais fundos a cada nova incursão, a inimizade se fazia tradição e herança. Insensivelmente arrastados à querela, feitos objetos delas, brasileiros e platinos confundiam-se com portugueses e espanhóis no ardor da contenha, na veemência da animadversão. A barreira elevada entre as raças originárias era muito forte. Não bastou, para abatê-la,

a expulsão da Espanha, primeiro, de Portugal depois, das terras da América. Ela continuava, como funesta lembrança das velhas vassalagens, a dividir os povos desta parte do continente, que ainda não haviam trocado, segundo a formosa imagem de Joaquim Nabuco, a velha alma européia pela nova alma americana". (Cem anos de paz argentino-brasileiros — Dr. F. de Leonardo Truda, in "Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul" — 1928).

Observa ainda, a propósito, Pereira da Silva, citado pelo Gen. Tasso Fragoso, que "na Europa e na América, têm-se mostrado sempre inimigas as raças espanhola e portuguesa. A contiguidade do território, devendo criar interesses mutuos e comuns, concorre antes para mais se destestarem. Espanha pretendeu sempre apoderar-se de Portugal. Conseguiu dominá-lo durante 60 anos — 1580 a 1640. Mas, os portugueses quebraram, alfin, o jugo do cativeiro e, desde então, um ódio reciproco e um ciúme inqualificável trazem divididos constantemente os espíritos dos dois povos vizinhos. Descobrindo e conquistando na América terras e colônias, encontram-se ali, como na Europa, combatendo e lutando com pertinácia, aqueles mesmos povos. Infelizmente, transmitira-se a seus descendentes americanos igual animosidade e não era ainda chegado o tempo em que estes reconhecessem que antes os unem e ligam interesses reais, reciprocos e sólidos que falsos preconceitos, tradições infundadas e paixões de outras eras."

INCERTEZA DE LIMITES E LUTAS INCESSANTES

Bem se pode dizer que, no fundo, todas as querelas e lutas incessantes tratadas entre os dois reinos e, depois, entre os descendentes dos primitivos povoadores das terras sul-americanas provinham da incerteza dos limites que os separavam. A celebre Linha do Tordesilhas, que o Papa Alexandre VI fixara teóricamente, fôra em breve despedaçada pela corrente avassaladora dos bandeirantes, que fazem recuar ousadamente o meridiano, enquanto a metropole se lembra de plantar, na bôca mesma da grande bacia platense, um marco vivo de sua dominação. Daí a fundação da Colonia do Sacramento, que obedece, assim, a razões políticas e a motivos de ordem geográfica, da mesma forma por que não deixa, também, de atender a um determinismo econômico, como observa Oliveira Viana. Os imperativos dessa ordem serviram, de fato, igualmente, para impedir rumo ao Sul, primeiramente os bandeirantes paulistas e, atrás deles, os portugueses ainda senhores da terra, com objetivo de garantirem pelas armas o domínio da região, onde os rastreadores de gado encontravam sempre presa farta.

Fundado, porém, o presídio na extrema meridional, desde logo se abrem as lutas pela sua posse, que ora está com um, ora com outro dos

povos colonizadores, alternando-se conforme as injunções das contendidas que se travavam além oceano. São, aliás, os acontecimentos que se processam no Velho Continente que trazem quasi sempre maior influência sobre o estado das coisas nas colônias sul-americanas. O tratado de 1.777, como anteriormente o de Madri, de 1750, não conseguiu pôr um fim à questão de limites na América, tanto em virtude de dificuldades surgidas em sua execução, como, principalmente, em consequência dos sucessos que se desenrolavam na Europa, como decorrência inevitável da revolução francesa.

INFLUENCIA DOS ACONTECIMENTOS EUROPEUS

A dominação de Bonaparte sobre a Peninsula Ibérica, primeiro sobre a Espanha e depois sobre Portugal, acarréta situações diferentes para cada um dos países ameaçados, tendo reflexos também diversos sobre as colônias respectivas. Enquanto, na Espanha, o poder como que se desagrégua, passando aos poucos inteiramente às mãos do grande Corso, por intermédio de um satélite escolhido, no reino português, ante a invasão das hostes de Junot, o monarca se transfere da metrópole para a colônia e chega ao Brasil, onde, pouco depois, vem a estabelecer a própria séde da Corôa.

Nas possessões ibéricas do continente americano, por sua vez, o desmoronamento do governo central deixa os povos a princípio numa situação de incerteza quanto ao poder que sobre eles se exerce, porém, em breve, um sentimento profundo de emancipação começa a aparecer, levando as antigas colônias a se libertarem, sucessivamente, do jugo metropolitano.

Com relação a Portugal, todavia, o contrário é que se verifica. A vinda do rei para a colônia e, posteriormente, a transformação desta em séde do governo monárquico consolidam a situação da casa reinante, fortalecendo-lhe o poder e permitindo-lhe, mesmo, voltar sua atenção para o antigo e indiscutível desejo da monarquia lusitana, de procurar no Sul uma fronteira natural para seus domínios americanos.

A SITUAÇÃO DOS POVOS DO PRATA

Com a emancipação das colônias ibéricas, realmente, o antigo Vice-Reino do Prata se esfacela. As colônias não desejam obedecer à ditadura napoleônica e a Junta de Cádiz não lhes pode impôr suas determinações, de vez que a guerra da Europa lhe exigia todas as forças disponíveis. Os povos do Prata, por seu turno, apresentavam-se numa fase de transição, numa situação de instabilidade absoluta, em que se não achavam bem traçados, nem ainda perfeitamente definidos, os rumos que haveriam de seguir. Formam-se entre

os de

ad-finidos,

os rumos que ha-

veriam de seguir.

propugnando uns pela continuação na obediência à Coroa de Espanha, representada, então, pela irmã do monarca prisioneiro — D. Carlota Joaquina, esposa de D. João VI; enquanto outros se apegavam irreduzivelmente à ideia de libertação. No meio de intrigas diplomáticas sem conta, o soberano português vislumbrava, talvez, a oportunidade tanto ambicionada para realizar os antigos designios da Coroa lusa, com referência à questão dos limites meridionais de seus domínios. Por outro lado, entretanto, é bem possível que ao cauteloso monarca não agradasse, por parecer inconveniente a seu próprio prestígio, a solução de ver sua augusta consorte real investida de poderes tão altos, como os que lhe adviriam da continuação à obediência à Coroa Espanhola, sendo ela a representante do rei, seu irmão. E daí, por certo, a relutância de D. João VI em aceder às solicitações da esposa e de terceiros, embora pouco depois venha a concordar em socorrer com um exército a praça de Montevidéu, então sitiada pelos argentinos e uruguaios de Rondeau e Artigas.

A PRIMEIRA INTERVENÇÃO BRASILEIRA

Vem a processar-se, então, a primeira intervenção brasileira no Prata, da qual é encarregado o capitão-general do Rio Grande do Sul, D. Diogo de Souza.

“A ocupação tinha, porém, por motivos verdadeiros — é o que ensina Oliveira Lima em “D. João VI e o Brasil” — facultar ao Brasil sua fronteira natural ao Sul e tornar bem irremediável a desagregação espanhola em andamento. Uma vez consumada, tal desagregação reduziria a metrópole, privada de seus melhores recursos, a potência muito subalterna e colocaria os desunidos e debeis fragmentos do império colonial à mercé da compacta e disciplinada expansão portuguesa no futuro.”

É certo, também, que a ação do “Exército Pacificador da Banda Oriental”, como foi chamada a tropa do comando de D. Diogo de Souza, tinha outros intuições bem declarados, que nada mais eram que meios indiretos de conseguir a fronteira tão ambiciosamente almejada. Não resta dúvida, com efeito, hoje, principalmente depois dos estudos e trabalhos admiráveis do General Souza Doca em “O Brasil no Prata”, de que a ocupação da Banda Oriental visava não apenas apoiar as pretensões de D. Carlota Joaquina à herança do Império Colonial de seu irmão prisioneiro e destronado, como preservar o Sul do País contra a anarquia da caudilhagem desenfreada, que ali dominava de modo absoluto. Tanto que, dirigindo-se à Junta de Buenos Aires, por intermédio de Souza Coutinho, D. João VI prevenia seus membros de que adotaria os meios que julgasse necessário “para que a chama da guerra civil não se estendesse aos seus domínios”. Foi, todavia, sómente depois que a Espanha voltou novamente à sua tradicional dinastia, com a queda de

Napoleão, que D. João VI realizou, efetivamente, a intervenção na Banda Oriental, conquistando-a para a sua Coroa e tornando em realidade o velho sonho da corte portuguesa. E, realmente, com a Divisão Lecór, após as vitórias de India Muenta, Catalan e Tacuarembó, que a administração portuguesa se firma em Montevedeu, não sem complicações diplomáticas e protestos de Buenos Aires e da Espanha, mas, de qualquer forma, pelo tempo bastante para fazer com que, em Tratado de 31 de julho de 1821, se firmasse a incorporação do Estado Oriental ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sob o nome de Província Cisplatina.

Com já, em 1819, o Cabildo de Montevedeu propuséra a Lecór um ajuste de limites, na linha divisória do Sul, como o general lusitano tinha instruções de seu governo para tratar das questões de fronteiras, no pacto de incorporação da Cisplatina foram os limites fixados em um traçado cuja conservação, 30 anos mais tarde, daria lugar à guerra contra Oribe e Rosas e na qual ficaria definitivamente invalidado o celebre Tratado de Santos Ildefonso.

CONCLUSÃO

Eis assim recordadas, em linhas gerais, as origens do incidente de que resultou, para o Brasil, a herança da Cisplatina "como episódio novo da interminável série de intrigas de que fôra fértil a rivalidade entre Castela e Portugal."

A Independência recebe esse legado de precedentes tão agitados e, com él, na acertada expressão de um historiador, "a fatalidade inevitável de uma luta que a clarividência dos nossos melhores patriotas se empenharia em vão por evitar, contrapondo-se aos preconceitos dinásticos e às ambições da Coroa". E isso forçosamente, porque, de acordo com a lição autorizada de Calogeras, "nada se poderia conceber de mais artificial do que a união forçada de 1821 — três séculos de guerra entre Espanha e Portugal protestavam contra o estabelecimento das tropas de D. João VI à margem esquerda do Rio da Prata, em 1817".

Fábrica de Água Sanitária Cravo MANOEL DOS SANTOS

Fabricante das melhores águas sanitárias CRAVO, NEVE E SOL
Poderoso desinfetante para lavar roupas, assosilhos,
utencilios de cozinha, etc.

Rua Senador Bernardo Monteiro, 50 — Telefone 48-5741
RIO DE JANEIRO

Marechal José Bernardino Bormann e General Augusto Tasso Fragoso

— Suas Vidas
— Suas obras

Pelo Gen. Bda. TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

— “Quem valorosas obras exerceita
Louvor alheio muito o esperta e incita”

CAMÕES

O Marechal JOSÉ BERNARDINO BORMANN, saudade luminosa da minha adolescência no Colégio Militar, de um General que, herói consagrado, era reliquia viva do passado honroso. Viamos-lo sempre nas solenidades ou nas ruas da cidade, sexagenário, mas ostentando juventilidade de quem houvesse descoberto oelixir da longa vida. Conhecemos cedo a sua vida, dedicada ao Exército e à Nação. Sabíamo-lo soldado desde os tenros anos, combatente de toda guerra do Paraguai, de Uruguaiana às Cordilheiras; alferes, tenente, capitão, presente com seus canhões a quasi todos os combates — URUGUAIANA — CURUZU — CURUPAITI — TUIUTI — SAUCE — HUMAITÁ — ANGOSTURA — ITORORÓ — AVAÍ — PERIBEBUI — NHUM-GUASSU — GARAGUATI — etc. Condecorado por ato de bravura e também por espírito humanitário quando em CURUZU se transformou espontaneamente em enfermeiro de coléricos.

No remanso da paz, sabíamo-la engenheiro, bandeirante, desbravador de terras, cientista e ocasionalmente político. Alcangara, na época em que o conhecemos, os mais altos postos do Exército — Ministro da Guerra e Ministro do Supremo Tribunal Militar. Ainda mais, foi por seu intermédio que tomamos conhecimento completo da História da Guerra do Paraguai, através dos três volumes do seu trabalho, que a nossa curiosidade descobriu na estante de um parente e que, mesmo com a incompreensão da inexperiência, devoramos sofregamente, de fio a pavio.

Dos primeiros passos da minha carreira de oficial datam a amizade e a veneração por AUGUSTO TASSO FRAGOSO, obreiro e mestre que nunca será esquecido e que não terá substituto nesta casa e por ESTEVAM LEITÃO DE CARVALHO que escolhestes para dar-nos boas vindas.

TASSO FRAGOSO pertence à geração que fez a República, com o idealismo, a coragem e o desprendimento dos verdadeiros patriotas. Por isso, ninguém se admirará que seja, em sua longa vida um *esteta de atitude e gestos nobres*. O jovem oficial que, nos primeiros anos da República, recusará situações políticas vantajosas, será o General encanecido mas prestigiado por seu valor moral e profissional, que saberá manter-se sobranceiro às competições partidárias, defendendo os interesses do Exército em face de agitações subversivas. Não podemos fugir ao prazer de repetir-lhes os próprios conceitos referindo-se ao ambiente de Escola Militar da Praia Vermelha de 89:

“— Quando, ao cabo de dois anos de aprovações plenas no Curso Superior, ganhava o estudante o título de alferes-aluno, lia-se-lhe na fisionomia o intenso júbilo da vitória alcançada únicamente pelo labor honesto e perseverante. As estrelas que encimavam os galões e a banda vermelha eram pompeadas com desvanecimento. Não havia glória maior do que ascender sem pedir, do que chegar ao primeiro degrau elevado da jerarquia militar sem aviltamento de caráter nem preterição de companheiros...

Não se pode avaliar o nosso desprezo pelos que faziam da política um campo de exploração pessoal e se valiam das posições para satisfação exclusiva de sua vaidade ou de suas conveniências.

“Queríamos ver extinta a raça dos que sobem matreira e hipocritamente às culminâncias do poder e uma vez aí esquecem os seus deveres e as promessas formuladas e não se correm de violar direitos sagrados de seus compatriotas, estorvar-lhes a vida serena, empecer o progresso do país em todos os ramos de sua atividade e afinal desacreditá-la no estrangeiro...

É preciso ter vivido nessa época e ter conhecido esse ambiente para aquilatar a justa, a elevação da maioria dessa geração republicana de militares e civis, que batalhavam com inquebrantável fé e absoluto desprendimento para redimir os cativos e implantar a República no Brasil”.

Assinalamos aqui, em largos traços, as atitudes e gestos de sua vida por demais eficiente e bemfazeja, menos pelo desejo de vos edificar do que pelo prazer de remorá-los na homenagem e na saudade.

— ALMA DE SOLDADO

Renuncia ser deputado para que fôra eleito, como não aceita ser Prefeito do Distrito Federal e Ministro de Estado, por lembrança pessoal de FLORIANO. O seu ideal era permanecer soldado apenas. E de como o seria, deu provas logo em 1894, batendo-se bravamente no combate da PONTA DA ARMAÇÃO, no qual caiu gravemente ferido. Isso valeu-lhe a promoção por bravura. E de como o seria tivemos provas, já em nossos dias, em sua atuação nos comando de tropa, nos quais, foi não só o chefe dinâmico progressista, inovador e mestre de seus homens, como também o melhor executante, a ponto de um dos seus comandados de então lembrar que o seu Comandante

“— era o melhor Tenente do Regimento, que conhecia perfeitamente todas as partes da instrução e as praticava e ensinava com rara proficiencia.” (*)

Mais tarde, na chefia do Estado-Maior do Exército excedeu-se nessa característica. Tivemos-lo inúmeras vezes, ao sol e à chuva, ao nosso lado, nos exercícios de Pelotão da Escola de Sargentos de Infantaria, qual Tenente como nós, a estimular-nos e a orientar-nos no seu entusiasmo pelos conhecimentos que a Missão Militar Francêsa nos transmitia. Era assíduo aos trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, de Estado Maior e Escola Militar, onde sua presença valorizava os cursos e onde sua palavra trazia sempre o tom do ensino apropriado e a sanção da autoridade emanada da cultura e da elevada função. Sobretudo, dava vida e alma às Manobras de Quadros do Exército, aqui, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, em Mato Grosso, e em Minas, durante anos seguidos, levando consigo quasi todos os Generais, a quem oferecia oportunidade para consolidarem conhecimentos na prática das decisões e para firmarem autoridade provinda da ascendência profissional. Sua opinião, fruto de cultura, de estudo, de meditação, de raciocínio e de senso objetivo dos nossos problemas, era acatada pelos mais abalizados mestres franceses, inclusive pelos dois que mais se impunham entre nós, o General MAURICE GAMELIN e o Coronel DEROUGEMONT. Dir-se-ia que todos respeitavam a personalidade do General TASSO FRAGOSO; e era pura verdade.

A sua atuação como chefe militar à testa do Estado-Maior do Exército ainda está a pedir o estudo minucioso e desapaixonado de quem possa devassar os arquivos sigilosos do órgão capital de nossas forças de terra. Os estudos, ante-projetos, as observações, as críticas sobre os mais complexos trabalhos de preparação da guerra, muitos da

(*) — Palavras do Gen. IZAURO REGUEIRA — Conf. sobre o Gen. TASSO FRAGOSO pelo Cel. PERY BEVILACQUA.

lavra do chefe e outros por élé orientados, deporão a favor de seu zélo, de sua honestidade profissional, da conciênciia de sua responsabilidade, do cabedal copioso de seus conhecimentos do problema brasileiro, do seu desprendimento. A élé nunca se poderá imprecar de

“não ter cuidado”

no tocante às medidas de segurança nacional, pois muito fez para que o Estado-Maior do Exército realizasse a sua tarefa de projetador da Segurança Nacional.

— *O PREPARO TÉCNICO*

A sólida bagagem científica, haurida na Escola e desenvolvida no amor aos livros permitiu-lhe notável realce na Comissão CRULS de demarcação do território reservado ao Distrito Federal, na Carta Geral da República, na Comissão de aquisição de Armamento na Alemanha, na de Fortificações e na Diretoria de Material Bélico. Seus trabalhos despertaram a atenção dos técnicos estrangeiros e mereceram deles francos elogios.

E mesmo quando mais tarde absorvido, por força de elevadas funções, em atividades de outra ordem, era de ver a segurança com que enfrentava as mais variadas questões de cultura técnica. Somos testemunhas de suas incursões nos domínios da Balística, da Química, etc., durante a elaboração de regulamento de tiro, no estudo de propostas de Fábricas de Munições e Explosivos ou em visitas à Escola Militar. Nesta, principalmente, não se continha à ânsia em auxiliar os outros e em orientá-los com a sua experiência. Vimo-lo ali, por vezes, tomar a palavra e completar a aula, esclarecendo o assunto em curso com clareza e objetividade qual professor perfeitamente em dia com o seu programa.

Tudo isso sem que se chocassem essa cultura politecnica e a cultura geral que, pondo em exercício todas as faculdades do espírito, alarga os horizontes do pensamento, e desenvolve o senso de equilíbrio, de medida e de oportunidade, que só é peculiar aos homens cuja cultura se transformou numa soma viva ou numa síntese das experiências ou das reflexões da humanidade.

Ficou-nos, como símbolo dessa cultura, a sua biblioteca, que o sentimento patriótico de seus filhos doou à Escola de Estado-Maior.

— *O DIPLOMATA E O HOMEM DE SOCIEDADE*

TASSO FRAGOSO destacou-se nas suas comissões no estrangeiro.

Adido militar na República Argentina, e em outras comissões diplomáticas fez-se querido pelo trato e respeitado por suas altitudes e pelo valor profissional. Acompanhou altas personalidades em visita no país. Era ouvido com o maior acatamento em todos os meios cultos. Não há melhor depoimento do que o do Exmo. Sr. General JOSÉ PESSOA por ocasião de sua morte:

“— . . . E numa evocação de outros tempos, estou a vê-lo a meu lado como companheiros que fomos designados para acompanhar o Rei ALBERTO I da Belgica e a Rainha ELIZABETH, em sua visita ao Brasil, após a Grande Guerra. Sinto reviver em mim a admiração e o orgulho com que acompanhei os seus triunfos naquela ocasião. Imponente, vibrante, falando vários idiomas, dispondo de uma cultura geral primorosa, abordava com identico “savoir faire” todos os temas focalizados, com a ojetividade de uma grande cultura e a finura do homem de sociedade. De volta à Europa, no convocado São Paulo, pude ouvir do Rei-Soldado estas palavras à personalidade de TASSO:

“— O Brasil têm nele um soldado capaz de ser um grande Chefe em qualquer Exército.”

Por muito já nos tenhamos extendido, continua inesgotável esse relatório de virtudes militares, cívicas e privadas, que constitue a vida de TASSO FRAGOSO.

“— À proporção que avançamos na vida ao arreio da corrente do tempo e que ele nos abandona fugidio, sentimos a persistência inflexível do impulso vital. Muitos dos que sucumbem nessa afanosa peregrinação, balisando a nossa trajetória, apenas desaparecem objetivamente, pois continuam presentes em nossa imaginação que passa a transmitir, de cérebro em cérebro, a recordação de seu concurso prestadio para amenizar-nos a existência e as agruras da nossa jornada misteriosa. Destarte os imortalizamos e se depara meio de cultivar as saudades com que lhes lamentamos a ausência.”

TASSO FRAGOSO

Vamos além dos conceitos do inclito varão.

Recordarmos-lhe é certo, a vida prestadía que ele próprio imortalizou e mais do que a saudade será perene o reconhecimento de sua influênciia benfazeja ao Exército, o qual ganhará relevo crescente, na glorificação de um grande vulto nacional.

A OBRA HISTÓRICA DE BORMANN

Pode-se dizer ter sido infatigável o esforço de JOSÉ BERNARDINO BORMANN para doar aos seus patrícios a narração comentada das nossas campanhas do Prata.

Coube-lhe, desde cedo, tradução do 3.º volume da História da Guerra do Paraguai do Conselheiro SCNEIDER (Caps. XXII à XXXIII), a qual foi apresentada ao então JUCA PARANHOS, futuro BARÃO DO RIO BRANCO por uma carta do DUQUE DE CAXIAS. Desse trabalho surgiu provavelmente a decisão de elaborar a História completa da campanha, a qual veiu à luz em 1897, em obra de folêgo. Dela disse TASSO FRAGOSO:

“— É livro que um brasileiro lê com prazer. Néle palpita invejável patriotismo, ardente amor à verdade e justo respeito a quantos participaram nessa prolongada guerra.

BORMANN rebate com vantagem as críticas injustas e os remoques descabidos que certos escritores platinos costumam lançar contra nós.”

Da oferenda com que abre sua copiosa obra, já se entremostra a finalidade limitada de seu empreendimento, sem que por isso lhe mingue a extraordinária valia. Pondo ao alcance de todos

“— as fontes mais puras, como os documentos oficiais, a imprensa séria e imparcial do tempo em que se desenrolaram os acontecimentos e o testemunho fiel dos homens que tiveram a fortuna de militar nas fileiras da cruzada contra a mais extraordinária das tiranias.” (sie)

o nosso patrono, historiador da velha Escola, simboliza o homem do microscópio, de que nos fala LUDWIG em “Gênio e caráter” de quem os historiadores da Escola Moderna bem dizem o abnegado trabalho de investigação, de classificação e de crítica, sem o qual estes últimos nada chegariam a realizar.

BORMANN lega-nos, assim, verdadeiro “Diário de Marchas e Opeações” de toda a campanha, a cuja maior parte esteve presente, sempre obedecendo à ordem cronológica, abundante de pormenores e entremeados de notícias e comentários de fatos políticos e diplomáticos relacionados com a guerra.

Embora nem sempre indiquem as fontes de informações, estas, na sua quasi totalidade, são confirmadas pelo que existe em outros depoimentos e nos arquivos; aspecto que empresta grande valor ao trabalho de critica a que se entregou o historiador, no estabelecer a autenticidade e a credibilidade do fato histórico, guiado pela própria sinceridade.

A sinceridade de BORMANN leva-o à busca da verdade, verdade e só verdade. Muitas vezes, contudo, não pode ser indiferente às próprias influências dos acontecimentos de que foi participante e dai alguns julgamentos servirem para provar que

“— o recuo do tempo é fator de imparcialidade”

— Como escrever a História do Brasil)

(Cons. ALENCAR ARARIPE —

Por isso mesmo a sinceridade e a franqueza estão nas próprias palavras do autor:

“— Historiando os fatos da campanha mais cruenta da América do Sul, não podemos deixar de externar a nossa opinião que felizmente temos visto partilhada por homens estudiosos, a respeito de acertos e erros das operações.

Dos acertos depende a vitória, ao passo que aos erros se prendem muitas vezes os grandes desastres ou pelo menos os triunfos caros e dolorosos que se assemelham às vitórias de PIRRHO.

Ao lembrar os fatos da gigantesca luta internacional, muitas vezes o coração quer absorver os erros que a consciência condena. A alma, às vezes, vibrante de patriotismo e entusiasmo, procura abrigar, sob suas azas, esses erros e voar com êles até às regiões em que se libram as inspirações sublimes da ciência da guerra; mas como não ser assim se êsses erros produziam colosso de heroísmo, pleiade de homens, cuja coragem, abnegação e valor são quasi sobrehumanos!!

“— Ah! se de alguns desses erros não brotasse tanto sangue; se êles não fossem um vasto manto de crepe que vai envolver umedecido de lágrimas, tanta viuvez e orfandade; êsse erros mereceriam os aplausos, a aprovação de um povo inteiro, porque embora rociados de sangue, irrompem deles espadanas fulgurantes de glória, que são o orgulho da geração presente e o legado de heroísmo que passará às gerações do porvir.”

Em obras dessa natureza, atulhadas de datas e nomes por necessidade, nem sempre há lugar para

“— a colaboração da poesia com a erudição”
como quis e praticou EUCLIDES DA CUNHA, nem para

“— a coexistência da razão e da fantasia”
como ensinava MACAULAY.

No relato exato, minucioso e glacial, há, contudo, verdadeiras claras em que se reafirma ser

“— a história uma criação da consciência de quem a escreve, como interpretação, que deve ser, do que pensaram, e quizeram os mortos”

no dizer primoroso de ALCANTARA MACHADO.

Contemplemos as pinceladas fortes deste quadro:

“— O diplomata estava pálido de comoção e consternado diante do quadro que contemplava, pois, o assalto ainda não tinha começado e já centenas de soldados e vários oficiais, feridos pelos canhões inimigos, se achavam amputados!

Montões de braços e pernas estão ali esparsos; os nossos cirurgiões empunham os seus serrotos; outros as facas da amputação, com os seus aventureiros rubros de sangue; aqui um sacerdote, acolá outro, de joelhos ao lado do moribundo ou assentado no chão, ensopado de sangue, consolando a um ou recebendo o último suspiro de outro, no meio das preces que seus lábios balbuciam; lá uma padaria que chega e que traz um valente que vem mutilado do combate reunir àquele concerto de gemidos, de dores e orações, um viva à nação brasileira que parece reanimar as faces pálidas e macilentas do agonizante!

O Ministro ali está diante daquela cena sublime de patriotismo, de dever, de religião, de dores e de glória! Ele consola também.

Alguns o encaram fixamente; mas com o olhar embaciado pela morte; outros a quem a perda de sangue ainda não levou a esta espécie de indiferença que traz o desfalecimento, parecem dizer-lhe:

“— ... podeis dizer à pátria que o soldado brasileiro sabe lavar com o próprio sangue os êrros da política de seu governo!”

Há na obra de BORMANN o ressaibo de um patriotismo agressivo e quiça irreverente, maxime quando analiza a política da guerra, as questiúnculas entre chefes e a imprevidência dos governos.

Assim, por exemplo, ao historiar a campanha do Uruguai de 1864, em que a feição diplomática e política avulta sobre a militar, quasi nula, ele depõe com franqueza, às vezes rude, sobre as decisões, atos, gestos e atitudes dos homens públicos brasileiros e orientais, para que se possa fazer juízo da Política de Guerra do Governo Imperial. No emaranhado de documentos, de depoimentos e de opiniões que têm feito correr tanta tinta em torno desses acontecimentos, acentuado valor possuem a opinião e as reminiscências deste experimentado varão, sobretudo as advertências repetidas para que não se descuide da segurança nacional.

Dos inestimáveis serviços prestados ao Brasil, na paz e na guerra, durante cerca de 50 anos, sobreleva esse notável e sereno esforço de reconstituir o passado para orientação do futuro-serviço que esta casa e também o magno INSTITUTO HISTÓRICO e GEOGRÁFICO DO BRASIL não permitem, com justiça, seja olvidado.

A MONUMENTAL OBRA HISTÓRICA DE TASSO FRAGOSO

Um dos mais jovens membros deste INSTITUTO e dos mais dados à análise bibliográfica, em que se há sempre com senso crítico esclarecedor e construtivo, embora, às vezes, percutiente e desabusado, aqui reconheceu um monumento na obra de TASSO FRAGOSO. (*)

Não se poderia ser mais feliz no sintetizar uma apreciação. Monumento na visão magestosa de conjunto harmonioso. Monumento no lavour artístico e custoso de todas as suas peças, na evidente confirmação de que, sem perder o cunho da ciência,

“— a História continua sendo uma arte”;

como disse BURCKHARDT; embora nela, na obra de TASSO, não haja apêlo

“— ao manto diáfano da fantasia”;

da frase de EÇA, fantasia que LUDWIG empresta aos grandes historiadores que se chamaram BURCKHARDT, MOMMSEN, CARLYLE e MACAULAY.

Qualquer que seja o conceito da História, e por grandes que se apresentem as divergências entre os historiadores, os filósofos e os sociólogos acerca da natureza, do objetivo, do conteúdo e dos métodos desta ciência, não se pode constentar que seu elemento fundamental

“— o fato”

na triplex expressão contingente, necessária e lógica e que, não só na investigação dos fatos históricos mas nas consequentes operações de síntese erudita e de síntese científica (dedução das leis), o historiador aspira, acima de tudo, ao conhecimento da verdade sobre os acontecimentos do passado humano. Bem sabemos que nada existe de absoluto, nem sequer a verdade, e que acerca do mesmo fato — até quando passado no nosso tempo — se produzem tantas versões, ou sejam tantas verdades quantos são os observadores, não só porque os aspectos mudam conforme posição em que esses observadores se colocam, mas porque cada um possue a sua sensibilidade, a sua visão especial e, sobretudo, porque as paixões são inevitavelmente deformadoras dos acontecimentos.

Mas, por isso mesmo, ao historiador compete pesquisar a exatidão dos fatos até o ponto em que ela pode ser cientificamente verificada, acompanhando de provas as suas afirmações, apresentando todas as dúvidas que lhes suscita a eurística dos documentos, não desprezando pormenores que ulteriores interpretações possam utilizar e — acima de tudo — não se desviando do espírito de rigorosa objetividade que deve presidir a todas as operações da História — (JULIO DANTAS):

(*) — HUMBERTO PEREGRINO — Discurso de posse

TASSO FRACOSO, ciente das dificuldades de determinação da verdade, a ela dedica absorvente e desinteressadamente,

“— em longos anos de pacientes investigações, levadas a efeito nos arquivos do país, onde o ilustre militar colheu copiosa documentação do mais alto valor histórico, quasi toda da época, em grande parte redigida por testemunha ou atores dos acontecimentos, e de cuidadoso exame de toda a bibliografia existente sobre o assunto no Brasil e no estrangeiro”,

como bem assinalou **LEITÃO DE CARVALHO** em “A Defesa Nacional”.

Em “A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO”, “A HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI”, “A REVOLUÇÃO FARROUPILHA” e outros escritos, há sempre a mesma preocupação de restabelecer a verdade, pondo tudo a limpo com provas confrontadas de todas as fontes, para concluir com serenidade e justiça.

Na primeira, “A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO”, ao nosso ver a obra capital, porque nela se definem as características marcantes do historiador abalizado, é ele próprio quem diz:

“— Esforcei-me por ser tão sereno quanto se pode ser em questões dessa natureza; manejei a pena pedindo inspiração aos meus sentimentos de verdadeira estima aos vizinhos com quem no passado tivemos lutas.

Consultei todos os documentos acessíveis e na medida em que me permitiram os meus deveres profissionais. Não me corri de beber em todas as fontes, ainda as mais humildes, sem nenhuma preocupação de as dissimular, antes com o firme propósito de tornar bem patente que apenas elaborava modesta compilação . . . e por isso me escondi à sombra delas (testemunhas) sempre que pude”.

Só a modestia inata poderia permitir ao historiador, em sua primeira produção de fôlego, semelhante proémo. O leitor consciente chegará, em breve, a negar essa premissa.

O próprio plano da obra revela a elevada concepção da finalidade e das diretrizes da História, plano que se consolidará, em seu delineio seguro e vasto, nas obras seguintes.

Jovem ensaista de problemas sociais e históricos disse algures:

“— O estudo dessa História Militar (do Brasil) não dispensa os recursos inestimáveis que lhe fornece para a compreensão do quadro de desenvolvimento dos fatos, a apreciação dos fatores subsidiários, por vezes importantíssimos,

contigurados na geografia, no panorama político, na organização social de cada um dos países em conflito... A História Militar brasileira muito têm padecido desses defeitos, de sorte que não têm sido explorada, como podia, para ensinamento atual, com vistas ao presente e ao futuro, . . .”

(Cap. NELSON WERNECK SODRÉ)

Esquecendo-se das ressalvas, principalmente quanto aos três grandes sacerdotes da nossa História Militar — RIO BRANCO — TASSO FRAGOSO e GENSERICO DE VASCONCELOS — o juízo acima extremou-se em injustiça, pois estes três magos excedem nos debuxos do ambiente geográfico e social e dos antecedentes históricos para que fiquem convenientemente situados os acontecimentos.

A síntese da História Pátria bosquejada na primeira parte de “A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO”, com 126 páginas, impõe-se aos estudiosos pelo delineamento seguro com que ensina a marcha da conquista da Terra, e expansão econômica para o Norte, para o Oeste e para o Sul, a luta guerreira e diplomática pela dilatação das lindes, em busca do Paraná e do Prata; estudo que leva o leitor à conclusão de OLIVEIRA VIANNA, oposta à lenda da nossa política imperialista no Prata:

“— a história das guerras platinas não é senão a história das garantias militares de nossa expansão social!”

A segunda parte do livro, com inúmeros anexos, é reservada ao estudo da guerra contra os orientais rebelados e contra a Argentina. Aí, o teatro de operações terrestres e navais, as ações preliminares, os planos de manobra dos dois exércitos e a marcha para a batalha são desenvolvidos e apreciados à luz de cultura militar sadia e sincera. Mas é, na descrição da batalha, fartamente documentada e ilustrada com cartas topográficas, e nos comentários sobre a estratégia e a tática dos contendores, que o senso crítico, a intuição e a erudição de TASSO FRAGOSO o sagram verdadeiro historiador. Bate de rijo nas disposições tomadas pelos adversários; esmaga a pretensa concepção napoleônica que mais tarde alguém quiz emprestar à manobra de ALVEAR; põe à mostra a maneira incompreensível por que BARBACENA travou a batalha, violando o princípio do escalonamento em profundidade; afirma corajosamente que:

“— a impressão colhida no exame imparcial do mecanismo de nossas disposições, é que não fomos dirigidos por um General da envergadura de CAXIAS, ou então que não tivemos nenhuma direção”

o que se lhe afigura mais provável: mas não deixa de ressaltar a bravura do combatente brasileiro e principalmente da Infantaria, que ali

se bateu de modo brilhante. As conclusões de seu estudo, à luz da ética militar moderna, levantarem e ainda provoem celeuma, porém delas brotam sempre ensinos de grande utilidade, mesmo para quem ainda hoje teme em ser barbacenista.

Dificilmente haverá quem venha a superar TASSO FRAGOSO no esforço pela verdade sobre a BATALHA DO PÂSSO DO ROSÁRIO. Este livro será em qualquer época um grande livro.

Os cinco volumes da HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI seguem a mesma técnica anterior, já agora aperfeiçoada graças à documentação mais vasta e mais à mão e a messe de observações acuradas, a que se juntaram ensinamentos hauridos no estudo da Guerra 1914-18, acerca da tática e da estratégia de la decorrentes.

Como já apontamos, LEITÃO DE CARVALHO, tempo atrás, passou em revista, pela "A DEFESA NACIONAL", tôdas as páginas desse monumental livro. Proporcionou-nos aí verdadeiro roteiro que orienta e facilita a sua leitura e a sua compreensão. Os comentários do confrade ilustre estariam aqui bem a propósito, não fôra o receio de alongar a massada desta nossa arenga. Não nos contemos que não vos lembremos alguns excertos em que à explanação clara e documentada junta-se o acerto do comentário apropriado e do ensino útil. O estudo dos planos de operações, realmente elaborados ou supostos, bem como as reflexões acerca das primeiras operações paraguaias e aliadas, contém lições proveitosas para a escolha de objetivos e direções estratégicas, exemplificadas nos erros iniciais de LOPEZ, com suas colunas excêntricas, sem ligação entre si e de repercussão singular nos resultados; na quasi perfeita acordância dos planos de MITRE, de CAXIAS e de PIMENTA BUENO; sobre a escolha por MITRE de uma zona menos favorável às operações por interferência de fatores não exclusivamente militares; quanto à falta de aferramento ou do contato do inimigo; e ainda no tocante às dificuldades advindas do terreno, da constituição das forças e da máquia de informações.

Em quasi tôdas as batalhas há reflexões do teor:

"— O problema de CAXIAS é agora assenhorear-se desse conjunto (posição de PIKISSIRI). Como projeta manobrar para consegui-lo? Do seguinte modo: atacar

"— ITA-IBATÉ e as trincheiras de PIKISSIRI que serão tomadas pela retaguarda; entremes vigiar ou mascarar ANGOSTURA. Era essa, evidentemente, a melhor solução. A coxilha uma vez conquistada, todo o resto cairia por si. A tomada simultânea da linha de PIKISSIRI acarretava a abertura da estrada de PALMAS e destarte facultava drenar dai para o norte, si houvesse mister, a força que

guarnecia esse ponto... Quanto ao ataque de ITA-IBATÉ, salta à vista pelo só exame da carta que o esforço principal devia ser exercido pelo lado de leste. CAXIAS teve sem dúvida a intuição dessa verdade, pois lançou desse lado grande parte da nossa cavalaria, mas logo depois reduziu-a e atirou-se no primeiro momento com toda a infantaria justamente pelo lado oposto".

Parece que se está ouvindo um professor de Tática de nozes Escolas atuais na dissertação de um caso vivido. Assim TASSO FRAGOSO os induz naturalmente a interpretar melhor o passado pelo presente, em deixar de ver aquele em sua configuração temporal, isto, é, no seu tempo, no seu ambiente físico e moral.

Muitos dos nossos oficiais instrutores vão beber nessa fonte ensinamentos de casos vividos ou concretos para ilustrar princípios e processos táticos e estratégicos. Um dos mais ilustres confrades deste INSTITUTO, o Coronel HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO teve ocasião de empenhar-se com rara maestria em estudos dessa natureza para evidenciar a utilidade da obra de TASSO.

Toda essa vasta obra se multiplica em lições sobre lições, que se somam numa só grande lição — a serenidade e equanimidade do seu julgamento, a gratidão imprecável aos nossos guerreiros do Paraguai e o extremado porém refletido e objetivo patriotismo do saudoso mestre.

São suas palavras de fecho:

" — Tem-se procurado determinar a quem cabe a responsabilidade do conflito armado. Muitos, até no Brasil, nela atribuem de modo excessivo. Para esses tudo se deve desculpar a LOPEZ, e nada aos brasileiros e Argentinos.

Esta apreciação sempre se me afigorou injusta, embora eu pertença ao número dos que tributam sincera estima e admiração ao povo paraguaio e lamentam de todo o coração a guerra em que nos dilaceramos... Porém sempre se me afigorou balda de justiça a sentença que fazia de nós os únicos culpados...

Também nunca pareceu digno que brasileiros condenessem a guerra do modo que cobrissem de baldões os seus compatriotas participantes. Ainda que recaisse sobre nós toda a culpa do drama sangrento, não havia razão para amaldiçoarmos os milhares de brasileiros que foram à terra estranha e longinqua com absoluta boa fé e sinceridade e, ali, em meio inhospito, sem o mínimo conforto, metidos nos banhados ou nas selvas, pagaram com a vida o seu amor e fidelidade ao Brasil."

Por último a advertência final:

“— Si o ciclo do martírio humano gerado pelas lutas fratricidas não está fechado, aproveitemos a grande lição que nos proporcionou o Paraguai; não esqueçamos nunca quão proveitoso será para a defesa de nossa terra um entranhado patriotismo e um aproveitamento oportuno e racional do terreno”.

Não ficou por aí a opérosidade de TASSO FRAGOSO. Deixou-nos vários trabalhos esparsos de crítica militar e, por último, “A REVOLUÇÃO FARROUPILHA”. Encontram-se nesta o mesmo método, a fartura de documentação, os mesmos processos de análise, a ilustração cartográfica e as reflexões doutas e oportunas. O estudo do ambiente psicológico e social é versado para apontar a convicção de que a revolução fôra simples elo da cadeia dos movimentos de rebeldia com que o Brasil aspirou libertar-se do domínio de PORTUGAL e do regime monárquico, procurando assim emprestar aos farroupilhas

“— o incomparável idealismo que animou a ação desses combatentes destemerosos”.

e destruindo, como já havia feito o Conselheiro ALENCAR ARARIPE, a pecha de separatistas, com estas palavras:

“— Não há nela (na Revolução Farroupilha) sintoma de anti-brasileirismo que a leslustre, como não o houve, por exemplo, na Confederação do Equador, em 1824. O rompimento com o Império obrigava a Independência, mas nem os Farroupilhas nem os Pernambucanos queriam marchar sozinhos para o seu novo destino, senão que convidavam as demais províncias a acompanhá-los.”

Bem claro é aí o intuito do historiador que, das controvérsias em torno da aparência separatista, democrática e republicana da revolução, canalizou os melhores resíduos para o fortalecimento

“— do fator psíquico que modela desde os primeiros tempos as nossas almas para que sejamos brasileiros.”

É de ver que há então acentuada tendência utilitarista da História para exaltar o orgulho pátrio e consolidar a armadura moral da Nação. A essa finalidade não convém ver a origem da revolução nas rivalidades de influência provincial e nos átos pouco justos do governo central, os quais provocaram a desobediência que se transformou em rebeldia declarada; nem a falta de legitimidade da República presu-

do arbitrio dos poucos caudilhos chefes da rebeldia; nem tão pouco a negação da democracia, com a incompetencia dos caudilhos para a ordem civil, com o regimen exclusivamente militar, em que dominava a voz do soldado, com a violencia, sem liberdade e sem justiça (Conselheiro ALENCAR ARARIPE).

Seja de que maneira for, a Revolução dos Farrapos converteu-se para o Brasil em grande bem.

“— A revolução foi, a-pezar de tudo, uma formidável escola de patriotismo”.

Não basta que tenha sido verdadeira “escola de guerra” para os que haviam de defender os brios e a honra do Brasil em face de tiranias arrogantes. Ela servirá para afastar de vez o extremo-sul do

“— vínculo fundo e permanente que sempre existiu e ameaçava permanecer, até quasi os nossos dias entre a evolução e a formação das províncias do Sul e a formação e evolução dos estados limites

(Panorama do Segundo Império — N. WERNECK SODRÉ)”

TASSO FRAGOSO acompanha os fluxos dos revolucionários, em suas idéias e sentimentos, em seus gestos políticos e em suas atividades militares, respigando os informes de ALENCAR ARARIPE, VARELA e outros apresentando tudo no seu dizer ático e atraente e acabando por exaltar a atuação político-militar do então Barão CAXIAS. Este seu livro vale, sobretudo para nós militares, como peça de meditação acerca das condições das operações no RIO GRANDE DO SUL. Os fatores terreno e meios mantêm ali uma tirania persistente, como vem provar-se mais tarde nos movimentos de 1893 e de 1923.

Todo nós que meditamos sobre o trabalho hercúleo a que se deu o abnegado membro desta casa, nos apercebemos da grande dificuldade que enfrentou para aliar a pesquisa da verdade com as correntes que desejam a História inteiramente prática, pragmática, pedagógica, política e quiça tendenciosa.

De que se houve muito bem em tudo isso, estamos todos certos.

Foi-lhe possível respeitar e explorar o valor pedagógico e a função educativa da História, como

“— memória coletiva e espontânea dos povos”

na expressão de características que definem e valorisam o patrimônio étnico e histórico.

Certa vez, o mestre JOÃO RIBEIRO, louvando a “HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL” de GENSERICO DE VASCONCELLOS, lastimou

que a exaustiva documentação prejudicasse a perspectiva geral; qual a impressão de edifício a que não se retirasse os andaimes.

Parece-nos não subsistir o reparo nos casos de GENSERICO e TASSO FRAGOSO, em que a análise e a discussão das fontes e conceitos, em busca da verdade, não obscurecem a síntese que destaca os fatos e imprime ao edifício as linhas mestras com que se realçam ricos adoros externos e se disfarcam as peças grosseiras da estrutura, da alvenaria e a própria argamassa.

Mesmo porque não se pode negar a TASSO FRAGOSO o conceito de KAERST, segundo o qual, o historiador não deve ser apenas frio colecionador de fatos, erudito reporter, porém um evocador, cuja mais nobre missão consiste em animar o passado pela força da

“— intuição viva”,

afim de fazê-lo compreender pelo espírito de seu tempo. E éle satisfez essa missão e para que ela persista, aqui o mantendes, em espírito, qual um pro-homem, que de pé à beira do conhecimento, sustenta o archote para compreender a vida e contribuir para o bem comum.

Revista do Comércio

E O ORGÃO DAS CLASSES PRODUTORAS

Mensário magnificamente ilustrado com mais
de 100 páginas

Publicidade e assinaturas 23-0601



O Melhor Roteiro Econômico do Brasil

ASSUNTOS DIVERSOS

BOLETIM

A 11 de julho último, em sessão solene do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, tomou posse na cadeira cujo patrono é o Marechal José Bernardino Bormann, o General Tristão de Alencar Araripe.

O discurso de recepção, pronunciado pelo General Estevão Leitão de Carvalho, um dos fundadores e primeiros colaboradores de "A Defesa Nacional", encerrou conceitos de grande valor, dos quais queremos registrar aqui o seguinte trecho:

"Só em meios sociais inconsistentes, a que faltam uma estrutura legal rija e uma tradição de honestos propósitos no encarar e resolver os grandes problemas da defesa nacional, é ainda possível, com efeito, elevar nos altos postos militares homens de meia cultura, investindo-os em funções de responsabilidade, das quais poderão depender a segurança e, mesmo, os destinos da pátria. O caudilho militar, de que foram férteis os tempos agitados da vida política latino-americana, requer meio adequado a seu surto e ação. Esse meio não é de forma alguma o que domina uma consciência generalizada dos benefícios proporcionados aos cidadãos pelo cumprimento da lei, como acontece nas civilizações adiantadas; é o terreno social frouxo, desgregado, sem os obstáculos de uma organização consolidada, a opor resistência às iniciativas dos aventureiros audazes. Nela não se pode formar o tipo de chefe militar que vemos figurar na vida pública das grandes nações modernas, impondo-se à consideração universal por sua discrição e saber".

Quanto ao discurso de posse em que o General Araripe fez o elogio do patrono de sua cadeira, o Marechal Bormann, e do seu inesquecível antecessor, o General Tasso Fragoso, figura em outra parte desta revista, quase integralmente.

-----*

A Biblioteca do General Tasso Fragoso, testemunho concreto de uma vida dedicada ao estudo e ao trabalho intelectual infatigável, é um monumento de cultura, método e sede de saber. Em uma invulgar altitude de elevação cívica, os filhos do que foi um dos expoentes máximos da oficialidade do Exército Brasileiro sob todos os pontos de vista, doaram tão precioso tesouro — precioso no sentido material assim como no afetivo — à Escola de Estado-Maior, que aquele grande vulto recém-desaparecido tanto ilustrou e prestigiou.

Em seu último número, "A Defesa Nacional", publicou o discurso de inauguração daquela Biblioteca pelo então Comandante da Escola de Estado-Maior, o General F. G. Castelo Branco.

Nessa ocasião foi também inaugurado, no recinto do salão em que doravante permanecerão os milhares de volumes assim incorporados ao acervo do nosso mais elevado estabelecimento militar de

ensino, em orimoroso retrato a bico de pena do General Tasso. Esse trabalho artístico é de autoria do pintor Prof. Miranda Junior.

— * —

A Diretoria do Clube Militar, eleita recentemente, empossou-se, sob a presidência do General Salvador José Obino, atual Chefe do E. M. E. Aqui fazemos votos para uma profícua administração que leve o órgão da classe a preencher todas as suas finalidades e a acorrer às múltiplas necessidades, não só de caráter social e financeiro, mas também de ordem material, da oficialidade do nosso Exército. Hoje, mais do que nunca, o Clube Militar poderá desenvolver um largo programa de iniciativas úteis e valiosas.

— * —

O "Memorial del Estado Mayor" da República da Colômbia, em seu número de janeiro-fevereiro do ano corrente, iniciou a publicação traduzida do trabalho do Coronel Artur Carnauba intitulado "Guerra de Secesão". Esse trabalho constitui uma série de artigos publicados originalmente pela "A Defesa Nacional" e depois reunidos em separado. Registramos o fato com os nossos cumprimentos ao digno camarada, por mais essa demonstração de reconhecimento do real valor de seu interessantíssimo esforço histórico sobre a campanha cruenta que marcou a definitiva consolidação da nossa grande amiga e aliada, a Nação Norte-Americana.

— * —

Um dos fenômenos que mais vêm agitando o mundo neste pós-guerra é o que diz respeito à imigração e à colonização. As migrações em massa ocorridas no último conflito mundial e nos anos que imediatamente o precederam, ultrapassaram tudo quanto antes já se vira, tornando ainda mais complexo o fenômeno. Prevocadas por força das operações puramente militares, decorrentes de perseguições raciais ou simples consequências do pânico coletivo — de qualquer forma elas trouxeram um desequilíbrio acentuado às condições de vida de inúmeros países.

Nos mesmos, na América, sentimos em certa parte os reflexos de tais perturbações sociais, devido à vinda de milhares de refugiados. Muita coisa há a estudar a este respeito.

O que nos leva, porém, a chamar a atenção dos camaradas, porém, é o vasto campo que essa matéria apresenta à reflexão e à pesquisa, no que diz respeito aos problemas da segurança nacional, afeitas diretamente.

Modificada há alguns anos a nossa política imigratória — em parte graças à inteligência viva e esclarecida de Miguel Couto e outros dignos estudiosos — sobreveio a guerra e, com isso, alteraram-se por completo os dados do problema.

Cumpre-nos agora, antes de pensarmos no estímulo à imigração — já se fala por aí na vinda de 500 mil imigrantes! — revermos nossos pontos de vista à luz da situação atual. Meditemos sobre os sérios aspectos da vida nacional que se relacionam com os recursos disponíveis, hipertrofia dos centros urbanos e o despovoamento das zonas rurais, e deficiência de nossa lavoura dia a dia se acentuando, a valorização do nosso próprio homem do interior, os nossos pontos nevrálgicos em matéria de transportes e comunicações, além de muitos outros não menos importantes, como os atinentes à formação de quistas raciais e à assimilação das correntes migratórias de origens anômalas em relação às da maioria de nosso povo.

Extrato do discurso proferido pelo General de Exército Diwght D. Eisenhower na Escola de Estado-Maior do Brasil, em 6 de Agosto de 1946

"Encontro-me na Escola de Estado-Maior entre colegas de profissão. Posso falar, então de maneira diferente da que tenho usado em outras ocasiões, aqui no Brasil.

Apesar de haver comandado grandes massas de tropas de diversas Nações, na guerra que findou, não pretendo dar-lhes conselhos ou realizar uma conferência sobre os problemas do Exército Brasileiro e como resolvê-los. Como bom oficial de Estado-Maior, que presumo ser, evitarei entrar na seára alheia e tratar de pormenores, que lhes são bastante conhecidos e que os senhores sabem mais do que eu...

Realçarei, todavia, os pontos que julgo básicos para a reorganização do Exército Norte-Americano neste após-guerra e a forma por que pretendo abordá-los e resolvê-los. Daí os senhores poderão tirar os ensinamentos que lhes parecerem úteis e escolher seus próprios processos de execução.

Considero como um dos grandes triunfos do sucesso das armas americanas o seu magnífico sistema de organização e de ensino militar. Graças à unidade de doutrina, conseguimos a unidade de ação. Na guerra, uma Divisão passava de um Corpo de Exército para outro, um Corpo de Exército era transferido de um Exército para outro e um Exército mudava de Grupo de Exército, sem que houvesse dificuldades na compreensão e execução das manobras. Precisamos, não só aprender bem a doutrina, como também ter confiança nela.

Em todas as guerras, aplicam-se princípios. NAPOLEAO estabeleceu uma série de princípios e muitos deles foram aplicados na última guerra. Não precisamos, porém, estar sempre voltados para o passado. Devemos estar voltados para a frente, lançados para o futuro.

Pretendemos ampliar o ensino militar, aumentando o número das escolas, inclusive de seus instrutores e alunos. Precisamos melhorar a qualidade das escolas, aperfeiçoando os métodos de ensino e selecionando e estimulando mais os que nelas instruem e aprendem. Vamos gastar na instrução, nos anos vindouros, mais do que gastamos em todos os anos anteriores à guerra. O sistema das escolas formará uma pirâmide, cuja base é a instrução do pelotão e o vértice é o



General Dwight Eisenhower

Alto Comando, e entre êsses dois escalões todos os problemas serão cuidados com a mesma atenção.

Não se trata de aprender únicamente a combater. É preciso

também estudar para discernir donde poderá vir o perigo, e, nessa ocasião, quais serão os amigos, com quem poderemos contar.

O quadro de oficiais é a alma de um Exército. Possuindo-se quadros bons, dificilmente poderá haver um mau Exército. Com maus oficiais, nunca se terá um bom Exército.

Deve-se estimular ao máximo o acesso rápido aos mais altos postos a oficiais que se mostrem dignos e capazes. Mas também se deve ser implacável para os que não o forem.

Sou partidário de que se dê aos oficiais recreação e trabalho. Si algum oficial Norte-Americano disser, porém, que não tem nada para fazer, será reformado ou licenciado o mais depressa possível. Pois, por mais que estude e reflita um oficial, jamais poderá dizer que não tem mais o que aprender.

Todo o chefe precisa de quem o possa e saiba criticar, se quiser progredir. Não serve o tipo de subordinado que com tudo concorda e diz: "Sim, sim, o Snr. é formidável!"

Todos os esforços devem ser feitos no sentido de dar à tropa uma sólida disciplina de combate. A pedra fundamental será a ambientação do soldado ao campo de batalha, conseguida através de exercícios com tiro real que acostumem o homem, progressivamente, a raciocinar e a agir nas condições mais próximas possíveis da dura realidade dos combates que marcaram o fim da última guerra. Esta disciplina é diferente da disciplina normal, que se traduz em demonstrações de cortezia e sinais de respeito, mas ambas estão intimamente relacionadas.

Pora nós, é assas difícil ensinar ao homem, que, durante a vida inteira, só aprendeu os deveres e direitos do cidadão de uma democracia, a disciplina ferrea da guerra, que dêle exige se submeta sem titubear às obrigações terríveis do campo de batalha.

Quero referir-me também ao incentivo às pesquisas científicas que se deve efetuar. Não apenas no que diz respeito aos aspectos materiais da guerra, do desenvolvimento de novas armas, mas também quando à fertilidade do solo, aos recursos económicos, ao estudo da psicologia e do conhecimento dos homens.

Para o futuro, pretendemos estreitar cada vez mais os laços de camaradagem que unem os Exércitos de nossas Pátrias, o Brasil e os Estados Unidos. É por isso que incluímos, na delegação militar que veio cooperar com o Exército Brasileiro o que possuímos de melhor no momento, a começar pelo seu chefe.

Por fim, um problema para os senhores. Não desejo retê-los mais nesta sala quando sei que estão ansiosos para retomar seus trabalhos escolares... O problema é o seguinte: se a Marinha, como penso ainda tem alguma coisa a fazer na guerra, porque, nesta reunião, só há oficiais do Exército e da Aeronáutica?

Dicionário Militar Brasileiro

(Continuação)

Cap. OCTAVIO ALVES VELHO

CABEÇA — 1 — Parte proeminente dos animais, e superior do homem.

2 — Parte superior e arredondada de qualquer corpo.

3 — Juizo, bom senso, talento.

4 — Memória.

5 — Lugar principal.

6 — Chefe, Responsável.

7 — Cimo elevado de um monte.

8 — A frente de uma coluna, cortéjo, etc.

9 — Começo, princípio, lugar inicial, ponto inicial.

CABEÇA da BIELA — Extremidade pela qual, em um motor, a biela se articula com a manivela; em seu interior trabalha o mōente da manivela. Divide-se em duas semi-conchas, uma fixa e outra amovível.

CABEÇA do EMBOLO — Parte superior, fechada, do êmbolo, em um motor, destinada a comprimir o gás e a receber a sua pressão de expansão. Pode ser plana, convexa, ou, raramente, côncava. q

CABEÇA da PISTA — V. *Cabeceira da pista*.

CABEÇALHO — 1 — Título de um documento. Frontispício de um livro.

2 — Conjunto de dizeres que encimam a parte inicial de um documento.

CABECEIRA — Origem de um vale, onde quase não se distingue a linha de talvegue. De acordo com as for-

mas que apresenta pode ser chamada: *circo* ou *anfiteatro*, *comba montante*, *pé de ganso*.

CABECEIRA da PISTA — Extremidade de uma pista de aviação na qual os aparelhos iniciam a corrida de decolagem ou de aterragem. Pode ser representada por uma ou outra das extremidades da pista, dependendo da direção do vento no momento da decolagem ou aterragem.

CABECEIRAS — Nascente de um curso d'água.

CABEÇO da PISTA — V. *Cabeceira da pista*.

CABIDE para ARMAS — Armação com prateleiras, nichos, ganchos, ou outros dispositivos, usada para guardar armas portáteis, protegê-las e impedir que sejam retiradas sem autorização.

CABINA — 1 — Espaço destinado à acomodação da tripulação e passageiros, nos aviões fechados.

2 — Aposento, num vagão ferroviário ou navio, para número reduzido de pessoas, e geralmente possuindo leitos (beliches).

CABO — 1 — Graduação das praças do Exército e Fôrça Aérea, intermediária entre "soldado" e "3.º sargento".

2 — Promontório.

3 — Tôpo.

4 — Extremidade. Fim. Terminal.

5 — Corda grossa.

6 — Linha telefónica ou telegráfica.

7 — Fio metálico, ou feixe de fios, empregado em serviços diversos como amarração, carga, transmissões, etc.

8 — Extremidade de um instrumento ou arma que serve para a empunhadura e manêjo.

CABO AÉREO — Linha telefónica ou telegráfica suspensa em postes, varas ou outros suportes.

CABO de COMANDO — É o que, num avião, estabelece a articulação dos lemes com as alavancas de comando. Dada a sua função especial, é geralmente do tipo flexível ou extra-flexível.

CABO ENTERRADO — Linha telefónica ou telegráfica colocada no interior de valetas escavadas no solo.

CABO EXTRA-FLEXÍVEL — Cabo metálico que possui 7 pernas, cada uma delas composta de 19 fios.

CABO FLEXÍVEL — Cabo metálico formado por uma série de grupos de fios de aço enroscados em hélice em torno de um grupo central. Possui 7 pernas de 7 fios cada uma.

CABO de GUERRA — 1 — Chefe militar ilustre, sobretudo quando se destacou em operações de combate. 2 — Desporto coletivo de força, que dois partidos disputam com o auxílio de uma corda grossa e resistente.

CABO RÍGIDO — Cabo metálico constituído por um grupo de fios de aço enroscados em hélice em torno de um fio central. Possui uma perna de 19 fios.

CABO SUBTERRÂNEO — Linha telefónica ou telegráfica disposta em passagens convenientemente preparadas sob o solo natural.

CABRADA — V. *Cabragem*.

CABRAGEM — Ato ou efeito de *cabrar*.

CABRAR — Consiste na ação de elevar verticalmente o nariz de um avião para uma posição acima da *linha de voo*.

CÁBREA — Máquina para levantar grandes pesos, tais como canhões. Consiste geralmente de uma verga ou mastro, mantido em uma posição ligeiramente inclinada por meio de cabos metálicos.

CABRILHA — Pequena cábrea.

CAÇA — 1 — Tipo de avião militar empregado na batalha aérea, geralmente em formações. Apresenta três tipos principais: *Caça de interdição*, *Monoplano de proteção* e *Multiplano de proteção*.

2 — Modalidade da Aviação Militar constituída de aviões de caça. Compreende a *Caça de proteção* e a *Caça de interdição*.

3 — Missão específica da Aviação de Caça, que consiste em combater as aeronaves adversárias em voo, bem como atacar as tropas terrestres em campo aberto ou ligeiramente abrigadas.

CAÇA-BOMBARDEIRO — Avião de caça adaptado para o transporte e lançamento de uma carga de bombas, sem que isto modifique sua estrutura essencial.

CAÇA de COBERTURA — 1 — Tipo de avião militar, terrestre ou costeiro, monoplano, mono ou bi-motor, muito rápido e maneável, de ascenção quase na vertical, e que age sob alerta partindo do solo.

2 — Parte da Aviação de Caça destinada a assegurar a cobertura de um Exército ou de uma determinada Área de Defesa Aérea. Constitui elemento fundamental da Defesa Anti-aérea.

3 — Missão específica da Aviação de Caça que consiste em: — buscar o inimigo aéreo fora do ponto ou região sensível a defender, para abatê-lo ou pelo menos enfraquecê-lo o mais possível; — atacar as tropas de desbarque inimigas, transportadas pelo ar ou pelo mar; — ocultar, à investigação aérea do adversário, os movimentos das tropas amigas; — interdizer certa zona do terreno às Fôrças Aéreas inimigas.

CAÇA de INTERDIÇÃO — V. *Caça de cobertura*.

CAÇA de PROTEÇÃO — 1 — Parte da Aviação de Caça que tem a missão de *Proteção*.

2 — Missão da Aviação de Caça que consiste em garantir a liberdade de ação das Fôrças Aéreas, Navais e Terrestres amigas.

3 — Categoria de avião de caça destinado à execução da missão de Proteção. Compreende dois tipos terrestres e costeiros — o *Monoplace* e o *Multiplace* de Proteção — e um tipo marítimo único. Este último é um monomotor, monoplano ou biplano de grande velocidade, que parte de porta-aviões e pode também executar a missão de bombardeiro leve.

CAÇADOR — Homem armado de fuzil e colocado numa posição disfarçada para fazer fogo de matar contra os soldados inimigos, ou para distraí-los ou retardá-los em sua progressão.

CACA-MINAS — 1 — Embarcação equipada com rédes ou cabos de arrasto, destinada a localizar e capturar ou destruir as minas submarinas lançadas pelo inimigo. 2 — Rólo compressor colocado à frente de um carro de combate com o fim de destruir as minas anti-carro colocadas no caminho pelo inimigo, fazendo-as explodir.

CACIMBA — V. *Bacia*.

CADEIA — 1 — Corrente.

2 — Encadeamento ou série de factos ou acontecimentos intimamente relacionados um com os outros.
3 — Prisão. Xadrez.
4 — Atadura de metal destinada a prender ou fixar alguma coisa.

CADEIA de COMANDO — Escala hierárquica.

CADEIA de MONTANHAS — Montanhas contíguas, de forma mais ou menos alongada, que ocupam grandes superfícies.

CADÊNCIA de MARCHA — Número de passos dados por minuto pelos soldados de uma tropa em marcha.

CADÊNCIA de TIRO — Número de tiros dados por arma e por minuto. Pode ser *lenta*, *normal*, *acelerada* ou *rápida*, de valores variáveis com o calibre e a especie de arma considerada.

CADERNETA de TIRO — Livro em que são registrados os resultados obtidos por um soldado na instrução de tiro ao alvo.

CAIDA de ASA — Figura de acrobacia aérea que consiste numa série de deslismamentos laterais sobre as asas, para um e outro lado, lembrando a queda de uma folha de papel.

CAIXA de MUNIÇÃO — Caixa construída para guardar munição e facilitar seu transporte.

CAIXÃO de AREIA — Armação de madeira cheia de areia com a qual se organiza um mapa-relêvo de determinada região, para auxiliar a instrução de topografia, de táctica, etc.

CALÇO — Peça de forma especial, geralmente de madeira, empregada para imobilizar no solo as rodas de um avião durante o lançamento do motor, quando o aparelho não dispuser de freio de estacionamento, ou para fixar uma viatura, canhão, etc. num vagão ferroviário, caminhão ou embarcação, durante o transporte.

CALDEIRÃO — V. *Bacia*.

CALMARIA — Ausência completa de vento. Nenhum movimento perceptível do ar.

CALORIA — Unidade de energia calorífica. Pode ser grande caloría ou pequena caloría.

CAMARA — 1 — Alojamento. Depósito.

2 — Parte interna de uma arma de fogo onde se aloja o projétil para o tiro.

3 — Aparelho fotográfico ou de filmagem cinematográfica.

CAMARA AÉREA — Câmara utilizada a bordo de aeronaves para tirar fotografias aéreas. Pode compreender uma lente simples, ou uma lente central e duas ou mais lentes oblíquas (câmara multi-lente).

CAMARA de ÁGUA — Espaço circular vazio compreendido entre a *camisa* e o *cilindro*, nos motores de arrefecimento pela água, e que estabelece contacto com o radiador por meio de tubulações apropriadas.

CAMARA de COMPRESSÃO — V. *Câmara de explosão*.

CAMARA de EXPLOSÃO — 1 — Em um motor a explosão, é o espaço compreendido entre o fundo do cilindro e a cabeça do êmbolo quando no ponto morto alto. Apresenta dois orifícios: — o de admissão e o de escapamento.

2 — Em uma arma de fogo, é a parte posterior interna onde se dá a deflagração da carga de projeção, cujos gases produzirão a força impulsionadora do projétil.

CAMARADAGEM — Espírito fraternal que caracteriza as relações entre militares. Lealdade e devotamento aos companheiros de armas.

CAMISA do CILINDRO — Espécie de sobrecapa de aço doce, alumínio, etc., que envolve o cilindro, num motor.

CAMPANHA — 1 — Conjunto de operações militares que constituem uma fase distinta de uma guerra. Pode tomar o nome do teatro de operações em que se realizou ou do chefe que a conduziu, ou ser designada pela data em que ocorreu.

2 — Tempo durante o qual uma tropa ou um militar tomou parte em operações de guerra.

3 — Campo.

CAMPESTRE — 1 — Próprio, peculiar ou relativo ao campo.

2 — Clareira coberta de pastagens.

CAMPINA — Planície cultivada ou que a isso se presta.

CAMPO — 1 — V. *Campina*.

CAMPO — 2 — *Zona Rural*.

CAMPO de INSTRUÇÃO — Aquele que é preparado, equipado e organizado para a realização de exercícios

diversos de instrução de combate e serviço em campanha da tropa, inclusive de tiro real. Geralmente tem órgãos de direção e administração próprios.

CAMPO de OBSERVAÇÃO — Zona demarcada pelas linhas que limitam à direita e à esquerda o espaço percebido pelo observador, situado em determinado observatório, à simples vista ou com instrumentos.

CAMPO de POUSO — Extensão de terreno convenientemente preparada para o pouso e decolagem de aeronaves.

CAMPO de POUSO de EMERGÊNCIA — Aquele que, embora não haja sido preparado para pouso e decolagem de aeronaves, serve eventualmente para este fim.

CAMPO de TIRO — Área batida pelo fogo das armas de uma unidade, ou apenas por uma determinada arma.

CAMPO de TIRO da BATERIA — Técnicamente, abrange todo o terreno que as características do material da Bateria considerada permitem bater eficientemente. Usualmente, refere-se ao conjunto das zonas de ação normal e eventual, no qual, de acordo com as ordens superiores, deve a Bateria empregar todo o seu poder de fogo; todas as peças devem estar em "condições de bater-lo.

CANAL — 1 — Via navegável estreita.

2 — Pequeno conjunto de frequências suficiente para uma transmissão rádio-elétrica.

CANELURA — Entalhe na base de um projétil, ou na parte anterior de um estojo de munição, no qual se coloca uma certa porção de lubrificante para diminuir o atrito do projétil na alma da arma, ou para impedir que o mesmo se agarre às paredes do estojo e facilitar sua saída deste.

CANELURA de ALIJAMENTO — Entalhe existente em certas partes metálicas de uma arma ou viatura, destinado a reduzir o peso do conjunto.

CANHADA — Planície estreita e situada entre terrenos elevados.

CANHÃO — Peça de Artilharia de cano longo — geralmente superior a 50 calibres, grande velocidade inicial e um campo de tiro vertical mais ou menos limitado (com exceção dos canhões anti-aéreos).

CANHÃO de INFANTARIA — Canhão de calibre médio e tiro tenso, destinado a acompanhar de perto as unidades de Infantaria, às quais pertence orgânicamente. Relativamente leve, de apreciável poder de destruição, dotado de acentuada rapidez de tiro e alcance razoável, permite completar a ação mergulhante dos morteiros contra resistências inopinadas.

CANHON — Garganta estreita e profunda entre duas elevações.

CANHONEIRA — 1 — Abertura no escudo de proteção de um canhão por onde passa a boca de fogo.
2 — Abertura, fresta ou janela, em um abrigo, por onde o canhão pode atirar.

“CANTILEVER” — 1 — Estrutura especial de asa de avião cuja característica principal é a de prescindir do emprego de estais externos.
2 — Trem de pouso de avião, que não apresenta amarração externa.

CANTINA — Local, num quartel ou estacionamento, ou em suas proximidades, onde os soldados podem adquirir objetos de uso pessoal e onde pode haver também um serviço de bar.

CAP — *Rumo* do avião.

CAPÃO — Aglomerado de árvores, com aspecto de pequeno bosque, isolado, e onde geralmente se encontra água.

CAPELÃO — Sacerdote do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Pertence ao círculo de Oficiais.

CAPITÃO — Oficial que, na escala hierárquica do Exército e da Força Aérea, ocupa o lugar entre o "1º Tenente" e o "Major". Sua função específica é a de Comandante de sub-unidade: Companhia, Esquadrão, Bateria, Esquadrilha.

CAPITULAÇÃO — O ato de capitular. Rendição.

CAPITULAR — Render-se ao inimigo sob condições previamente combinadas.

CAPOEIRA — Vegetação cujas árvores podem ser derrubadas com foices e facões.

CAPOEIRÃO — Vegetação cujas árvores só podem ser derrubadas a machado.

CAPOTAGEM — Acidente ocorrido com um avião ou viatura por efeito de um travamento brusco das rodas no solo, durante uma corrida. Consiste num giro em torno do nariz ou parte dianteira, que se apoia no terreno, acabando o avião ou viatura por ficar assentado de dorso, com as rodas para cima.

CAPOTAR — Sofrer uma *capotagem*.

CAPTURA — 1 — Ato de aprisionar um inimigo, um criminoso ou um fugitivo.

2 — Ato de tomar ou dominar, alguém ou alguma coisa, pela força, surpresa ou estratagema.

3 — Conquista, pela força ou por meio de um ardil, de uma posição ou localidade ocupada pelo inimigo.

CAPUZ do MOTOR — Capota do motor.

CARABINA — Fuzil de cano curto e pequeno peso, geralmente automático.

CARACTERÍSTICA — 1 — Tudo aquilo que serve para caracterizar um avião, um motor, um veículo, uma arma, um fenômeno físico ou qualquer outra coisa.

2 — Propriedade específica de alguma coisa e que serve para definí-la.

3 — Prefixo. Indicativo.

CARACTERÍSTICAS de um AVIÃO — Conjunto de possibilidades do referido avião. Compreendem: velocidade de cruzeiro, velocidade de estôl, velocidade de pouso, teto absoluto, teto de serviço, capacidade de carga útil, raio de ação ou tempo de permanência em voo em velocidade máxima e de cruzeiro, etc.

CARACTERÍSTICAS de uma HÉLICE — Conjunto de elementos que caracterizam uma hélice: material de que é construída, diâmetro, largura da pá, forma da pá, perfil da pá, passo relativo, distribuição do passo segundo o raio.

CARACTERÍSTICA de um MOTOR — Curva que representa gráficamente as variações da potência desse motor em função de sua velocidade. Permite julgar do funcionamento do motor em seus diversos andamentos, bem como apreciar as condições mais favoráveis ao emprêgo do motor e determinar-lhe o valor da potência para uma velocidade qualquer.

CARANGUEJAR — Diz-se de um avião que voa sob a ação de uma deriva, deslizando paralelamente a si mesmo, para o lado, à medida que avança.

CARBURAÇÃO — Preparação, fora dos cilindros do motor a explosão, da mistura de ar e combustível destinada à alimentação do motor.

CARBURADOR — Órgão principal da carburação nos motores a explosão. Ele, com seus dispositivos anexos, exerce três funções principais:

a) *Função misturadora* — Consiste em vaporizar o combustível e formar u'a mistura homogênea do seu vapor com o ar;

b) *Função dosadora* — Consiste em determinar perfeitamente as proporções em que o ar e o combustível se misturam;

c) *Função de comando da alimentação* — Regula a quantidade de mistura fornecida aos cilindros do motor.

Sua organização é muito variável, dependendo do fabricante, da espécie de motor a que se destina, etc.

CARCASSA — 1 — Armação.

2 — Esqueleto.

3 — Fuselagem de um aerobote.

4 — Casco de uma embarcação já fora de serviço.

CARENADO — V. *Carenagem*.

CARENAGEM — 1 — Ato ou efeito de *carenar*.

2 — Revestimento carenado.

CARENAR — Cobrir uma peça ou órgão de um avião com uma peça protetora de forma afuselada.

CARGA — 1 — Tudo o que um homem, animal, veículo, aeronave ou embarcação, transporta ou carrega.

2 — De um modo geral, todo esforço aplicado à estrutura de um avião ou máquina qualquer.

3 — Acumulação de eletricidade.

4 — Ato ou efeito de carregar um homem, animal, veículo, aeronave ou embarcação.

5 — Ato ou efeito de carregar um acumulador elétrico.

6 — Assalto a cavalo com arma branca e armas de porte.

7 — Pólvora ou explosivo contido em determinado elemento de munição.

CARGA ALAR — Relação entre a *carga completa* de um avião e a área das suas asas. É expressa em kg/m^2 .

CARGA ANTI-COBREANTE — Tipo de *carga de projecção* que certos materiais de Artilharia possuem e que neles é empregada normalmente a fim de evitar o cobreamento da alma.

CARGA de ARREBENTAMENTO — A contida no interior de um projétil e destinada a provocar seu arre-

bentamento ou explosão, mediante o funcionamento da espoléta. Pode ser: explosiva, de pólvora negra, ou de efeitos especiais (tóxicos, incendiários, fumígenos, iluminativos, etc.).

CARGA BÁSICA — A representada pelo próprio peso do veículo ou aeronave, quando vazio, em quilos.

CARGA COMPLETA — 1 — Peso total de um veículo ou aeronave, quando completamente carregado.

2 — Soma da carga básica e da carga útil de um veículo ou aeronave.

3 — Carga máxima de um acumulador elétrico.

CARGA de CONSTRUÇÃO — É a obtida pelo produto da carga máxima provável, do veículo ou aeronave, pelo fator de segurança.

CARGA DESENCOBREANTE — Carga de projeção empregada em tiros especiais, chamados *tiros de desencobramento*.

CARGA DINÂMICA de um AVIÃO — A representada pelos esforços anormais a que é submetida a estrutura do avião sempre que se alteram a velocidade e a direção de voo do mesmo.

CARGA por H.P. — Relação entre a *carga completa* de um veículo ou aeronave e a *potência nominal* do seu motor, expressa em kg/H.P.

CARGA MÁXIMA PROVÁVEL — Maior carga provável a que um avião ou veículo qualquer possa ser submetido, quando no desempenho das funções para as quais foi construído.

CARGA de PROJEÇÃO — A constituída de pólvora balística e destinada a imprimir a um dado projétil, atirado por uma certa arma, uma determinada velocidade inicial cujo valor figura nas tabelas de tiro dessa arma. Pode-se apresentar em *feixes de lâminas* ou em *saquinetel*; se a carga estiver dentro de um estôjo, este pode ser reunido ou não ao projétil.

CARGA ÚTIL — Diferença entre a *carga completa* e a *carga básica*, de uma aeronave ou veículo qualquer.

CARLINGA — Espaço destinado à acomodação do piloto nos aviões abertos.

CARRO — 1 — Viatura ou veículo em geral.
2 — Carro de combate.

CARRO BLINDADO — Veículo automóvel provido de armamento e protegido por uma blindagem leve. Geralmente é utilizado como carro de reconhecimento, mas também pode ser empregado no transporte de munições e pessoal e para reparo auto-propulsado de artilharia anti-aérea e canhões anti-carro.

CARRO de COMANDO — Veículo motorizado, normalmente armado e blindado, equipado com meios que facilitem o exercício do comando.

CARRO de COMBATE — Engenho mecanizado caracterizado pela alta mobilidade, blindagem, potência de fogo e ação de choque sobre pessoal, material e instalações, e destinado essencialmente às missões ofensivas para conquistar o terreno. Suas operações são limitadas pelos campos de minas e certos obstáculos, terreno desfavorável, fraca visibilidade, escuridão e condições atmosféricas, bem como pelo reaprovisionamento de combustível, lubrificantes, peças sobressalentes e munições. Conforme o peso total, devido sobretudo à espessura da blindagem e à potência do armamento, pode ser *Leve*, *Médio* ou *Pesado*. Seus princípios de emprego são a *surpresa*, a *combinação do fogo e movimento*, e a *ação em massa*.

CARROSSERIA — Armação exterior do veículo automóvel e que, dum modo geral, dá o destino de serviço à viatura, influindo também no aerodinamismo dos veículos velozes. Apresenta uma extrema variedade de tipos. Ela serve para o transporte do pessoal e material conduzido pelo veículo.

CARROSSERIA AERODINAMICA — É a que visa reduzir a resistência do ar ao movimento do veículo, para o que procura aproximar-se da forma ideal, que é a do perfil da gota d'água.

CARTA — 1 — *Missiva. Epístola.*

2 — Representação, sobre um plano, da configuração de uma extensão mais ou menos considerável da superfície da Terra, com a indicação da totalidade ou parte das minúcias naturais e artificiais que se acham na mesma, numa escala menor que $1/20\,000$. Pode ser *Geral* ou *Especial*.

CARTA AERONAUTICA — V. *Carta de Aviação.*

CARTA de AVIAÇÃO — A que assinala, particularmente, os diferentes campos de pouso e os pormenores topográficos necessários à navegação aérea, bem como as estações de rádio e as zonas interditas.

CARTA de BATALHA — Carta utilizada nos P.C. de Agrupamento, de Forte e de Grupo, na Artilharia de Costa, mostrando a área de água batida pelo armamento da unidade.

CARTA de CIRCULAÇÃO — Documento cartográfico em que são materializadas as regras de exploração das estradas da zona de ação de uma Grande Unidade. Organizada pela 4.^a Secção do Estado-Maior, e calcada na carta (ou cartas) das vias de comunicação estabelecida pelo Serviço de Engenharia, apresenta-se geralmente sob a forma de calco ou de esboço planimétrico.

CARTA COROGRÁFICA — Aquela cuja escala está compreendida entre $1/200\,000$ e $1/250\,000$.

CARTA ESPECIAL — Nada mais é do que uma *carta geral* aliviada de certos pormenores e completada por outros, de modo a se tornar um documento mais apropriado a determinados fins. No ponto de vista militar os tipos mais importantes são a *Carta das vias de comunicação* e a *Carta de aviação*.

RTA de ESTADO-MAIOR — A *carta topográfica* cuja escala é de 1/50 000.

RTA GEOGRÁFICA — Aquela cuja escala é igual ou maior que 1/2000.000.

RTA GERAL. — A que fornece informações gerais sobre o relevo e a planimetria, tanto mais numerosas e precisas quanto maior a escala. Conforme esta e o fim a que se destina, pode ser: *Corográfica, geográfica ou topográfica*.

RTA de NAVEGAÇÃO AÉREA — V. *Carta de aviação*.

RTA de OPERAÇÕES — Carta iluminada e equipada pela 3.^a Secção do E. M. de uma unidade ou Grande Unidade, tendo em vista facilitar ao Cmt. desta apreciar rapidamente a situação de suas próprias forças e a do inimigo que lhe interessa mais de perto, permitindo-lhe tomar decisões e planejar suas operações táticas.

RTA de PILOTO — V. *Brevé de piloto*.

RTA dos SERVIÇOS — Aquela na qual se acham assinaladas as instalações e outros recursos que interessam à organização e ao funcionamento dos Serviços no escalão para a qual é elaborada. Seu estabelecimento cabe à 4.^a Secção (G 4 ou S 4) dos Estados-Maiores.

RTA da SITUAÇÃO — Documento cartográfico que todo escalão de Comando deve organizar e esforçar-se por manter em dia, no qual, por meio de sinais convencionais e símbolos, são representadas as unidades subordinadas e vizinhas, bem como as do inimigo. Facilita ao Comando acompanhar a sucessão dos acontecimentos e tomar suas decisões.

RTA TOPOGRÁFICA — Aquela cuja escala está compreendida entre 1/5000 e 1/100 000.

RTA das VIAS de COMUNICAÇÃO — A que indica, com precisão e nitidez, tudo o que é necessário à utilização das vias de comunicação. Pode ser especializada

da, referindo-se a uma única categoria de vias de comunicação, e neste caso será uma carta rodoviária, ferroviária ou das vias navegáveis.

CARTER — Parte que reveste externamente o conjunto de todos os órgãos e peças de um motor, e por meio do qual este é fixado ao respectivo berço (nos aviões) ou suspenso ao quadro (nos veículos automóveis).

CARTOGRAFIA — Arte de confecção de mapas, cartas e outros documentos semelhantes.

CARTOGRAFICO — Relativo à, ou próprio da Cartografia.

CARTOGRAFO — Perito em Cartografia.

CARTUCHO — Tiro completo de uma arma de fogo, contido em um estojo metálico, geralmente de latão, compreendendo, além do estojo, um projétil, cargas e artifícios diversos.

CASAMATA — Abrigo que protege um canhão e respectiva guarnição, dispondo de uma canhoneira para o tiro.

CASCO — 1 — Fuselagem de um *aerobote*.

2 — Costados e quilha de uma embarcação.

3 — Elmo, capacete.

4 — Invólucro protetor constituído pelas partes externas, insensíveis, de matéria córnea, do pé ou unha do cavalo, muar e outros animais solípedes. Compreende a *parede* ou *muralhas*, a *sola* e a *ranilha com o perioplo*.

CATAPULTA — Engenho existente a bordo de certos navios de guerra, ou em terra firme, constituído por um trilho de aço montado sobre uma plataforma especial e por uma carreta que deslisa em corredica ao longo d'este trilho, e que se destina ao lançamento de aviões. O impulso inicial à carreta é dado pela detonação de uma carga explosiva.

CATAPULTAR — Lançar um avião ou um engenho qualquer (bomba-voadora, etc.,) no espaço, por intermédio de uma *catapulta*.

CATAVENTO — Aparêlho utilizado para a determinação da velocidade e da direção do vento. A direção é indicada pela *grimpá* e a velocidade por ponteiros projetados de um arco metálico.

CATEGORIAS de PESSOAL — Divisão hierárquica do pessoal do Exército, que compreende: — os Oficiais-Generais, os Oficiais das Armas e dos Serviços, e as praças.

CAUDA — 1 — Parte posterior. Parte traseira, Reta-guarda.

2 — Parte posterior da fuselagem de um avião, onde se acham montadas a *empenagem* e a *bequilha*.

3 — Prolongamento posterior do tronco de um animal, que sucede à garupa. É composta das *crinas* e do *sabugo*, no caso do cavalo.

CAUDA da COLUNA — Último elemento de uma coluna em ordem de marcha.

CAUDA CORTADA — É a cauda de um animal que foi aparada ou totalmente extirpada.

CAUDA INTEIRA — É a cauda de um animal em que o sabugo e as crinas se conservam intactas.

CAUDA da TRAJETÓRIA — Diferença entre a distância topográfica do objetivo e o alcance da trajetória considerada.

CAVALARIA — 1 — Uma das Armas do Exército.

2 — Arma que se caracteriza por sua *mobilidade* e *potência de fogo*. Sua tríplice missão é informar, cobrir e combater em ligação com as outras Armas. No combate, age como a Infantaria, pelo fogo e pelo choque. Compreende unidades a cavalo, motorizadas e blindadas. As duas primeiras combatem normalmente a pé.

São dotadas de armamento análogo ao da Infantaria, de meios de transmissão, observação e transposição de cursos d'água. As unidades a cavalo são também armadas de espada para as ações a cavalo, só admissíveis entre pequenos elementos e em circunstâncias excepcionais. As unidades blindadas são dotadas de metralhadoras, canhões e meios de transmissão rádio-elétricos. Essas unidades formam, além de Divisões e Corpos de Cavalaria, os Regimentos e Grupos orgânicos das Divisões de Infantaria e Blindadas.

CAVALARIANO — V. Cavaleiro (1).

CAVALEIRO — 1 — Militar pertencente à Arma de Cavalaria.

2 — O homem que cavalga e dirige um animal.

CAVALO de PAU — 1 — Armação de 4 pés com um assento de couro estofado, destinado à ginástica de aparelhos.

2 — Efeito da mudança de direção de um avião quando no solo (na aterragem, na decolagem ou na rolagem), independentemente da vontade do piloto.

CAVALO-VAPOR — Unidade de potência. Representa a força necessária para elevar, em um segundo, um peso de 75 quilos a um metro de altura.

AÇOUGUE POPULAR

A CASA QUE MELHOR SERVE

Aven. General Mena Barreto, 411

Tem sempre carne de 1.ª qualidade

PREÇOS RAZOAVEIS

NILOPOLIS - ESTADO DO RIO

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

os oficiais do Ministério da Guerra, publicados no «Noticiário Oficial» no período de 20 de Julho a 20 de Agosto de 1946

ADMITIMENTO DE VOLUNTÁRIOS — (Autorização).

— Autorizo o Núcleo de Divisão Blindada a aceitar, a título excepcional, voluntários residentes na Primeira Região Militar para preenchimento de seus claros, no corrente ano.
(Aviso n.º 909-A de 30.7 — D.O. de 1.8.946).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— A 4.ª Companhia Especial de Manutenção, com sede em Santa Maria, passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25, do Regulamento de Administração do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 1.019 de 8 — D.O. de 9.8.946).

ONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— O Q.G. do Comando da Zona Sul, passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25, do Regulamento de Administração do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 1.018 de 8 — D.O. de 9.8.946).

ONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— A 5.ª Cia. do II.º 6.º R.I. destacada em Tupy — São Paulo, passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no artigo 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado pelo Decreto número 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 1.040 de 13 — D.O. de 14.8.946).

ONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— O 9.º Grupo de Artilharia Transportada 75, o 7.º Batalhão de Saúde, a Companhia de Infantaria de Fernando de Noronha, o 1/4.º Regimento de Artilharia Anti-Aérea, a 7.ª Companhia de Transportes e o 7.º Grupo de Artilharia Transportada 75, passam a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 1.056 de 17 — D.O. de 19.8.946).

A DEFESA NACIONAL SETEMBRO DE 1946

COMANDO DE ZONAS — (Criação).

— Art. 1.^o — São criados para organização imediata os Comandos da Zona Sul, Centro, Leste e Norte, com sede respectivamente em Porto Alegre, São Paulo, Capital Federal e Recife.

— Art. 2.^o — Fica o Ministério da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se tornarem necessários à execução do presente Decreto-lei.

— Art. 3.^o — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto n.^o 9.510 de 24.7.946 — D.O. de 26.7.946).

CORPO DE TROPA — (Vantagens).

— O Esquadrão de Reconhecimento e o Pelotão de Carros de Combate, pertencentes a Escola de Moto Mecanização, são considerados como Unidades Escola, para fins da percepção das vantagens referidas nos artigos 131 e 141, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

(Aviso n.^o 1.036 de 13 — D.O. de 14.8.946).

DISTINTIVOS — (Aprovação).

— É aprovado o distintivo do "Curso de Guerra Química", que a este acompanha, destinado aos oficiais e sargentos que fizerem o referido Curso no Departamento de Guerra Química da Escola de Instrução Especializada. (Aviso n.^o 953 de 22.7 — D.O. de 1.8.946).

DISTRIBUIÇÃO D EFARDAMENTO — (Solução de consulta).

— Consulta o comandante do II-3.^o R.A.A. Aérea "como proceder para distribuição de fardamento nos insubmissos, que após 60 dias passam a responder a processo em liberdade".

— Em solução, declaro que ao insubmisso nas condições de que se trata, deve ser pago todo o fardamento, inclusive o de passeio, a que faz jus a praça em situação normal.

(Aviso n.^o 921 de 24 — D.O. de 26.7.946).

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS — (Instrução).

— A fim de atender às necessidades de organização e instrução da Escola de Sargentos das Armas declaro que no corrente ano de instrução na referida Escola poderão ser desempenhadas indistintamente, por 1.^{as} ou 2.^{as}, sargentos as funções que estão previstas no quadro de efetivo para 2.^{as}, sargentos com a condição de que o ocupante da função possua um dos cursos da antiga E.S.I., do C.R.A.S. ou da E.A..

(Aviso n.^o 977 de 1 — D.O. de 3.8.946).

INSIGNIA DE COMANDO — (Aprovação).

— Aprovo as insignias de Comando para as Zonas Norte, Sul, Centro e Leste, de conformidade com os modelos.

(Aviso n.^o 1.016 de 8 — D.O. de 9.8.946).

INSIGNIA DE COMANDO — (Aprovação).

— Aprovo a insignia de Comando para a Companhia Escola de Transmissões, de conformidade com o modelo.
(Aviso n.º 1.000 de 7. — D.O. de 8.8.946).

OFICIAIS SUBALTERNOS DA RESERVA — (Determinação).

— Art. 1º — Aos oficiais subalternos da Reserva de 2.ª classe convocados, que hajam sido 1.ºs. Sargentos e contem mais de dez anos de serviço como praça, será dispensada a condição da letra b do art. 8.º do Decreto-lei número 8.760, de 21 de Janeiro de 1946.

— Art. 2º — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
(Decreto-lei n.º 9.555 de 7.8.946. — D.O. de 9.8.946).

OFICIAIS TECNICOS — (Determinação).

— A fim de ser evitado o afastamento dos Oficiais Técnicos do Quadro de Geógrafos Militares de suas funções no Serviço Geográfico do Exército, determino: a) — Nenhuma comissão demarcadora poderá ter mais de dois oficiais geógrafos; b) — Nenhum geógrafo militar do Q.T.A., poderá permanecer em comissão extranha ao Serviço Geográfico do Exército por tempo superior a cinco anos.
(Aviso n.º 946 de 27 — D.O. de 31.7.946).

OS OFICIAIS SUBALTERNOS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE — (Determinação).

— Art. 1º — O item 4 do art. 32 do Decreto-lei n.º 8.760, de 21 de Janeiro de 1946, modificado pelo Decreto-lei n.º 9.249, de 10 de maio de 1946, passa a ter a seguinte redação:

“Art. 32

— 4 — Os oficiais subalternos da reserva de 2.ª classe e do Exército de 2.ª Linha que estão convocados, mediante seleção a realizar-se na Comissão de Promovações do Quadro Auxiliar de Oficiais, cabendo-lhes 27,8% das vagas iniciais (510 oficiais).

— Desse número 34,7% (177 oficiais) se destinam, obrigatoriamente aos candidatos possuidores de diploma de curso de motomecanização ou que tenham servido em unidades motorizadas pelo menos por um ano, independentemente de haverem prestado serviço por um ano no período de 22 de agosto de 1942 a 15 de agosto de 1945; os oficiais do Exército de 2.ª Linha podem ingressar independentemente da exigência da letra b, art. 8 e os de 2.ª classe com o máximo de 40 anos”.

— Art. 2.º — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
(Decreto-lei n.º 9.536 de 1.8.946 — D.O. de 3.8.946).

REGULAMENTO DO SERVIÇO DE ASSISTENCIA RELIGIOSA — (Aprovação).

— O Diário Oficial n.º 171 de 27.7.1946, (página n.º 10.932) publica o Decreto n.º 21.495 de 23.7.946 que aprova o Regulamento do Serviço de Assistência Religiosa.

SETEMBRO DE 1946 A DEFESA NACIONAL

RESERVISTAS DA DISPONIBILIDADE DO EXÉRCITO — (Solução de consulta).

— Consulta o Chefe da 1.^a Circunscrição de recrutamento, em ofício n.^o 528-A-1 — Reservado, de 27 de junho último, se ainda continua em vigor a Nota Ministerial n.^o 147-143 — Reservada, de 3 de abril de 1945, que autoriza o Comando da 4.^a Região Militar a conceder licença aos reservistas da disponibilidade do Exército para verificarem praça na Força Policial do Estado de Minas Gerais, ou se a mesma foi revogada pelo Aviso n.^o 716, de 12 de junho do corrente ano.

— Em solução, declaro que o aviso número 716, de 12 de junho findo, revogou todos os atos ministeriais anteriores referentes à incorporação às Forças Policiais.

(Aviso n.^o 923 de 24 — D.O. de 24.7.946).

SARGENTOS DA RESERVA — (Solução de consulta).

— O Chefe da 1.^a Circunscrição de Recrutamento consulta se os sargentos da reserva remunerada que se acham convocados em virtude da mobilização consequente do estado de guerra e que satisfazem as condições de tempo de serviço exigidas pelo Decreto-lei n.^o 9.106, de 29 de março de 1946, podem ser promovidos à graduação imediatamente superior para fins de melhoria de reforma. — Em solução, declaro que os sargentos nas condições acima não estão amparados por aquele decreto-lei nem poderão ser beneficiados pelo aviso n.^o 2.523, de 15.9.1945, visto já pertencerem à reserva remunerada. Os sargentos em questão devem ser, sim-plesmente, licenciados.

(Aviso n.^o 988 de 2 — D.O. de 7.8.946).

SARGENTO COM O CURSO DE MANUTENÇÃO — (Solução de consulta).

— O Comandante do Regimento Andrade Neves consulta se um sargento com o Curso de Manutenção Orgânica (2.^a escalão) pode ser classificado nas funções de sargento mecânico de automóvel da turma de manutenção.

— Em solução, declaro que as praças habilitadas com aquele curso podem ser classificadas naquelas funções, visto como os corpos de tropa só dispõem de órgãos de manutenção de 2.^a escalão.

(Aviso n.^o 1.035 de 13 — D.O. de 14.8.946).

SOLDADOS AUXILIARES DOS TIROS DE GUERRA — (Situação).

— A fim de normalizar a situação dos soldados auxiliares dos Tiros de Guerra, de que tratam os arts. 5.^o parágrafo único e art. 3.^o § 2.^o, do Decreto-lei n.^o 19.694, de 1 de outubro de 1945 (Regulamento dos Tiros de Guerra), declaro que esses soldados deverão ficar adidos ao Contingente da Inspetoria dos Tiros de Guerra para efeito de percepção de vencimentos e fardamento.

(Aviso n.^o 945 de 27 — D.O. de 31.7.946).

UNIFORME DO PESSOAL DO EXÉRCITO — (Alteração).

— Art. 1.^o — Fica alterado o Plano de Uniformes do Pessoal do Exército, aprovado pelo Decreto n.^o 10.205 de 10 de agosto de 1942 e o das Polícias Militares, de acordo com as novas disposições assinadas pelo General de Divisão Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Ministro de Estado da Guerra.

A Defesa Nacional

em

SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadual de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.º andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem dirigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



**Anunciar na A Defesa Nacional é fazer
publicidade eficiente.**

SETEMBRO DE 1946 A DEFESA NACIONAL

— Art. 2º — O Presente decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.
(Decreto n.º 21.590 de 7.8.946. — D.O. de 20.8.946).

VACINAÇÕES E REVACINAÇÕES — (Aplicação).

— A vacinação prevista no capítulo II, das Instruções para as vacinações e revacinações no Exército (Boletim do Exército, n.º 54 de 5 de novembro de 1922) passa a ser feita com a vacina denominada Te — T.A.B., preparada pelo Instituto de Biologia do Exército, devendo ser executada logo após a vacinação antivariólica e ainda durante o período de adaptação.

— A obrigatoriedade prevista pelas citadas Instruções poderá, quando julgada necessária pela Diretoria de Saúde do Exército, ser estendida à vacinação antiamariloica e outras vacinações.
(Aviso n.º 1.050 de 14 — D.O. de 16.8.946).

VOLUNTARIOS — (Autorização).

— Autorizo, de acordo com o art. 83 do Decreto-lei n.º 9.500, de 23.7.946 (Lei do Serviço Militar), o Depósito de Recuperação de Material de Intendência e 1.ºs. Cias. de Intendência Regional e de Depósito de Material de Intendência a receberem, no corrente ano, voluntários, até o limite dos claros a preencher. Os candidatos deverão satisfazer às condições estabelecidas nas alíneas a, b, d e e, do art. 82 da mencionada Lei do Serviço Militar.
(Aviso n.º 978 de 1 — D.O. de 3.8.946).

Companhia Salgema Soda Caustica e Indústrias Químicas

Séde — R. da Candelária, 9 — 8.º andar — Rio de Janeiro
Mineração e Usina de Salgema em Cotinguiba — Sergipe
Fábrica de Sóda Caustica, Clóro e Sub-produtos em

Angra dos Reis

Agentes nas principais praças do País

O BRASIL PODE PRODUZIR TRIGO ?

No próximo número de setembro da REVISTA DO COMÉRCIO
— o órgão das classes produtoras — será publicado amplo
estudo sobre esse momento problema

LEIA A "REVISTA DO COMÉRCIO" — O MELHOR ROTEIRO
ECONÔMICO DO BRASIL.

Colaboram neste número:

Gen. Tristão de Alencar Araripe
Gen. Silveira de Melo
Cel. Renato Baptista Nunes
Cel. J. B. Magalhães
Ten.-Cel. J. B. de Mattos
Ten.-Cel. Adalardo Fialho
Ten.-Cel. Olimpio Mourão Filho
Ten.-Cel. Olivio G. de Usêda
Maj. Riograndino da Costa e Silva
Maj. Francisco B. F. Barreto
Maj. Jayme R. da Graça
Maj. Geraldo de Menezes Côrtes
Maj. José H. Garcia
Cap. Dr. Saulo Teodoro Pereira de Melo
Cap. Luiz Gozaga de Melo
Cap. Alberto Cardoso
Cap. José Lourenço Miranda
Cap. Otávio Alves Velho
Cap. Hugo de Andrade Abreu
1.º Ten. Jackson Pitombo Cavalcante



Cr\$ 5,00

Oficinas Gráficas de A NOITE

Av. Mal. Floriano, 15, n. 21 — Rio